



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**PAULO SERBER FIGUEIRA DE MELLO**

**EMMANUEL BOVE: MERGULHANDO AS PENAS NAS  
TREVAS DO PRESENTE**

**CAMPINAS,  
2018**

**PAULO SERBER FIGUEIRA DE MELLO  
EMMANUEL BOVE: MERGULHANDO AS PENAS NAS TREVAS  
DO PRESENTE**

**Dissertação apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Teoria e História Literária na área de Teoria e Crítica Literária.**

**Orientador: Prof. Dr. Márcio Orlando Seligmann Silva**

**Este exemplar corresponde à versão final da Dissertação defendida pelo aluno Paulo Serber Figueira de Mello e orientada pelo Prof. Dr. Márcio Orlando Seligmann Silva**

**CAMPINAS,  
2018**

**Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CAPES**

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem  
Crisllene Queiroz Custódio - CRB 8/8624

M489e Mello, Paulo Serber Figueira de, 1990-  
Emmanuel Bove : mergulhando as penas nas trevas do presente / Paulo Serber Figueira de Mello. – Campinas, SP : [s.n.], 2018.

Orientador: Márcio Orlando Seligmann-Silva.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Bove, Emmanuel, 1898-1945 - Crítica e interpretação. 2. Ficção francesa - Séc. XX - História e crítica. 3. Empatia na literatura. 4. França - Política e governo - 1940-1945. I. Seligmann-Silva, Márcio, 1964-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** Emmanuel Bove : dipping his pen in the obscurity of the present

**Palavras-chave em inglês:**

Bove, Emmanuel, 1898-1945 - Criticism and interpretation

French fiction - 20th century - History and criticism

Empathy in literature

France - Politics and government - 1940-1945

**Área de concentração:** Teoria e Crítica Literária

**Titulação:** Mestre em Teoria e História Literária

**Banca examinadora:**

Márcio Orlando Seligmann-Silva [Orientador]

Marcelo Jacques de Moraes

Tiago Guilherme Pinheiro

**Data de defesa:** 23-02-2018

**Programa de Pós-Graduação:** Teoria e História Literária



**BANCA EXAMINADORA:**

**Márcio Orlando Seligmann Silva**

**Marcelo Jacques de Moraes**

**Tiago Guilherme Pinheiro**

**IEL/UNICAMP  
2018**

**Ata da defesa, com as respectivas assinaturas dos membros da banca, encontra-se no SIGA - Sistema de Gestão Acadêmica.**

*Ao Nando*

## RESUMO

MELLO, P. S. F. D. **Emmanuel Bove: mergulhando as penas nas trevas do presente.** 2018. . Dissertação (Mestrado). Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, Barão Geraldo, 2018.

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a obra do escritor francês Emmanuel Bove (1898-1945), e mais especificamente sobre “Meus amigos” (1924), “A morte de Dinah” (1927), “O pressentimento” (1935) e “A armadilha” (1945). Isto será feito mediante o entrecruzamento com breves análises históricas e incursões na biografia do autor (COUSSE; BITTON, 1994), para que se possa explorar e compreender um pouco da relação fraturada mantida por este com o tempo-espaço em que lhe foi dado viver. Por meio de aproximações com o conceito de “contemporâneo”, desenvolvido por Giorgio Agamben em *O que é o contemporâneo?*, a noção de “testemunho”, muito trabalhada por Márcio Seligmann-Silva, e a dita filosofia da história de Walter Benjamin, propõe-se perscrutar a exposição e a denúncia de momentos traumáticos e decisivos da história francesa em uma obra literária pouco conhecida, mas de valor inegável. Esta se erigiu em um período de fortes tensões e abalos, de rápidas transformações e violentos conflitos, que instabilizavam e ameaçavam muito do que sempre parecera eterno. Nesse cenário, um avolumado desassossego e uma reatividade afligida tomavam conta dos espaços de privilégio, acostumados à inércia protetiva da tradição. A Europa, a França, o campo literário francês, essas “comunidades imaginadas” voltadas à glória e à permanência, viam membros se elevarem em oposição ao que concebiam como intrusões, apropriações indevidas, mudanças nocivas: um temeroso declínio. Nas narrativas criadas por Bove, esse aferro cultural se afigura em toda sua disposição agressiva, através de diversas formas, encarnado nos espaços, pessoas e coisas, delimitando as relações entre elas. Por mais que os personagens, os enredos, os ambientes variem, uma constante aspereza e rigidez, um obstinado retesamento se contrapõe às suas tentativas de movimento. De ascendência estrangeira e origem pobre, as passagens de Emmanuel Bove pelos núcleos de sociabilidade burguesa deram-se amiúde parcialmente, o suficiente para inculcar-lhe desejos de inserção e reconhecimento no campo literário e entre as elites culturais, mas também o bastante para que sentisse pesadamente os seus limites e restrições. Nesse sentido, a ausência de um teto constante e seguro debaixo do qual abrigar-se, imagem última de sua míngua e desterro, tornada um tema em seus escritos, tem o poder de trazer ao seio da obra literária aquilo de que a cultura referendada usualmente nem trata ou então destrata, aquilo com que ninguém quer identificar-se: a exclusão e os detalhes tão significativos pelos quais ela se percebe. De suas posições oscilantes e desprotegidas, os personagens de Bove os registram e decodificam com verdadeira obsessão, como testemunhas das extremadas adversidades que acompanham o fraco, o pobre, o minoritário, em sua locomoção pela França atravessada por crises e conflitos.

## ABSTRACT

MELLO, P. S. F. D. **Emmanuel Bove: dipping his pen in the obscurity of the present.** 2018. Dissertação (Mestrado). Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, Barão Geraldo, 2018.

This work aims to reflect on the work of the French writer Emmanuel Bove (1898-1945), and more specifically on "Mes Amis" (1924), "La mort de Dinah" (1927), "Le pressentiment" (1935) and "Le piège" (1945). This will be done with brief historical analyzes and incursions into the author's biography (COUSSE; BITTON, 1994), so that one can explore and understand some of the fractured relationship maintained by the latter with the time-space in which he was given to live. By means of approximations with the concept of "contemporary", developed by Giorgio Agamben in "What is the contemporary?", the notion of "testimony", much worked by Márcio Seligmann-Silva, and the so-called philosophy of the history of Walter Benjamin, it proposes to examine the exposition and denunciation of traumatic and decisive moments of French history in a literary work little known but of undeniable value. This was erected in a period of strong tensions and shocks, of rapid transformations and violent conflicts, that destabilized and threatened much of what had always seemed eternal. In this scenario, a heightened uneasiness and a distressed reactivity took over the spaces of privilege, accustomed to the protective inertia of tradition. Europe, France, the French literary camp, these "imagined communities" turned to glory and permanence, saw members rise in opposition to what they conceived as intrusions, misappropriations, harmful changes: a fearful decline. In the narratives created by Bove, this cultural clinging appears in all its aggressive disposition, through various forms, embodied in spaces, people and things, delimiting the relations between them. As much as the characters, the entanglements, the environments vary, a constant harshness and rigidity, a stubborn tension is opposed to their attempts at movement. From foreign ancestry and poor origins, Emmanuel Bove's passages through the nuclei of bourgeois sociability were often partly enough to instill in him desires for insertion and recognition in the literary field and among the cultural elites, but also enough to make him feel their limits and restrictions. In this sense, the absence of a constant and secure ceiling under which to shelter itself, the ultimate image of his poverty and abandonment, made a subject in his writings, and has the power to bring to the bosom of the literary work what the culture detract and no one wants to identify with: the exclusion and the significant details by which it is perceived. From their oscillating and unprotected positions, Bove's characters record and decode them with true obsession, as witnesses to the extreme adversities that accompany the weak, the poor, the minority, in their journey through France crisscrossed by crises and conflicts.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Márcio Seligmann-Silva e aos meus colegas de orientação pela parceria intelectual e os ensinamentos que me deram em nossos numerosos encontros; aos excelentes funcionários do IEL, sempre prontos a ajudar-me nos apuros do percurso; ao Jorge Mattos Brito de Almeida e à Cláudia Amigo Pino pelas valiosas sugestões que me deram na qualificação; à CAPES pela fundamental bolsa de estudos; à Juliana de Arruda Sampaio, minha companheira que me apoiou constantemente no processo todo; aos meus pais, Sílvia Serber e João Figueira de Mello, que me estimularam ao gosto da literatura e do pensamento.

## SUMÁRIO

<u>1</u>	<u>INTRODUÇÃO</u> .....	10
<u>2</u>	<u>DO OUTRO LADO DA LUA</u> .....	30
<u>2.1</u>	<u>Seguindo os traços de um desaparecido</u> .....	31
<u>2.2</u>	<u>A fraternidade que não há</u> .....	34
<u>2.3</u>	<u>Em espaço alheio</u> .....	60
<u>2.4</u>	<u>Um cotidiano inaudito</u> .....	65
<u>2.5</u>	<u>Exportando os problemas</u> .....	72
<u>2.6</u>	<u>“Isso não pode mais ficar assim”</u> .....	84
<u>3</u>	<u>IDENTIFICAÇÕES</u> .....	89
<u>3.1</u>	<u>Quando se escuta chamar por ajuda, mas quem é que pede?</u> .....	89
<u>3.2</u>	<u>O que se herda (e o que acontece depois)?</u> .....	109
<u>4</u>	<u>DESCONEXÃO E VÍNCULO</u> .....	138
<u>4.1</u>	<u>Perspectivas alteradas, perspectivas diferentes</u> .....	138
<u>4.2</u>	<u>País melhor organizado do que o nosso</u> .....	141
<u>4.3</u>	<u>O desabamento e a salvação</u> .....	145
<u>4.4</u>	<u>Um casal de mediocres sob a ocupação</u> .....	154
<u>4.5</u>	<u>Reprimido, sofrado, morto</u> .....	161
<u>5</u>	<u>CONCLUSÃO</u> .....	170
<u>6</u>	<u>REFERÊNCIAS</u> .....	174

## INTRODUÇÃO

*“Contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando as penas nas trevas do presente” (Giorgio Agamben, O que é o contemporâneo?)*

*“A arte como inscrição do histórico, pela via do sujeito, é arte da memória, preparação do arquivo que – contra os arquivos oficiais trancafiados – prepara a história para uma virada [...] radical. O indivíduo após o tendencial fim da separação da esfera pública e privada pode ser tanto uma figura esvaziada, transformada em (e entregue definitivamente à) imagem de um títere das forças [...] que dominam indivíduos, [...] como também ele pode apresentar o triunfo da resistência a essa anulação. As artes, com sua exploração da esfera íntima, como local de renovação dos discursos autobiográficos e como tentativa de inscrição da história da violência, sofrida por indivíduos e por sociedades, expressa uma tal resistência.” (Márcio Seligmann-Silva, Ficção e imagem, verdade e história)*

*“Mas que importância isso teria, uma vez que a vida, continuando, desvia a atenção do*

*que passou?” (Emmanuel Bove, *Départ dans la nuit*)*

Lá pelo início de 2011, minha graduação em Ciências Sociais na Universidade de São Paulo chegava à segunda metade e a grade curricular se tornava mais flexível, permitindo a escolha das chamadas disciplinas optativas, cursadas em outras áreas. Já há tempos eu me interessava por estudos sobre as artes, e procurava interseções entre as abordagens mais distanciadas, oferecidas na minha formação, e análises mais acercadas, em contato mais rente com as obras, que imaginava poder encontrar em outros locais. Impulsionado também por meu gosto pela literatura, fui então experimentar o que se passava no prédio ao lado, e me inscrevi em duas matérias do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada.

Uma delas, ministrada pelo professor Jorge de Almeida, tratava sobre a “crise do romance dos anos 1920”, e foi uma maneira muito instigante de adentrar a discussão de questões formais em entrelace com situações históricas, de abordar um grupo bem variado de textos e tentar entender suas especificidades dentro do gênero que atualizavam. Igualmente estimulantes foram as aulas do professor Samuel Titan Jr. a respeito da obra de Erich Auerbach, cujo intenso trabalho de síntese, pude aprender, jamais anulou o rigoroso devotamento ao detalhe.

No semestre seguinte, eu iniciava meu ano de intercâmbio na Universidade de Nanterre (Paris X), na França. Um pouco desiludido com o estado das ciências sociais por lá, ao menos em termos de ensino, prossegui frequentando aulas na área de letras. Além disso, continuei exercitando o idioma sobretudo através da leitura de romances, método que já vinha utilizando desde o Brasil e que se provava bem aprazível e efetivo, complementando o aprendizado da vida fora dos livros.

Pouco a pouco, eu ia formando uma pequena ideia da extensa paisagem literária francesa do Século XX, onde, por predileção, concentrava minhas pesquisas. Para além do que lia, interessava-me, ao entrar em contato com um “sistema”, “campo” – ou como se queira chamar – literário estrangeiro, indagar sobre suas lógicas peculiares, características distintivas, hierarquizações, etc. Assim, após a leitura de um livro, o conhecimento de um autor, era comum que me perguntasse: por que isto é valorizado?

Por que não? Por que não mais? Por quem é valorizado? Como é classificado? E por aí ia...

Certamente, a maior parte dessas perguntas permanecem em mim sem resposta, ou com respostas incompletas, insatisfatórias, equivocadas. Porém, também é certo que essa busca me tomou conta, ganhando diferentes formas e desdobramentos que muito afetam a minha vida. Decisivo, nesse sentido, foi o dia que adentrei a livraria *Compagnie*, situada em frente à Sorbonne, e avistei, na prateleira inferior de uma estante, uma lombada na qual constava a seguinte inscrição: “Emmanuel Bove *La mort de Dinah*”.

O livro, bastante magro e fora de evidência, nunca teria me despertado a atenção caso eu não houvesse, anteriormente, lido algo sobre seu autor. Alguns segundos se passaram antes que me recordasse onde, e então, surpreso, me abaixasse para pegá-lo. Fora, eu agora me lembrava, em *Doutor Pasavento* – romance de Enrique Vila-Matas – que Bove aparecera antes para mim. Encontrar um volume seu, entretanto, estava longe de minhas expectativas, uma vez que a narrativa do catalão, que girava em torno da figura de um escritor em crise, mobilizava a memória de diversas personalidades literárias – como é de costume em sua obra – através da obsessão, ou do desvario, do protagonista em torno do tema do desaparecimento. Já bastante ensandecido, o tal Pasavento era apresentado à literatura de Bove e suplicava por mais, como um adicto que encontrara sua droga suprema, maravilhado pela concisão e a justeza que identificava naquela escrita. Porém, tamanha era a comicidade do relato, aliada à conhecida inclinação de Vila-Matas a inventar realidades dentro da própria história literária, que tomei de início aquilo tudo como diversão, e Bove como mero personagem ausente de um romance.

Mas eis que eu me deparava com *La mort de Dinah*. Sem muito hesitar, levei-o para casa e poucos dias depois já havia encerrado a leitura de suas cento e dezoito páginas. Desde a breve nota “sobre o autor”, a sensação de que estava adentrando algo especial foi somente aumentando em mim: ali constava que Bove fora um escritor de destaque no período entre as duas guerras mundiais, tendo passado por décadas de esquecimento antes de ser redescoberto ao final dos anos 1970, momento em que sua obra passou a ser reeditada. Em vida, ele havia sido aclamado por Samuel Beckett e Rainer Maria Rilke (BITTON, 2006, p. 7).

O romance deixou em mim forte impressão. Sua simplicidade e justeza, seu ritmo tocante e potência poética me impeliram a procurar por mais. Fui então a outras livrarias,

nas quais pude ver que os livros dele, embora republicados, não se encontravam com tanta facilidade. Em uma delas, adquiri *Le pressentiment* e *L'amour de Pierre Neuhart*; em outra, uma antologia contendo: *Mes amis, Armand, Bécon-les-Bruyères, Un soir chez Blutel, La Coalition, Henri Duchemin et ses ombres, Coeurs et visages, Journal écrit en hiver, Le Piège*.

Ao final do intercâmbio, em julho de 2012, eu os trouxe ao Brasil. E brincava, à época, que se tratava da maior coleção de Bove no país, dado o fato de que as referências a sua obra são quase inexistentes por aqui, onde apenas seu livro de estreia – o *Meus amigos* – foi publicado, aparentemente sem muito sucesso comercial. Com o passar do tempo, tendo comentado com amigos, colegas e professores a respeito, ficou-me cada vez mais nítido que Bove, salvo raras exceções, permanece um desconhecido em nossas terras.

Simultaneamente, eu percebia, percorrendo os romances que trouxera, o valor inestimável daquela obra. Sua leitura se harmonizava com outras referências e interesses que me estimulavam, tais como a dita filosofia da história de Walter Benjamin (BENJAMIN, 1993; LÖWY, 2002) e as indagações, nela baseadas, de Giorgio Agamben (2009) sobre o conceito de “contemporâneo”. Isto porque Bove me parecia em constante fricção com o seu tempo e a sociedade ao seu redor, expondo problemas por vezes inevidentes aos outros, descortinando o caráter ofensivo de certas práticas tidas como normais, mostrando a arbitrariedade das hierarquias e dos costumes, a discrepância das posições ocupadas e das apreciações delas decorrentes. Perpassava-me a sensação de que o esquecimento que recaía sobre os seus escritos estava estreitamente relacionado ao seu caráter desconcertante, desconstrutor e crítico.

E em efeito, sua produção se erigiu em um período de fortes tensões e abalos, de rápidas transformações e violentos conflitos, que instabilizavam e ameaçavam muito do que sempre parecera eterno. Nesse cenário, um avolumado desassossego e uma reatividade afligida tomavam conta dos espaços de privilégio, acostumados à inércia protetiva da tradição. A Europa, a França, o campo literário francês, essas “comunidades imaginadas”<sup>1</sup> voltadas à glória e à permanência, viam membros se elevarem em oposição

---

<sup>1</sup> Ver: ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas*. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ao que concebiam como intrusões, apropriações indevidas, mudanças nocivas: um temeroso declínio.

Nas narrativas criadas por Bove, ao que me parecia, esse aferro cultural se afigurava em toda sua disposição agressiva, através de diversas formas, encarnado nos espaços, pessoas e coisas, delimitando as relações entre elas. Por mais que os personagens, os enredos, os ambientes variassem, uma constante aspereza e rigidez, um obstinado retesamento se contrapunha a qualquer tentativa de movimento. Com a mesma insistência que na literatura de Kafka, imagens de obstrução, de isolamento, de restrição e embaraço proliferavam por todo lado, assim como abundavam figuras frágeis, desamparadas, buscando apoio e compreensão, mas só encontrando uma grande névoa, uma realidade injusta e incompreensível.

Enquanto eu lia essas histórias, jamais me abandonava a lembrança de que o seu autor era “um esquecido”. Eu pouco sabia, até então, sobre sua vida, mas a sensação de que o teor altamente angustiante de sua obra encontrava ali sua razão de ser me impulsionava a pesquisá-la. Comprei então, via internet, *Emmanuel Bove: la vie comme une ombre*, biografia escrita por Raymond Cousse e Jean-Luc Bitton, bem como uma edição da revista *Europe* a ele dedicada e alguns romances que eu ainda não tinha: *Mémoires d'un homme singulier*, *Départ dans la nuit*, *Adieu Fombonne* e *Non-lieu*.

Não foi, portanto, com grande surpresa que fiquei sabendo que Emmanuel Bove tivera uma vida de muito sofrimento, iniciada por uma infância paupérrima, desprotegida, com mudanças frequentes de domicílio, oscilando entre a companhia do irmão mais novo e da mãe – uma empregada doméstica luxemburguesa profundamente desamparada – e a convivência com o pai e sua rica amante inglesa. Deste pai, ele possuía o mesmo nome de batismo: Emmanuel Bobovnikov. Mas se o primeiro nascera no gueto de Kiev e migrara à França, onde jamais se enraizara nem aprendera acuradamente a língua local, seu filho era um parisiense de nascimento, cujas referências, no entanto, sempre faltaram. Pode-se dizer, para simplificar, que ele nunca pertenceu plenamente aos mundos que habitou e que, portanto, o hábito, os costumes, os pressupostos jamais remaram a seu favor.

Nós (franceses) somos os escritores mais burgueses do mundo. Bem alojados, vestidos decentemente [...]. É por ter amado demasiado Racine e Verlaine que descobrimos [...] uma vocação de escritor. [...] Nossa rota está traçada; para o irlandês de Chicago, assombrado, que de repente de último recurso decide escrever, a vida nova que ele aborda é coisa intimidante [...], é um bloco de mármore escuro que ele levará muito tempo

dilapidando; mas nós conhecemos, desde a adolescência, os traços memoráveis e edificantes das grandes existências, nós soubemos desde a sétima série, mesmo se eles não desaprovavam nossa vocação, como se responde a pais refratários, por quanto tempo é razoável que um autor genial permaneça desconhecido, com que idade é normal que a glória o coroe, quantas mulheres ele tem de ter e quantos amores infelizes, se é desejável que intervenha na política e em qual momento: tudo está escrito nos livros. (SARTRE, p. 171-174)

Cito aqui esse retrato unívoco feito por Sartre para dar contornos à “situação do escritor em 1947” para que se tenha uma noção da estranheira de Emmanuel Bove em relação à imagem típica de um escritor francês apenas dois anos após sua morte. Em 13 de julho de 1945, ele falecera de uma doença respiratória, deixando em seu diário suas últimas inscrições: “Eu não sei o que fiz à vida, mas ela me tratou com frequência com humor feroz” (COUSSE; BITTON, 1994, p. 235). A vida, para ele, como ao suposto irlandês de Chicago, fora coisa intimidante, aterradora. Jamais matéria escrita em avanço, jamais um navegar entre portos seguros. Perpetuamente uma ameaça, para sempre uma incerteza, indagação.

Eu queria tanto que existissem lugares estáveis, imóveis, intangíveis, intocados e quase intocáveis, imutáveis, enraizados, lugares que seriam referências, pontos de partida, fontes:

Meu país natal, o berço da minha família, a casa em que eu teria nascido, a árvore que eu teria visto crescer (que meu pai teria plantado no dia do meu nascimento), o sótão de minha infância repleto de intactas lembranças...

Lugares como esses não existem, e é porque eles não existem que o espaço se torna questão, para de ser evidência, para de ser incorporado, apropriado. O espaço é uma dúvida: me é preciso marcá-lo incessantemente, designá-lo, ele nunca é meu, nunca me é dado, eu preciso conquistá-lo a todo momento.

Meus espaços são frágeis: o tempo os fará gastos, o tempo vai destruí-los: nada vai parecer o que era, minhas lembranças me trairão, o esquecimento se infiltrará na minha memória [...]

O espaço funde como a areia passa entre os nossos dedos. O tempo o carrega e me deixa apenas lascas informes:

Escrever: tentar meticulosamente reter alguma coisa, dar sobrevida a algo, arrancar estilhaços precisos do vazio que se cava, deixar, em alguma parte, um sulco, um traço, uma marca ou alguns sinais. (PEREC, 2000, p. 179-178)

Bem diferente de uma caminhada livre de percalços, de uma ascensão prevista e repleta de falsos acidentes como na imagem da trajetória literária “nacional” nutrida por Sartre, o itinerário de Bove pelos espaços, seu deslocar-se na vida e o movimento das – e nas – narrativas que criou me parecia muito mais próximo da fragilidade evocada por Georges Perec no excerto supracitado. Tratam-se das últimas palavras do livro *Espèces d'espaces* (1974), no qual o autor realiza um percurso ao mesmo tempo ordenador e indagativo pelos diferentes lugares por onde passamos quando vivemos. Já de partida, ele afirma: “não há um espaço, um belo espaço, um belo espaço em torno de nós, há muitos

pequenos nacos de espaço” (PEREC, 2000, p. 14). O mundo no qual vivemos está seccionado, marcado por descontinuidades, disparidades, barreiras, clivagens, interrupções. “Viver é passar de um espaço a outro, tentando escapar ao máximo de levar um tropicão” (PEREC, 2000, p. 38).

Com o humor que lhe é característico, Perec interpreta o drama da existência tal como este lhe aparece. A vida como movimento, mas não como um livre deslocar-se através de um lindo espaço ao nosso redor. A vida como trânsito sob ameaça, fluxo tantas vezes retido pela violência das relações que cindem o espaço e definem os lugares, assinalando pertencimentos, demarcando posições. “Morar em um lugar é se apropriar dele? O que é se apropriar de um lugar? A partir de quando um lugar se torna seu de verdade?” (PEREC, 2000, p. 50). Questões dolorosas e sem resposta. De sua sucessão, como tantas outras vezes no livro, a história pessoal e familiar de Perec parece emergir contestando o silêncio que os causadores de suas maiores penas pretendiam também impor<sup>2</sup>. Difícil situação de Perec, nascido em um lugar que jamais seria inteiramente seu, em um país pouco acostumado a ceder posições e deveras apreensivo com as diferentes origens. Daí advém, no entanto, uma certa instabilidade fundadora, capaz de gerar impressões fortemente desterritorializantes.

Ora, ao ler a biografia de Bove, com todo o material levantado por seus autores, e ao cotejá-la com seus contos, novelas e romances, uma similar relação de incerteza e pertencimento cindido levando ao desvio, senão ao dissenso, se delineava aos meus olhos. Herdeiros da dúvida, da diáspora, do trauma, da infixidez, vítimas do inerte, do consolidado, do endurecido e coagulado, esses autores visivelmente multiplicavam perspectivas heterodoxas por suas obras. Nesse sentido, a leitura do romance *Le piège* – ou *A armadilha*, foi para mim, e para a história desta pesquisa, absolutamente capital.

O livro narra as tentativas do jornalista Joseph Bridet de deixar o território francês ocupado pelos nazistas e juntar-se a Charles de Gaulle e às forças da “França livre”<sup>3</sup> na

---

<sup>2</sup> Seu pai, Icek Peretz, judeu polonês que lutou voluntariamente pela França na Segunda Guerra e morreu no campo de batalha; sua mãe, Cyrla Szulewicz, também nascida na Polônia e igualmente judia, presa e deportada pela polícia francesa enquanto “judia estrangeira” e assassinada pelos nazistas em Auschwitz. Até os cinco anos de idade, Georges morou com eles em uma casa da Rua Vilin, situada no bairro de Belleville, em Paris. Em 1941, quando os nazistas ocupavam a maior parte da França e ameaçavam dominar a Europa e o mundo, Cyrla enviou-o em um trem da Cruz Vermelha a um vilarejo da zona não-ocupada, onde o batizaram e substituíram seu sobrenome, Peretz, por outro de sonoridade passavelmente bretã: Perec. Ele jamais pôde rever os pais.

<sup>3</sup> “*France libre*” é o nome dado ao regime de resistência aos nazistas e defesa do Império francês no exterior da França fundado pelo General de Gaulle, em Londres, no dia 18 de junho de 1940.

Inglaterra. Nauseado pela atmosfera asfixiante do Regime de Vichy<sup>4</sup>, Bridet decide valer-se da lábia e enganar a burocracia estatal para obter um salvo-conduto ao norte da África, de onde pretende fugir rumo a Londres. Sua artimanha consiste em acionar um antigo amigo do qual se afastou, mas que ocupa agora um cargo dentro da polícia, e oferecer-se para ajudar a “Revolução Nacional”<sup>5</sup> em algum posto avançado do Império.

No entanto, mal a aventura se inicia, ela já começa a malograr. Ao invés de ludibriar os agentes de Vichy, o jornalista envolve a si mesmo num labirinto inextrincável de vigilância e burocracia, aparentemente tendo suscitado, por seus movimentos, demasiada atenção. Sua estratégia de jogo duplo, tão logo lançada, mostra-se arriscada e inadequada, pois ele nunca demonstra a segurança necessária para agir como apoiador de Pétain de maneira credível. Na falta dela, ele amiúde é veemente demais, apenas reproduzindo um discurso inflamado sem estar de fato imbuído dele, e deixando assim transparecer sua distância. Em seu esforço de aproximar-se do regime, Bridet acaba enredado por suas malhas incrivelmente ramificadas, sendo secretamente investigado, absolvido e, em seguida, encarcerado num campo de internamento sem receber nenhuma explicação.

“E, como um idiota, pensou, eu imaginei que, ao vir para cá, encontraria pessoas que apenas fingiam ser favoráveis aos alemérdas<sup>6</sup>, mas que, por baixo dos panos, me ajudariam... Que estaríamos entre franceses, que apoiaríamos uns aos outros” (BOVE, 2006, p. 887-8). Assim reflete Bridet ao final de sua primeira visita a Vichy, onde fora iniciar suas manobras. A desilusão já é clara em suas palavras, mas ele apenas principiara a perceber o descompasso entre as suas expectativas e a complexa e opaca realidade ao seu redor. A pobre dicotomia entre, de um lado, patriotas conterrâneos bons e honestos e,

---

<sup>4</sup> *Régime de Vichy* ou *Vichy* (em português, mais comumente França de Vichy) são as designações para o regime político vigente na França entre 10 de julho de 1940 e 10 de agosto de 1944. O governo é assim nomeado por ter tido sua sede na cidade de Vichy, situada na “Zona livre”. Para mais, ver os livros de Philippe Burrin (1995) e de Jean-Pierre Azéma e Olivier Wieviorka (2004).

<sup>5</sup> Maneira pela qual referiam-se os ideólogos do novo governo às numerosas alterações no funcionamento republicano, que aliás acabaram por comprometê-lo completamente. “No momento mais cruel de sua história, a França precisa compreender e aceitar a necessidade de uma ‘revolução nacional’” (BARUCH, 1996, p. 15-16), dizia a exposição de motivos do projeto de lei constitucional do 10 de julho de 1940 que entregava plenos poderes constituintes ao Marechal Pétain.

<sup>6</sup> Maneira pela qual escolhi traduzir *boches* (no singular, *boche*), termo utilizado por militares e civis franceses, e também por belgas e luxemburgueses, para referir-se pejorativamente a um soldado alemão ou simplesmente a uma pessoa de origem alemã. Trata-se, segundo se presume, de uma aférese de *alboche* – onde “al” significaria “alemão” e *boche* “cabeça” (de *caboça* no dialeto occitano do Sul da França) –, palavra bastante usada no Século XIX e que também haveria derivado para *tête de boche* (cabeça de alemão), expressão igualmente depreciativa (ROYNETTE, 2010); Ver também informações disponíveis em: <[http://crd1418.org/espace\\_pedagogique/lexique/lexique\\_ab.htm#30](http://crd1418.org/espace_pedagogique/lexique/lexique_ab.htm#30)>, acesso em: 11/05/2017.

de outro, perigosos e perversos estrangeiros começara a mostrar-se completamente disparatada para dar conta das tensões em curso, e o olhar do protagonista, aguçado gradualmente pelo medo, se abre para constatar a situação de exceção em que imergira.

Ao desembocar na grande praça de estação, a atenção de Bridet foi subitamente desperta. Havia muita gente. E até carruagens de aluguel com guarda-sóis franjados. Mas havia também, em frente à interminável fachada da estação, em quatro ou cinco lugares, uma simples cena que chamou sua atenção. Homens aos pares, de mãos vazias, caminhavam encarando todo mundo e, de tempos em tempos, seja por acaso, seja porque um rosto não lhes agradara, interpelavam um passageiro ou um viajante. À primeira vista, Bridet tinha acreditado que essas pessoas se conheciam, mas, com a cena se renovando sem cessar em pontos diferentes e de forma idêntica, entendeu que se tratava de uma verificação, que se desejava discreta, de carteiras de identidade. Um dos homens examinava os documentos que lhe estendiam, enquanto o outro já procurava no entorno a quem se ateria. O mais curioso era que os passantes não percebiam nada, que a vida continuava, que os viajantes desciam de um ônibus, que outros carregavam malas, compravam jornais, chamavam um funcionário.

Bridet deu meia volta e desceu de novo a avenida da estação. Pegou a primeira rua que se apresentou à esquerda. Vichy era mesmo pequena. Ele não demoraria a encontrar-se em outra praça e talvez presenciasse os mesmos incidentes. Essa sensação de não poder escapar para o exterior, de estar sempre em um lugar onde poderiam pedir seus documentos, causou-lhe um profundo mal-estar. “E, contudo, estou regularizado”, refletiu. (BOVE, 2006, p. 888)

Prestes a deixar a capital de circunstância e retornar a Lyon, onde estava vivendo com sua mulher, Bridet percebe essa “simples cena” repetitiva e se inquieta. A perspectiva de que, em qualquer momento, em qualquer lugar, ele mesmo possa ser alvo de uma dessas abordagens o aflige. “E, contudo, estou regularizado”, reflete, mas nem por isso fica mais calmo, pois o que está vendo com nitidez aumentada é deveras sombrio: nada distingue ou identifica especialmente os homens que inspecionam os transeuntes e solicitam seus documentos. Para quem trabalham? Quem eles buscam? Com que direito? A situação, quando percebida, é assaz insólita, estranhamente arbitrária, absurda. Porém, o que mais espanta o jornalista é que os passantes nada percebem, nada notam: carregam malas, compram jornais e continuam o seu caminho.

E à medida que o plano de fuga imaginado por Bridet se complica, esse espanto apenas aumenta. A ostensiva tranquilidade do cotidiano ganha ares irrealis, parecendo possuir um pernicioso poder sedativo, de sufocante abafamento, como no contraste entre as chamativas carruagens de aluguel e as abscondidas verificações de documentos – feitas, não obstante, em praça pública. Já mais adiante no livro, tendo atravessado para a “zona ocupada” e retornado a Paris, onde vivera até o início da Guerra, o protagonista lamenta mais uma desilusão:

Decididamente, se olhássemos as coisas a fundo, a zona ocupada não era nem um pouco diferente da outra. De ambos os lados se tinha medo e só se pensava em si. [...] As pessoas

estavam como que anestesiadas. A derrota fora tão brutal que eles ainda não haviam recobrado os sentidos. Dir-se-ia que eram gratos, não se sabe a quem, por ainda estarem vivos. A única vantagem, era preciso dizer, era que ele se sentia mais seguro do que em Vichy. Ninguém o vigiava. Era visível que a polícia francesa não tinha nenhum poder real, que ela apenas obedecia aos alemães e, como a principal preocupação destes últimos era manter a ordem em suas linhas mestras, um francês que não era judeu nem comunista, que não se fazia notar, podia acreditar-se seguro. (BOVE, 2006, p. 960)

Tentando acalmar a si mesmo e recobrar esperanças, Bridet pondera intimamente os prós e contras de seu regresso à capital destronada. Logo de início, ele observa o próprio equívoco ao presumir que o antagonismo aos poderes vigentes seria mais vigoroso daquele lado da linha de demarcação, e salienta o egoísmo preponderante em ambas as áreas. Apesar disso, ele comemora uma vantagem: sua sensação de segurança havia aumentado, pois a polícia, que na zona não-ocupada causava-lhe calafrios, por ali somente se restringia a perseguir minorias.

Ora, se Bridet podia acreditar-se seguro por não ser judeu nem comunista – o que, na ação do livro, se provaria completamente equivocado – Bove, no momento mesmo em que o inventara e lhe criara uma história em *A armadilha*, não tinha como compartilhar dessa sensação. Tal Joseph Bridet, ele também teve a dissaborosa oportunidade de aproximar-se do governo de Vichy e de seus tentáculos na esperança de obter um salvo-conduto ao norte da África (COUSSE; BITTON, 1994, p. 203-6). Porém, diferentemente do personagem, cujas complicações com as autoridades e seu aparato repressivo surgem a partir de um desejo de evasão de motivações totalmente legítimas – como sua grande repugnância com a política colaboracionista, com o discurso saneador e disciplinador que ambicionava sufocar todas as vozes discordantes, com a designação de bodes expiatórios como responsáveis pelos problemas coletivos –, Bove certamente experimentava já desde muito antes do armistício a insegurança de estar à mercê dos eventos feito um peão de xadrez.

Sendo membro do “Comitê de vigilância dos intelectuais antifascistas”<sup>7</sup>, de ascendência paterna judaica, casado com uma comunista judia de pai e mãe<sup>8</sup> e apoiador de Charles de Gaulle, e apesar de haver passado despercebido pelos censores da “lista Otto”<sup>9</sup>, ele decerto constava em alguma espécie de recensão nazista. E à medida que a

<sup>7</sup> Conhecido igualmente como “Comitê de vigilância antifascista” (CVIA), foi criado em 1934 e dissolvido em 1936. Ele agrupava majoritariamente intelectuais francófonos de esquerda decididos a se oporem à ascensão do fascismo na Europa.

<sup>8</sup> Louise Bove, sua segunda esposa, nascida Louise Ottensooser, era filiada ao Partido Comunista francês.

<sup>9</sup> A “*Liste Otto*”, como ficou conhecida, é assim nomeada em referência a Otto Abetz, embaixador alemão em Paris durante a Segunda Guerra Mundial. Estabelecida em cooperação com o Sindicato dos editores franceses, ela proibia a publicação de obras de autores judeus, comunistas e opositores ao nazismo, como

postura governamental se revelava cada vez mais persecutória e extremista aos olhos de quem quisesse enxergar – com o lançamento da exposição “O judeu e a França”<sup>10</sup>, o estabelecimento das “leis sobre o estatuto dos judeus”<sup>11</sup>, as prisões executadas pela polícia francesa, que levava a céu aberto presos políticos, franco-maçons, ciganos e judeus para os seus “campos de internamento”<sup>12</sup>, com a *Rafle du Vélodrome d’Hiver*<sup>13</sup> – a necessidade de sair do país apresentou-se para o casal de maneira implacável.

No final de 1942, algumas semanas antes do exército alemão invadir a zona não-ocupada, mesmo já combatido pela doença que seria responsável por sua morte três anos mais tarde, o romancista e sua mulher empreenderam uma longa e perigosa fuga rumo a Argélia passando pela Espanha, onde é provável que tenham sido retidos por alguns dias em um dos campos que circundavam o território franquista<sup>14</sup>. Enfim, no primeiro dia de novembro daquele ano, Emmanuel e Louise desembarcaram em Argel, permanecendo ali até 21 de outubro de 1944, quando principiaram o retorno a França.

Durante esse conturbado período, Bove escreveu de maneira fecunda, como era de seu costume. Enquanto esteve na França, se esgueirando pelos circuitos dos foragidos

---

Heinrich Heine, Thomas Mann, Stefan Zweig, Max Jacob, Sigmund Freud, Carl Gustav Jung, Julien Benda, Léon Blum, Karl Marx, Léon Trotski, Louis Aragon, etc. Para mais, ver: SAPIRO, G. *La guerre des écrivains 1940-1953*. Paris: Fayard, 1999.

<sup>10</sup> Exposição antissemítica ocorrida no *Palais Berlitz*, em Paris, entre 3 de setembro de 1941 e 15 de janeiro de 1942 e que teve aproximadamente 350 mil visitantes (BURRIN, 1995, p. 299). Seu tema geral era a suposta dominação degenerescente dos judeus sobre as instituições francesas, notadamente o exército, o cinema, a economia e a literatura. Lia-se ali, por exemplo: “A inversão sexual, a destruição de nossas tradições são os temas favoritos de nossos escritores judeus”. (ORY, 1976, p. 158)

<sup>11</sup> Durante a ocupação, o regime de Vichy estabeleceu diversas leis sobre o estatuto dos judeus na França, fazendo abertamente deles uma categoria a parte da população. A lei sobre as desnaturalizações data do dia 22 de julho de 1940, pouco mais de um mês após a proclamação de Pétain como chefe do governo; o “primeiro estatuto do judeus”, que os excluía dos cargos públicos e dos setores industrial e comercial, é de 3 de outubro de 1940; um dia depois, foi promulgada a lei que autorizava o internamento imediato dos judeus estrangeiros; em julho de 1941, o registro das empresas de proprietários judeus tornou-se obrigatório com o “segundo estatuto” (AZÉMA; WIEVIORKA, 2004, 269-71).

<sup>12</sup> Convencionou-se assim chamar os campos que eram geridos pelo Estado francês. Criados na Primeira Guerra, alguns duraram até a Guerra da Argélia. Caracterizados por condições de sobrevivência duríssima e uma mortalidade elevada, foram extremamente ativos durante a Guerra Civil Espanhola e seguiram sendo utilizados ao longo da Ocupação alemã. A lista de campos funcionando nesse período é impressionantemente numerosa. De lá foram enviadas muitas vítimas da “Solução Final”. Para mais, ver: AZÉMA, J-P ; WIEVIORKA, O. *Vichy 1940-1944*. Paris: Perrin, 2004. p. 104-107.

<sup>13</sup> Trata-se da maior detenção massiva de judeus por parte da polícia francesa durante a Segunda Guerra. Entre 16 e 17 de julho de 1942, mais de treze mil pessoas, das quais mais de um terço eram crianças, foram presas em Paris e seus arredores. Quase todas foram assassinadas, sendo que menos de cem sobreviveram à deportação. Mais de sete mil agentes franceses participaram da operação, que se restringiu aos judeus desprovidos de nacionalidade francesa (AZÉMA; WIEVIORKA, 2004, 104-7).

<sup>14</sup> Dessa fuga eles não deixaram quase nenhum rastro. A hipótese da detenção no campo é levantada por Jean-Luc Bitton, que se baseia na descrição detalhada de um deles feita por Bove em *Non-lieu* (BITTON; COUSSE, 1994, p. 212).

e resistentes, ele se aplicou a compor *Un homme qui savait*<sup>15</sup>. Simone Monnier, que o conheceu no vilarejo de Dieulefit<sup>16</sup>, relata o estado físico e de ânimo em que o escritor se encontrava:

Ele se movia como uma sombra, um pouco arquejado. Aparentava estar quase doente. [...] estava persuadido de que o que escrevia era para nada, de que ninguém jamais o leria. [...] Não me espanta que não tenha inscrito nada no livro de ouro da escola, ele não tinha vontade de deixar rastros de si mesmo. (COUSSE; BITTON, 1994, p. 210)

Atemorizado, aturdido e desalentado, consciente da enorme gravidade da situação mundial e da própria, Bove atentava para a relevância das marcas e dos sinais deixados pelo caminho. O depoimento de Monnier aponta para um primeiro grande perigo que lhe afligia: a captura. Um recado, uma assinatura posta com descuido no lugar errado podia tornar-se a pista que enviaria perseguidores no seu encalço. Por outro lado, a obstinação em escrever romances, tematizando o tempo presente, testemunhando suas agruras, assinala outro receio de ampla magnitude: o de que aquela situação, em seu absurdo, pudesse ser esquecida<sup>17</sup>.

“Escrevo para me comunicar, tendo concluído que é impossível entre os mal-entendidos da vida cotidiana” (COUSSE; BITTON 1994, p. 155), dissera Bove anos antes em entrevista ao jornal *Marianne*. A frase, bastante direta, indica uma relação produtiva entre a frustração do autor com o fracasso comunicativo do dia-a-dia e o seu desejo de criar literatura. Ora, ao que tudo indica, durante o período em que esteve em Argel, essa relação funcionou de maneira particularmente intensa. Em menos de dois anos, ele concluiu a escrita de três romances (*Le Piège, Départ dans la nuit, Non-lieu*) que formam uma espécie de “trilogia da Guerra”.

Lê-la, para mim, foi revelador. Percorrer a França do passado com um guia indefeso e desorientado como Bridet fez-me experimentar, de alguma forma, traços, restos, resquícios das inquietações sentidas ali naquele momento. E a própria assimilação desses restos teve de mover-se, por assim dizer, de maneira tateante, com hesitação. Pois

<sup>15</sup> Romance permanecido inédito por muito tempo, só publicado em 1985.

<sup>16</sup> Situado no departamento de *la Drôme*, na região *Auvergne-Rhône-Alpes*, foi um verdadeiro centro de hospitalidade aos refugiados e de resistência durante a Segunda Guerra.

<sup>17</sup> Em *Ficção e imagem, verdade e história: sobre a poética dos rastros*, Márcio Seligmann resume bem essa tensão: “Para fugirmos ao poder/violência do Estado total, necessitamos apagar nossos rastros. Esse mesmo poder/violência, por sua vez, quer apagar a vida sem deixar também rastros. O poder é exercido como forma de eliminação da vida e de sua comprovação. O poder torna-se exercício de falsificação. Se o Estado, mesmo nas teorias jusnaturalistas mais conservadoras, deveria preservar a vida, no governo totalitário ele se transforma em negação da vida e em falsificação. Hoje, a demanda de verdade nasce desse excesso de violência”. (SELIGMANN-SILVA, 2013, p. 41-2)

de pronto pude perceber que as imagens e narrativas que até então me haviam informado a respeito da França, e dos franceses, na Segunda Guerra Mundial eram demasiado restritas para poder sustentar a apreensão daquilo que chegava. Diante das cenas narradas no *Le Piège*, em que a mania persecutória não carece de motivos para crescer incessantemente, pois uma tensão desmedida atravessa de cima a baixo os locais, baralhando as identidades, obscurecendo as disputas, constatei meu enorme déficit de referências para interpretá-las.

Invasão nazista, Dia D, Resistência, Aliados, Charles de Gaulle... Tais eram os nomes e imagens que vinham a minha cabeça mais facilmente ao pensar no assunto. Havia também a recordação de uma placa inserida na *Gare d'Austerlitz*<sup>18</sup> à qual um amigo brasileiro, judeu como eu, me havia chamado a atenção quando lá morávamos. Eu me lembrava desse momento como sendo a primeira vez em que eu vira algo a respeito da participação do Estado francês no genocídio do povo judaico. Ao mostrar-me a placa, ele comentara algo sobre Vichy, o Marechal Pétain<sup>19</sup> e o colaboracionismo, mas juntando o pouco que ele sabia com minha mais completa ignorância, ficamos apenas lamentando os lapsos na transmissão de um conhecimento de tanta importância, e essas palavras, recém-entradas em meu repertório, continuaram um tanto estranhas, misteriosas, sem inserir-se de fato na teia de sentido que alinhava as referências supracitadas.

Assim, entusiasmei-me sobremaneira quando senti que o romance de Bove se oferecia como um fragmento de zonas pouco iluminadas desse passado nem tão distante, mas rarefeito nos frontispícios da tradição cultural francesa – ao menos aquela exportada ao Brasil<sup>20</sup>. À época, eu estava em vias de concluir minha graduação e buscava um tema para um mestrado. Pensei então que poderia escrever um projeto sobre *A armadilha*,

---

<sup>18</sup> Importante estação de trens em Paris. Reproduzo aqui os dizeres da placa, assinada pelos “filhos e filhas dos deportados judeus da França”: “Da estação de Paris-Austerlitz foram conduzidos aos campos de Pithiviers e de Beaune-la-Rolande, antes de serem deportados e assassinados em Auschwitz: 3700 judeus, todos homens, no dia 14 de maio de 1941 e, do 19 ao 22 de julho de 1942, 7800 judeus, dos quais 4000 crianças da *Rafle du Vélodrome d'Hiver*, detidos na aglomeração parisiense a partir da demanda do ocupante alemão pela polícia da autoridade de fato dita “Governo do Estado francês”. Jamais esqueçamos!” Disponível em: <http://museedelaresistanceenligne.org/media5704-Plaque-rappelant-le-depart-vers-les-camps-de-transit-et-la-deportation>, acessado em: 11/05/2017.

<sup>19</sup> Philippe Pétain (1856-1951). Diplomata e militar francês, Chefe do Estado entre 11 de julho de 1940 e 20 de agosto de 1944. Ver o livro de BURRIN (1995), bem como o de Azéma e Wieviorka (2004).

<sup>20</sup> Não é meu intuito fazer aqui uma discussão aprofundada da memória de Vichy dentro da história francesa. Em *Le Syndrome de Vichy: de 1944 à nos jours* (“A síndrome de Vichy: de 1944 aos nossos dias”), Henry Rousso (1990) realizou tal tarefa de maneira prodigiosa. No entanto, creio ser possível afirmar, considerando minha própria experiência – de progresso desconhecimento e de, hoje, constatá-lo quando comento de minha pesquisa –, que essa memória, ao viajar no tempo e espaço, corre grandes riscos de caducar.

propondo-me a esmiuçar as relações entre a obra e o período, passando a todo momento pela figura do autor, cujo gesto de debruçar-se sobre o presente angustiante, fazendo dele ficção, me maravilhava.

“Por quase dois séculos, a mais alta literatura ocidental pôs-se, nos confrontos da história, como o outro lado da lua, como a zona deixada à sombra do devir e do curso do mundo”, escreveu Claudio Magris (2009, p. 1027) em um ensaio acerca dos vínculos entre o romance e o mundo moderno. Ora, ao transitar pela obra de Bove, a sensação de estar diante de algo de imenso valor, deixado em lado oposto ao conhecimento prescrito, me encorajava a empenhar esforços direcionados a retirá-la um pouco mais da região encoberta a que fora relegada. Aliando-me a uma escassa, mas existente (e resistente) comunidade de leitores, eu me propunha a visitá-la e a perscrutar aquilo que nela permanecera contido.

Pensei então, quando estava em vias de redigir o projeto, que seria bastante útil retomar discussões que havia tido durante a faculdade a respeito das dinâmicas da recordação, da história e da memória. Como já sugerido aqui, a noção de contemporâneo de Giorgio Agamben, bem como as reflexões de Walter Benjamin, com seu imperativo de “escovar a história contrapelo”, me serviam de prismas iniciais, exemplares, com os quais enxergar a relação fraturada de Emmanuel Bove com o decurso histórico. Faltava-me, no entanto, algo que me auxiliasse a persistir nesse ponto de fratura, que amparasse de alguma maneira minha precária perscrutação dos traços deixados dessa cisão para, apenas posteriormente, principiar a esboçar ligações onde antes aparecera a muita gente, em outro presente, ao que tudo me indicava, uma sufocante falta de nexos.

Revisitando bibliografias, escarafunchando em bibliotecas, deparei-me mais de uma vez com o nome de Márcio Seligmann-Silva, cujos trabalhos, logo me ficou claro, constituem um corpus incontornável nos estudos da memória no Brasil. Assim que me pus a estudá-lo, ressonâncias com meu projeto de pesquisa principiam a pulular. O conceito de trauma, mobilizado seguidamente pelo autor como uma espécie de chave cognitiva para a nossa era de catástrofes, bem como o conceito de testemunho, outro termo bastante rico, utilizado para pensar precisamente inscrições oriundas de nosso cotidiano calamitoso (e do desejo documentá-lo e denunciá-lo), apresentavam a mim sua força intelectual.

Lyon, 17 de junho de 1945.

Senhor, acabo de ler *le Piège* e me seria impossível deixar de lhe exprimir meu prazer e minha emoção. Ah! Enfim nós estamos longe daquelas páginas sobre a resistência cheirando a artifício e ao puro desejo do autor de mostrar que dela ele também fazia parte. O seu Bridet, nós o conhecemos, ele é nosso, pois seus temores, suas revoltas, nós a vivemos, nós as sentimos ao longo desses últimos terríveis anos. Esse ar envenenado de Vichy, nós o respiramos, essas brumas de Lyon, eu as sofri pessoalmente desde outubro de 1940. *Le piège* é um grande livro. Se eu tivesse feito parte do júri do Goncourt, é a você que eu o teria dado. Porém, assim como aquela dos tribunais, a justiça literária não existe. Saiba, no entanto, que você tocou o coração de muita gente. O que, vindo de você, do autor de *La coalition*, um dos meus livros queridos que tanto reli, não me impressiona nem um pouco. Você é um romancista da sombra, da tristeza, da noite. Creia em minha mais completa simpatia.

Senhora René Daumière (COUSSE; BITTON, 1994, p. 238).

Essa comovente mensagem de reconhecimento chegou ao editor Pierre Trémois demasiado tarde para que pudesse ser remetida ao verdadeiro destinatário. Bove falecera em seu leito no dia 13 de julho de 1945. Louise, sua mulher, redigira a nota necrológica deixando transparecer o desalento diante da incapacidade médica a discernir e curar a doença de seu marido: “ele acaba de morrer com 47 anos de idade, levado por uma doença de origem colonial e muito mal definida” No dia 18 de maio, o escritor ainda manifestava otimismo a respeito da própria recuperação, tendo escrito ao amigo René Herman, que cuidara de alguns pertences do casal durante a guerra, que aguardasse poucas semanas antes que ele, já bem-disposto, viesse pessoalmente recuperá-los. Ao final da carta, Bove acrescentara contentemente: “Vou publicar.” (COUSSE; BITTON, 1994, p. 234-6)

De volta a Paris desde o fim de outubro de 1944, ele gastava suas últimas forças para ver propostos ao público os escritos que concebera em sigilo durante os anos de exílio. Confiante, no 7 de novembro ele entregara ao eminente editor Gaston Gallimard<sup>21</sup> o manuscrito datilografado de *A armadilha*. A resposta, no entanto, fora uma espécie bastante esquiva e decepcionante de negação:

Eu bem li o seu manuscrito *A armadilha*, e o achei bastante notável. Infelizmente, me é difícil empreender a publicação nos meses vindouros, pois preciso dar conta de um certo número de compromissos assumidos anteriormente, e as gráficas continuam a trabalhar apenas de maneira muito reduzida. (COUSSE; BITTON, 1994, p. 28-29)

Faltava-me, eu dizia, algo que me apoiasse na análise da relação de inadaptação mantida por Bove com o tempo-espço em que lhe foi dado existir. Ora, ao que parece, esse descompasso tem tudo a ver com uma certa acuidade perceptiva, uma perspicácia nada usual entre seus coetâneos e conterrâneos. É como se, precariamente constituída e marcada pela instabilidade, atravessada por talhos, sua posição próxima e distante dos

---

<sup>21</sup> (1881-1975) Fundador da editora Gallimard, que ocupou um lugar de destaque na vida literária francesa do Século XX.

grupos em que se movia marginalmente lhe favorecesse – tal um duvidoso privilégio – a apreensão das agruras e inquietudes circundantes. Nesse sentido, é sintomático que ele quisesse ver propaladas imagens e sensações que outros superiormente assentados se apressavam em recalcar.

Paris! Paris ultrajada! Paris despedaçada! Paris martirizada! Mas Paris liberada! Liberada por si mesma, por seu povo, com o suporte dos exércitos da França, com o apoio e a ajuda da França inteirinha, da França que luta, da França só, da verdadeira França, da França eterna. (ROUSSO, 1990, p. 30)

Estas são palavras do discurso de Charles de Gaulle em frente ao *Hôtel de Ville* no 25 de agosto de 1944, ou seja, ainda antes do retorno do casal Bove ao próprio país. Por lá, como se percebe, já se promovia um esquecimento das dissensões francesas, entre franceses, que haviam tornado tão turvo o cenário dos últimos anos. Mobilizando a imagem de uma França unificada e imperecível, prodigiosamente concorde, o General lançava as bases do que o historiador Hery Rousso apelidaria posteriormente de mito do “*Résistancialisme*” – uma reconstrução memorial que presta louvor à resistência em termos vagos e a amalgama à efígie da nação, deixando à sombra os resistentes e encobrendo o verdadeiro caráter minoritário do fenômeno<sup>22</sup>.

“Se não vivêssemos em uma época em que os eventos literários são ultrapassados – e quanto! – pelos eventos propriamente ditos, a aparição de um livro novo deste mestre escritor suscitaria numerosos comentários e um fluxo de curiosidade” (COUSSE; BITTON, 1994, p. 232). Assim escreveu no dia 17 de maio de 1945 um jornalista de *La France au combat* em referência ao *Le Piège* e ao seu autor. A observação, aparentemente muito simples, constata e lamenta uma dinâmica que no Século XX tornou-se regra: a violência e a velocidade dos acontecimentos que solavancam a sociedade, remodelando-a, não deixam tempo para que sejam assimilados, compreendidos, absorvidos; ao invés disso, o que ocorre é uma rápida “passagem adiante”, um apressado soerguimento

---

<sup>22</sup> Por isso a escolha do termo *Résistancialisme*, escrito com “c”, em oposição ao *Résistancialisme*. Faz-se homenagem a uma imprecisa *Résistance* (Resistência), ao invés de fazê-la aos *Résistants* (Resistentes). Na verdade, trata-se, para Rousso, menos de uma celebração da Resistência do que da construção da ideia “de um povo em Resistência”, simbolizado acima de tudo pelo próprio General de Gaulle (ROUSSO, 1990, p. 30-32). Premido pela necessidade de gerir um país atravessado por disputas, o futuro presidente se apressava em apaziguar e glorificar o passado para amainar o presente: “Mas então, se a “França” está intacta, qual seria o lugar de Vichy e da Colaboração nesse sistema? A resposta é igualmente imediata. No mesmo 25 de agosto, Georges Bidault, circundado pelo Conselho nacional da Resistência que ele preside e do Comitê parisiense da Liberação, veio pedir ao chefe da França livre [de Gaulle] a “proclamação solene da República diante do povo aqui reunido”. Isto lhe vale uma réplica inapelável: “a República nunca deixou de ser. A França livre, a França combatente, o Comitê francês de liberação nacional a incorporaram cada um à sua vez. Vichy nunca existiu e assim continua. Eu mesmo sou o presidente do governo da República. Por que iria proclamá-la?” (ROUSSO, 1990, p. 31)

encobridor, que transforma as ruínas em monumentos, eliminando as rachaduras pregressas e soterrando aquilo tudo que antes fizera ruir prédio.

Porém, ao longo desse mesmo Século, tornou-se também cada vez mais frequente, por parte de alguns artistas, a feitura de gestos de resistência a essa dinâmica dominada pelo ritmo cobiçoso do progresso e da honorabilidade patriótica. Constantemente posto para fora da construção bárbara e hostil que é a “França eterna”, atualizada e reivindicada por Charles de Gaulle nos estertores da Segunda Guerra Mundial, Emmanuel Bove insculpiu por toda sua obra uma série de marcas dessa agressão. Apesar da posição marginal ocupada por ele e da respectiva, justificada e recorrente sensação de impotência, ele foi capaz de desafiá-las introduzindo os seus escritos na arena pública, deixando-os disponíveis a posteriores conexões, oferecendo-os a algum futuro como um escape às narrativas comprometidas com sua exclusão.

A arte como inscrição do histórico, pela via do sujeito, é arte da memória, preparação do arquivo que – contra os arquivos oficiais trancafiados – prepara a história para uma virada [...] radical. O indivíduo após o tendencial fim da separação da esfera pública e privada pode ser tanto uma figura esvaziada, transformada em (e entregue definitivamente à) imagem de um títere das forças [...] que dominam indivíduos, [...] como também ele pode apresentar o triunfo da resistência a essa anulação. As artes, com sua exploração da esfera íntima, como local de renovação dos discursos autobiográficos e como tentativa de inscrição da história da violência, sofrida por indivíduos e por sociedades, expressa uma tal resistência. (SELIGMANN, 2013, p. 38)

Vemos, nesse excerto, sintetizada a função exercida pela arte em sua vertente testemunhal. “Tentar meticulosamente reter alguma coisa, dar sobrevida a algo, arrancar estilhaços precisos do vazio que se cava”, disse Perec, supracitado, ao definir o que para ele era a atividade da escrita. Aqui como ali, o que se destaca é o caráter atuante, produtivo, daquele que se empenha em trabalhar com os cacos da crise para manter viva sua memória. A maneira como o percebo e experimento analisá-lo nesta pesquisa se deve muito à Márcio Seligmann, meu orientador. As leituras de seus textos, bem como de uma extensa bibliografia acerca do trauma, do testemunho, das diferentes formas de escritas de si, me auxiliaram imensamente a trilhar um caminho distinto das abordagens mais recorrentes da obra de Bove.

Pisando e repisando os termos “fatalismo” e “pessimismo”, essas análises muitas vezes se fundam em uma série de equivalências bastante forçadas, até brutais entre: os diversos personagens e protagonistas, considerados como um só “personagem-tipo”; este

personagem, supostamente sempre retomado, e o seu autor<sup>23</sup>. No primeiro capítulo da dissertação, procuro, através do cotejamento de textos de Bove com os comentários que eles provocaram ao longo do tempo, distanciar-me o quanto possível disso que vejo como um equívoco. Ademais, intento mostrar como tal equiparação parece provir de uma reação à módica distância deixada pelo autor entre seus personagens tão “antimíticos”, como bem os classificou Dominique Bagouet (COUSSE; BITTON, 1994, p. 251), e leitores incapazes de identificarem-se com seus transvios.

A ideia inicial de debruçar-me mais detidamente sobre *A armadilha* foi, ao longo do processo de escrita, abrindo-se para abranger um escopo maior. Desde o projeto eu imaginava fazer referência a outros textos do autor durante minha análise deste romance, com o qual eu já tinha uma relação mais próxima por tê-lo traduzido antes do mestrado. Igualmente, já era meu plano trazer passagens de sua biografia e do valioso material reunido por Cousse e Bitton (1994). Mas o fato de Bove ser tão pouco conhecido no Brasil fez com que eu atinasse para a dificuldade de fazer tais referências no meio da análise de *A armadilha*. As digressões e notas de rodapé seriam infundáveis e atrapalhariam o fluxo da leitura como o da escrita.

Além disso, a experiência que tive num curso ministrado por Marcos Siscar, em que me propus a apresentar seminário e trabalho final sobre Georges Perec, me deixou um importante aprendizado. Tocado por Perec, em cuja literatura eu principiava a

---

<sup>23</sup> No número da revista *Europe* dedicado a Bove, encontramos alguns exemplos dessas abordagens. Em “*Fatalisme et heroïsme*”, Olivier Bravard afirma: “A primeira característica do personagem boveano é sua passividade. Frente aos acontecimentos que se produzem em seu entorno, confrontado com a vontade de outrem, ele é aquele que constata, aceita e sofre” (BRAVARD, 2003, p. 18); “O que permanece fortemente na memória é um certo personagem-tipo, recorrente em Bove ao ponto de parecer inextrincavelmente ligado à sua criação romanesca, e de ser assim sua característica principal” (BRAVARD, 2003, p. 17-18); “os personagens boveanos são moleirões por excelência, que se mostram incapazes de agir e de decidir” (BRAVARD, 2003, p. 20); “o personagem boveano [...] apresenta todas as características do medíocre, que fracassa porque renuncia a fazer o mínimo esforço, porque renuncia a impor sua presença ao mundo” (BRAVARD, 2003, p. 22). Em “*Dormir sa vie*”, Sophie Coste comenta: “O primeiro protagonista de Bove já é marcado por essa paralisia da ação que caracterizará *todos os outros* e que foi frequentemente sublinhada pela crítica” (COSTE, 2003, p. 47). Em “*Bâton, l’errance parisienne*”, David Nahmias escreve sobre o “universo de Bove”: “Um universo no qual os personagens são desenhados com traço idêntico e vivem uma condição comum: sua tranquila infelicidade. [...] *De romance em romance, seguimos por fim uma só silhueta*, a desse Bâton desenhado com linha clara, como o é o herói de Hergé” (NAHMIAS, 2003, p. 111); “Para o Bâton dos romances de Emmanuel Bove, *Paris é uma festa*, mas uma festa para a qual não tem, como convite, senão sua solidão exilada na noite do quarto de hotel” (NAHMIAS, 2003, p. 113); “poderíamos imaginar que Emmanuel Bove inventou em algum lugar a auto-ficção naturalista. O Bâton de *Meus amigos* é evidentemente um nome de empréstimo que Emmanuel utilizará para descrever a própria errância parisiense de abril de 1916 a abril de 1918” (NAHMIAS, 2003, p. 115). Em seu livro consagrado a Bove, François Ouellet escreve: “Bove é o pessimismo da fatalidade perversa e da complacência mórbida” (OUELLET, 2005, p. 23).

encontrar traços de proximidade com Bove que acabariam trazendo-o a esta introdução, fiz meu seminário. Siscar o recebeu bem, mas pediu que na redação do trabalho eu me preocupasse em mostrar melhor os aspectos que eu ressaltava *acontecendo no texto*. Ao ouvir seu pedido, não imaginei que eu teria tanta dificuldade em atendê-lo. Quando me pus a escrever, no fim do semestre, percebi que parte das afirmações que eu havia feito não se sustentavam. Ainda assim, algumas me pareciam seguir verdadeiras, mas evidenciá-las em sua performance foi extremamente custoso. Isto me rendeu um atraso na entrega. Mas como eu dizia, o aprendizado foi fundamental.

Desejando transportá-lo a esta pesquisa, quis evitar ao máximo tecer comentários sobre os textos sem poder alicerçá-los em exemplos, sem me dedicar a relê-los testando minhas hipóteses. Assim, quis também traduzir a maior quantidade possível de trechos a que me refiro, pois creio que a base de todo o resto precisa ser percebida neles. Isto vai de par com a intenção de apresentar o autor ao público brasileiro e de deixar aberta a possibilidade de diálogo. Desta maneira, o que eu pensava inicialmente como suporte à análise de *A armadilha*, foi ganhando corpo e se tornando igualmente importante dentro do trabalho.

Início o primeiro capítulo com a sessão “Seguindo os traços de um desaparecido”, em que conto um pouco sobre a reemergência do interesse por Bove a partir da década de 1970. Em “A fraternidade que não há”, passo para a recepção de sua obra entre seus coetâneos, misturando comentários a respeito dela com interpretações minhas de *Meus amigos* e incursões na biografia do autor. Nos três itens seguintes, sigo fazendo-o, até chegar, em “Exportando os problemas”, na análise de uma cena de *A coalizão* em que o personagem Sr. Rousseau desacolhe o protagonista Nicolas Aftalion de maneira gritantemente xenófoba. Eu a relaciono aos ataques de mesma natureza sofridos por Bove. Em “Isso não pode mais ficar assim”, contraponho-me à ideia de que todos os personagens do autor aceitam passivamente suas situações.

No primeiro item do capítulo dois, trato da novela *A morte de Dinah*, procurando mostrar que o que está em jogo na trama é sobretudo uma questão de identificação e empatia. No segundo item, baseado nesses mesmos termos, debruço-me sobre o romance *O pressentimento*, no qual o personagem Charles Benesteau tenta despir-se das disposições herdadas, esbarrando em grandes dificuldades.

No terceiro e último capítulo, volto-me enfim para *A armadilha*, buscando salientar o aparecimento no romance de temas e discursos que haviam marcado os conflitos da sociedade francesa nos anos precedentes e que circulavam com intensidade acrescida durante a Segunda Guerra. Para tanto, faço referências a estudos historiográficos e retomo pontos dos capítulos anteriores. Vale ressaltar que todos os excertos da obra de Bove apresentados no trabalho são de minha tradução, bem como todas as citações de títulos franceses na bibliografia.

## DO OUTRO LADO DA LUA

*“Nossa imagem de felicidade é totalmente marcada pela época que nos foi atribuída pelo curso de nossa existência. A felicidade capaz de suscitar nossa inveja está toda, inteira, no ar que já respiramos, nos homens com os quais poderíamos ter conversado, nas mulheres que poderíamos ter possuído. Em outras palavras, a imagem da felicidade está indissolavelmente ligada à da salvação. O mesmo ocorre com a imagem do passado, que a história transforma em coisa sua. O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? Se é assim, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está à nossa espera. Nesse caso, como a cada geração, foi-nos concedida uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo. Esse apelo não pode ser rejeitado impunemente.”*  
(Walter Benjamin, *Sobre o conceito de história*)

*“Escrever-se, é deixar de ser para confiar-se a um hospedeiro – outrem, leitor – que não terá a partir de então como carga senão a vossa inexistência.”* (Maurice Blanchot, *L'écriture du desastre*)

*“Bartleby não é o doente, mas o médico de uma América doente.” (Gilles Deleuze, Crítica e Clínica)*

## **Seguindo os traços de um desaparecido**

Caro senhor,

Espero que não se desagrade com a indiscrição que consiste em lhe escrever sem que nos conheçamos, que é ainda mais condenável por se tratar de uma solicitação de informações. Interessei-me recentemente pela leitura da obra de Emmanuel Bove, hoje completamente desaparecida, não apenas das vitrines, mas também do fundo das livrarias. Imagino que tenha tido a oportunidade de encontrá-lo, já que o essencial da obra dele se situa em uma época em que o senhor agitava os movimentos literários contemporâneos. Seria para mim um grande privilégio se pudesse me conceder algumas informações a respeito dele.

Quem ele era? Como era sua maneira de ser? Que traços deixou? Fiquei sabendo que a Senhora Bove ainda vive no momento atual. O senhor teve a oportunidade de saber onde é possível encontrá-la? O senhor se surpreenderá com esta curiosidade que não faz parte do exercício normal de minhas funções, mas se, ao menos de acordo com a reputação, o ministro das finanças está proibido de ter coração, ele não está impedido de interessar-se pela literatura.

Valéry Giscard d'Estaing. (COUSSE; BITTON, 1994, p. 243-234)

Deve ter sido com grande surpresa que, em um dia do ano de 1972, o poeta francês Philippe Soupault<sup>24</sup> recebeu a carta reproduzida acima. Assinada pelo ministro das finanças, futuro presidente da república, a carta era ainda mais surpreendente pelo seu conteúdo, ou pelas duas coisas juntas. Difícil pensar em uma situação tão inusitada quanto essa, o ministro das finanças rogando ao antigo poeta surrealista – ele mesmo um tanto esquecido – que lhe fornecesse informações a respeito de um autor de quem aparentemente ninguém se lembrava. Contudo, além de engraçado, o caso é um ótimo exemplo do nível de obliúvio a que chegara a obra de Emmanuel Bove e, ao mesmo tempo, de sua extraordinária capacidade de afetar seus leitores. Pois é inegável: por trás do tom polido do homem de Estado há um leitor instigado, tocado, apaixonado. Temendo ver sua conduta considerada imprópria, ele se apressa em justificá-la. Mas não pode conter seus anseios de se aproximar, um pouco que seja, do universo do escritor cujos rastros são tão difíceis de encontrar. É de se presumir que, antes de tomar a decisão de escrever a Soupault, ele tenha tentado obter as informações desejadas mediante procedimentos que evitariam o embaraço evidente em suas palavras. Sendo ministro, certamente dispunha de

---

<sup>24</sup> Mais conhecido por seus livros de poeta e por ter sido um dos fundadores do movimento surrealista, Philippe Soupault (1897-1990) foi também romancista, ensaísta e jornalista. Conheceu Emmanuel Bove antes mesmo que este estreasse na literatura (COUSSE; BITTON, 1994, p. 88).

meios suficientes para encontrar o que quisesse sobre o autor que bem desejasse. Mas não nesse caso, não nessa época.

Pois por volta de 1972 Emmanuel Bove estava ausente não apenas das livrarias – das vitrines como de seus fundos – mas também dos dicionários e enciclopédias literários<sup>25</sup>. Sua obra, composta por aproximadamente uma trintena de livros e publicada por diversas editoras, parara há muito de ser reeditada e estava quase completamente fora de circulação. Digo quase pois, talvez impulsionada pelo seu poder de afeto, ela era lentamente passada adiante. E as raras mãos que uma vez recebiam um exemplar ficavam ávidas por mais. O poeta e pintor belga Christian Dotremont<sup>26</sup>, por exemplo, chegou a distribuir em agosto de 1971 uma espécie de panfleto-manifesto, no modelo de um cartão de visitas, no intuito de tirar Bove do esquecimento:

A leitura de Emmanuel Bove é necessária. Sua obra exerceu decerto fortes influências, as exerce, o que é muito bom. Mas a leitura do próprio Emmanuel Bove permanece naturalmente necessária. Ora, os livros dele se tornam raros, não são propostos ao público. Amolemos os livreiros, amolemos diretamente os editores. Viva Emmanuel Bove! (COUSSE; BITTON, p. 243)

Em carta escrita naquele mesmo ano a Louise Bove, viúva do escritor, Dotremont relata ter encontrado ainda bem jovem um exemplar de *Meus amigos*<sup>27</sup> na biblioteca de sua mãe, ficando muito impressionado pela leitura. Posteriormente, foi atrás de mais, tornando-se um admirador e, como se vê, convicto propagador da obra: “foi sob os meus conselhos que alguns amigos descobriram a obra de Emmanuel Bove, mas outros amigos a descobriram por si mesmos; nossa admiração por Bove é significativamente algo de importante que temos em comum” (COUSSE; BITTON, p. 242).

Um descobrimento, uma descoberta. O vocabulário é preciso ao ressaltar o lado ativo dessa esparsa comunidade de leitores que foi se formando em torno da obra do autor falecido em 1945. Pois se no final da vida ele era pouquíssimo lido e lembrado e se os textos que escreveu estiveram fora de circulação por aproximadamente trinta anos, só lhes foi possível emergir de novo graças aos esforços daqueles que, durante esse período de latência, tiveram o ensejo de conhecê-los e, de alguma maneira, se sentiram solicitados a tentar reparar uma injustiça cometida pelos processos de transmissão cultural.

---

<sup>25</sup> Para mais, ver: (COUSSE; BITTON, p. 241)

<sup>26</sup> (1922-1979) Participou do movimento surrealista nos anos 1940. Foi também um dos criadores do movimento CoBrA. Ver: JOUFFROY. Christian Dotremont (1922-1979). Encyclopædia Universalis. Disponível em: <<http://www.universalis.fr/encyclopedie/christian-dotremont/>>. Acesso em 12 de maio. 2017.

<sup>27</sup> Primeiro livro de Emmanuel Bove, publicado em 1924.

Michel Butor<sup>28</sup>, por exemplo, tentou convencer seu editor, o eminente Gaston Gallimard, da importância de reeditar os livros de Bove, mas em vão (COUSSE; BITTON, p. 243). Foi apenas em 1972 que começou a ser posta em prática a reedição, quando Yves Rivière, um editor do ramo dos livros de arte, conseguiu convencer Louise Bove a ceder a ele os direitos de publicação. Assim, em 1974, Rivière publicou três novelas em edição de luxo, ilustradas por artistas que apreciavam o escritor<sup>29</sup>. Três anos mais tarde, a editora Flammarion recolocou no mercado, agora em tiragem mais significativa, os dois primeiros livros de Emmanuel, *Meus amigos* e *Armand*.

Se essa reedição teve uma repercussão contida, para alguns, como de costume, ela propiciou um novo e impetuoso vínculo. Paul Morelle, do jornal *Le monde*, testemunhou dessa sensação em um artigo publicado no dia 3 de dezembro de 1977 que levava o título *Você já leu Emmanuel Bove?:*

Acaba de se produzir um fenômeno como existem poucos na história literária moderna. Um escritor, não somente esquecido, mas ignorado, reaparece subitamente como uma planta que acreditávamos enterrada, amortalhada sob as lavras frescas, de repente ela ressurgue entre duas pedras, tenaz, vivaz pela eternidade. E isto pela graça de alguns leitores indefectíveis. [...] Leia uma página de Emmanuel Bove, não importa qual, ao acaso, a primeira se assim quiser e vai entender esse apego. (COUSSE; BITTON, p. 246)

A metáfora escolhida pelo jornalista é bastante feliz, sublinhando a força imanente da literatura de Bove para em seguida saudar a obstinação dos leitores que impulsionaram seu retorno à luz. Nesse sentido, seria impossível deixar de mencionar a valiosa contribuição de Peter Handke<sup>30</sup>, que a partir de 1982 traduziu três livros do escritor para o alemão<sup>31</sup>, encadeando uma onda de interesse, novas traduções e críticas elogiosas do outro lado do Reno. Em uma carta enviada a Nora de Meyenbourg, filha de Emmanuel, Handke a deixava a par do sucesso que a publicação de *Mes amis* obtivera nos países de língua alemã, onde Bove fora comparado a Tchecov e chamado de “grande escritor”. Mais à frente, pedia a ela informações visando compor um posfácio para *Armand* e dizia: “Trabalhar sobre os livros do seu pai foi para mim mais do que um prazer. Foi uma alegria

---

<sup>28</sup> Michel Butor (1926-2016) foi um poeta, romancista, ensaísta, professor, tradutor e crítico de arte francês, famoso pelo romance *La modification*, um dos mais conhecidos do *Nouveau Roman*. Ver: ROUDAUT. Michel Butor (1926-2016). Encyclopædia Universalis. Disponível em: <<http://www.universalis.fr/encyclopedie/michel-butor/>>. Acesso em 12 de maio. 2017.

<sup>29</sup> Bram van Velde ilustrou *Le crime d'une nuit*, Roland Topor *Histoire d'un fou* e Jean Messagier *Un autre ami* (COUSSE; BITTON, p. 245).

<sup>30</sup> (1942-) Escritor, dramaturgo, tradutor, roteirista e diretor de cinema austríaco. Ver: HERVIER, Peter Handke (1942- ), Encyclopædia Universalis. Disponível em: <<http://www.universalis.fr/encyclopedie/peter-handke/>> Acesso em 12 de maio. 2017.

<sup>31</sup> *Mes amis*, *Armand* e *Bécon-les-Bruyères*.

profunda, e também o sentimento de um dever. Ao longo do tempo, eu gostaria de continuar docemente a “eternizar” o escritor Emmanuel Bove” (COUSSE; BITTON, p. 247-248).

Nessas três frases relativamente curtas, Handke conseguiu condensar sensações que certamente não foi o único nem o primeiro a sentir. Pois é fato – e a espécie de compilação que aqui faço poderia se estender longamente nesse sentido, que os textos de Bove têm o poder de enlaçar leitores, fazendo de maneira frequente com que eles se sintam impelidos a transmiti-los adiante e a perquirir a vida do autor, numa sorte de delírio empático. Em entrevista concedida à Jean-Luc Bitton, Handke revelou ter ficado “quase obcecado”, não apenas pelos livros, mas pela figura do escritor. “Eu estava obcecado pelo personagem, queria ir ver sua filha e até escrever uma ficção de alguém que procura, porque a gente sabe tão pouco sobre esse homem. Eu queria escrever a história de um homem que vai atrás dos rastros desse desaparecido” (COUSSE; BITTON, p. 246-247).

### **A fraternidade que não há**

Mas se essas manifestações citadas acima misturam-se à percepção de uma falha na difusão da obra e a um espanto diante da desapareição das pistas que levariam a um conhecimento mínimo do que foi a vida do autor – e assim representam bem esse momento de redescoberta, que para muitos foi uma descoberta, dos escritos de Bove ao longo das décadas de 1970 e 80 –, é preciso dizer que a forte impressão causada pela leitura não é inédita de maneira alguma. Muito menos a propensão a relatá-la em meio a considerações de ordem biográfica.

No dia 3 de julho de 1924, Sacha Guitry<sup>32</sup>, então no auge de sua fama e extremamente badalado pelo meio artístico parisiense, surpreendia os leitores de sua coluna sobre artes dramáticas no hebdomadário cultural *Candide*<sup>33</sup> ao abrir espaço dentro

---

<sup>32</sup> (1885-1957) Dramaturgo, ator, diretor, produtor e roteirista francês, nascido em São Petesburgo, na Rússia. Ele recebeu o título de Cavaleiro da Legião da Honra um ano antes. Ver: SIMSOLO, Sacha Guitry (1885-1957). Encyclopædia Universalis. Disponível em: <<http://www.universalis.fr/encyclopedie/sacha-guitry/>>. Acesso em 12 de maio. 2017.

<sup>33</sup> Criado naquele mesmo ano, *Candide* foi publicado até o início de 1944. Vinculado à editora Fayard, ele era impresso no grande formato dos jornais quotidianos e vinha ilustrado por numerosas fotos e caricaturas. A fórmula era inovadora e fez grande sucesso. Seus principais temas eram a política, a vida parisiense e a literatura. De orientação marcadamente direitista, amiúde próxima da *Action Française* de Charles Maurras, radicalizou-se ao longo dos anos 1930, manifestando reiteradamente posições anticomunistas, antisemitas e antidemocráticas. Suas tiragens foram de 80 mil a quase 400 mil nas vésperas da Segunda Guerra. Durante a ocupação alemã, a publicação deixou a capital para situar-se em Clermont-Ferrand. Seguindo a linha ultranacionalista e xenofóbica que defendera desde 1934, apoiou firmemente o regime de Vichy,

dela para falar de um pequeno livro publicado naquela semana. Após um primeiro parágrafo em que tratava da temporada teatral, ele preparava o segundo inserindo uma quebra e adicionando o singelo título “Outra coisa”:

Percebo que meu artigo está curto e fico encantado, pois assim poderei lhes falar de outra coisa, uma coisa que não é decerto da minha alçada e que aqui não estará no lugar adequado, mas quem cogitaria contestar meu direito de tentar trazer prazer aos senhores? Não sei se lhes acontece com frequência de abrir um livro saído na véspera, chegado pelo correio e de autor cujo nome lhes é absolutamente desconhecido e exclamar a si mesmos na terceira linha: “Veja, aí está alguém!”. Comigo não aconteceu muitas vezes. Aconteceu essa semana ao abrir *Meus amigos*, de Emmanuel Bove. Na vigésima página, meu arrebatamento era tal que prometi a mim mesmo que lhes falaria a respeito hoje. Cumpro minha promessa. Esse livro é delicioso, emocionante, engraçado, original – e é natural, o que parece ser sua mais bela qualidade. O autor, disseram-me, tem 25 anos e esse é seu primeiro livro. De resto, só me disseram que esse livro é a sua história. Se assim o for, vocês entenderão ao lê-lo o motivo pelo qual, ao aconselhar que o comprem, também peço aos senhores que indiquem *Meus amigos* ao conhecidos ao invés de emprestá-lo. (COUSSE; BITTON, p. 95)

Com a publicação desse artigo, Bove, que fazia sua estreia literária, passou a suscitar a atenção do meio literário francês, que ocupava então um lugar proeminente, em franca expansão, na cultura nacional e mesmo internacional<sup>34</sup>. Mas nesse meio seletivo e cheio de restrições ele emergia como figura atípica, o que se nota sem dificuldade nessa breve apresentação de Guitry. É como se este não conseguisse se contentar em apenas indicar o “delicioso” livro e precisasse sinalizar que as razões de seu “arrebatamento” não vinham apenas do gozo estético proporcionado por uma escrita “original”, mas talvez – como ele próprio indica, principalmente de uma certa “naturalidade” cuja percepção, arrisco dizer, está estreitamente ligada à identificação do autor com o protagonista.

Ora, ao equipará-los de maneira abrupta, o colunista também elege como traço fundamental da comparação a insuficiência monetária. Assumindo atitude benevolente, mas distanciada, na qual não seria absurdo ver uma pitada de sarcasmo, passa a sensação de querer deixar seus leitores de sobreaviso: livro excelente... autor miserável relata sua vida de miserável.

---

distanciando-se, contudo, da política declaradamente colaboracionista que caracterizava a extrema-direita parisiense. O fim de sua existência veio com a proibição imposta na “Liberação”, motivada pelo comprometimento de *Candide* com Vichy. Vale ressaltar, no entanto, que sua página literária era respeitada em círculos mais diversos e seus colaboradores não se restringiam à orientação política adotada pelo jornal. (ALBERT, 1972)

<sup>34</sup> Ver, por exemplo, a pesquisa sociológica de Thumerel (2002) sobre o campo literário francês no Século XX, bem como o trabalho histórico de Cerisier (2009) sobre a *Nouvelle Revue Française* e o influente grupo que gravitava em torno dela.

Quanto à penúria do personagem central, nada que não se pudesse constatar desde as primeiras palavras do livro:

Quando acordo, minha boca está aberta. Meus dentes estão sujos: escová-los à noite seria melhor, mas não tenho nunca essa coragem. Lágrimas secaram nos cantos de minhas pálpebras. Meus ombros não me doem mais. Cabelos teimosos cobrem minha testa. Com os dedos abertos, joga-os para trás. É inútil: como as páginas de um livro novo, eles se levantam e de novo caem sobre meus olhos.

Ao baixar a cabeça, sinto a barba que cresceu: ela pinica meu pescoço.

Com a nuca aquecida, permaneço de barriga para cima, olhos abertos, os lençóis até o queixo para que a cama não esfrie. [...]

É só chover que o quarto fica frio. Dir-se-ia que ninguém dormiu ali dentro. A água, que corre pelos azulejos, carcome o betume e forma uma poça, no chão.

Quando o sol, solitário no céu, flameja, ele projeta sua luz dourada no meio do cômodo. Então moscas traçam no assoalho mil linhas retas.

Toda manhã, minha vizinha canta sem palavras arrastando os móveis. A parede amortece a voz dela. Eu me sinto como se estivesse atrás de um fonógrafo.

Muitas vezes a cruzo na escada. Ela mexe com laticínios. Às nove horas, vem fazer a arrumação. Gotas de leite mancham o feltro de suas pantufas.

Gosto de mulheres de pantufas: as pernas não ficam parecendo interdidas.

No verão, dá para ver suas tetas e as ombreiras da camisa, debaixo do corpete.

Eu disse a ela que a amava. Ela deu risada, sem dúvida porque sou pobre e tenho mau aspecto. Ela gosta mais dos homens que usam uniforme. Foi vista com a mão debaixo do cinturão branco de um guarda republicano.

Noutro quarto há um velho. Ele está com alguma doença grave: tosse. Sua bengala tem um pedaço de borracha bem na ponta. As omoplatas formam duas corcovas nas costas dele. Uma veia saltada percorre sua têmpora, entre a pele e o osso. O paletó já não lhe toca os quadris: balouça como se os bolsos nada tivessem. Esse pobre homem monta os degraus um por um sem jamais soltar o corrimão. Do momento em que o avisto, inspiro o máximo de ar possível a fim de ultrapassá-lo sem precisar retomar o fôlego.

Sua filha o visita aos domingos. É elegante. O forro de seu casaco parece a plumagem de um papagaio. É tão bonito que me pergunto se esse casaco não está do avesso. Quanto ao chapéu, ele vale bastante uma vez que para ele, quando chove, ela pega um táxi. Essa madame cheira a perfume, perfume do bom, não aquele dos tubos de vidro.

Os locatários lá do predinho a detestam. Dizem que ao invés de levar um vidão, ela faria melhor se tirasse o pai da miséria.

A família Lecoin também mora no andar. De manhã ouço sempre o despertador do relógio deles.

O marido não gosta de mim. Sou, no entanto, educado com ele. É porque levanto tarde que ele se irrita.

Com as roupas do trabalho debaixo do braço, chega de volta toda noite, lá pelas sete, fumando um cigarro de fumo inglês – o que faz com que digam que os operários vão bem de vida.

É grande e musculoso. Para ter uma ideia de sua força, basta um aperto de mãos. No ano passado, desceu um baú de metal de uma senhora lá do terceiro, com muito esforço, é verdade, já que a tampa não fechava.

Quando uma pessoa lhe fala, ele fica encarando, pois imagina que quer zombar dele. Ao menor sorriso, ele diz:

- Sabe... quatro anos de guerra... eu. Os alemães não me pegaram... Não vai ser você, hoje, que vai me pegar...

Um dia, passando perto de mim, murmurou: “vagabundo!”. Empalideci e não soube o que responder. O medo de ter um inimigo impediu-me de dormir durante uma semana. Imaginava que tentava me bater, que me malqueria mortalmente.

Contudo, se o sr. Lecoin soubesse como gosto dos trabalhadores, como a vida deles me dá pena. Se soubesse o que minha pequena independência me custa de privações.

Ele tem duas filhas em que bate só com a mão, para o bem delas. Elas têm tendões atrás dos joelhos. Um elástico segura seus chapéus.

Gosto de crianças. Assim, quando encontro essas garotinhas, dirijo-lhes a palavra. Então andam para trás e, de repente, fogem sem responder<sup>35</sup>. (BOVE, 2006, p. 17-19)

Assim se inicia *Meus amigos*. E nesse princípio já se pressente o quanto de ironia carrega o título. Pois ao longo do livro as pessoas com quem o protagonista, Victor Bâton, que nos narra em primeira pessoa, cruzará não se mostrarão mais amigáveis que essas meninas fujonas ou o marido Lecoin. De uma maneira ou de outra, elas sempre lhe darão as costas.

Por outro lado, em nenhum momento é oferecida ao leitor qualquer chance de recuo. Já estamos ali de partida, instaurados no quarto de alguém que acorda em situação nada confortável, bastante precária, aliás. É alguém que vive só, e que nos fala de um acordar específico, o seu, mas de forma genérica, pois se trata de algo que se repete pelo menos há algum tempo e que, como veremos, tende a repetir-se incessantemente. Nessa breve narração inicial, há diversas indicações de duração dessa condição precária que se dá a ver desde o despertar.

E se aquele que narra leva vida de solitário em seu quarto, logo percebemos que esse isolamento tem a exata proporção de sua atração pelos outros. Acontece, no entanto, que para acedê-los seria preciso uma abertura. Ora, a primeira pessoa mencionada por Bâton exerce sobre ele forte sedução, mas entre um e outro há uma parede. A liberdade sugerida pelas pantufas à sua mente sequiosa de prazer não são mais que ilusão, pois tais pernas não lhe pertencem. O riso da vizinha é o empurrão que lhe faz de novo cair em si e raciocinar: se ela não me quer é “porque sou pobre e tenho mau aspecto”.

---

<sup>35</sup> Embora haja uma tradução de *Mes amis* para o português, realizada por Maria Lúcia Machado e publicada em 1987 pela Cia. das Letras, preferi traduzir eu mesmo os trechos do livro aqui citados. Portanto, as referências indicam a paginação da publicação em francês pela Flammarion.

Como saberemos mais adiante, Bâton lutou a Primeira Guerra Mundial e de lá saiu ferido, com a mão mutilada. É daí que vem a pensão que recebe e que lhe permite acordar tarde, levando uma vida de “vagabundo”, nos dizeres do sr. Lecoin. Sua existência debaixo de um uniforme encerrou-se portanto no inferno de uma trincheira, anos atrás. Mas desse passado ele nada nos conta, preferindo – ou talvez não se trate de preferência – falar do presente, de onde constata que suas roupas gastas não lhe proporcionam as mesmas recompensas que encontram os homens de farda.

Homens esses que o autor, Bove, conhecia muito bem. Pois em meados de julho de 1917 ficou retido por aproximadamente um mês na *Prison de la Santé*<sup>36</sup>. Essa detenção, pelo que se sabe, foi completamente injusta, uma vez que ele não cometera crime algum. Mas com a atmosfera de desconfiança e a repressão que pesava sobre os estrangeiros em tempos de guerra, alguém chamado Bobovnikov, e que ainda por cima não tinha como comprovar um emprego fixo, certamente não estava seguro. Sim, já estava na hora de dizer, Emmanuel Bove é um nome inventado por ele mesmo, não um nome de batismo. Assim sendo, na carteira de identidade que Emmanuel estendeu, muito provavelmente, ao policial constava o nome Emmanuel Bobovnikoff<sup>37</sup>.

Nome este que era o mesmo de seu falecido pai, nascido em 1868 no gueto judeu de Kiev, então território russo. Nessa zona de forte concentração populacional judaica, o antissemitismo vinha de longa data, sendo praticado de maneira sistemática por amplas parcelas da maioria cristã e pelas forças estatais. Mas foi com o assassinato do czar Alexandre II, em 1881, e a enorme agitação social que se seguiu a este fato que a situação dos judeus se tornou insustentável. Em um clima de intransigentes disputas, ódio e nacionalismo exacerbado, foram escolhidos como bode expiatório de um crime que não haviam cometido, sofrendo uma série de ataques de violência incomensurável por parte do restante da população, incluindo linchamentos, destruições de casas, homicídios e estupros. Isso tudo com a anuência das autoridades e o apoio da imprensa. Como resultado dessa onda de *pogroms*<sup>38</sup>, iniciou-se um movimento emigratório massivo dos

---

<sup>36</sup> Os biógrafos de Bove não conseguiram estabelecer a data com precisão, pois alguns fatos reportados pelas testemunhas entrevistadas são inexatos na cronologia (COUSSE; BITTON, p. 78-79). Situada no bairro de Montparnasse, a *La Santé* é uma das mais famosas prisões parisienses e ocupa um espaço importante no imaginário popular francês.

<sup>37</sup> Coloco aqui a grafia do russo tal como é praticada na França: Bobovnikoff, ao invés de Bobovnikov, como grafáramos este nome de acordo com a convenção adotada no Brasil.

<sup>38</sup> Termo derivado do idioma russo que designa esse tipo de ataque massivo a minorias, frequentemente utilizado para descrever o contexto acima descrito. Ver: KLIER&LAMBROZA. *Pogroms: anti-Jewish violence in modern Russian history*, New York: Cambridge University Press, 1995.

sobreviventes, tendo os Estados Unidos como principal destino, mas também a Europa ocidental.

O pai de Bove, ao que parece, adentrou a França no início de 1897, após ter atravessado a Alemanha a pé. Como tantos outros judeus que tinham o ídiche como língua materna, chegou falando alemão impecável. Isto foi algo que ele soube fazer valer ao longo da vida, dando aulas esporádicas do idioma aos interessados, assim como, por obra da Exposição Universal de 1900, escreveu e vendeu aos russos um livro com dicas de francês, língua que, entretanto, ele estava longe de dominar. Segundo os relatos colhidos pelos biógrafos de Bove, seu pai se apresentava ora como professor, ora como estudante, ora como homem de letras, gráfico ou até editor. Em seus documentos, contudo, constam apenas os termos: “sem profissão”. Próximo, nesse sentido, de muitos personagens inventados por seu filho, ele se mantinha com base em pequenos acordos, serviços que fazia, empréstimos que pegava e jamais devolvia (COUSSE; BITTON, p. 25-26).

Também a mãe de Bove era estrangeira, do Grão-Ducado do Luxemburgo, onde nascera no ano de 1874 em um povoado próximo à capital. Filha de um fazendeiro que perdera tudo, inclusive a vida, através do vício do álcool, Henriette Michels cresceu ao lado de numerosos irmãos e irmãs que a maltratavam. Antes mesmo de fazer dezessete anos, chegou a Paris à procura de emprego e lhe foi necessário concorrer com uma quantidade exorbitante de moças do campo que aspiravam igualmente a uma vaga de empregada doméstica. Trabalhou quase como uma escrava para uma patroa mesquinha antes de encontrar serviços do mesmo gênero em Orleans e Marselha (COUSSE; BITTON, p. 22-25).

De volta a Paris, em 1987 e aos 22 anos, ela foi morar no mesmo andar em que se instalara E. Bobovnikov, recém-chegado da Alemanha. Segundo o relato de Léon, irmão caçula de Bove – que colheu as memórias de Henriette ao longo dos anos 1930 e arranjou-as em um caderno<sup>39</sup> –, sua mãe, “ingênua e ignorante”, acabou cedendo às insistentes aproximações do russo e ficou grávida (COUSSE; BITTON, p. 31). Pelos sete meses seguintes, ela seguiu trabalhando exaustivamente, até que, dois meses antes do parto, Bobovnikov a internou em uma casa de apoio para “mães garotas”. Poucos dias após, ela saiu de lá por sua própria vontade. O casal foi então morar junto em um prédio situado diante do cemitério de Montparnasse.

---

<sup>39</sup> Caderno este que constitui a principal fonte de informações sobre ela (COUSSE; BITTON, p. 22).

No dia 20 de abril de 1898, nascia o futuro escritor, que não pôde ser amamentado pela mãe por causa de um abscesso no seio esquerdo. O pai foi então buscar uma camponesa de Palaiseau<sup>40</sup>, que levou consigo o pequeno Emmanuel e serviu-lhe de ama-de-leite. A mãe do bebê, por sua vez, mal fora curada e já retornava à labuta. Nesse período que se seguiu ao parto, ela chegou a deixar o marido, acumulando empregos em diferentes lugares, até voltar extenuada do verão na Bretanha, onde trabalhara durante dois meses seguidos num porão húmido para os patrões em viagem.

Ao que se sabe, foi apenas na segunda metade de 1899, ou seja, mais de um ano após o nascimento do bebê, que ele foi reavido pelos pais – que então voltavam a morar juntos num modesto quarto parisiense. Isto porque eles não mais tinham dinheiro o bastante para continuar pagando a ama-de-leite de Palaiseau. Nos meses seguintes, entretanto, fruto da necessidade, a criança mamou ainda nos seios de cinco ou seis outras mulheres, a quem seus pais ficaram devendo sempre alguma quantia, dando um calote a cada troca (COUSSE; BITTON, p. 32-33).

Tal prática era a mesma que o pai de Bove utilizava para alugar os inúmeros locais em que moraram. Como nunca dispôs de emprego fixo e dinheiro em sua mão era vendaval, ele apostava muito na aparência para inspirar credibilidade aos proprietários, procurando mantê-la no melhor estado possível, sobretudo no dia de abrir um contrato. O locador, no entanto, logo percebia que os atrasos sucessivos no pagamento significavam que os inquilinos jamais teriam o dinheiro necessário para lhe quitar. Com o pai quase sempre ausente, por diversas vezes Henriette viu-se só com as duas crianças na rua<sup>41</sup>, os parques pertences às mãos, buscando desesperadamente um lugar para dormir (COUSSE; BITTON, 1994, p. 46-47).

Essa ausência paterna agravou-se bastante cedo, pois Bove sequer completara dois anos quando seu pai começou a relacionar-se com Emily Overweg, uma rica inglesa que vivia como pintora no bairro de Montparnasse, onde possuía um amplo apartamento. Desde então, ele passou mais tempo com ela do que com a mãe de seus filhos, mas jamais se casou formalmente com nenhuma delas. Vinha de Emily o dinheiro que ele levava de tempos em tempos a Henriette para suprir as necessidades dela e das crianças. Mas esse

---

<sup>40</sup> Hoje uma pequena cidade, na época um vilarejo próximo de Paris.

<sup>41</sup> Léon, o irmão de Bove, nasceu em 1902.

dinheiro nunca chegava regularmente e jamais era suficiente para garantir verdadeiro conforto.

Muito pelo contrário. Até os doze anos de idade, Emmanuel viveu uma vida de extrema penúria na companhia da mãe e do irmão, muitas vezes passando fome, precisando trocar de teto a todo momento, numa média de mais de um por ano. Ele teve escolaridade intermitente, pois por uma espécie de capricho do pai – ou, como interpreta Raymond Cousse, por uma marcada rejeição à situação de pobreza tradicionalmente assentada na qual este nascera e desejava escapular-se–, foi colocado apenas em escolas pagas e de boa reputação, das quais era excluído assim que faltavam as mensalidades<sup>42</sup>. Vez ou outra, era levado pelo pai para a casa de Emily, que tinha por ele bastante afeição.

É de se imaginar o efeito perturbador dessa existência dividida entre meios sociais tão díspares, oscilando entre pensões pulguentas sem aconchego nem privacidade e os amplos apartamentos de Emily em Paris e Menton, na Côte d'Azur, ou mesmo entre as ruas dos subúrbios em que morava e os colégios que frequentava ao lado de crianças bem vestidas e alimentadas. Para piorar, as frequentes disputas entre os adultos que o rodeavam, em torno de dinheiro e de promessas não cumpridas, deixavam os ambientes carregados de tensão, raiva e rancor.

Em muitos aspectos, a ida de Bove para Menton, onde aos doze anos passou a morar junto ao pai e a inglesa, certamente representou para ele um alívio. Principalmente por afastá-lo das privações mais elementares, como casa e comida, mas, talvez, sobretudo, por alijá-lo de uma contiguidade asfixiante em relação às preocupações da mãe. Além disso, tal mudança engendrou uma grande reviravolta em sua educação, permitindo-lhe assimilar alguns costumes burgueses e incorporá-los – ou não – de maneira mais gradual. Dentre estes, o gosto pela literatura. Segundo relatos, foi por volta dessa época que ele começou a nutrir desejos de se tornar escritor (COUSSE; BITTON, 1994, p. 54).

Contudo, seria impossível imaginar que a adolescência de Bove possa ter transcorrido numa tranquilidade contínua. Primeiramente apartado da mãe, com quem só voltou a habitar realmente depois de seis anos, e em seguida do irmão – Léon ficou um ano em Menton e depois foi recuperado por Henriette, com quem morou até que ela morresse, vinte e seis anos depois –, ele jamais foi tratado por Emily como um filho,

---

<sup>42</sup> Além disso, ele foi expulso de alguns estabelecimentos escolares por motivos hoje imprecisos. Ao que tudo indica, ele não era considerado um bom aluno.

embora ela gostasse bastante dele, e a relação com seu pai se manteve sempre distante. Ademais, ele não pôde gozar duravelmente de um domicílio fixo – ausência que, como veremos, foi uma constante em sua vida – tendo sido enviado por alguns períodos em internatos na Suíça, feito estadas repentinas com Henriette a mando do pai, e, em 1915, passado quase um ano na Inglaterra, onde, pelo pouco que se sabe, nada deu muito certo para ele: expulsões de dois estabelecimentos escolares; recebimento da notícia da morte do pai por tuberculose.

Em abril de 1916, Bove voltou à França sem nenhum dinheiro no bolso e sem poder recorrer a Emily, cuja fortuna encontrava-se bloqueada na Inglaterra desde o início da Primeira Guerra Mundial<sup>43</sup>. Ele acumulou então uma série de curtas experiências de emprego: em fábricas de bebidas e de alimentos, na linha de montagem da Renault (onde entrava às 4h), como carregador de batatas nos *Halles* de Paris e como condutor de bonde. Certa feita, Bove teria dito a Léon que, com esses trabalhos, tencionava obter material para os livros que escreveria. Porém, certamente também se tratava, e muito antes, de lutar pela própria sobrevivência. Pois ele então vivia “o período mais miserável de sua existência” (COUSSE; BITTON, 1994, p. 73). Léon conta que, ao voltar com Henriette de Lausanne, em agosto de 1916, encontrou Emmanuel completamente desprotegido, em um hotel do mais baixo nível, comendo por 20 centavos de franco e, na falta de sapatos, vestindo trapos em torno dos pés.

Pouco meses depois, Bove foi procurar Emily em Menton. Não se sabe exatamente o que então ocorreu, mas o fato é que houve uma ruptura entre os dois, imagina-se que por algum comportamento indevido do enteado, talvez um furto (COUSSE; BITTON, 1994, p. 74-75). Provavelmente, pondera Cousse, a madrasta, apartada de sua herança e precisando trabalhar para sustentar a si e ao filho Victor<sup>44</sup>, sem falar das quantias que ainda enviava a Henriette e a Léon quando estes vinham lhe demandar, tampouco estava muito animada a manter como dependente um jovem aparentemente pouco inclinado a trabalhar.

Ao deixar Menton, Bove dirigiu-se a Marselha, onde permaneceu por três meses em condições similares às que tivera em Paris após o retorno da Inglaterra. Não dispondo de dinheiro para comprar a passagem de trem, precisou esconder-se em um trem de

---

<sup>43</sup> Quantia que ela jamais pôde recuperar, pois com o fim Guerra houve uma brutal desvalorização da moeda (COUSSE; BITTON, 1994, p. 85-86).

<sup>44</sup> Meio-irmão de Emmanuel que nascera em 1906.

soldados em licença para regressar à capital. Ao chegar por lá, teve de ir a Versalhes, onde Léon e sua mãe agora habitavam e onde encontrou uma vaga no hotel *Suisse* como porteiro. Foi nessa época que ele foi preso.

No dia 20 de abril de 1918, em que completava vinte anos, Emmanuel respondeu ao chamado de sua categoria e incorporou-se ao exército francês. Em Guingamp, na Bretanha, seguiu a preparação para ir ao front até novembro. Porém, quando o regimento estava em vias de entrar na batalha, houve a assinatura do armistício. Por muito pouco, portanto, ele se safou de integrar o núcleo da catástrofe que marcou sua geração. Mesmo assim, como era então a regra, ele teve de cumprir três anos de serviço militar (COUSSE; BITTON p. 79).

Foi nessa época que conheceu Suzanne Vallois, sua primeira esposa, filha de pequenos proprietários do campo de um vilarejo próximo a Épernay. Quando ela lhes contou que iria se casar com um homem chamado Bobovnikov, cujos pais ninguém conhecia, que não tinha dinheiro e planejava ser escritor, a relação se rompeu entre eles. Em abril de 1921, quando Emmanuel foi enfim desmobilizado, o novo casal mudou-se para Paris, onde se instalou em um apartamento na rua do *Château d'eau*. Após um curto período, entre maio e junho daquele ano, em que esteve de novo no exército<sup>45</sup>, ele retornou para junto de Suzanne, trabalhando na capital como inspetor de seguros e, em seguida, como corretor publicitário. Eles se casaram oficialmente no dia 6 de setembro com a presença de Léon e Henriette e, ao que parece, sem festa nem grandes efusões (COUSSE; BITTON, p. 82-85).

Pouco tempo depois, ainda antes do fim do ano, o casal mudou-se para Tulln, uma pequena cidade austríaca à beira do rio Danúbio e próxima de Viena. Segundo Léon, essa estadia, que durou quase dois anos, era fruto do desejo obsessivo de seu irmão em tornar-se escritor e cuja realização demandava tempo, tranquilidade e certa folga financeira. Bove fizera o cálculo de que, com a assombrosa desvalorização da moeda austríaca decorrente da guerra, os francos possuídos por Suzanne bastariam para mantê-los enquanto escrevia.

Ora, se tal prognóstico revelou-se desastroso no que se refere ao bem-estar dos recém-casados, que passaram fome nesse período, o proveito artístico da experiência provou-se logo inestimável. Em outubro de 1922, Emmanuel voltou ansioso e sozinho a

---

<sup>45</sup> Pois fora convocado para a ocupação do Vale do Ruhr.

Paris com alguns manuscritos de novelas, decidido a tentar publicá-las. Incentivado por Stanislas Fumet<sup>46</sup>, a quem dera a ler os seus textos, enviou ao jornal *Le Matin* a novela *Le crime d'une nuit*, rebatizada de *Nuit de Noël* visando encaixá-la como conto de natal. Considerada excessivamente longa para ser publicada como um conto, ela foi recusada. Contudo, a então “diretora de contos” do diário, a escritora Colette<sup>47</sup>, interessou-se pelo anônimo postulante e o convidou a entregar um livro para a coleção que ela organizava na editora *Ferenczi* (COUSSE; BITTON, p. 85-89).

Ele então se encerrou no quarto de hotel que alugara e botou-se a escrever. Lá ele recebeu Suzanne, que voltava da Áustria em março de 1923 trazendo Nora, filha deles que nascera em maio do ano anterior. Em busca de sustento, Emmanuel começou a trabalhar como jornalista para o recém-criado jornal *Quotidien*, que se definia como radical-socialista, fazendo reportagens de assuntos variados. Alguns meses depois, com o mesmo intuito, ele começou a escrever uma série de “contos populares”, sob o pseudônimo de Emmanuel Valois, para a coleção *Le petit livre*, da editora *Ferenczi*, a mesma que estava prestes a publicar o primeiro livro assinado com o nome Emmanuel Bove.

Para estrear na literatura, lançar-se no meio, aparecer nos jornais, Emmanuel escolheu, portanto, abandonar o sobrenome que carregara até então como um fardo. Um nome estranho, estrangeiro, inaturável para os sogros, inquietante para o Estado: a marginalidade carimbada na carteira de identidade.

Mas eis que, com a publicação de *Meus amigos*, parte da crítica instaurou uma espécie de equivalência entre autor e narrador-protagonista, de modo que a figura de Bove, tão logo imersa da sombra, foi tomada como uma espécie de decalque de Victor Bâton. Tal procedimento pode ser notado desde a leitura da primeira crítica elogiosa que

---

<sup>46</sup> (1896-1983) Ensaísta, poeta, editor e crítico de arte francês ligado ao catolicismo social. Teve papel importante na apreciação e na difusão de diversas obras e artistas ao longo do Século XX. Ver: HOURDIN, Stanislas Fumet (1896-1983), *Encyclopædia Universalis*. Disponível em: <http://www.universalis.fr/encyclopedie/stanislas-fumet/>. Acesso em 12 de maio. 2017.

<sup>47</sup> (1873-1954) Romancista, jornalista e atriz francesa; membra da *Académie Goncourt* a partir de 1945 e primeira a presidir-la, entre 1949 e 1954. FORESTIER, Colette (1873-1954). *Encyclopædia Universalis*. Disponível em: <http://www.universalis.fr/encyclopedie/colette/>. Acesso em 12 de maio. 2017.

recebeu o livro, no artigo de Edmond Jaloux<sup>48</sup> para o *Les Nouvelles littéraires*<sup>49</sup> do dia 28 de junho de 1924:

É preciso ler o pequeno livro do Senhor Emmanuel Bove. Ele é charmoso. Charmoso e divertido. Tem muita graça e juventude. É uma série de retratos de pessoas humildes e verdadeiras, e sobretudo um longo retrato do autor – ou do narrador – que conta a si mesmo sem muita retenção. [...] *Meus amigos* é a confissão de um homem sensível e pobre. Ele tenta agarrar-se a outros seres, e acaba sempre sozinho. Nada de acontecimentos, nada de romanesco, nada senão encontros cotidianos, dilacerantes e miseráveis. Uma fantasia ingênua e melancólica, um acento de verdade que vai até o cômico, um frêmito doloroso acompanha a todo tempo essa simples história. Emmanuel Bove tem um humor muito pessoal, feito de um excesso de lógica na candura, que me agradou bastante. *Meus amigos* revela uma personalidade verdadeira. (COUSSE; BITTON, p. 93)

Nessas apreciações de Jaloux já é possível entrever alguns contornos da recepção que a obra de Bove teve na sequência. O charme e a originalidade apontados por aqueles que a saudaram são amiúde relacionados a uma suposta sinceridade do autor, que contaria de maneira veraz suas próprias vivências de homem pobre e simplório. Em um meio que tendia a valorizar acima de tudo o caráter único, singular, de uma escrita, que exigia dela propriedades inigualáveis, mas que permanecia profundamente limitado na composição de seus membros, Bove tinha, portanto, um trunfo: a cândida exposição de uma miséria ali exótica.

A bem dizer, essa equiparação tantas vezes reiterada entre Bove e Bâton talvez seja uma espécie de sintoma, uma reação à exígua distância oferecida ao leitor em relação ao pobre e à pobreza apresentados na obra. Em nenhum momento, as palavras utilizadas promovem um afastamento das sensações de expectativa, desilusão, solidão e angústia experimentadas sucessivamente e, de certa forma, também ciclicamente pelo protagonista. Ao contrário, acompanhamos suas deambulações e tentativas malogradas de aproximar-se afetivamente dos outros assaz de perto, até “de dentro”. Nada de sobrevôo, nada de respiro: contiguidade. Uma vizinhança que parece prescrever a empatia e atravancar a repetição de um desdém protetor cuja amplidão encontra-se exposta pelo próprio texto.

“A existência é tão triste quando se está só e se fala apenas com pessoas que lhe são indiferentes” (BOVE, 2006, p. 41). De formulações como esta emana um ar de sinceridade, de transparência na fragilidade que, quando contrastado com a atitude fria e

<sup>48</sup> (1878-1949) Escritor e crítico literário francês; ganhador do Prêmio Femina com o romance *Le reste est silence* (1909); eleito para a cadeira 33 da *Académie française* em 1936.

<sup>49</sup> Jornal literário criado em 1922 pela *Larousse*, então dirigido por Maurice Martin du Gard.

insensível daqueles a quem Bâton devota sua atenção e expectativa, tem a capacidade de produzir esse efeito de identificação empática. E se para ele permanece oculta a razão dos incessantes reveses amicais e amorosos que acumula, para o leitor ela vai aos poucos se tornando clara: aquilo que aparece a ele como indiferença dos demais, é, na verdade, algo mais próximo do asco ou da repulsa, típicos do caráter *blasé* do habitante da grande cidade de que fala Georg Simmel<sup>50</sup> (2005, p. 583)

Ora, se esse “fenômeno anímico” está ligado às aglomerações urbanas mais vultuosas de maneira tão indissociável, isto tem a ver com o fato de que nelas a quantidade de estímulos e de novas situações excede a capacidade humana de reagir com “uma energia que lhes seja adequada” (SIMMEL, 2005, p. 581). Mesmo que tentasse, um habitante de uma cidade como Paris não conseguiria suportar ser afetado por todos aqueles e tudo aquilo que lhe cruza, de modo que a adoção de uma atitude reservada é, neste caso, uma adaptação. Essa padronização das reações em afastamento vai de par com a preponderância das relações monetárias, a apagar as especificidades, a submeter tudo ao quantificável, numa só e mesma escala (SIMMEL, 2005, p. 582). Nesse contexto, a objetividade, a pontualidade, o cálculo e a exatidão submetem todas sensibilidades ao seu ritmo, e não deixam tempo para que, em um face-à-face, possa-se saber muito bem quem é quem.

- Ei... lá... homem!

Virando-me, vi, a vinte metros, um senhor que devia estar dentro de uma corrente de ar: seu sobretudo flutuava como sobre o convés de um navio. Uma mala pendia na ponta de seu braço direito.

Sem saber se era a mim que se dirigia, fiquei esperando. Ele fez-me então um sinal com o indicador, como se apertasse um gatilho.

Olhei à minha volta, querendo assegurar-me de que não estava chamando algum outro e, como não vi ninguém, aproximei-me. [...]

Estava aborrecido, não porque me tomasse por um carregador, mas pelo fato de que perturbava minha amargura. Então agora falavam comigo! Eu era então como todo mundo. Por causa daquele homem não tinha mais o direito de me queixar.

- Pegue essa mala, meu bom homem.

Tinha a preguiça das pessoas que viajaram e que acham natural que a gente se precipite para elas, que se lhes abra passagem.

Eu hesitava a pegar a mala: uma jovem moça nos observava.

---

<sup>50</sup> “Decerto, se não me engano, o lado interior dessa reserva exterior não é apenas a indiferença, mas sim, de modo mais frequente do que somos capazes de perceber, uma leve aversão, uma estranheza e repulsa mútuas que, no momento de um contato próximo, causado por um motivo qualquer, poderia imediatamente rebentar em ódio e luta” (SIMMEL, 2005, p. 583).

Afinal, resignado, peguei a alça com minha mão válida e fui atrás do viajante. [...]

A todo momento eu parava para descansar e dar uma olhada em meus dedos esmagados.

O viajante, por sua vez, não parava nunca junto comigo. Ele continuava o caminho e me esperava mais adiante, para não ter de me dirigir a palavra.

Ao longo de todo caminho, olhei para baixo, pois estava com vergonha. A mala apoiada contra minha perna fazia descer minha calça.

Eu queria ter contado minha vida àquele homem: talvez tivesse se interessado por mim. Fazia tanto mais questão disso, quanto, se não o fizesse, teria ficado chateado comigo mesmo.

Certas horas, falar de meus sofrimentos era fácil, em outras, impossível, sobretudo quando me aprontava para contar.

Pois a cada vez que eu me preparava para falar aquele viajante procurava um objeto no bolso ou então olhava fixo alguma coisa. Não era preciso mais para me impedir. Tinha medo de incomodar um senhor assim tão importante. Sentia que, para escutar-me, era necessário que não tivesse mais nada a fazer.

Tão logo chegamos à calçada, um taxi veio estacionar diante de nós.

Abri a porta com a mesma dificuldade que a de um vagão: não sabia para que lado a maçaneta girava.

O chofer baixou a bandeira e nos examinou de cima a baixo, como um descabido.

Ele estava tão calmo que compreendi que os esforços que fazia para erguer a mala deviam parecer ridículos.

O senhor deu seu endereço bem alto, por causa do motor, depois, espalhando dinheiro na mão, escolheu uma moeda e estendeu-a a mim.

Senti que enrubesceria em poucos segundos. Menos por orgulho que para tornar-me interessante, recusei. Fiz até um gesto com a mão.

- O senhor não quer? – indagou o visitante, mudando de tom e me chamando de “senhor”.

Essa recusa, no entanto tão trivial, o emocionara.

O chofer, roxo como varizes, nos observava com as mãos no volante.

- Por que recusar? O senhor é pobre.

Nesse instante, deveria ter balbuciado qualquer coisa e escapulido. Mas permaneci, esperando não sei o quê.

- O senhor me interessa, meu bom homem...

O desconhecido sacou um cartão de visita e, apoiando-o contra o taxi, escreveu: “dez horas”.

- Tome... Venha ver-me amanhã de manhã.

Subiu no automóvel, que adernou como uma barca.

Imóvel, com o cartão na mão, não sabendo o que dizer e querendo falar, fiquei ali, na beira da calçada. [...] (BOVE, 2006, p. 84-86)

Essa cena abre uma das partes de *Meus amigos*, composto à maneira de um apanhado de pequenas novelas que têm como fio condutor a figura de Victor Bâton, que vagueia por uma Paris hostil na qual as pessoas parecem apenas interagir de maneira protocolar, normatizada e distante, exceto em espaços que não se deixam penetrar

facilmente por um qualquer. Uma atmosfera carregada de tensão, de energia repelente, protege tudo que é exclusivo, mas que desfila abertamente aos olhos de todos, de um lado a outro da “Cidade Luz”. Nesse centro cultural-econômico-administrativo do Ocidente capitalista, os transeuntes se solicitam, se contratam a toda hora. Mas apenas se abrem, se distendem, em pequenos círculos, em momentos restritos, oportunos.

Nesse dia, Bâton decidira ir à estação de trens conhecida como *Gare de Lyon*, de onde chegam e partem as linhas que conectam as regiões do sudeste francês à capital. O ritmo frenético da estação, seu fluxo incessante, apazigua sua ânsia por presença humana, sobretudo à noite, quando o resto da cidade já dormiu. Ali, ele pode “entrever um mundo” que desconhece, envolto por uma “atmosfera [...] mais sutil” (BOVE, 2006, p. 83). Liberadas de seus afazeres cotidianos, as pessoas agem de maneira mais espontânea, e Bâton aprecia essa transparência, esse passo em direção à intimidade que lhe deixam dar sem que nem percebam. Todavia, se esse vislumbrar acontece graças a uma espécie de inadvertência, uma supressão quase mágica de um muro em breves instantes de distração – revelando adeuses e reencontros, risadas e aflições –, Victor, por sua vez, quer sua emoção estalada no rosto.

Estava triste. E me esforçava em permanecer desse jeito. Queria que os viajantes tivessem um remorso ao partir, que pensassem em mim, rumando para outros países.

Andava de cabeça baixa e, quando encontrava uma mulher bonita, a olhava com melancolia, para tocá-la. Esperava que adivinhasse minha necessidade de amor. (BOVE, 2006, p. 84)

Mediante a exposição consciente de sua expressão sofredora, ele espera, portanto, tocar as pessoas, interessá-las em seu infortúnio. Causar-lhes culpa nem que seja, introduzir-se de alguma maneira em seu pensamento, impondo sua presença, seu rosto, sua singularidade. *Sua* necessidade de amor, e não uma outra, alheia, abstrata. *Seu* tormento, e não um tormento geral.

Mas em *Meus amigos*, e na obra de Bove como um todo, quanto mais alta a expectativa, maior o tombo. Assim, esse apelo ao olhar, que é também um clamor por consideração, permanece ecoando sem ser escutado. E a primeira pessoa que se dirige à Bâton poderia igualmente ter acionado algum outro: “Ei... lá... homem!”. Essa pessoa não se dá o trabalho de se apresentar, muito menos de saber quem está diante de si. Desejar bom dia, nem pensar. Ela quer apenas um serviço e se há alguém para vender esse serviço, ora, problema terminado. Não é preciso pedir nem agradecer. Não há obséquio, apenas um alinhamento de interesses.

Entretanto, ao contrário do que pensa o viajante esbaforido, o homem interpelado não está em busca de dinheiro. Não que isto ele tenha de sobra, mas a pensão que recebe basta para garantir sua sobrevivência. Aquilo que procura, justamente, nada tem a ver com necessidade material, mas com afeto, escuta, atenção. Ele quer falar, revelar sua ferida, contar suas penas, confessar solidão<sup>51</sup>. Vítima de uma catástrofe humana sem precedentes, da qual sua nação supostamente saíra vitoriosa graças à coragem, virilidade e devoção coletiva de seus homens, ele deseja passar adiante algo de sua condição sozinha e infeliz.

Ao mostrar-se desinteressado na moeda com que o viajante pretendia desde o início dispensá-lo, é como se lançasse um chamariz, tamanho o mistério que provoca em quem julgava saber todo o necessário sobre ele do momento em que o avistara. Inversamente, o convite que ele recebe é impossível de recusar: tem a aparência de uma cura<sup>52</sup>. No cartão, sobrenome com letras maiúsculas: “Jean-Pierre LACAZE”, e ocupação também em destaque: “*Industrial*”. Já Bâton, que não entregara cartão algum, fica se indagando a respeito de como apresentar-se.

Enquanto me aprontava, resumi os acontecimentos de minha vida que eram suscetíveis de interessá-lo, para dizer a ele.

Depois fiz a seleção. Por mais que se seja infeliz, pobre, só, sempre há coisas sobre as quais é melhor ficar quieto.

Tenho dois ternos: o que ponho todos os dias e um outro que tem a vantagem de ser preto. Hesitava em vestir este último; não sabia se o sr. Lacaze ia preferir que eu tivesse um ar pobre ou então que, para ele, tivesse me endomingado.

Decidi vestir o preto. Escovei as manchas depois de ter cuspidido na escova. Há muito tempo escovo essas manchas. À noite, elas sempre voltam.

Lavei os braços até os cotovelos para que não se notasse a sujeira de meu corpo. Dei uma molhada nos cabelos para que a risca se mantivesse. Pus uma camisa limpa, o único colarinho duro que possuo e que só tinha usado duas vezes e a gravata menos amarrotada pelos nós.

Saí. [...]

Depois de ter passado três ou quatro vezes diante da porta, entrei. O cartão de visita do sr. Lacaze estava em meu bolso. Encostava nele raramente, para não sujar. As marcas de dedo ficam tão feias encima de qualquer coisa branca. Gotas de suor frio caíam de minhas axilas, descendo por minhas costas.

---

<sup>51</sup> “A solidão me pesa. Gostaria de ter um amigo, um verdadeiro amigo, ou então uma amante a quem confiaria minhas penas. Quando se vagueia, um dia todo, sem falar, a gente se sente lasso, à noite, no quarto. Por um pouco de afeição, partilharia o que possuo: o dinheiro de minha pensão, minha cama. Seria tão delicado com a pessoa que me testemunhasse amizade. Não a contrariaria jamais. Todos os desejos dela seriam os meus. Eu a seguiria por toda parte, como um cachorro. Fizesse um gracejo, eu daria risada; a deixassem triste, eu choraria junto. Minha bondade não acaba. No entanto, as pessoas que conheci não souberam apreciá-la” (BOVE, 2006, p. 85).

<sup>52</sup> “Eu estava, então, a salvo, já que alguém se interessava por mim.” (BOVE, 2006, p. 86)

Através de uma porta de vidro, vi uma escada atapetada.

O zelador, parado no meio do pátio, olhava uma janela.

Fiquei chamando, ele se virou.

- O sr. Lacaze? – perguntei.

E para provar que conhecia o sr. Lacaze, estendi o cartão de visita. Estava orgulhoso, pois certamente o rico industrial não dava o seu cartão a *qualquer um*.

O zelador pegou o cartão. Um barrete rígido cobria-lhe a cabeça. Um espanador de penas pendia pelo cordão de seu avental.

- É você o senhor das dez horas?

- Sim, senhor.

- Pegue a escada de serviço, no fundo do pátio. É no segundo andar.

Como não me devolvia o cartão, eu pedi, pois fazia questão.

- Tome... pegue... aí está.

Ao cruzar o pátio, senti que me seguia com os olhos. Fiquei incomodado. Não gosto que me olhem pelas costas quando ando. Isso me faz andar mal. Fico pensando nas minhas mãos, nos meus calcanhares, no meu ombro muito alto.

Na escada de serviço, respirei melhor. [...]

Ao galgar os degraus, pensava no zelador. Não podia acreditar que o sr. Lacaze lhe tivesse falado a meu respeito. Esse zelador, certamente por ciúmes, me fizera subir pela escada de serviço. Ele tinha visto, com seu olho de criado, que eu era pobre. Se os criados têm o olho assim exercitado, isto se deve ao fato de que odeiam sua profissão. A independência deles, eles a jogaram fora, mas apenas na frente dos ricos. O instinto de liberdade que mora, apesar de tudo, no fundo de seu coração, permite-lhes discernir de imediato um rico de um pobre, um patrão de um homem como eles.

No segundo andar, toquei. Uma empregada me abriu. Sem dúvida, fora avisada, pois antes que tivesse tempo de falar, me pediu para entrar, com ar protetor.

Fui seguindo ela. Atravessamos a cozinha, que já cheirava a fritura, e depois um longo corredor.

De súbito, encontrava-me numa antessala.

- Espere... vou avisar o senhor.

Escutei, então, a voz do industrial através do tabique. Que dizia:

- Faça-o entrar, esse pobre homem...

Fiquei amuado. Não é legal que os criados saibam o que seu patrão acha de você. Além disso, o sr. Lacaze certamente sabia que eu o escutava.

Porém, como não conheço os costumes das pessoas ricas, não quis ficar ofendido.

Podia ser que o sr. Lacaze tivesse coisas mais importantes para tratar do que essas questões de amor-próprio.

A empregada reapareceu. Conduzindo-me ao escritório, murmurou:

- Não fique com medo... O senhor é muito bondoso.

Eu estava vermelho. Minhas mãos suavam na parte de dentro. Abestalhado pela emoção, ia rumo à porta aberta, em que a luz do dia batia em cheio, tal um naco de madeira para o centro de um turbilhão. Eu nem sequer pensava em reagir. Dizia apenas para mim mesmo:

“Que façam de mim o que quiserem.”

Entrei.

A porta voltou a fechar-se atrás de mim, sem ruído. Duas janelas desciam até o assoalho: do meio do cômodo, vi a rua. Estava ofuscado. O único poder que me restava era acentuar meu embaraço. A borda de minhas orelhas queimava, como quando passamos frio. Minha boca estava seca, de tanto ficar respirando sem salivar.

De olhos arregalados, cílios para o alto, eu olhava o sr. Lacaze. [...]

Na estação, ele não me causara tanta impressão. Estou acostumado a ver os ricos lá fora. Mas aqui, de pé, tocando sua mesa com a ponta dos dedos, com essa sobrecasaca de botões estofados, com essa camisa engomada que não lhe causava nenhum incômodo, ele me esmagava com sua superioridade.

- Queira sentar-se, meu bom homem.

Dissera-me isso imediatamente, mas fiquei tão emocionado que foi como se estivesse de pé há um longo tempo.

Ele olhou um relógio de punho cujos delgados ponteiros davam tanta importância aos minutos quanto às horas.

- Vamos... sente-se.

Eu entendera, mas minha timidez impedia-me de obedecer. As poltronas eram demasiado baixas. Sentado, teria parecido seu igual, o que me desconfortaria. E no fundo de minha alma sentia que, ao não me sentar, o enaltecia.

- Sente-se, sente-se... não tenha medo.

Tive de dar vários passos para alcançar a poltrona que ele me indicara com a mão espalmada.

Sentei-me e meu corpo afundou mais ainda do que eu já esperava. Meus joelhos ficaram muito altos, meus cotovelos escorregavam nos braços lisos da poltrona.

Fiz bastante esforço para não apoiar minha nuca no encosto: teria sido demasiado informal. Mas meu pescoço se cansava, como quando erguemos a cabeça na cama. [...]

- Meu bom homem, fiz você vir aqui porque me interesse pelos pobres.

Mudei de posição. Nenhum barulho de mola saiu da poltrona.

- Sim, interesse-me pelos pobres, pelos verdadeiros, é claro. Detesto as pessoas que abusam da bondade alheia.

Apoiando-se na mesa, levantou-se como alguém que tem dor nos joelhos, depois percorreu a peça, as mãos por detrás das costas, fazendo estalar os dedos, tal uma dançarina espanhola. Minha cabeça estava na altura de sua barriga. Incomodado, ergui os olhos para mirá-lo no rosto.

- Gosto dos pobres, bom homem. Eles são infelizes. Sempre que tenho a oportunidade de acudi-los, o faço. O senhor, o senhor me parece estar numa situação interessante.

- Oh! senhor.

Sobre a lareira, três cavalos dourados bebiam um espelho em um cocho dourado.

- Sua delicadeza agradou-me bastante.

- Oh! senhor.

Eu me alegrava com a feição que a conversa tomava quando a porta se abriu. Uma moça apareceu e, avistando-me, hesitou em entrar. Era loira e bela, como aquelas mulheres de cartões postais ingleses, que aparecem beijando o focinho de um cavalo.

- Entre, Jeanne.

Levantei-me, com bastante dificuldade.

- Fique sentado... fique sentado... – disse-me o industrial.

Essa injunção me deixou humilhado. O sr. Lacaze me mandara permanecer sentado para me fazer compreender que eu não tinha nada a ver com os seus.

Instalou-se na mesa e escreveu alguma coisa. A moça ficou esperando. De tempos em tempos, me lançava um olhar furtivo.

Nossos olhos se encontraram. Ela desviou a cabeça de imediato.

Eu sentia que era, para ela, *um ser de outro mundo*. Ela me espiava a fim de saber de que eu era feito, da mesma maneira que teria espiado um assassino ou uma mulher de vida fácil.

Enfim, ela retirou-se, levando às mãos um pedaço de papel. Na hora de fechar a porta, deu um jeito de olhar-me.

- Você foi soldado?

- Sim, senhor.

Mostrei minha mão mutilada.

- Ah! foi ferido; na guerra, espero.

- Sim.

- Então recebe uma pensão.

- Sim, senhor... trezentos francos a cada trimestre.

- Invalidez cinquenta por cento, então.

- Sim.

- E trabalha?

- Não, senhor.

Logo acrescentei.

- Mas procuro.

- Seu caso é interessante. Cuidarei de você. Enquanto espera, tome.

O sr. Lacaze sacou a carteira.

Tive um calafrio que me deu a impressão de que meu cocuruto se franzira inteiro.

Quanto ele ia me dar? Talvez até uns mil francos!

Contou notas organizadas com um grampo, assim como se folheia um livro. Eu acompanhava cada gesto.

Puxou o grampo e me estendeu uma nota de cem francos, não sem tê-la esfregado antes para ter certeza de que era a única.

Peguei-a. Segurá-la me incomodava, mas não ousava enfiá-la de pronto no bolso.

- Vamos, esconda-a e, sobretudo, não a perca. O senhor comprará um terno de segunda mão. O seu está grande demais.

- Está bem, senhor.

- E virá aqui me ver com sua roupa nova.

Enquanto o sr. Lacaze falava, fiquei pensando que não devia ter aceitado a nota tão depressa. Minha atitude não estava de acordo com a da estação.

- Venha me ver...

O industrial consultou uma agenda, arrastando a palavra “ver”.

- Venha ver-me depois de amanhã, nessa mesma hora. Eu o aguardarei.

Anotou algo, depois perguntou-me:

- Mas, na realidade, como é mesmo que se chama?

- Bâton, Victor.

Depois de escrever meu nome e endereço, tocou uma campainha.

A empregada reconduziu-me.

- Ele foi gentil?

- Sim.

- Disse para voltar?

- Sim.

- É que seu caso é interessante. (BOVE, 2006, p. 87-93, Grifos meus)

Ao se aprontar, Bâton optara então por endomingar-se, vestindo o terno que melhor disfarçava sua condição precária. Porém, apesar de escovadas com empenho, as manchas sempre voltam, como marcas de um passado que se quer esquecer, mas que não se deixa. Desde o começo do livro, aliás, o narrador dá diversas mostras de querer controlar sua aparência, mas se mostra bastante incapaz, atrapalhado ora pela inadequação das poucas coisas que possui, ora por uma morosidade que lhe é característica – e que suplanta aquela vontade, mas talvez sobretudo por jamais estar propriamente *em seu meio*. Assim sendo, as medidas que ele toma são com frequência ineficazes. E nesse caso não é diferente: o terno não passa no crivo do dono da casa, que lhe dá dinheiro para comprar outro cujo tamanho se adegue.

Bâton está contente pois alguém se interessa por ele. E este alguém não é um qualquer: trata-se de um rico industrial, uma pessoa importante, dessas que mandam em muita gente. Victor carrega o seu cartão como a prova disso, ou seja, das duas coisas, da importância do industrial e da ligação entre eles. Não quer manchá-lo, mas sente a necessidade de tocá-lo de tempos em tempos, como para assegurar-se de que é verdade, e não um sonho: de que ele possui, sim, aquele passe, aquele salvo-conduto, pedaço de papel tão especial que faz com que ele, por extensão, de alguma forma também o seja.

Mas eis que, ao chegar diante da morada do senhor Lacaze, por pouco a magnificência não o rechaça de antemão. Os minutos de antecedência que proporcionara

a si mesmo se programando, acordando e saindo mais sedo, pouco contribuem para acalmá-lo. Uma volta pelos arredores nada lhe revela de familiar: ninguém bate panos de pó nas janelas, os empregados vestem chapéu e paletó para sair de casa, os lampiões são maiores que os do seu bairro. Do portão onde estaca para falar com o zelador, Bâton enxerga uma escada recoberta por tapete, ostentosa passagem a prometer-lhe uma gloriosa ascensão. O homem, no entanto, o recebe de maneira pouco amável, indicando-lhe friamente a escada de serviço. É a primeira de uma rápida série de atitudes que o deixam desconcertado, pois, tal como o zelador, a empregada também aparenta o estar aguardando, o “senhor das dez”, conferindo àquele encontro um ar simultaneamente corriqueiro e protocolar, formal e indistinto. Após atravessar a cozinha que “já cheirava” à comida que não lhe seria oferecida, ele escuta, da antessala a que fora conduzido, o dono da casa ordenar à empregada: “faça-o entrar, esse pobre homem”.

Explodindo de expectativa, doente de acanhamento e mastigando o opróbrio, Bâton se lança cômodo adentro já quase sem brio, entregando a si mesmo ao misterioso esplendor. Tal uma presa diante do predador, o único poder que lhe resta é tornar evidente sua impotência, dar ainda mais lastro à imagem de “pobre homem” insinuada desde o primeiro “*mon brave*”<sup>53</sup>. Ao fazê-lo, pressente ele, o senhor Lacaze se envaidece. E de fato é essa impressão que decorre das colocações deste último, e da cena como um todo, em que se pode observar o aspecto narcísico da suposta benevolência do industrial. É como se o contato com a penúria alheia acentuasse sua abastança; a visão do desconforto, seu aconchego; o desalinho, sua elegância. É como se o corpo do outro, estampa do malogro, inventário de insucessos, o convertesse numa espécie de gabarito do humano.

Hesitando em sentar, Bâton percebe bem a inconveniência de colocar-se no mesmo nível do anfitrião, mas não imagina que, ao fazê-lo por fim, reiterará com sua falta de jeito a disparidade. Ao invés de permanecer ereto na ponta da poltrona, como manda a etiqueta da casa burguesa, ele se deixa afundar, procurando o amparo do encosto. Mas este não lhe devolve a sustentação esperada. Todo torto, ele contempla o senhor Lacaze, reto como a risca de seu cabelo. Garboso, elegante: é o puro asseio. Seus gestos são

---

<sup>53</sup> Literalmente, “meu bravo”, no sentido de “corajoso”, “valente”; de maneira derivada, “bom”, “honesto”, “pacífico”. É como Lacaze designa Bâton na maioria das vezes, que traduzi nos trechos citados por “meu bom homem”. Esta maneira de chamar as pessoas é tradicionalmente utilizada na França por pessoas de condição social privilegiada ao se dirigirem a alguém de condição inferior em tom paternal.

precisos como os ponteiros de seu relógio, que conferem igual importância aos minutos e às horas, revelando um império conjunto.

Pois o domínio exercido por Lacaze na casa em que é senhor não se resume a um controle do espaço, ele é também direção de pessoas, e de suas funções de acordo com o tempo. O almoço se prepara e se serve cedo, o “senhor das dez” chega às dez e se vai quando soa a campainha. E recebe ainda o ditame de voltar no dia seguinte, à mesma hora, no mesmo local, não sem antes ter executado a missão que lhe foi designada, e que consiste em achar um terno do tamanho acertado.

Não parece, portanto, um acaso que, quando finalmente perguntado sobre o seu nome – já no término do segundo encontro e após algumas manifestações vexatórias de seu eminente interlocutor – o protagonista responda como no exército: “Bâton, Victor”. Essa maneira de apresentar-se ressurgiu em sua boca tal um sintoma provocado pela situação brutalmente assimétrica na qual se encontra, mas também, provavelmente, devido à menção de Lacaze às fileiras. Nesse sentido, a pergunta do industrial, remetendo ao traumatismo, à mão mutilada, talvez fosse o pouco que faltava para aumentar sua confusão mental. Desconcertado, subjogado, ele responde como um autômato, como um ausente.

No dia seguinte, na hora exata estipulada, Victor retorna com o terno “novo”, adquirido de uma viúva em necessidades. A brevidade do encontro o decepciona, pois, baixada a emoção do dia anterior, ele esperava poder dar respostas mais sagazes às perguntas de Lacaze, cativando aquele interesse de que tanto se falava. Desde quando carregara a mala do outro na estação, já estava tomado pelo ímpeto de falar de si mesmo. Contudo, botá-lo em prática não parece simples. Se, por um lado, sua necessidade de fala está ligada a uma ferida gerada em um acontecimento de dimensão coletiva e do mais alto interesse nacional – cuja participação lhe é quase cobrada pelo industrial (“Ah! foi ferido; na guerra, *espero*”) – por outro, essa conexão parece fadada a permanecer despercebida. Pois de todas as reações que a experiência no front poderia suscitar, a única que emerge tem ares de verificar se a situação está liquidada. Cinquenta por cento de invalidez, nada que impeça alguém de seguir adiante...

“E trabalha?”. No intervalo entre a pergunta de Lacaze e a resposta de Bâton, é como se escutássemos, reverberando, o murmúrio do Sr. Lecoin lá no início do livro: “vagabundo!”. Envergonhado, Victor responde que não, mas se apressa em adicionar:

“mas procuro”. Porém, quando contrastada com o restante de suas ações ao longo do livro, a sinceridade do acréscimo não convence. Este mais se assemelha a um ditado, uma injunção social. Querendo ser estimado para poder ser compreendido, ele responde o necessário.

Na segunda visita, portanto, ele é dispensado rapidamente, antes mesmo de contar ao senhor Lacaze algo mais sobre sua vida. É que a curiosidade deste mal começara a se revelar e já se estancara. Satisfeito com a vestimenta que ele mesmo havia financiado, e que tornara o “pobre homem” “apresentável”, ele escreve uma recomendação ao responsável por sua fábrica em Billancourt para que o contrate. “Então até logo, meu bom homem, Bâ... Bâ... Bâton. Isso é tudo por hoje” (BOVE, 2006, p. 106).

Como se vê, a atenção concedida por Lacaze àquilo que é próprio a seu interlocutor é praticamente nula, a começar pelo nome, propriedade primeira. Na verdade, o interesse dele parece passar por cima da vida de Victor, jamais se dispondo a descer até lá. De suas intenções, de sua mente mesmo, enquanto leitores, estamos distantes, pois quem narra é Bâton, desprovido de superpoderes. No entanto, como veremos a seguir em diversos exemplos, na obra de Bove encontra-se espalhada uma miríade de detalhes significativos, cujo efeito é potencializar suas descrições econômicas, suas narrativas ao rés do chão, dando algum subsídio à tarefa interpretativa presente em qualquer leitura. Ao que tudo indica, essa operação ocorre na escolha de alguns nomes. O de Lacaze talvez possa então oferecer-nos algumas pistas.

*Case*, em francês, tem diversas acepções. A principal delas é próxima de compartimento, gaveta, casa, casinha em um móvel onde se guardam coisas, um cofre ou uma estante por exemplo. Em sentido vizinho, pode ser cada uma das subdivisões, quadradas ou retangulares, de uma superfície, em um jogo de palavras-cruzadas, um tabuleiro de xadrez, um mapa, um registro. O verbo *caser*, por sua vez, significa alocar, pôr no lugar adequado, ordenar, instalar, empregar. Em sua forma pronominal, permanece o elo entre espaço e função: *se caser* quer dizer arranjar um emprego, estabelecer um sustento, acomodar-se; mas também, em outra acepção, simplesmente casar-se, unir-se no matrimônio<sup>54</sup>.

Talvez não por acaso, muito do que ocorre (e do que não ocorre) entre Lacaze e Bâton gira em torno do que essas palavras cobrem de sentido. Por exemplo, na noite que

---

<sup>54</sup> Disponível em: <http://www.cnrtl.fr/definition/case>. Acesso em 16 de maio. 2017.

se sucede ao primeiro encontro na estação, este último, agitado na cama, se imagina casado com a filha do industrial. Em sua fantasia, o poderoso homem ainda morria, legando-lhe sua fortuna. No entanto, chegada a manhã, ele se dá conta de que fora longe demais com a imaginação: “o senhor Lacaze provavelmente era um homem como todos os outros” (BOVE, 2006, p. 87). No compasso do livro, essa previsão parece um cair em si, pois o próprio narrador já nos alertara que aquela aventura não levaria à feliz desfecho<sup>55</sup>. Acostumados com o pêndulo do anseio e da frustração que sacode Bâton de um lado a outro, seguimo-lo precavidos, desconfiados. E quando Lacaze o humilha após a entrada da filha Jeanne, fazendo-o compreender que não tem “nada a ver com os seus”, é a repulsa que, de maneira esperada, se afigura como condição comum entre os homens.

Essa repulsa, a força que atrai o protagonista em direção ao desconhecido é o seu inverso. Significativamente, elas tendem a se chocar. Na *Gare de Lyon*, Bâton fora atrás da misteriosa “vida privada das pessoas ricas” (BOVE, 2006, p. 83), sabendo que o local, em sua excepcionalidade, favorecia uma maior abertura, se não para o contato direto, ao menos à observação. Cansado, chegando de viagem, Lacaze procurara alguém que pudesse ajudar a levar sua mala, um carregador *qualquer*. Perturbado em seu desalento, o outro, no entanto, vê-se notado pela primeira vez naquela manhã. Não é preciso mais para despertar seu desejo de revelar seus segredos. Mas o desconhecido anda à frente, não quer ouvi-lo. Ele se põe acima, utilizando um *tu* em nada convidativo, que é apenas falta de deferência, iteração hierárquica. De sua posição dominante, acredita distinguir tudo em transparência. E quando Bâton se recusa a aceitar a moeda com a qual escolhera recompensá-lo, é com surpresa que ele constata a falha de um cálculo, explicitando os termos da equação: “por que recusar? O senhor é pobre”.

*Pourquoi refuser? Vous êtes pauvre* (BOVE, 2006, p. 85, Grifos meus).

De maneira sintomática, Lacaze altera de pronto o pronome, numa suspensão parcial e temporária de sua segurança, mas não pode raciocinar fora da lógica quantitativa. Dois dias depois, aliás, ele já se esquecera de tratar o outro por “*vous*”<sup>56</sup>. Talvez porque, cheio de acanhamento, obedecendo aos seus mandatos, Bâton o reconfortasse em suas

---

<sup>55</sup> Logo antes do “Ei... lá... homem!” com o qual Lacaze interpela Bâton na estação, este confessara: “Quando saio de casa, conto sempre com um acontecimento que virará minha vida do avesso. E o fico esperando até minha volta. É por isso que nunca fico no quarto. Infelizmente, esse acontecimento nunca se deu.”

<sup>56</sup> “- *Assieds-toi, dit-il, je suis à toi dans une minute./ Il avait oublié qu'avant-hier il m'avait dit 'vous'*” (BOVE, 2006, p. 105).

convicções hierárquicas; talvez porque este último, tendo aceitado os cem francos do terno, tivesse desfeito a imagem de desinteresse que se formara na estação e que confundira o industrial. Pois fora precisamente a indefinição que motivara aquela mudança, gerando essa estranha combinação de uma fórmula respeitosa e uma afirmação taxativa acerca do outro. E não seria absurdo ver no interesse súbito de Lacaze uma reação ao estranhamento provocado por aquele carregador que não era carregador, por aquele homem que ele não podia determinar muito bem quem era.

Mas se o ambiente da estação, em sua excepcionalidade, em seu fluxo, favorecia de alguma maneira o baralhamento das cartas, a transferência do face a face para o espaço doméstico onde Lacaze é o dono altera completamente a situação. Todo o mistério, toda a singularidade sugerida, todo o aspecto resistente da recusa de Bâton já se esvaneceu no momento em que adentra o escritório do industrial em postura entregue. Impotente, envergonhado em diferir, gasta todas as energias no empenho em adequar-se. Tratado de pobre qualquer, vai entrando na caricatura, coagido pelo local específico, por aquele senhor específico. E se na entrada ele era ainda “o senhor das dez”, hipoteticamente similar aos de outras horas, mas de alguma maneira único, ao apresentar-se na fábrica, dois dias depois, é como “bom homem” que ele chega<sup>57</sup>.

“Até logo, até um dia destes” (BOVE, 2006, p. 106). Fora assim que Lacaze o dispensara depois de lhe dar a recomendação. No entanto, apesar da alusão a um reencontro, é como se o industrial garantisse, colocando-o nos trilhos do trem suburbano que o levaria da casa ao trabalho e inversamente ao infinito, que eles não se cruzariam mais ao acaso. Bâton andaria agora uniformizado, e não levantaria mais dúvidas sobre sua condição; integraria uma massa supostamente homogênea e produziria, ao invés de arrastar sua miséria pelos cantos.

Contudo, após ser contratado por Carpeaux, Bâton é tomado pelo desejo de esperar a filha do senhor Lacaze na saída do conservatório, onde escutara que ela estaria até as quatro da tarde. Segundo ele, a inclinação que sentia não era física, muito menos relacionada a dinheiro: “era o desconhecido, o amor talvez” (BOVE, 2006, p. 111-112). Ora, ele também, aos olhos dela, era uma espécie de enigma. Na primeira vez em que se cruzaram, ele se sentira “um ser de outro mundo”, um alienígena; na segunda, ficara

---

<sup>57</sup> “Meu caro Carpeaux, envio-lhe um bom homem, dê-lhe trabalho.” (BOVE, 2006, p. 109)

igualmente perturbado<sup>58</sup>; agora, na terceira, ao sair do conservatório, ela o reconhece, sua boca mexe, mas nada fala. Bâton a segue, a ultrapassa, tentando criar estratégias para abordá-la. Porém, ao girar o corpo, ele se apercebe que ela se esgueirou.

Na manhã do outro dia, acorda assustado: há alguém esmurrando a porta. É Lacaze. Bâton nota com surpresa que o industrial não se incomoda em anunciar-se em voz alta por trás da porta<sup>59</sup>. “Espere... senhor... um segundo”, diz ele, apressando-se em abrir a janela, passando rapidamente uma toalha molhada no rosto e vestindo-se.

O Sr. Lacaze entrou sem tirar o chapéu. A bengala de junco, que segurava às costas, esbarrava nos móveis quando virava.

- Você é um tipo sujo, disse ele parando bem perto de mim.

Sabia de tudo, eu estava perdido. Sem saber que atitude adotar, fiz-me de besta.

- Você merece uma correção. É um sem-vergonha: seguir uma mocinha... com cabelos nas costas.

Eu gaguejava, sem encontrar nada para desculpar-me.

- É assim que a gente é recompensado quando faz o bem... Eu lhe dou dinheiro... lhe emprego na fábrica... e então?

Estava tão furioso que eu temia que me batesse. Tinha dificuldade de acreditar que era a causa de tamanha ira.

- Sim... aí está o agradecimento. Tome cuidado, vai ter a oportunidade de conhecer a polícia. Seu meliante!

Por fim, saiu, batendo a porta com tanta força que ela não fechou. (BOVE, 2006, p. 113-114)

Como pode-se perceber pela exasperação do industrial, Victor extrapolou um limite. Pois precisamente o apoio de Lacaze exigia um afastamento, na medida em que este lhe encontrara um posto estruturalmente apartado do dele, onde lhe cabia apenas estabelecer-se. Ao instalá-lo no mundo do trabalho, é como se o novo patrão lhe oferecesse um empurrãozinho para dentro da engrenagem, mas com a ponta dos dedos para reduzir o contato. Pois em nenhum momento é com empatia que ele maneja a situação. Ao contrário, seu proceder se harmoniza perfeitamente com a fria atitude esperada de um chefe capitalista, para quem a identificação com a mazela alheia significaria a bancarrota. Na relação instaurada por ele, portanto, nenhum projeto de associação. E os sonhos ternos do protagonista, quando dirigidos a sua filha, são um delicado avanço de uma fronteira.

<sup>58</sup> “Depois de ter beijado o pai, a moça saiu. Como da outra vez, deu-me uma olhadela ao fechar a porta. Mesmo vindo de longe, esse olhar perturbou-me” (BOVE, 2006, p. 105).

<sup>59</sup> “Dizer o próprio nome, em voz alta, atrás de uma porta, não o incomodava, a ele.” (BOVE, 2006, p. 113)

A reação de Lacaze só o confirma. E na verdade, ele mesmo já confessara em seu escritório que apenas se interessava pelos “verdadeiros pobres”, os “infelizes”, que não abusavam de sua vontade. Mas o que significa esse interesse? Nesse caso, tem a ver com um convite, um breve interrogatório, um terno, um emprego na fábrica. E o que seria essa essência do pobre à qual ele cobra fidelidade? E por que o faz? Ao que tudo indica, o que espera é uma contensão de demandas, um refreamento – em oposição ao abuso de que reclama.

Sendo assim, a irrefreável necessidade de escuta, de amor e de afeto que notadamente governa Bâton não poderia senão impeli-lo à frustração e ao conflito. Em sua última tarde desocupada, ele então ultrapassa a divisa invisível, indo aproximar-se da herdeira do industrial. Aos olhos deste, é um grande crime. E a referência à polícia reflete o desejo de impedir essa inquietante circulação. É como se aquele domínio exercido pela sua presença, aquele esmagamento propiciado pela exibição de suas propriedades – que levava o outro a uma espécie de paralisia em sua casa – precisasse se estender sempre além, até abranger o espaço público, até invadir a morada alheia.

De maneira significativa, o narrador fora insinuar-se à filha do empregador diante do *conservatório*. Em frente a esse local de culto a uma tradição vista como inerte, ele fora se apresentar, propor sua companhia. Porém, sua presença ali, e a mera imaginação de mistura que comportava, eram o bastante para deixar Lacaze absolutamente alterado. Pois se este o designara para ocupar um posto em sua fábrica, e se antes o convidara para vê-lo em sua casa, essa ajuda, esse convite, essa dádiva nada tinha de irrestrito. Ela não invitava à integração em um mesmo espaço ou no mesmo grupo. Ela ofertava uma posição.

### **Em espaço alheio**

*“Viver é passar de um espaço a outro, tentando escapar ao máximo de levar um tropicção.” (Georges Perec, Espécies de espaços)*

*“A ferida dentro da cultura se abre na discrepância, na mudez, na disjunção abrupta”. (Shoshana Felman, Educação e crise: sobre as vicissitudes do ensinar)*

Como se nota desde o princípio, a narrativa de *Meus amigos* se dá sob o signo do desabrigo. Nenhuma imagem de conforto se depreende do lar de Bâton, onde a chuva e o frio penetram com facilidade, assim como as moscas e vozes da vizinhança. Estendido na cama, os lençóis até o queixo buscando manter o calor que se esvai, ele tenta encontrar energia para levantar e sair. Pois postos os pés para fora, a hostilidade do mundo aumenta de pronto, já na escada do próprio imóvel ou no entorno, onde o contraste com os outros moradores, em sua maioria trabalhadores de rotina uniforme, se faz sentir em seu detrimento<sup>60</sup>. Nenhuma honraria jamais lhe é feita por sua participação na guerra. Na verdade, ninguém no bairro aparenta saber desse seu passado recente, embora ele o comunique amiúde, ao menos enquanto fato<sup>61</sup>. Por outro lado, as pessoas o lembram e reconhecem a partir da indefinição de sua situação, e é como se elas a definissem por ele: “vagabundo!”.

Muitas vezes, paro na frente de um armarinho onde os garotos do bairro compram espoletas.

Fora, sobre uma mesa, há jornais dobrados dos quais só se pode ler metade da manchete.

Apenas o *Excelsior* pende como uma toalha.

Olho as imagens. Os clichês muito grandes representam sempre a mesma coisa: um ringue, um revólver com suas cápsulas de bala.

Assim que a dona do armarinho me vê chegar, ela sai da loja. Um cheiro de brinquedos pintados e algodão novo a acompanha.

É magra e velha. As lentes de seus óculos parecem lupas. Uma redinha de babá aprisiona seu coque seco. Seus lábios se esconderam dentro da boca e não saem mais. Seu avental preto molda um ventre que já não se encontra no lugar certo. Para trocar cinco francos, desaparece no fundo da loja.

Pergunto-lhe como vai.

Seria demasiado descortês não me responder: assim, balança a cabeça. A porta que deixou aberta me faz compreender que espera minha saída.

Um dia, ergui o jornal para ler as letras miúdas.

Ela me disse em tom perverso:

– Custa três cêntimos.

Tive vontade de informá-la que lutei a guerra, que era um ferido grave, que tinha a medalha militar, que recebia uma pensão, mas compreendi de imediato que era inútil. (BOVE, 2006, p. 25-26)

<sup>60</sup> “Quando meu olhar encontra o de um locatário, fico incomodado” (BOVE, p. 2006, p. 23)

<sup>61</sup> “Mais adiante se encontra uma mercearia. O patrão me conhece. [...] Antigamente, quando ele parava na soleira da porta, nós ficávamos conversando. Ele me perguntava se eu tinha encontrado algo, ou então me assegurava que minha cara estava ótima. Depois, voltava para dentro, fazendo com a mão um sinal de “até a próxima”. Um dia, pediu-me para ajudá-lo a levar uma caixa. Eu teria consentido de boa vontade, mas sempre temi as hérnias. Gaguejando, recusei: – Não sou forte, me feri gravemente na guerra. Depois desse incidente, não me dirige mais a palavra.” (BOVE, p. 2006, p. 24-25)

Essa cena nos é narrada ainda no início do livro, no que se poderia chamar de segundo capítulo da primeira parte. Na divisão apresentada por Bove, é uma das duas únicas partes sem título específico<sup>62</sup>. Ela cumpre a função de introduzir o leitor brevemente no universo de Victor Bâton. Assim, no primeiro capítulo nos é descrito o imóvel em que mora, partindo da habitação, cujas propriedades auxiliam o narrador na caracterização de si mesmo; no segundo, passamos ao imediato exterior, Montrouge, no subúrbio parisiense; o terceiro mostra Bâton mais distante de casa, no centro da capital.

Pela concisão das frases e dos parágrafos, pela economia das descrições – entremeadas por historietas a respeito dos locais a que se referem – o autor logra imprimir uma cadência bastante específica na narrativa. Sua progressão tateante se dá aos poucos, e não nos leva a grandes ápices. Ela se aparenta a uma caminhada sem muito rumo, ralentada por obstáculos, guiada pelo desejo oscilante do narrador. A todo tempo, se interrompe para dar lugar a pequenos mergulhos da memória – as tais historietas –, que colorem os locais com as tintas do desamparo e da frustração afetiva. E se algo cresce, progride, é justamente essa sensação de abandono e fracasso recorrente que envolve o protagonista (e a identificação fomentada por ela).

Tal efeito, creio eu, está intimamente ligado a esse modo de mover-se da narrativa, ele mesmo colado aos passos (físicos e mentais) de Bâton. Pois não restam dúvidas de que uma cena como a do armarinho se potencializa pelo que a precede. Assim, depois de contar e exemplificar o constrangimento que sente diante dos vizinhos, Victor descreve a própria rua. E, para fazê-lo, é como se necessitasse descer até ela e trazer-nos junto. Para ver, por exemplo, como se queixa o dono do boteco em que desjeja.

Tomo meu café ao lado de casa, em um boteco. O zinco do balcão é ondulado, na borda. Advinha-se a idade da madeira do assoalho lavado com água límpida. Um fonógrafo, que funcionava antes da guerra, fica virado para a parede. É de se perguntar o que faz ali, já que não funciona.

O patrão é amável. Pequeno como um soldado de rabeira de divisão. Tem um olho de vidro que imita tão bem o verdadeiro que nunca sei qual é o bom – o que é bastante chato. Sinto que fica bravo quando olho direto no falso.

Assegurou-me ter sido ferido na guerra: dizem, no entanto, que já era caolho em 1914.

O bravo homem não para de se queixar. O comércio não anda bem. Mesmo que enxugue os copos na frente dos clientes; mesmo que diga: “obrigado, senhor; até logo, senhor; deixe que encosto a porta”, ninguém aparece. Ele queria que a guerra fosse esquecida. Tem saudades de 1910.

---

<sup>62</sup> A outra é a parte final.

Parece que nessa época as pessoas eram honestas, sociáveis. O exército tinha grande aspecto. Se podia vender fiado. As pessoas se interessavam pelos problemas sociais.

Quando ele fala de tudo isso, os dois olhos dele – o verdadeiro e o falso – ficam molhados e seus cílios juntos formam mechinhas.

O pré-guerra foi tão rápido naufrágio que não pode crer que não seja mais do que uma lembrança.

Nós também, eu e ele, abordamos os problemas sociais. Mas é ele quem faz questão. É a prova, para si mesmo, de que a guerra não o mudou. Ele me certifica, a cada dia, que na Alemanha, país melhor organizado que o nosso, os mendigos não existem. Os ministros franceses tinham mais é que proibir a mendicância.

- Mas é proibida!

- Ora, vamos, e toda essa malta que anda por aí vendendo cadarços! São mais ricos que eu e você.

Como não gosto de discutir, evito dar-lhe resposta. Engulo meu café, que uma gota de leite deixou marrom, pago e saio. (BOVE, 2006, p. 24)

Por mais que Bâton não replique, discuta ou argumente, o seu silêncio é bastante eloquente. Ao abster-se do debate, é como se recusasse seus fundamentos. Pois através do afinco em manter as aparências e estancar o tempo, lido nos detalhes do recinto, no olho falso do patrão e em seu discurso nostálgico, o que salta é uma impressão de legitimidade forçada, de privilégio vindicado, que, deixado falando sozinho, ressoa como impostura.

Estático atrás do balcão, “pequeno como um soldado de rabeira”, o homem intenta fazer-se de grande, usurpar a glória de uma guerra que não a teve. Frágil, lamentando a perda da clientela, ressentido de um declínio que não é só seu, mas da nação, considerando-o situação descabida. E é sob a ótica da tradição posta em perigo que ele aborda diariamente “os problemas sociais”, aborrecidas manifestações da impermanência. Dali de dentro, lavando e enxugando copos, lastima as mazelas de fora que, a acreditá-lo, dominam ruinosamente o entorno, se avizinando de seu refúgio. Cansado de ser cativo de um paraíso perdido sucessivamente mais apertado e profanado, ele conclama pureza, exige medidas assépticas.

Não por acaso, o outro que o inquieta, enunciado como uma espécie de adversário, também é comerciante, mas vive sem teto. Sua condição móvel e incerta é perversamente insinuada como vantagem por aquele patrão queixoso que tenta trazer Bâton para o seu lado ao fazer-se de vítima. Demasiado despossuído para identificar-se com o papel que lhe é estendido, este o declina, escorregando pela tangente. E o “patrão amável” fica ali sozinho, entrincheirado, querendo fregueses, temendo invasões.

Pouco a pouco, o leitor se familiariza com o poder de deslocamento e de ironia presente na composição de Bove, que, como bem notou Didier Bezace (2003, p. 193), por todo lado “estendia espelhos pouco lisonjeiros”, mesmo que sem grandes comentários. Aqui e ali, uma observação escorrega para dentro da descrição, às vezes na forma de um “como se” aparentemente inofensivo, mas fortemente desnaturalizante. Uma operação sutil, de humor sutil, pois o estranhamento que veicula não se apresenta diretamente enquanto tal. Assim, por exemplo, no açougue da rua em que mora o protagonista de *Meus amigos* “há uma grade *como se se temesse que a carne escapulisse*” (BOVE, 2006, p. 25, Grifos meus).

Nesses comércios em que o público e o privado ameaçam se confundir, a questão de quem entra à vontade se coloca incessantemente nas entrelinhas. Em alguns casos, a maldade e o limite são manifestos: entra quem pode pagar, sugere, amarga, a dona do armarinho informando o preço do jornal. Já o dono do açougue, segundo Bâton, não teria como lembrar-se dele: “comprei apenas quatro tostões de restos para um gato sarnento, no ano passado”. A mesma relação de exclusão se daria na padaria, frequentada somente por “gente abastada”, não custasse o pão o mesmo “em toda parte” (BOVE, 2006, p. 25).

Longamente estabelecidos, imagina-se, esses espaços estavam ali muito antes de Victor chegar. Embora nenhuma precisão seja dada nesse sentido, é o que se sente. Prósperos ou não, há sempre um cuidado em conservá-los, mantê-los limpos<sup>63</sup>. Seus proprietários nunca são jovens, muito pelo contrário. Quando descritos, são a imagem da retração, tais os lábios da velha do armarinho (que ao invés de voltados para fora, comunicantes, põem-se para dentro, enrijecidos). Tal recolhimento trai desconfiança, certamente potencializada quando se trata de dinheiro<sup>64</sup>, e, mais amplamente, uma verdadeira ojeriza ao contato, percebida no fato de que a senhora sempre se retira da loja ao ver seu cliente chegar, como se temesse uma contaminação.

Recorrentes, essas atitudes protetivas e aflições higiênicas tornam-se no livro espécies de temas, juntando-se àqueles, já aqui evidenciados, do desamparo e da frustração afetiva. E se o título, *Meus amigos*, por assim dizer, não se justifica, talvez seja para mostrar o injustificado de tal relação. Sua aparência amena se converte rápido em

---

<sup>63</sup> “A padaria é bem cuidada. Toda manhã, uma moça lava a frente. Fios de água percorrem a inclinação da calçada”; o dono do boteco também limpa com esmero o assoalho gasto do estabelecimento (BOVE, 2006, p. 25).

<sup>64</sup> “Para trocar cinco francos, desaparece no fundo da loja”. (BOVE, 2006, p. 25).

melancolia e derrisão, configurando uma quebra de expectativas que ao longo da obra acabará por mudá-las radicalmente.

Assim, chagada a última parte, é sem surpresa que se recebe a notícia de que Bâton fora despejado de seu imóvel: “parece que os locatários se queixaram de que não trabalho. [...] Um homem com eu, que não trabalha e não quer trabalhar, será sempre detestado”, conclui ele em desolação. E assim prossegue, tentando entender a medida arbitrária: “vai ser preciso que eu deixe o meu quarto. Então minha vida é anormal a ponto de escandalizar o mundo? Não posso crê-lo”. (BOVE, 2006, p. 123-124) E apesar de não o acreditar, e de não querê-lo, suas suspeitas parecem bastante fundadas. Pois tudo o que nele é hesitação, temor, fraqueza – em duas palavras, cálculo amedrontado –, é simples resolução naqueles que o rejeitam. E, no entanto, suas ações jamais se lhes afiguram como resultado de escolhas dentro de uma gama de possíveis. Elas antes se revestem de toda uma aura de normalidade, uma carapaça cujo vulto e função protetora repetidamente se obliteram sob a aparência inofensiva do habitual<sup>65</sup>.

Eu era, nessa casa de trabalhadores, o louco que todos gostariam de ser. Era aquele que se privava de carne, de lã, de cinema, para ser livre. Era aquele que, sem querer, lembrava às pessoas todos os dias sua condição miserável.

Não me perdoaram por ser livre e por não temer nem um pouco a miséria.

O proprietário despejou-me, legalmente, em papel timbrado. (BOVE, 2006, p. 123)

Longe de ser completa ou de prestar-se a formulações utópicas, a liberdade evocada pelo narrador parece relacionar-se mais diretamente a um direito de diferir. Contudo, o direito, a lei, a justiça enquanto tal, cumprem amiúde um papel oposto, restringindo essa liberdade em favor da “ordem”. Porém, sendo toda ordem uma construção, a perspectiva de sua ruína traz a necessidade de gerenciá-la. A lei é supostamente sua última e mais poderosa instância, porém antes dela o policiamento das condutas, praticado em todos os níveis pelos cidadãos, já estabelece as rígidas bases de uma verdadeira normatividade. E é justamente essa rigidez o seu ponto fraco, o que a torna tão destrutível e potencialmente paranoica.

### **Um cotidiano inaudito**

---

<sup>65</sup> Nota-se aqui a capacidade, ou vocação, da literatura de alterar, pelos seus desvios, a perspectiva que se tem do cotidiano e do “normal”. “Vemos na literatura como uma depositária daqueles aspectos da cultura que são atacados pela ação da ‘norma’. Ela também desvirtua essa ação. A literatura, e sobretudo aquela escrita por autores poderosos como Kafka, lança uma nova luz sobre o cotidiano” (SELIGMANN, 2005, p. 76).

“Nada de acontecimentos, nada de romanesco, nada senão encontros cotidianos, dilacerantes e miseráveis” (COUSSE; BITTON, p. 93), estimou Edmond Jaloux em crítica ao livro supracitada. No que diz respeito ao caráter pouco convencional da obra, a avaliação se compreende, não sendo preciso muito para constatar a distância que separa o livro de Bove dos estilos romanescos que se impuseram até então. Contudo, os indicadores utilizados visando salientar esse afastamento são curiosos. Sobretudo se levarmos em conta as enormes doses de banalidades corriqueiras que, como bem ressaltou Franco Moretti (2009), tomaram conta de boa parte do gênero em meados do século anterior.

Em romances de Austen, Flaubert e Balzac, para ficarmos apenas com alguns exemplos estudados pelo autor, o espaço ocupado por longas descrições é enorme, assim como é extensa a presença de episódios inconclusos, pouco ou nada relevantes para a trama, e diante dos quais se coloca a pergunta: “*aconteceu*, de fato, alguma coisa?” (MORETTI, 2009, p. 829, Grifos do autor). Remetendo à premissa da teoria narrativa segundo a qual a violação de uma norma é o ponto de partida para que algo mereça ser contado (e lido), o pesquisador italiano se indaga a respeito do singular fenômeno que consiste no alastramento prolixo “de uma matéria tão pré-escrita, tão avessa à narração” quanto os costumes enrijecidos de uma elite enraizada tentando enraizar-se ainda mais. E é nessa vontade de fixar-se no espaço e em sua relação com as coisas que Moretti vislumbra os motivos da representativa subversão estilística levada a cabo pela burguesia produtora e consumidora de romances.

Pois se estes se esvaziaram das aventuras que antes compunham a maior parte de sua substância e abriram terreno à calma de um cotidiano praticamente uniforme, esse movimento rumo ao estável certamente integrava uma economia de desejos muito mais ampla, orientada nesse sentido. É daí que Moretti atrela o caráter repetitivo e previsível desses longos intervalos na narração – apelidados por ele de “preenchimentos” – ao ethos da Restauração e seu nada neutro projeto de congelar a história (MORETTI, 2009, p. 853). Alterando-se, o romance punha-se “em sintonia” com a “cultura circunstante”, satisfazendo uma inclinação pelo regular, o constante, o sólido, o frio e o racional que a conduta de vida disciplinada dos senhores burgueses já pretendia representar<sup>66</sup>.

---

<sup>66</sup> “E quando uma realidade tão prosaica e modesta consegue-se difundir em toda parte, deve haver alguma coisa, na cultura circunstante, que se encontra profundamente em sintonia com ela. Se os preenchimentos se multiplicam, os leitores europeus devem sentir prazer em lê-los” (MORETTI, 2009, p. 840).

Tornado uma “paixão calma”, investido em sua forma e ritmo pela lógica da racionalização e da impessoalidade “objetiva”, o gênero se espalhava ao operar um “pequeno milagre do equilíbrio”, intercalando as narrações e seu dinamismo próprio – que satisfaziam as exigências de atividade e movimento de uma sociedade cada vez mais capitalista – ao conservadorismo inerente ao século, tranquilizado por repisar os mesmos caminhos, por reificar as relações entre as pessoas, as coisas e os espaços que as envolvem ou afastam (MORETTI, 2009, p. 840).

Mas se para contar esse mundo em que o passado se sobrepõe ao presente, suprimindo de antemão suas alternativas, os autores evocados pelo italiano dispunham de um espaço perfeitamente adequado – a saber, a sala de estar, onde a classe dominante podia tecer e rasgar relações ao seu bel-prazer –, no caso de *Meus amigos*, a falta de adequação e de disponibilidade constituem elas mesmas espécies de temas, oferecendo-se como imagens de um cotidiano marcado pela exclusão e o desamparo. À margem, Bâton nada pode contra a força do passado e de suas heranças, essas poderosas demarcações culturais naturalizadas, estabelecidas por toda parte.

O que é sintomático na apreciação de Jaloux (COUSSE; BITTON, p. 93) é que ele considera esse verdadeiro drama cultural como algo de foro íntimo. Segundo ele, o livro seria “um longo retrato do autor”, a “confissão de um homem sensível e pobre”. No entanto, trata-se claramente de uma ficção. Crítico e ficcionista experimentado, Jaloux certamente tinha todas as referências para evitar o equívoco. Contudo, ao que parece, o acercamento de uma existência tão distante e cheia de lástimas provocou nele um recuo em relação ao jogo de implicação em que constitui a leitura. E se, como afirmou Walter Benjamin (1993, p. 213), “o leitor do romance se apodera ciosamente da matéria de sua leitura”, “quer transformá-la em coisa sua, devorá-la, de certo modo”, aqui a matéria é de alguma forma regurgitada, como se não pudesse dizer-lhe respeito. “Dilacerantes e miseráveis”, os encontros cotidianos relatados são recebidos como algo de outro mundo, em que o romancista, feito um duplo do narrador, habitaria sozinho. Ou ao menos quase, já que outras pessoas, “humildes e verdadeiras”, são também mencionadas por Jaloux (COUSSE; BITTON, p. 93), assim como os “seres” aos quais Bâton-Bove tenta se agarrar sem sucesso.

Ora, se na tradição “realista”, analisada por Moretti na esteira de Auerbach, as aventuras, momentos de grande intensidade em que a história se bifurca, se haviam tornado mais raras e cedido espaço a uma rotina pacificada, em *Meus amigos*, as possíveis

reviravoltas imaginadas pelo protagonista são uma série infinita de abortos, cuja força inabalável se dá na exata medida da obstrução que lhe é imposta por esses seres que Jaloux se furta de nomear ou qualificar. Vagando pela cidade, ele se coloca em possível hóspede de ambientes e destinos distintos, expõe-se em sua diferença sem garantias, mas se depara com o rechaço e a insensibilidade.

Quando o luxo me tenta, vou dar uma volta em torno da Madeleine. É um bairro rico. As ruas cheiram a revestimento de madeira e a tubo de escapamento. O turbilhão que sucede os ônibus e taxis esbofeteia-me o rosto e as mãos. Diante dos cafés, os gritos que percebo por um segundo parecem sair de um alto-falante giratório. Contemplo os automóveis estacionados. As mulheres perfumam o ar atrás delas. Só atravesso os bulevares quando um guarda interrompe a circulação.

Imagino que, apesar de minhas roupas gastas, as pessoas às mesas, nos terraços dos cafés, me notam.

Certa vez, uma madame, sentada diante de um bule todo pequenino, ficou me medindo.

Feliz, cheio de esperança, voltei sobre meus passos. Mas os fregueses sorriram e o garçom procurou-me com os olhos.

Por um longo tempo, lembrei-me dessa desconhecida, do seu pescoço, do seio dela. Sem dúvida alguma, eu lhe agradara.

Na cama, quando badalava a meia-noite, tinha certeza que pensava em mim.

Ah! Como eu queria ser rico!

A gola de pele de meu sobretudo provocaria admiração, especialmente nos subúrbios. Meu paletó ficaria aberto. Uma corrente de ouro atravessaria o colete. Uma corrente de prata uniria meu porta-níqueis ao suspensório. Minha carteira ficaria no bolso de trás, como a dos americanos. Um relógio de pulso me obrigaria a fazer um gesto elegante para ver a hora. Repousaria as mãos nos bolsos do paletó, polegares para fora, e não como os novos-ricos, nas cavas do colete.

Teria uma amante, uma atriz.

Iríamos, ela e eu, bebericar no terraço do maior café de Paris. Para dar-nos passagem, o garçom removeria as mesinhas como tonéis. Um cubo de gelo flutuaria nos nossos copos. O rotim das cadeiras não se desfaria.

Jantaríamos em um restaurante que teria toalha de mesa e flores de hastes desiguais.

Ela entraria primeiro. Espelhos bem lustrados irradiariam minha silhueta umas cem vezes, como uma longa fila de lampiões. Quando o *maitre* se curvasse para cumprimentar-nos, seu peitilho ficaria abaulado do ventre ao colarinho. O violino-solo recuaria, se lançaria à frente num trampolim, sacudindo. [...]

No teatro, ocuparíamos um camarote. Inclinando-me, conseguiria tocar a cortina. De toda a sala, seríamos observados com binóculos. (BOVE, 2006, p. 27-28)

Nessa passagem, o lado fantasioso da personalidade de Bâton referido por Jaloux é bastante evidente. Lemos nela como ele se aplica a inventar em sua cabeça um mundo às avessas, em que ele seria o rico a penetrar os locais invejáveis e a ocupá-los como se para ele eles fossem feitos. É um movimento vertiginoso, que internamente se desenrola

navegando em ondas, talvez marolas, de otimismo e de esperança. O desejo é sua força motriz, e impulsiona os passos da imaginação em direção ao desconhecido.

Mas esse desconhecido instalado no centro não se restringe aos convites: quer também praticar a inspeção, ver aquele que se aproxima. Os sentidos aguçados avisam o forasteiro de que há perigo (em meio ao enxame de automóveis, cruzar a rua implica esperar o auxílio do guarda). O mundo do qual se acerca é feito de cheiros, de barulhos, de sensações táteis e de sabores. Mas o decisivo, ele bem sabe, é o que se vê: “imagino que, apesar de minhas roupas gastas, as pessoas às mesas, nos terraços dos cafés, me notam”. Está aí uma suposição verossímil, em nada fantasiosa. E é o próprio Bâton que nos traz o exemplo da moça que certa feita ficou o fitando. Desse olhar, nós que não vimos nada não estamos em posição de afirmar muita coisa, mas dos olhares e sorrisos trocados em seguida, creio ser lícito dizer que foram uma efetiva comunicação sem palavras. Esta transmitia um desconforto comum com a aproximação de um estranho que, sabemos, gostaria imensamente de estar ali confortável: não ali onde já estava, na parte pública da calçada, mas em sua fração privada, separada dela por uma linha “imaginária”, impossível de ser vista, mas plenamente detectável.

Em seu devaneio, Bâton se imagina do outro lado, sendo servido, e não mais repellido, pelo garçom. Mas o café que frequentaria não seria aquele mesmo. Seria outro, ainda mais invejável, quase completamente inacessível: *o maior* café de Paris (não pelo tamanho, é claro, mas pelo luxo e distinção). Poderoso entre os poderosos, mandatário entre os mandatários, respeitado entre os respeitados, ele seria saudado pelo *maitre* em curvatura. No teatro, sua presença seria parte do espetáculo, e a contiguidade do palco seria apenas mais uma conveniência que permitiria aos espectadores admirá-lo sem nem virar muito a cabeça, recorrendo somente ao binóculo para aproximar-se visualmente de seu privilégio. Com sua linda amante, captaria todas as atenções, seria alvo da fantasia e da cobiça de todo o recinto.

Significativamente, a imaginação de Bâton, ao se desprender das amarras da situação marginal e introduzir-se no centro, não abole a disparidade que dá o tom das relações travadas entre as pessoas que se deslocam no interior do diagrama social. Essa permanência sugere a força da estrutura, onde os elementos se organizam por contrastes, conferindo certa previsibilidade às atitudes, aos seus efeitos e reações. Assim, a gola de pele do sobretudo de Victor suscitaria especial admiração nos subúrbios, onde a chance de haverem visto algo similar é bem mais escassa do que no seio da capital. Em se tratando

das flores e de seus caules no restaurante opulento, a desigualdade é um charme, é requinte.

Para além delas, cada adereço, cada detalhe arrasta consigo uma série de pressupostos. A acuidade com que o narrador os percebe e integra nas descrições é notável. Nesses “anos loucos”<sup>67</sup> – como ficou conhecida a década de 1920 na França, em remissão à atmosfera parisiense superficialmente apreensível – em que os prazeres supostamente se liberavam, as mulheres supostamente adquiriam maior soltura, a capital supostamente intensificava seu cosmopolitismo e a Primeira Guerra supostamente era esquecida, deixado para fora da grande festa, Bâton a observava como se quisesse inventariá-la. Tal um voyeur, ele se imagina na pele dos outros, encontrando satisfação a cada desejo. Porém os outros, ao que parece, têm dificuldade de imaginar-se na sua.

Ele se chama Bâton e carrega sua miséria assim como certos cães afogados levam uma pedra no pescoço. Seus desejos amorosos não são nunca mais que desejos. Ele sofre, como todos nós, por não ter amigos, por desconhecer a ternura, por estar assustadoramente só. Mas enquanto escondemos a dor nossa como uma doença desonrosa, ele nos confia a dele de maneira bastante simples. Ele quis amar. Não procure saber se amantes ou amigos. O sonho de Bâton era espalhar o seu coração em torno de si. E todo mundo recusou essa víscera atravancadora. [...] Bâton viverá nessa Paris vasta e gelada como numa estepe inabitada. E nem sequer se revoltará, pois a fatalidade pesará muito nas suas costas e a injustiça lhe aparecerá como um estado normal. [...] O volume do Sr. Bove pode ser chamado uma obra-prima, pois ele disse sem contornos, floreios ou embelezamentos tudo o que continha o seu pensamento. E o fez em estilo claro e despojado, rico em imagens. Retratou-nos os seres e coisas dizendo-nos como os via e sobretudo como os sentia, de um ponto de vista puramente subjetivo. (COUSSE; BITTON, 1994, p. 101)

Assim escreveu o jornalista Jean Botrot em artigo publicado no jornal *Bonsoir* do dia 3 de setembro de 1924. E apesar da lisonjeira qualificação do livro como uma obra-prima, creio ser possível detectar em seus comentários um afã de se distinguir, a uma só vez, do autor e do personagem central. Ao considerar Bove o verdadeiro sujeito da enunciação, é como se ele rejeitasse sua entrada no jogo ficcional, desacreditando simultaneamente sua capacidade imaginativa e a possibilidade de se envolver nos afetos de Bâton sem que se ocupe aquela exata posição, sem que se esteja em situação absolutamente idêntica. A clara exposição da fragilidade de um ser em clamor empático é tornada prova de apatia, de languidez frente à injustiça, que seria aceita como normal.

---

<sup>67</sup> Ver, a este respeito, o livro organizado por Gilbert Guilleminault (1956), bem como o documentário televisivo produzido pelo canal *Arte*, disponível em: < <https://vimeo.com/80917546>>. Acesso em 12 de maio. 2017.

Entretanto, ao que tudo indica, o partido da normalidade, quem o defende é o jornalista, pactuando com seus leitores e pressupondo o encobrimento de suas dores. Daquilo que o texto lhe mostra, nenhuma revolta emerge tampouco, nenhuma vontade de acabar com a contradição de uma grande metrópole, na qual se vive, parecer para alguém um lugar inóspito, um flerte constante com a morte<sup>68</sup>. É que de fato, para ele, as abundantes imagens apresentadas por Bove são puramente subjetivas, logo desprovidas de significação coletiva. Bâton, por sua vez, é atormentado por certas cenas que se repetem, segundo o seu julgamento, bem mais do que deveriam.

Na praça Saint-Michel, um homem de chapéu coco distribuía panfletos.

Estendeu-me um punhado deles.

Ninguém se dá o trabalho de aceitar um desses papéis. Seria preciso tirar a mão do bolso, pegar o panfleto, amassá-lo, jogá-lo fora. Que trabalho!

Quanto a mim, tenho piedade dos que distribuem.

Aceito tudo o que me oferecem. Sei que só são liberados depois que distribuíram alguns milhares de papezinhos.

As pessoas que passam desdenhosamente diante dessas mãos que dão ao invés de receber me enervam. (BOVE, 2006, p. 60)

Longe da aceitação irrefletida de uma prática percebida como injusta, Bâton difere da massa indiferente e se recusa a imitá-la. De início, ele vê algo que os outros passantes ignoram: o homem de chapéu coco. E aceita sua oferenda, interpretando o seu excesso como um sinal, um silencioso pedido de ajuda. Ao invés de supor um abuso sem muito nexo – por tratar-se, antes de tudo, de uma dádiva –, ele faz o gesto de projetar-se na situação do outro e com isto sente a fragilidade que a constitui. Nesse movimento de empatia, ele se destaca da multidão e seus integrantes, estranhando o que para eles, de tão corriqueiro, tornou-se irrefletido. Mediante a ironia, Victor expressa essa cisão: “Que trabalho!”, comenta ele, salientando a falta de disposição dos acelerados transeuntes. Debaixo, portanto, da aparência de distração que reveste a legião de pedestres, o protagonista desvela um bloqueio imaginativo. Incapaz de figurar-se na pele do distribuidor de panfletos, ela segue cega à sua precariedade.

E é justamente esse desvio de perspectiva que a maioria dos contemporâneos de Bove, ao que tudo indica, estava inapta a realizar. Daí advém a equiparação entre o escritor e seu personagem, uma vez que não se concebe a visão da mazela alheia, tanto

---

<sup>68</sup> O suicídio e seu imaginário são recorrentes na obra de Bove e, aliás, bastante ligados ao Sena, onde provavelmente se encontravam os “cães afogados” aludidos por Botrot. No próprio *Meus amigos*, há um episódio em que Bâton dissuade o infeliz marinheiro Neveu a jogar-se no rio (BOVE, 2006, p. 72-77).

mais uma visão que parece provir do interior, tamanha a sua complexidade emotiva e carga veraz. A título de exemplo do que estou tentando delinear, cito aqui um pastiche da escrita do autor, publicado no dia 3 de janeiro de 1925 no hebdomadário *L'Impartial français*, sob o título *Minhas amantes*:

Não a conheço ainda muito bem. A vi apenas por dez minutos. Isto não basta para saber se a gente gosta de uma mulher. Mas quando ela estiver aqui, eu sinto que a amarei. Há também momentos em que quero que ela tenha vindo, e depois partido. Há outros em que gostaria que permanecesse, sempre, que ela se tornasse a minha mulher, ou de preferência a minha amante, pois assim, quando já não a amasse, poderia deixá-la sem ter de arcar com as taxas do divórcio. [...] Passei, antes de almoçar, duas horas e meia me limpando. Esfreguei os joelhos com sabão, passando diversas vezes a escova de bucha no lugar onde todo mundo os tem sujos. Cortei as unhas dos pés. Estavam tão duras que elas cegaram minha tesoura. Isto chateou-me pois planejava utilizá-las como palitos de dente. (COUSSE; BITTON, 1994, p. 103)

Nessa paródia, a confusão mental do narrador é visivelmente multiplicada de maneira a apresentá-lo como um ser de pensamentos desconexos, incongruentes. Em um procedimento similar ao da caricatura, se exagera o que se considera destoante e digno de riso. Assim, a condição precária do homem pobre, a escassez com a qual convive, ganha contornos propositais de imundície. Sua pobreza se torna miséria material com ares de degradação moral, reforçando o estereótipo de sujeira e abjeção que frequentemente lhe é imposto. Vence, neste caso, uma percepção oriunda de fora, que menospreza a distância de sua mirada por ignorar o mistério daquilo que vê.

### Exportando os problemas

*“Não podiam imaginar, simplesmente, que eu era filho de dois seres que se tinham amado? Por que sempre esse: quem era seu pai, quem era sua mãe?” (Emmanuel Bove, Mémoires d’un homme singulier)*

*“São estrangeiros. Será preciso expulsar esses vermes. Avise a polícia. Esse garoto vai se dar mal.” (Emmanuel Bove, La coalition)*

Leio surpreso em um cantinho do *Cyrano*<sup>69</sup> concernente ao prêmio Goncourt que, entre os candidatos, o Sr. Bove, um jovem, teria chances se não fosse russo. Permitam-me [...] não deixar esse erro se propagar nem mais um pouco. O autor de *Meus amigos* não é absolutamente de nacionalidade russa. Ele é francês da cabeça aos pés. (COUSSE; BITTON, 1994, p. 104)

---

<sup>69</sup> Hebdomadário francês. O protesto do editor de Bove, Joseph Ferenczi, foi publicado no mesmo jornal no dia 16 de novembro de 1924.

Assim protestou Joseph Ferenczi, editor de *Meus amigos*, diante dos rumores de que o seu autor, um dos concorrentes ao importante prêmio Goncourt, não seria francês, mas, na verdade, russo. O documento é interessante na medida em que nos informa da repercussão que o livro rapidamente alcançara – a ponto de alarmar os que se opunham a premiá-lo –, porém, mais ainda, por oferecer-nos uma noção da perversidade xenófoba que se expunha abertamente no campo da cultura, operando suas exclusões na certeza de que, mesmo que desdita em suas afirmações absurdas, teria gerado o efeito pretendido.

Impulsionados pelo vigoroso trabalho de difusão e persuasão da editora Colette, Bove e o amigo Philippe Soupault efetivamente foram citados nas conversas e prognósticos sobre os prêmios literários da virada do ano 1924-1925. Conhecidos os resultados, o crítico Fernand Vandérem<sup>70</sup> escreveu as seguintes frases no *Figaro*<sup>71</sup>:

No prêmio Femina, todos os conhecedores notaram a soberba corrida proporcionada pelo segundo colocado, o Sr. Emmanuel Bove. No papel, entretanto, o jovem autor de *Meus amigos* não possuía nenhuma chance regulamentar contra um adversário como o Sr. Charles Derennes. Imaginem que o Sr. Derennes, apesar de apenas adentrar os quarenta, já espalhou sua verve e incessante fantasia em trinta volumes por vezes desiguais, mas sempre charmosos, ao passo que o Sr. Bove, que mal tem vinte e quatro anos<sup>72</sup>, abordava o certame público com nada mais do que um apanhado de novelas. [...] Para além disso, malgrado o humor tão cômico, tão pessoal e a emoção tão humana que colocam seu realismo acima do vulgar naturalismo de há pouco, o Sr. Bove tinha contra si a inelegância de seus personagens, a amargura de seus relatos e também a precisão com frequência repugnante de certos detalhes inerentes à pintura exata da miséria. (COUSSE; BITTON, 1994, p. 105)

Mais adiante, no mesmo texto, Vandérem afirma considerar Bove, ao lado de Jean Fayard<sup>73</sup>, a revelação do romance em 1924, acrescentando que não se surpreenderia se os visse suplantarem, em qualidade, não apenas os de sua geração como boa parte dos predecessores. Regozijado, Bove não tardou a contatá-lo por correspondência:

Não sei como lhe agradecer, o artigo que você escreveu no *Figaro* é tão gentil. De tudo o que escreveram sobre mim, é o que mais me toca. Acho tão generoso não esquecer de alguém [...], fiquei verdadeiramente emocionado. (COUSSE; BITTON, 1994, p. 105)

O texto de Vandérem não foi o primeiro a celebrar a escritura do autor, mas algo nele fez com que Bove sentisse uma emoção nova e intensa, entre o reconhecimento e a mais completa satisfação. Arrisco dizer que esse sentimento estava ligado à percepção de

<sup>70</sup>(1864-1939) Dramaturgo, romancista e crítico literário. Informação disponível em: [https://fr.wikipedia.org/wiki/Fernand\\_Vand%C3%A9rem](https://fr.wikipedia.org/wiki/Fernand_Vand%C3%A9rem). Acesso em 15 de maio. 2017.

<sup>71</sup> Do dia 13 de dezembro de 1924.

<sup>72</sup> Na verdade, Bove tinha então 26 anos.

<sup>73</sup> (1902-78) Escritor e jornalista francês, foi também diretor da editora *Fayard*. Premiado com o Goncourt em 1931 pelo romance *Mal d'amour*. Em 1924, escreveu *Deux ans à Oxford?*, com o qual disputou o *Femina*. Informação disponível em: [https://fr.wikipedia.org/wiki/Jean\\_Fayard](https://fr.wikipedia.org/wiki/Jean_Fayard). Acesso em 15 de maio. 2017.

que o crítico o avaliara estritamente como ficcionista, e não interpretara as idiossincrasias de suas histórias e personagens como uma questão pessoal, fruto de uma ótica negativa e pessimista da realidade ou de um ambiente muito específico de degenerescência, produtor de visões distorcidas. Ao contrário, o crítico notara, e sublinhara, o quanto os temas e figuras trabalhados pelo debutante exerciam efeito desvantajoso no exame de sua obra por parte dos “conhecedores”. Assim como Jean Cassou<sup>74</sup> o faria, décadas mais tarde, no posfácio da reedição de *Meus amigos*<sup>75</sup>, Vandérem constatara uma relação entre a nitidez das imagens produzidas e o mal-estar dos leitores, entre a inabalável precisão da “pintura exata da miséria” e um recorrente recuo, um passo atrás evitando a comisseração.

Ademais, ele comparara *Meus amigos* ao “vulgar naturalismo de há pouco”, dando preferência ao livro de Bove frente a essa corrente de nodal importância na tradição literária francesa. E ao fazê-lo, dava mostras de conceber um lugar para o escritor no interior dessa tradição. Isto certamente contribuiu para agradar alguém que se via constantemente medido a partir da origem do pai, mas que nascera na França e fora educado em suas escolas, informado pelo seu cânone, que havia vivido segundo os limites de sua cultura e que, portanto, pensava a si mesmo como francês, enquanto um autor francês. Em outro texto, meio ano antes, Vandérem já estabelecera aproximações entre os temperamentos urdidos por Bove e “os rancores dos heróis de Vallès<sup>76</sup>, a moleza dos de Capus<sup>77</sup>, a mordacidade dos de Jules Renard<sup>78</sup> e as timidez dos de Tristan Bernard<sup>79</sup>”, adicionando que era “mais pelos caracteres do que pela escrita ou procedimentos” que ele

---

<sup>74</sup> (1897-1986) Multifacetado homem da cultura francesa, diretor fundador do *Musée national d'art moderne* de Paris, escritor, resistente, diretor da revista *Europe* entre 1936 e 1939, além de amigo de Emmanuel Bove. Ver: BLOCH, Jean Cassou (1897-1986). *Encyclopædia Universalis*. Disponível em: <http://www.universalis.fr/encyclopedie/jean-cassou/>. Acesso em 15 de maio. 2017.

<sup>75</sup> “Uma arte de singular poder. Uma arte que não recua diante do efeito de mal-estar que sua precisão irá produzir. Esse choque, esse mal-estar irão até uma espécie de horror, pois todos esses detalhes da miséria não provocam piedade, mas horror. A menos que a piedade seja, no final das contas, um sentimento horrível.” (CASSOU, 1987, p. 172)

<sup>76</sup> Jules Vallès (1832-1885) Jornalista, escritor e homem político de extrema esquerda. Ver: PILLU, Jules Vallès (1832-1885). *Encyclopædia Universalis*. Disponível em: <http://www.universalis.fr/encyclopedie/jules-valles/>. Acesso em 15 de maio. 2017.

<sup>77</sup> Alfred Capus (1858-1922) Romancista, jornalista e dramaturgo francês. Informação disponível em: <http://www.academie-francaise.fr/les-immortels/alfred-capus>. Acesso em 15 de maio. 2017.

<sup>78</sup> (1864-1910) Escritor e dramaturgo francês. Ver: GUICHARD, Jules Renard (1864-1910). *Encyclopædia Universalis*. Disponível em: <http://www.universalis.fr/encyclopedie/jules-renard/>. Acesso em 15 de maio. 2017.

<sup>79</sup> (1866-1947) Escritor e dramaturgo francês. Ver: ÉNARD. Tristan Bernard (1866-1947). *Encyclopædia Universalis*. Disponível em: <http://www.universalis.fr/encyclopedie/bernard-paul-dit-tristan/>. Acesso em 15 de maio. 2017.

via um parentesco com a literatura dos “mestres”, pois o jovem trazia o seu próprio jeito de escrever:

Sóbrio, rápido, bem batido, e escolha mais acertada de detalhes para nos divertir no instante mesmo em que nos emociona. A miséria, a penúria, suas paragens, seus costumes, seus tipos - seguramente matéria um pouco limitada, mas da maneira como Bove a trata, podemos pressagiar o quanto vai nos trazer no estudo de temas mais gerais e de meios mais variados. (COUSSE; BITTON, 1994, p. 97-98)

Apesar de toda singularidade que enxerga em Emmanuel, Vandérem é capaz de vê-lo em contato com o seu mundo. Primeiramente, ele o situa dentro do escopo em que ambos transitam e referenciam-se, a saber, o campo literário francês, com suas linhagens e distinções. Em segundo, ao considerar o corte temático e os personagens apresentados pelo autor, ele não os remete a um alhures, a alguma paragem longínqua ou influência externa perniciososa; tampouco os concebe como uma pedra atada ao pescoço do autor, a única realidade que este poderia abordar com minúcia por estar irrevogavelmente afundado nela.

Ao invés disso, o crítico aponta similitudes de temperamento entre os personagens de *Meus amigos* e outras figuras da história literária nacional, sugerindo alguma continuidade, por mais aproximativa que seja. Rancores, temores, maledicências e molezas não são para ele peculiaridades de uma ilha de infortúnios fantasiada por um escritor, mas traços que se repetem em diferentes tempos e locais, inclusive na França, e não apenas em suas margens. A profundidade do alcance de Bove, Vandérem não a atrela ao enredamento numa condição miserável, ele a vê como prova da competência do autor, e aguarda ansioso a extrapolação de quaisquer limites.

Em artigo publicado no *Journal littéraire* do dia 6 de setembro de 1924, Pierre La Mazière<sup>80</sup>, por sua vez, se mostrou menos ávido pelas leituras vindouras e muito mais assustado diante do que lera:

Creio que ele tem talento, um talento que muitos dos seus antecessores poderiam invejar, mas diante do qual eu compreendo que se fique aterrorizado. Ter vinte e cinco anos, ser quase uma criança e provar-se dotado – afligido, deveria eu escrever – dessa faculdade de análise impiedosa, de observação metódica à qual nada escapa, e já saber debruçar-se sobre outrem e sobre si mesmo, notar com acuidade cada traço, cada tique de um rosto, cada palpitação de uma alma, mostrar um tal gosto pelo ponto da pancada, não é um pouco monstruoso, em verdade? (COUSSE; BITTON, 1994, p. 103)

---

<sup>80</sup> (1879-1947) Romancista, jornalista e tradutor francês. Informação disponível em: [https://fr.wikipedia.org/wiki/Pierre\\_Mazi%C3%A8re](https://fr.wikipedia.org/wiki/Pierre_Mazi%C3%A8re). Acesso em 15 de maio. 2017.

*Le point de la meurtrissure*, que traduzi como “ponto da pancada”, é, em suas mais corriqueiras acepções, o machucado de uma fruta, um hematoma<sup>81</sup>. Ou seja, a marca oriunda de uma pancada, a memória de um golpe sofrido que emerge na superfície de um corpo: visível, palpável, notável do exterior – de onde o golpe veio. A não ser que ela seja encoberta e que, portanto, sua visão não se dê tão fácil. Aparentemente, é o que La Mazière considera o mais esperado para uma obra ficcional: que ela passe ao largo dos hematomas da vida, evitando os pontos de pancada. Por mais que estes sejam captados pela mais aguda observação, por mais que estejam ali presentes, presenciá-los é medonho e seria preferível evitá-lo.

Ao voltar-se para a desordem psíquica e os desalinhos da existência conjunta, ao mostrar a amplitude das feridas, dos ressentimentos, e apontar a desarmonia do todo, a literatura de Bove chocou muitos dos seus coetâneos, que amiúde a qualificaram como monstruosa, contrária à natureza, disforme e destoante. Em casos como o do escritor Paul Léautaud<sup>82</sup>, é possível sentir, nos rastros deixados pela leitura, a necessidade de afastar-se de tão sombrias narrativas. Em notas do seu diário, de fevereiro de 1928, ele deixou as seguintes impressões de um longo livro recém-lançado:

Enfiei a cara essa noite num romance enviado ao *Mercure*<sup>83</sup>: *La coalition* de Emmanuel Bove. A história de uma mulher vinda a Paris com seu jovem filho, todo rapaz, para encontrar-lhe um emprego, os dois caindo progressivamente na pior miséria, a maior decadência, a mãe se tornando mais ou menos louca num quarto de hotel e o filho terminando por jogar-se na água. Um verdadeiro pesadelo! Fiquei pasmo. Que loucura escrever um livro desses. [...] A gente vê a si mesmo numa decadência desse tipo. São livros que é melhor não ler. (COUSSE; BITTON, 1994, p. 123-124)

Escondidas no diário, tais reflexões provavelmente nunca perturbaram a difusão do livro e soam mais como um conselho a si próprio. Elas são, no entanto, ilustrativas do desconforto causado pelo romance lançado por Bove em dezembro de 1927. Esse desconforto, creio eu, estava amplamente relacionado a uma sensação de declínio que transpassava a sociedade francesa de lado a outro. Nesse sentido, a desagregação e o depauperamento de uma família de origem abastada, narrados no livro, compunham um

<sup>81</sup> Informação disponível em <http://www.cnrtl.fr/definition/meurtrissure>. Acesso em 16 de maio. 2017.

<sup>82</sup> (1878-1956) Escritor e crítico teatral. Trabalhou no *Mercure de France* nesta última função. Escreveu seu diário por mais de 60 anos. Ver: COMPAGNON. Paul Léautaud (1872-1956). *Encyclopædia Universalis*. Disponível em: <http://www.universalis.fr/encyclopedie/paul-leautaud/>. Acesso em 15 de maio. 2017.

<sup>83</sup> *Mercure* foi uma revista francesa publicada por quase três séculos (1672-1965) sob diferentes nomes. Nessa época em que Léautaud escrevia suas crônicas sobre teatro, ela se chamava *Mercure de France* e voltava o foco para a literatura, sendo animada por diversos escritores da chamada “geração simbolista”.

enredo insuportável para aqueles que se preocupavam, acima de tudo, com a manutenção de um lugar eminente para si dentro do país e para o país diante do mundo.

Desde os estertores do Século XIX, uma querela que se impôs nos debates literários trouxe essa aflição para dentro do campo, modificando a sua lógica. A questão da responsabilidade moral dos escritores frente à nação se expandiu gradativamente, em meio a acusações e polêmicas, tornando-se para uns o verdadeiro cerne das apreciações críticas e expectativas de leitura; para outros, uma demanda a satisfazer e uma sucessão de denúncias a refutar.

Refiro-me aqui às fervilhantes disputas em torno do “gênio francês”<sup>84</sup>, algo como uma essência nacional, cuja ruidosa entrada em cena se deu nos termos de uma “renovação clássica” proposta por Charles Maurras e por seus confrades da *École Romane*<sup>85</sup> e da *Action Française*. Em seus escritos doutrinários, através de um tendencioso trabalho de montagem, Maurras apresentava uma visão extremista da história mundial, na qual ele opunha “um Ocidente regido pelo princípio “masculino” da ordem e do autodomínio [...] a um Oriente “feminino””, cuja manifestação mais próxima e presente seria o chamado romantismo (SAPIRO, 1999, p. 121-122). Depositária privilegiada e legítima da gloriosa tradição clássica ocidental, a França estaria cedendo a influências deformantes, desvirtuando em desvios ao aceitar em seu seio o desenvolvimento de tendências “bárbaras”, “subjetivistas”, “sentimentais”. Como consequência, proliferavam em suas terras seres instáveis, inaptos para a ação, que ameaçavam ruinar as conquistas pátrias ao deixar se esvaír a própria identidade da nação<sup>86</sup>.

---

<sup>84</sup> “Tributário da herança das Luzes, ao afirmar a universalidade da cultura francesa e de sua língua, não fazendo senão fundar como necessária sua posição dominante nos círculos das elites esclarecidas na Europa, o ‘gênio francês’ aparece sempre, à direita como à esquerda, não como a expressão de um particularismo mas como uma categoria do universal: associado, no repertório das representações nacionais, ao ‘humanismo’ e à ‘civilização’, ele legitima um messianismo que se dá como um imperialismo do universal. Assim, a nova direita vai trabalhar para reapropriar-se, redefinindo-as, essas categorias universalistas: a um humanismo fundado na filosofia dos direitos do homem, ela opõe uma concepção elitista do homem, título ao qual só podem pretender os depositários dos valores ‘eternos’ ‘da’ civilização, a saber, os ‘herdeiros’” (SAPIRO, 1999, p. 107).

<sup>85</sup> Corrente poética fundada por Charles Maurras e Jean Moréas em 1891. Em oposição ao simbolismo em voga, ela propunha um ideal de beleza neoclássico, reivindicando uma herança heleno-latina que a França haveria encarnado em seus grandes clássicos e que a influência romântica teria posto em perigo.

<sup>86</sup> “A questão do classicismo, antes de ser literária, é política e nacional – identitária, diríamos hoje” (MURAT, 2007, p. 7).

Em espírito semelhante, Jean Carrère escreveu, entre 1902 e 1904, uma série de artigos publicados na *La revue hebdomadaire*<sup>87</sup> e depois reunidos no livro *Les mauvais maîtres* (1922). Trata-se, antes de tudo, de uma busca de explicações para o “estado de perturbação intelectual, fraqueza moral e inquietação pública” que imperava ao seu ver entre os jovens do tempo. Mais uma vez, o corrompimento dos valores clássicos figurava no diagnóstico, que atrelava o seu declínio à ideia de uma influência nefasta de autores muito diversos, agrupados, não obstante, sob uma mesma etiqueta romântica<sup>88</sup>.

Como bem salienta Gisèle Sapiro, o clima de reconstrução e “retorno à ordem” do pós-Primeira-Guerra favoreceu em muito o alastramento da injunção classicista e, para além dela, a propensão a tecer comentários morais acerca da literatura. Desta, as frações mais conservadoras do campo agora esperavam rigoroso esforço disciplinador, uma verdadeira missão salutar no sentido de reforçar a pujança da sociedade francesa através do combate aos seus males e da exposição de modelos positivos.

Diante de um tal cenário, é possível entender a insistência de algumas mentes reacionárias a tomar Bove por um artista estrangeiro. Portando-se como intransponíveis defensores do espírito francês, certos críticos bravejavam, em alto e bom som, o seu descontento com as figuras apresentadas por ele, apontando-as como perversões temerárias e alienígenas<sup>89</sup>. Partindo de uma concepção desmedidamente purista da cultura e da nação – que a falsa imagem de um povo uno e civilizado, reivindicada a todo momento, ambicionava satisfazer –, eles denunciavam o que entediam como uma série de violações perpetradas por um suposto imigrante russo, imputando o caráter incômodo de suas narrativas ambientadas na França a uma espécie de anomalia oriunda do Leste.

Assim, Louis Bethléem<sup>90</sup>, em *Romans à lire et romans à proscrire (1905-1928)*<sup>91</sup>, emitiu o seguinte juízo: “Emmanuel Bove traz em sua literatura todos os excessos da cultura eslava. Seus romances terrivelmente mal escritos emanam um pessimismo

<sup>87</sup> Revista literária que circulou entre 1892 e 1939, fundada por Fernand Laudet. Informação disponível em [https://fr.wikipedia.org/wiki/La\\_Revue\\_hebdomadaire](https://fr.wikipedia.org/wiki/La_Revue_hebdomadaire). Acesso em 15 de maio. 2017.

<sup>88</sup> Rousseau, Chateaubriand, Stendhal, George Sand, Musset, Baudelaire, Balzac, Flaubert, Zola. (SAPIRO, 1999, p. 123).

<sup>89</sup> Em artigo não assinado do jornal *Liberté* lê-se por exemplo: “Está aí um livro terrivelmente triste e personagens nojentos. Eu pergunto pela segunda vez ao Senhor Bove: quando é que ele nos pintará seres humanos e não mais zoófitos? Mas concordo que ele os pinta maravilhosamente, esses zoófitos!” (COUSSE; BITTON, 1994, p. 133)

<sup>90</sup> (1869-1940) abade ultraconservador que atuava como censor durante o período entre-guerras. Ver, a este respeito, a pesquisa de Jean-Yves Mollier (2014).

<sup>91</sup> Uma espécie de index “pessoal” que vendeu por volta de 140 mil exemplares.

espantoso e rolam na abjeção” (COUSSE; BITTON, 1994, p. 102). Nessa mesma disposição, André Thérive<sup>92</sup>, desconsolado com o impacto de autores como Dostoiévski e Gontcharóv entre os seus conterrâneos, comentou com sarcasmo: “Em uma época em que tantos franceses fazem deliberadamente literatura russa, seria engraçado que um russo acreditasse fazer romance francês quando na verdade está tão distante” (OUELLET, 2008, p. 53).

Como assinala Jean-Luc Bitton, a aversão de Thérive aos escritos de Bove pode ser melhor captada quando lembramos que ele, também prosador, acabara de publicar um romance intitulado *Sans âme*, ou “Sem alma”, no qual, segundo suas próprias palavras, ele intentara “descrever as populações citadinas às quais se sacou qualquer vida moral ou religiosa” (COUSSE; BITTON, 1994, p. 131), em uma abordagem que imputava a essa falta o motivo de sua miséria. Igualmente, um comentário de Gonzague Truc<sup>93</sup> a respeito da obra de Thérive é ilustrativo: “não há em seu pessimismo ultrajado nem amargura nem tristeza, e dir-se-ia que este o contenta ou diverte. Ele parece ser grato ao mundo por ser tão horrendo como ele o faz. E o vê de cima, mesmo que o ponha ali embaixo” (TRUC, 1961, p. 173-175).

Não é à toa, portanto, que as narrativas ao rés do chão praticadas por Bove, com seu desafio à reprodução da postura distante e desprovida de afeto, com a sensação de partilha da culpa que elas promovem a respeito das fricções sociais, desagradavam a Thérive e ao seu espírito saneador, auto condescendente e xenofóbico<sup>94</sup>. Em uma crítica publicada em *L’opinion*<sup>95</sup> no dia 18 de fevereiro de 1928, ele dava as mostras do mal-estar:

Não se poderia dizer que seus heróis inspiram piedade, fraternidade, não se poderia dizer que nos lisonjeiam com essa parte de semelhança virtual que nos aproxima dos monstros e dos desmiolados, e, no entanto, sua imagem penosa se impõe pouco a pouco, a atmosfera na qual vegetam, e onde ninguém poderia viver, e onde, de fato, ninguém nunca viveu, parece reinar em torno de nós. [...] Não seria mais interessante, mesmo sem nenhuma pretensão etnológica, nos mostrar a conquista de corações franceses, mal protegidos, pelo que convencionamos chamar de espírito eslavo? [...] Essas pessoas existem na França

<sup>92</sup> (1891-1967) Romancista, jornalista e crítico literário francês. Informação disponível em: <http://www.larousse.fr/encyclopedie/litterature/Th%C3%A9rive/177401>. Acesso em 15 de maio. 2017.

<sup>93</sup> (1877-1972) Crítico literário, ensaísta e biógrafo francês próximo da *Action française* e de Maurras. Informação disponível em: [https://fr.wikipedia.org/wiki/Gonzague\\_Truc](https://fr.wikipedia.org/wiki/Gonzague_Truc). Acesso em 15 de maio. 2017.

<sup>94</sup> Que se constata também em um comentário seu de 1932, citado por Rey (2006, p. 56): “No ano passado falava-se da morte do romance. E neste ano só há barulho do seu triunfo. Isto não me parece contraditório. Pois o que devia falecer era essa arraia inumerável que alimentou por mais de dez anos os donos das gráficas, senão os editores; e o que sobrevive, com glória, são os espécimes da maior espécie, a qual não estava ameaçada em sua existência, mas corria o risco de ser confundida com a escumalha invasora.”

<sup>95</sup> Jornal quinzenal francês. Existiu entre 1907 e 1938. Informação disponível em: [https://fr.wikipedia.org/wiki/L%27Opinion\\_\(journal,\\_1907-1938\)](https://fr.wikipedia.org/wiki/L%27Opinion_(journal,_1907-1938)). Acesso em 15 de maio. 2017.

assim como alhures, e não posso me proibir de pensar que o Sr. Bove [...] é ele próprio russo e, creio, leva no civil um nome distinto do nome de letras. (COUSSE; BITTON, 1994, p. 131-132)

Vê-se, nesse excerto, formulado pelo próprio comentador, o elo existente entre a repulsa e o bloqueio empático, entre a sugestão de uma “semelhança virtual” a aproximar o leitor das figuras criadas por Bove e a aflição que ela acarreta. Incapaz de reconhecer a própria precariedade, que funda sua dependência a outros seres, o crítico rejeita identificar-se à “imagem penosa” de vidas sem nenhum apoio, relegando-as ao improvável, e mesmo ao inexistente<sup>96</sup>. Assim, a “atmosfera” profundamente sufocante e francesa de *La coalition* é tratada como um desatino, uma febril alucinação de um autor que deveria estar ainda em quarentena, já que infectado pelo danoso “espírito eslavo”.

De maneira perversa, Thérive repõe uma violência exibida no livro ao questionar a nacionalidade do autor, remetendo ao sobrenome que este optara por ocultar e que denotava sua ascendência russa. Embora não haja como saber o que pretendia Emmanuel com a mudança, parece válido pressupor, mediante diversas indicações, que o incomodava ser percebido constantemente a partir de ideias preconcebidas sobre “sua origem”. Uma dessas indicações encontra-se precisamente em um diálogo do romance que tanto acossou o crítico.

Neste, Nicolas Aftalion, o protagonista, conversa com o Sr. Rousseau, um antigo amigo arquiteto do seu falecido avô, o industrial Perrier. Estimulado por sua mãe Louise, filha do Sr. Perrier, Nicolas fazia apelo à pretérita relação familiar visando um auxílio na busca por um emprego<sup>97</sup>.

Contudo, o próprio vínculo de Louise com o pai dela estremecera quando esta decidira casar-se com o operário Alexandre Aftalion, nascido num vilarejo a cem quilômetros de Sofia e vindo à França à procura de liberdade depois de passar por diversas

---

<sup>96</sup> Penso aqui em Judith Butler e em seu conceito de “vida precária”, desenvolvido primeiramente em *Precarious life* (2004) e depois em *Quadros de guerra* (2015). Segundo a filósofa, “deveria haver um reconhecimento da precariedade como uma condição compartilhada da vida humana (na verdade, como uma condição que une animais humanos e não humanos). [...] a vida de alguém está sempre, de alguma forma, nas mãos do outro, [...], isto é, dependemos das pessoas que conhecemos, das que conhecemos superficialmente e das que desconhecemos totalmente. [...] Nós não nascemos primeiro e em seguida nos tornamos precários; a precariedade é coincidente com o próprio nascimento. [...] A precariedade tem de ser compreendida não apenas com um aspecto desta ou daquela vida, mas como uma condição generalizada cuja generalidade só pode ser refutada negando-se a precariedade enquanto tal (BUTLER, 2015, p. 30-32-42).

<sup>97</sup> Um emprego ou *une situation*, como se diz convencionalmente em francês e como encontra-se no original, enfatizando o aspecto físico-espacial-competitivo que a questão envolve (dois corpos não podem ocupar o mesmo espaço).

situações opressivas. Pouco a pouco, o Sr. Perrier fora tomado pela loucura, alucinando com previsões desastrosas, nas quais se via de uma hora a outra perdendo todos seus bens. Porém, muito antes de algum sinal efetivo da bancarrota, o desiludido industrial suicidara-se, deixando a Louise e ao malquerido marido um terço de sua fortuna.

Tão logo a receberam, eles se mudaram para Genebra, não deixando a ninguém o novo endereço, tamanha era a ânsia que os levava a romper com os abalados liames da vida em Paris. Todavia, no estrangeiro, nada se passou muito bem para eles. Tornado, com o passar do tempo, frágil, moroso e fantasioso, além de viciado no jogo, Alexandre morreu durante um acesso de febre. Desamparados e antevendo o já próximo fim das economias, Louise e Nicolas retornaram então a Paris, onde agora esperavam que alguém como o Sr. Rousseau os ajudasse.

- Está procurando emprego?
- Eu adoraria encontrar algum.
- Deve ser difícil nos dias de hoje, não tem sido?
- É, mais ou menos.
- E que tipo de emprego você procura?
- Qualquer um.

Essa resposta provocou no Sr. Rousseau um efeito deplorável. Em um só instante, tudo o que havia imaginado dos Aftalion se provou acurado. Eles eram como ele supusera, prontos a tudo, sem objetivo. [...]

– Não tenho nenhum conselho a lhe dar, disse ele, mas me parece que você deveria, antes de continuar a sua procura, escolher a carreira à qual se sente mais apto.

– É verdade. O senhor tem razão.

Num impulso, Nicolas completou:

- O senhor, quem sabe, talvez pudesse fazer algo por nós. Eu sei duas línguas estrangeiras: alemão e inglês.
- Você é ao menos francês?
- Naturalmente.
- Não estou tão certo quanto você. O seu pai era estrangeiro, ao que me parece. A menos que opte pela França, você mantém a nacionalidade dele.
- É o contrário. Seria preciso que eu optasse pela nacionalidade do meu pai para não ser francês.
- Como assim?
- Sou francês enquanto não optar.
- Quero acreditá-lo, sinceramente. Quanto a lhe encontrar um emprego, é outra história. Preciso primeiro colher algumas informações. Você há de concordar que é legítimo. Basta voltar aqui com os diplomas, enfim, com qualquer coisa que possa ser útil. Aliás, não vejo

ninguém em minhas relações que possa lhe ser de alguma ajuda. (BOVE, 2006, p. 387-388)

Nesse embate pela verdade, pouco interessa ao Sr. Rousseau quem está de fato com a razão. No fundo, nada o obriga a apoiar o moço que se apresenta em sua casa. Bem estabelecido, ele acredita ter dado e recebido tudo o que podia: “A mim só me resta esperar o fim com tranquilidade. Eu não desejo que ele chegue amanhã. No entanto, se ele chegasse eu diria: “deixa para lá””; “não sou eu que iria recomeçar minha vida se o pudesse. Quando a gente pensa em tudo que lhe espera, a cada virada, ora, eu lhe asseguro que se é feliz de não contar mais com nada e estar aqui” (BOVE, 2006, p. 385).

Apresentando a si mesmo como um ser que se basta, e vendo a vida como uma ascensão intrincada da qual atingira o topo, o arquiteto previne o garoto dos obstáculos e reveses que emperrarão a sua subida. E é como se torcesse contra, pois necessitasse, para continuar ocupando o cume, obstruir aquele caminho. Do apartamento avarandado onde “o sol bate por todo dia”, o velho homem se gaba do sossego de que usufrui, mas ficamos sabendo pelo narrador que há certas coisas que o inquietam.

Diversas vezes ele fora ludibriado de tanto ter confiado nos outros. Assim, ao envelhecer, ele se tornara muito suscetível e achava sempre, diante de um estranho (*étranger*), que estavam tentando engambelá-lo. (BOVE, 2006, p. 383)

O Sr. Rousseau se tornara, envelhecendo, de uma avareza tal que as menores despesas lhe pareciam exorbitantes. O valor do franco podia bem ter baixado, ele não queria admiti-lo e continuava a pagar pelos serviços as mesmas somas de antes da guerra. Ele tinha, porém, a impressão de que eram os outros que não sabiam aceitá-las, e que ele era muito generoso. Quando, por exemplo, mandava expulsar um locatário, pois era dono de sete imóveis, dizia que se tivessem ido lhe procurar, se tivessem falado com gentileza “como deveria ter sido feito”, ele seria o primeiro a consentir com um novo prazo. Mas nunca as coisas se passavam como desejara interiormente. Com as novas relações, era de uma amabilidade extraordinária. Mas debaixo dela o cutucava a espera em que vivia de um ato ou de uma palavra que o ofenderiam. Na previsão de uma ruptura, não cessava de aludir à sem cerimônia e ao egoísmo do mundo e de repetir: “quando são sinceros, podem fazer de mim o que quiserem. Mas se me apercebo de alguma coisa, acabou, acabou para sempre.” (BOVE, 2006, p. 385)

Nesse retrato, o Sr. Rousseau não parece assim tão despreocupado quanto se ostenta diante de Nicolas. E a julgar por sua desconfiança, não seria impossível supor que a coalizão no título do romance se referiria à enorme massa de desconhecidos que intenta fazê-lo de bobo e tirar-lhe vantagem. Porém, em meio à montagem do livro, as atitudes e suspeições do Sr. Rousseau é que aparentam se agregar a outros agentes, entidades, fatores, sentimentos e tendências em reforço mútuo, gerando um efeito de coalizão, de

uma espécie de consórcio de pessoas arraigadas que barram aos outros o acesso ao que elas possuem<sup>98</sup>.

Elas exibem indiferença, propagando uma imagem autossuficiente e imperturbável, mas o seu apego à configuração vigente e a sensação de ocupar um posto invejável, apartado das agonias do mundo selvagem que supõem crescer e se acercar, as fazem acastelar-se de mais em mais. E em efeito, para além da aparência sólida de que se jactam, sua condição é também marcada pela insegurança. O próprio Sr. Rousseau transparece inquietude ao falar com o médico ao telefone, e o seu desconcerto, compreende Nicolas, revela um medo diante do fim que desdiz o jeito inabalável com o qual se exprime<sup>99</sup>. Similarmente, sua avareza denota um receio de que se aproveitem do seu descuido, de que a inflação seja um grande engodo visando pilhá-lo de pouco em pouco. E como o câncer que talvez tenha, seria um mal que ele não controla, mas que gostaria de ver extirpado, tratando-o já como estrangeiro<sup>100</sup>.

Depois de ser dispensado, Nicolas retorna ao apartamento que alugara com sua mãe. Trata-se, na verdade, da metade de um outro apartamento muito mais vasto, pomposo e luxuoso, que os proprietários arrumaram em separado para locar. Ali, Louise e seu filho têm dificuldade de se sentirem aconchegados. Aliás, enquanto aguardava o retorno dele, ela estivera desconsolada, pois ficara escutando o jantar de amigos que se desenrolava do outro lado.

Estar assim perdida numa rua desconhecida, ao lado de pessoas amenas cujas vidas ela quase vivenciava e que, no entanto, estavam tão longe dela, causava-lhe impressão desagradável. Ela teria desejado que os donos viessem bater em sua porta, que a convidassem a passar a noite ao lado deles, que lhe falassem com delicadeza, uma vez que compartilhavam seu interior. E se sentir, no seio mesmo do apartamento, tão *estrangeira* a eles quanto uma mulher na rua, gerava nela um desconforto. [...]

Os móveis que não conhecia, a cujas formas ela não estava habituada, a rodeavam de uma atmosfera hostil. Quando os tocava, lhe parecia que iam quebrar-se subitamente e que, como não havia testemunhas, seria obrigada a repô-los. Detalhes estranhos saltavam-lhe aos olhos. Uma lâmpada queimada no lustre do salão formava no meio das outras um buraco negro. Uma mesa incrustada de laca tremia quando se passava ao lado. Um longo cachimbo bávaro ficava pendurado na sala de jantar. Todos os bibelôs postos não importa

---

<sup>98</sup> “A cada dia, os Aftalion iam ver um parente ou amigo e voltam desamparados dessas visitas. Era sempre, no fundo, a mesma recepção, a ponto de eles ficarem chocados [...] com essa similitude de pessoas sob roupagens tão diferentes” (BOVE, 2006, p. 389). “Hoje: Pierre; amanhã: Paul. E por todo lado desconfiança, por todo lado frialdade” (BOVE, 2006, p. 423). “– E depois, você já sabe, não se incomode com as pessoas. Elas não se incomodarão com você.”, diz o irmão de Louise como um conselho sobre Paris. (BOVE, 2006, p. 379)

<sup>99</sup> “Nicolas não pode impedir-se de notar que a inquietude que o velho tivera ao telefonar ao doutor contradizia essa indiferença” (BOVE, 2006, p. 386).

<sup>100</sup> “Nicolas experimentou uma sensação esquisita à vista daquele homem forte e grande que falava do próprio mal como se fosse o de um estranho (*étranger*)” (BOVE, 2006, p. 384)

onde pareciam estranhos uns aos outros. A cada instante, a Sra. Aftalion relia o inventário, tomada de súbito pelo pavor de ter assinado por coisas demais. (BOVE, 2006, p. 380-381, Grifo meu)

Como em tantos outros momentos na obra de Bove, uma atmosfera de hostilidade emerge do sentimento de não-posse e de pertença semiplena. Vivenciando-se como uma estrangeira, Louise teme ser responsabilizada por tudo que não estiver de certa maneira. Se deslocando entre bibelôs que nem lhe parecem bem escolhidos ou arrumados, ela sente um desconforto, como se estivesse à mercê das coisas e de seus donos. Assim, seu acanhamento desponta tal um ditado emanado pelo ambiente, que uma certa aura de sacralidade parece proteger<sup>101</sup>. Tentado sentir-se mais à vontade, os Aftalion desfazem as suas malas, povoam as peças com suas memórias<sup>102</sup>. Querendo mostrar contentamento, Nicolas pondera: “não será assim tão mal [...] quando estivermos habituados”. Louise, por sua vez, responde a ele com pessimismo: “como sempre, quando estivermos habituados, será preciso ir embora” (BOVE, 2006, p. 382).

Solta no ar, a frase soa como um lamento do desamparo, um suspiro do desterro, e poderia servir de epígrafe a muitas vidas comprometidas pela existência do nativismo e das divisões fronteiriças. Assim como o pai Bobovnikov, Alexandre Aftalion emigrou do leste europeu e jamais se integrou firmemente na França; como Bove, sua união com uma francesa custou a ela o rompimento familiar. Emmanuel, como Nicolas, cresceu sem bases tradicionais, mudando-se a cada vez que acostumara com alguma coisa, sendo tratado como estrangeiro na própria terra onde nascera.

### **“Isso não pode mais ficar assim”**

Fruto da necessidade, do constrangimento, da indignação frente a situações insuportavelmente injustas, diversos personagens na obra de Bove decidem partir do lugar onde estão. “*Cela ne peut plus durer*” (“isso não pode mais ficar assim”)<sup>103</sup>, exprimem

<sup>101</sup> “Depois de [os Aftalion] terem jantado sumariamente, sem apetite, falando tão baixo que às vezes riam e diziam alto: “parece até que estamos numa igreja. A gente tem todo direito de conversar”, até que, sem percebê-lo, baixassem o tom, eles se instalaram no quarto mais afastado.” (BOVE, 2006, p. 381)

<sup>102</sup> “– Desfazemos as malas agora a noite? – Sim, sim, mamãe. Vamos nos sentir mais em casa depois.” [...] – Em que cômodo eu ponho sua fotografia? – Na sala.” (BOVE, 2006, p. 381)

<sup>103</sup> Ao chegarem em Paris, Louise e Nicolas são mal recebidos no apartamento da irmã e do cunhado dela. Nicolas então diz à mãe: “Não, não quero mais ficar aqui. Esse lugar é um inferno. [...] Isso não pode mais ficar assim” (BOVE, 2006, p. 350); Alexandre Aftalion, o pai falecido de Nicolas, teve infância miserável num povoado próximo a Sofia, cidade qual vai procurando melhorar de vida. Lá, porém, ele é abusado pelo empregador, Léon Seelig, um comerciante que o tratava como um escravo, chamando a todo tempo de vagabundo. O filho do comerciante, sentado perto do fogo, come torradas mostrando-as a ele e dizendo: “não são para você” (BOVE, 2006, p. 357). Alexandre foge em momento de oportunidade, em meio a um acesso de cólera de Seelig: “Ele percebeu que o filho do patrão que teria podido alcançá-lo na corrida não

por vezes, manifestando que a propulsão de seu movimento deriva em efeito de uma rejeição ao estado das coisas e ao seu ímpeto a estender-se no tempo, sua pujança em proclamar-se como eterno, constante, universal e assim funcionar no entendimento dos que pertencem, e assim se sentem, mais plenamente aos próprios tempos e ambientes. “Não, não quero mais ficar aqui. Esse lugar é um inferno. [...] *Isso não pode mais ficar assim*” (BOVE, 2006, p. 350), dizem-se os Aftalion, entreolhando-se, ao decidirem sair da casa da irmã de Louise, que os recebera de maneira fria e protocolar em Paris. É o começo de uma longa série de deslocamentos, representativos de seu progressivo desamparo e descenso social, que acaba levando-os ao desespero, Nicolas ao suicídio.

“*Isso não pode mais ficar assim... isso não pode mais ficar assim.*” Ele repetiu tais palavras dez, cem vezes: “*isso não pode mais ficar assim*”. De repente, interrompeu-se. E contou as sílabas dessa frase nos dedos. Uma espécie de clareza se fez nele. Ele levantou e, em voz alta, num tom calmo, com uma pitada de ironia, repetiu: “*isso não pode mais ficar assim...*”, depois completou: “sou um imbecil”. Bruscamente, pôs-se a gritar como se passasse uma descompostura num criado: “sou um imbecil... sou um imbecil”. Ele andava fazendo gestos espasmódicos, esforçando-se a não pensar em nada, fazendo com a cabeça, a cada instante, sinais negativos e afirmativos, animando o próprio corpo *o quanto podia fazê-lo sozinho*. Como o cão que se chacoalha para ser o mesmo depois do banho, ele se agitava o mais que podia para espantar a tristeza e o torpor. (BOVE, 2006, p. 400, Grifos meus)

“Fale para mim, mamãe, você acha vai ser assim para sempre?” (“*tu crois que cela va durer toujours?*”) (BOVE, 2006, p. 531), pergunta Nicolas, páginas a frente, já quase no fim do romance. Chegado ao cúmulo do cansaço psíquico e do desconsolo, ele anseia uma mudança brusca feito um afogado sonhando por uma boia, sem ter condições de saber de onde ela virá: “o desejo de partir para um país longínquo o perseguia. Mil aspirações despertavam nele. Porém, quando se lembrava de [...] sua condição, quando pensava no dia seguinte, a calma dessa manhã lhe parecia intolerável” (BOVE, 2006, p. 531).

“Gosto das palavras “esperança” e “futuro” no silêncio do meu cérebro, mas é só eu pronunciá-las que elas parecem perder sentido” (BOVE, 2006, p. 72), comenta Bâton, por sua vez, ao escutar-se dizendo coisas para reanimar o marinheiro Neveu, aparentemente decidido a jogar-se no Sena. Tanto ao protagonista de *Meus amigos* quanto ao de *La coalition*, a impossibilidade de projetar-se no tempo futuro advém de uma extrema dificuldade de habitar o tempo presente, com suas doloridas idiossincrasias estáveis a ponto de produzir condições de aparência imutável; da inviabilidade de

---

estava. Ele recuou um pouco mais. A porta estava entreaberta. Antes mesmo que o comerciante pronunciasse uma palavra, ele fugiu de repente como um louco na rua” (BOVE, 2005, p. 358).

enxergar para si um lugar numa sociedade que os impele constantemente à margem, senão ao exterior, “a um país longínquo”. A esperança e o futuro ficam então reservados aos outros como palavras inapropriáveis, estranhas, estrangeiras.

Porém, ao testemunhar esse limite, ao externar esse incômodo, ao relatar sua lancinante despossessão, é como se os personagens dissessem ao infinito: “isso não pode mais ficar assim”. E nesse desejo de mudança, que os leva por vezes a emigrar para outra cidade, outro país, pode-se entrever seu tenaz status de “exilados internos”, tal como Márcio Seligmann, na esteira de Anatol Rosenfeld, referiu-se a Kafka em um valioso ensaio do qual se encontram aqui muitos ecos (SELIGMANN, 2010, p. 26). De certa maneira, efetivamente, eles parecem falar uma língua distinta daquela que falam, e que conseguem escutar, seus conterrâneos e coetâneos. “*Meus amigos é um grande monólogo que se queria diálogo, em vão*” (p. 42, 2013), afirmou Catherine Douzou, resumindo acuradamente a situação. A formulação tem o mérito de enfatizar tanto a emissão das mensagens quanto seu surdo recebimento.

Em *Narrar o trauma: A questão dos testemunhos de catástrofes históricas* (2008), Seligmann alude à conhecida e frequente angústia dos sobreviventes de eventos desastrosos ante a necessidade de narrar aos outros o que sofreram. Essa angústia está na origem de um pesadelo também recorrente cujo relato mais afamado é o de Primo Levi. Neste, o sobrevivente, após o retorno ao lar, começa a narrar o seu infortúnio mas é deixado falando a sós, abandonado pelos seus, que então se revelam irremediavelmente outros, alheios, apartados radicalmente de sua ferida.

A outridade do sobrevivente é vista aí como insuperável. A narrativa teria, portanto, dentre os motivos que a tornavam elementar e absolutamente necessária, este desafio de estabelecer uma ponte com “os outros”, de conseguir resgatar o sobrevivente do sítio da outridade, de romper com os muros do Lager. A narrativa seria a picareta que poderia ajudar a derrubar este muro. (SELIGMANN, 2008, p. 66)

Faz-se, então, apelo à narrativa para tentar superar o insuperável. Tenta-se criar certa fluidez onde não há fluxo, e trata-se de uma “necessidade elementar”, de uma “carência absoluta de narrar” (SELIGMANN, 2008, p. 66), “de contar ‘aos outros’, de tornar ‘os outros’ participantes” (LEVI, 1988, p. 7). Como bem salienta Seligmann, as aspas colocadas por Levi em torno das expressões “aos outros” e “os outros” apontam para a existência, no sentimento do sobrevivente, de “uma barreira, uma carapaça” que o isola dos “demais companheiros de humanidade”. Rompê-la, atravessá-la, seria, portanto, um imperativo da sobrevivência, da indispensável conexão entre humanos, de um sentir-

se humano ou mesmo vivo. A narrativa das cenas traumáticas constituindo então um vital “trabalho de religamento ao mundo, de reconstrução da sua casa”, tendo “em primeiro lugar este sentido primário de desejo de renascer” (SELIGMANN, 2008, p. 66).

Contudo, esse desejo cujo vetor direciona-se ao mundo, à sociedade, “aos outros”, carrega consigo essa imensa e inerente fragilidade que é a necessidade de um desejo correspondente de escuta, de um deixar-se afetar que, em caso positivo, ajuda a conferir certa procedência à realidade narrada em seu absurdo, precariamente compartilhada, mas não mais des-realizada, desconsiderada, inadmitida como nos casos em que se depara com a indiferença<sup>104</sup>. “Seria eu contar minha história para ninguém me acreditar” (BOVE, 2006, p. 501), reflete Nicolas em seu exílio metropolitano. E não se trata de um desabafo. Pois tais palavras ricocheteiam em sua mente, entremeadas por aspas para indicar sua formulação solitária.

Elas se inscrevem, porém, dentro de uma obra, de uma construção, de uma narrativa, de um *Chez Bove* que simboliza, dá vulto, contextualiza e contextua esse isolamento. Ele inclui o muro, visando implodi-lo. Mas não se trata, ao menos ainda – em *Meus amigos*, *La coalition* e nos demais livros dos anos 1920 e 1930 –, dos muros de um campo de concentração, mas de outros mais patentemente próximos, instalados no centro da cultura francesa, no lugar privilegiado de seu etnocentrismo: os muros, as paredes, de Paris. Dessa Paris em que é tão difícil de se integrar, e que se converte na imagem da França inteira, ao comprimir-se em uma casa inospitaleira como a do Sr. Rousseau fazendo as vezes de agente alfandegário – ou de *bad cop*, segundo a feliz expressão estadunidense – ao questionar o garoto Nicolas em trecho supracitado: “você é ao menos francês?”.

Emmanuel Bove era certamente um apátrida a contragosto, *malgré lui*, que sempre buscou na França onde nasceu suas instáveis referências. Mas mesmo que desejasse, e até rogasse, ser considerado como francês, o seu desejo, à imagem do de Bâton por um amigo e um ouvido atento, no mais das vezes permaneceu vão<sup>105</sup>. E para além disso, ele amiúde foi percebido como um desajustado, um destoante em seu próprio ofício. O romancista

<sup>104</sup> “Sem a nossa vontade de escutar, sem o desejo de também portar aquele testemunho que se escuta, não existe o testemunho.” (SELIGMANN, 2008, p. 72)

<sup>105</sup> Interessante, nesse sentido, é a rara interação reportada pela jornalista Claudine Chonez, que entrevistou Bove em 1935 para o jornal *Marianne*: “Esperaríamos talvez aqui, dada a origem russa do Sr. Bove, a clássica cantiga sobre o charme eslavo, a inquietude espiritual e a influência de Dostoiévski. Ora, não! Nós compadecemos de pleno coração quando, prestes a arrancar os cabelos, ele roga em vão a amigos e críticos que lhe considerem como francês.” (OUELLET, 2008, p. 53)

André Beucler<sup>106</sup>, que o conheceu à época da publicação de *La Coalition*, disse em entrevista a Raymond Cousse que Emmanuel “não escondia a ambição de ser um grande escritor. Isso o espicava. A única coisa é que ele não estava adaptado para o meio. Quando partia, nós não sabíamos para onde voltava” (COUSSE; BITTON, 1994, p. 103).

Apontando a inadaptação às letras a partir da falta de domicílio fixo, Beucler denota mais uma vez a natureza interseccional da marginalidade de Bove<sup>107</sup>. De ascendência estrangeira e origem pobre, suas passagens pelos núcleos de sociabilidade burguesa deram-se amiúde parcialmente, o suficiente para inculcar-lhe desejos de inserção e reconhecimento no campo literário e entre as elites culturais, mas também o bastante para que sentisse pesadamente os seus limites e restrições<sup>108</sup>. Nesse sentido, a ausência de um teto constante e seguro debaixo do qual abrigar-se, imagem última de sua míngua e desterro, tornada um tema em seus escritos, tem o poder de trazer ao seio da obra literária aquilo de que a cultura referendada usualmente nem trata ou então destrata, aquilo com que ninguém quer identificar-se: a exclusão e os detalhes tão significativos pelos quais ela se percebe. De suas posições oscilantes e desprotegidas, os personagens de Bove os registram e decodificam com verdadeira obsessão, como testemunhas das extremadas adversidades que acompanham o fraco, o pobre, o minoritário, em sua locomoção pela França atravessada por crises e conflitos<sup>109</sup>.

---

<sup>106</sup> (1898-1985) Escritor francês. Informação disponível em: <http://www.andrebeucler.com/>. Acesso em 15 de maio. 2017.

<sup>107</sup> Refiro-me aqui às perspectivas abertas pelas análises – muito em voga no pensamento social mais recente – dos “marcadores sociais da diferença” como categorias perceptivas operando em conjunção, e não isoladamente. Schwarcz e Starling (2006, p. 219) ajudam-me a explicá-las: “raça, mas também gênero, sexo, idade e classe são categorias classificatórias que devem ser compreendidas como construções locais, históricas e culturais, que tanto pertencem à ordem das representações sociais – como fantasias, mitos, ideologias –, como exercem influência real no mundo, por meio da produção e reprodução de identidades coletivas e de hierarquias sociais politicamente poderosas, de forma e articulação complexa. Como “marcadores sociais da diferença” articulados em sistemas classificatórios, regulados em convenções e normas, materializados em corpos e coletividades, categorias como essas não adquirem seu sentido e eficácia isoladamente, mas por meio de uma íntima conexão entre si – o que não quer dizer que possam ser redutíveis umas às outras”.

<sup>108</sup> “Eu acreditava que o conhecimento da vida burguesa, de seus costumes, de seus preconceitos, era uma aquisição. Agora, tenho muitas dúvidas” (BOVE, 1994, p. 206), protesta de maneira emblemática o protagonista de *Mémoires d'un homme singulier*.

<sup>109</sup> Ver, por exemplo, a perspectiva de historiadores como Jean-Pierre Azéma, Jean-Pierre Rioux, Henry Rousso e Philippe Burrin, que tratam da história francesa desde a Revolução de 1779 como uma sucessão, com hiatos e guerras civis entre franceses, apelidados por eles de guerras franco-francesas. Assim, segundo esses estudiosos, o período usualmente conhecido como entre-guerras seria antes um incompleto desdobramento dos traumas da Primeira Guerra precipitado catastroficamente nos anos de guerra-civil e Ocupação alemã (1940-45) (BURRIN, 1995); (AZÉMA; RIOUX; ROUSSO, 1985)

## IDENTIFICAÇÕES

### Quando se escuta chamar por ajuda, mas quem é que pede?

Quando penetrou na sala dos Michelez, ela foi tomada por uma tontura. Só a lembrança de sua filha a impediu de tombar. Ela sorriu sem saber que sorria. O empresário, como essas pessoas que nunca fizeram mal a ninguém nem jamais cometeram uma indelicadeza na vida, que jamais pediram um favor, que não devem nada em nenhuma parte, que têm a consciência tranquila, aguardava firme, seguro de seu bom papel. Antoinette, por sua vez, pensava na própria sala, e tentava adivinhar, olhando a visitante, o que seria a sua. Édith deu alguns passos. Como ela não falava, Jean Michelez disse:

– A que nos vale o prazer de lhe receber uma hora dessas? – opondo ‘uma hora dessas’ a ‘prazer’, o que lhe deixou muito orgulho.

A Sra. Auriol não respondeu. Acabava de parecer a ela que o pedido que se propunha a fazer ultrapassava as coisas permitidas, que o que ousava era tão grave quanto um roubo, que aconteceria uma cena assustadora que ela não tinha como prever. Parecia a ela que estava sendo pega em flagrante delito, que, como nos sonhos, era incapaz de se defender e já era tarde para recuar. Era preciso falar qualquer coisa, mas era preciso falar.

– Estou confusa, completamente confusa, senhor, senhora, de importuná-los assim, mas minha criança está muito doente. Eu estou com medo. Não sei mais o que fazer. Sozinha com a minha filha, eu não vivo mais. Meu Deus... Meu Deus... O que é preciso que eu faça?

Vinda para pedir uma ajuda material, ela não tivera a coragem, frente aos esposos Michelez, de fazer a menor alusão ao tema.

– O que ela tem, a sua filha? – perguntou Antoinette.

Édith pôs a mão sobre o peito, ficou em silêncio um instante, depois disse:

– Ela tosse... Está gravemente doente... eu não sei o que fazer... Salvem-na, vocês; talvez vocês possam algo.

– Mas nós não somos médicos, falou Jean Michelez.

– É verdade... me desculpem... eu não sei mais o que digo, o que eu faço. Há três meses vivo um verdadeiro pesadelo. Ao falar, Édith se abatia de pouco em pouco. Como um acusado, ela olhava em direção ao chão, não ousando erguer os olhos; mas, sobre o solo, havia a imagem de sua filha. Ela contou sua vida, a morte de Marc, a tristeza de sua irmã sem, contudo, por pudor, fazer a menor alusão à própria tristeza.

De repente, ela endireitou-se, ergueu a cabeça dignamente, olhou Jean Michelez nos olhos.

– Me desculpe. Eu sou para você uma estranha (*étrangère*). Não sei por que vim incomodá-lo assim. Vou voltar para a minha casa.

– Oh! mas é muito natural, senhora, disse o empresário.

Mesmo que a Sra. Auriol não tivesse falado a respeito de si, ele captara os motivos da visita. Assim, ao escutá-la pedir licença, ele sentira um profundo alívio.

– Há momentos na vida em que precisamos nos sentir rodeados. Eu compreendo isso muito bem. A senhora está sozinha com a sua filha. Falar é um reconforto, isso lhe alivia. (BOVE, 2006, p. 84-86)

É esta a cena mais decisiva da novela, ou romance diminuto, *La mort de Dinah*. A morte, e não a vida. De quem? De Dinah, filha de Édith Auriol. Desde o título, portanto,

o leitor já sabe onde a história termina. Talvez não saiba de pronto que é assim, que é assim que termina, mas ele sabe, ele já sabe que ela morre. Apenas não sabe que é no fim.

E há outras coisas que, de início, ele não sabe. Não sabe, por exemplo, que Dinah no livro pouco aparece. Pois apesar de seu nome figurar no título, ela não é a protagonista, e longe disso. Não são suas ações as que mais importam para a história. Não são suas ações as que mais importam para o desfecho, nem ao relato, de sua vida. Pois tamanha era sua fragilidade que ela dependia imensamente dos outros. Isto, é claro, como todo mundo, como toda vida, mas de maneira ainda mais explícita. Principalmente porque, como se pode entrever no trecho em questão, ela necessita, para manter a sobrevivência, inteiramente da mãe. E esta, por sua vez, encontra-se, sozinha com a própria filha, como ela mesma revela, impossibilitada de seguir vivendo.

Aí já há algo a ser observado: propensos ao desamparo, e diante dele, os seres humanos necessitam de apoio, mas como que de um apoio inesgotável, a ser sustentado decerto por mais de um. Sem o que ele se exaure, se esgota, desvanece. Ora, o oposto disso é o que ocorre quando, anos antes de Édith adentrar a sala dos Michelez em posição de súplica, o cunhado dela retorna convalescente da Primeira Guerra. Apesar de recém-enviuada, de estar ainda sofrendo a perda do próprio marido no front, Édith se junta à irmã para cuidar daquele cujas forças vitais se dissipam.

[...] no dia 15 de janeiro de 1919, um homem emagrecido, desfigurado, bateu na porta das duas mulheres. Era Germain. Ele mudara tanto que Mary o olhou com terror. Foi apenas ao cabo de alguns minutos que ela se jogou em seus braços. Ele a serrou contra si sem beijá-la e deixou-se cair numa cadeira. O homem que fora jovem, ativo, feliz, agora não era mais que um maltrapilho. Ao falar, ele repetia as mesmas palavras, se embrulhava, não conseguia acabar as frases, balbuciava monossílabos e pronunciava com dificuldade. Durante o cativeiro, ele tivera três doenças, dentre as quais a febre tifoide, a desinteira e uma broncopneumonia da qual ainda não se recobrou. Seus dedos não tinham mais carne. Mary e Édith quiseram recuperá-lo. Ele não conseguia comer. Qualquer coisa que ingerisse, ele devolvia. De ter sido alimentado por quase três anos com nabo, bacon velho e pão seco, seu estômago pouco a pouco se fechara, se encolhera, de tal modo que agora não aguentava nada. As duas mulheres o deitaram. Mal se estendera, ele foi tomado pela tontura. E pôs-se a tremer. Um suor que deixava, sobre sua testa, gotas tão grossas quanto as da chuva, o inundou dos pés à cabeça. Durante três meses, ele tudo suportara: o frio, a fome, as doenças, e, justo no momento em que estava de novo entre os seus, as forças o abandonavam.

Alguns meses mais tarde, houve uma leve melhora em sua saúde. Seus ombros ainda estavam arquejados. Quando se erguia pela manhã, ele andava por um bom tempo curvado em dois. Era só depois de uma meia-hora que ele lograva se endireitar. Porém, o apetite estava voltando e todo dia, depois do almoço, ele saía um pouco. As duas irmãs não o largavam. Édith, em sua dor, encontrava a cada dia novas forças para dedicar. Porém Germain, a despeito da ternura e dos cuidados de que estava rodeado, permanecia taciturno. [...] Fizessem-lhe o que fosse, ele estava descontente. Nada acontecia do jeito certo. [...] Nas noites de sono do Darmstadt, ele sonhara com uma felicidade cuja grandeza teria, de alguma forma, motivado os sofrimentos pelos quais passava.

Um ano após o retorno, ele parecia fisicamente restabelecido. [...] Para ele, nada mais contava que não o trabalho e o ganho. Ele já não regressava nas horas das refeições e tornava-se, a cada dia, mais violento e exigente. Começavam a surgir confusões entre os esposos, na sequência das quais Édith propunha sempre ir embora, alugar um apartamento, viver só com a sua filha. Porém, Mary, e Germain por vezes, a retinha. Uma semana se passava, depois uma cena ainda mais violenta irrompia. Dir-se-ia que Germain se vingava em cima dos seus do que tinha passado. [...] O franco baixava, ele comprava francos. Os valores estrangeiros baixavam, ele comprava valores estrangeiros. Uma espécie de raiva fazia com que ele não suportasse a menor perda. Ele teimava. E perdia mais. À noite, quando voltava, acusava as duas irmãs de serem a causa de suas perdas. [...]

Certa noite, uma cena ainda mais violenta do que as precedentes irrompeu. Germain, após uma especulação infeliz, estava fora de si. Mary reclamou com ele do jogo. Não foi preciso mais para que ele perdesse todo controle. Ele perdera tudo, a juventude, a saúde, a fortuna, e ela, essa mulher que lhe culpava de jogar, estava intacta. Ele aproximou-se de Mary. E, de repente, invadido por uma ira inacreditável, ele bateu nela e, quase perdendo a razão, se pôs a gritar, a correr no apartamento. [...] Édith apertava contra si sua miúda, então com doze anos de idade, que, aterrorizada, olhava a cena sem compreender. (BOVE, 2006, p. 66-70)

Assim foi, então, que Édith sentiu-se impelida a mudar-se de casa, indo morar no terreno contíguo ao dos Michelez, alugado junto a um certo Sr. Dausset. O motivo da mudança, do movimento, como tantas vezes na obra de Bove, é o caráter insuportável da situação onde se está. “Isso não pode mais ficar assim” é, mais uma vez, a ponderação – desta vez não expressa em palavras, mas plenamente imaginável – a ressoar na cabeça do personagem boveano e a pô-lo marcha em busca de algo novo, que ele espera, sem necessariamente ter grande esperança, será melhor. Ora, é justamente porque na nova situação, no novo local onde se instalaram, Dinah e Édith não estão nada bem que esta se decide a fazer algo que a ela mesma parece repulsivo<sup>110</sup>, e que consiste em ir à casa vizinha mais próxima e clamar por ajuda.

Porém, não se trata de uma casa qualquer, e nessa altura da trama o leitor já sabe que ela se distingue de qualquer outra, a começar por dispor de um nome próprio: “villa *La Vie là*”<sup>111</sup>. O projeto dela, sua ideia e concepção, são todos do dono, Jean Michelez, que trabalha como empresário do ramo da construção, mas fez seus estudos em arquitetura. Nesse lugar altamente idealizado, “Michelez quisera [...] chegar à perfeição [...]. Tudo fora previsto, pesado, calculado” (BOVE, 2006, p. 51). Assim, fruto do desejo

<sup>110</sup> “Foi neste momento que a Sra. Auriol, desamparada, não sabendo a quem se voltar para pedir socorro, tomou a decisão de ir à casa de Jean Michelez, que ela conhecia de vista havia um ano e lhe parecera um homem simpático. Eram seis horas. Até as nove, ela lutou com si mesma, tanto lhe repugnava ir implorar a um desconhecido.” (BOVE, 2006, p. 83)

<sup>111</sup> Ou, em minha tradução, “mansão *Mansidão*”. *Villa*, na acepção utilizada, significa uma vasta e luxuosa casa suburbana, rodeada por um jardim, cuja imagem prototípica se aproxima bastante do que no Brasil é chamado de mansão. O nome *La vie là*, algo como “a vida lá” ou “a vida aqui”, replica a sonoridade *La villa*, conferindo à construção um marcado ar kitsch, próprio das combinações por demais perfeitas, além de passar a sensação de uma intenção de vanglória, de jactância, de gabação.

em distinguir-se, do dinheiro e empenho ali empregados, a casa de fato se diferenciava das poucas do entorno, a começar por aquela alugada pela Sra. Auriol, situada a apenas cinquenta metros de distância, e descrita como um *pavillon*<sup>112</sup> “térreo e sem fundações” (BOVE, 2006, p. 52).

Há, portanto, no gesto de Édith, que se desloca à morada dos vizinhos ricos para pedir ajuda, um reconhecimento de sua posição de força e, concomitantemente, da própria fraqueza. “Salvem-na, vocês; talvez vocês possam algo”, diz ela, como se portasse uma batata quente diante de alguém com luvas. Porém, essas luvas, Jean Michelez é até capaz de enxergá-las, de entender que é a elas que a vizinha se refere, mas ele não julga necessariamente justo compartilhá-las, ou mesmo comprometer sua inteireza recortando delas um pedaço, um naco de pano que propiciaria à outra aliviar sua dor lancinante.

Quanto a isso, porém, o narrador já nos deixara de sobreaviso, pois Michelez é alguém que carrega ressentimentos, e está certo de ter, ao longo da vida, dado sempre mais do que recebeu.

Pois, cada vez que ele se ligou, se decepcionou de forma profunda. Ele podia bem dar de tudo, jamais os parceiros o imitaram. E, justamente, o que não aceitava, o que nunca quis aceitar, era dar sem receber. Ele construíra para si uma filosofia da reciprocidade. Esta era a base de todo e qualquer amor durável. Sem reciprocidade, não havia dois seres no mundo capazes de se amar.” (BOVE, 2006, p. 13)

Esses casos de desilusão, não cabe aqui esmiuçá-los todos. Entretanto, vale adentrar ao menos em um que é, também, de maneira curiosa e significativa, uma história entre vizinhos, e à qual o narrador confere, dada a estrutura do relato, uma importância excepcional<sup>113</sup>. Trata-se de uma intensa fascinação juvenil não de todo correspondida. Nascido no pequeno vilarejo de Lagny, nas redondezas de Nancy, Jean migrara inicialmente à capital para fazer seus estudos arquitetônicos. Por lá, alugara um quarto de uma idosa, a Sra. Greuze, que se sustentava fazendo do lar uma espécie de pensão de jovens. E fora ali que ele conhecera Hans Schiebelhut, um rapaz alemão da sua idade, que lhe causara “de pronto uma profunda admiração” (BOVE, 2006, p. 17). Esse deslumbre, no entanto, se convertera rapidamente em ciúme assim que um terceiro, compatriota de Schiebelhut, se pusera, de certa forma, entre eles. Numa dada noite, quando Michelez fora juntar-se, como já se tornara costume entre os dois, ao amigo estrangeiro em seu

<sup>112</sup> Nome genérico para um lar simples.

<sup>113</sup> Trata-se do primeiro recuo retrospectivo da narrativa, que parece ter justamente a função de ilustrar alguns traços do caráter do protagonista a partir de um fato, eleito como especialmente significativo, de sua formação.

quarto, ele notara, através da porta deixada aberta, a presença do jovem desconhecido. Imediatamente, ele retornara, por polidez, ao próprio aposento. E então se iniciara o seu desgosto. Pois, despreocupado, o amigo Hans apenas seguira sua vida, aparentemente esquecendo-se dele. Daí em diante, tudo que viera do quarto vizinho lhe incomodara.

Ele não mais vivia. Uma raiva surda lhe subia de ter sido assim posto de lado quando, na véspera da chegada do compatriota de Schiebelhut, eles haviam projetado ir juntos, no dia seguinte, visitar o Castelo de Versalhes. Jean Michelez emprestara alguns livros a Schiebelhut. Este, numa inacreditável sem-cerimônia, nem sequer pensava em devolvê-los. Dir-se-ia que o jovem arquiteto jamais existira. Uma noite, no entanto, este último não pôde mais se conter. Como os dois alemães cantavam acompanhados de um violão enfiado, Jean Michelez, que se deitara, levantou furioso. “Já que eles querem zombar de mim, a gente vai ver”, pensou ele. E seguiu o longo corredor que levava ao quarto dos dois estudantes. Como de costume, a porta estava aberta. Ele aproximou-se. À sua vista, Schiebelhut pousou o violão que o acompanhava e disse, da maneira mais natural do mundo:

- Oh! Senhor Michelez, boa noite, eu não lhe vi vários dias. Você me deixou. Não é muito gentil da sua parte; estou espantadíssimo de vê-lo agora.

Diante de tamanha inconsciência, a irritação de Jean Michelez diminuiu, sem que, contudo, o rancor revoasse.

- Você poderia ter vindo, você! – disse finalmente.

- Nunca, nunquinha, respondeu o estudante. A nenhum preço eu queria incomodá-lo. Agora, se eu o soubesse, eu e meu parceiro Lautenbach teríamos ido visitá-lo.

Abandonando o que planejara dizer sobre a música depois de uma certa hora, o arquiteto perguntou:

- Você pode devolver os livros que emprestei? Vou precisar deles por esses dias.

- Naturalmente, Senhor Jean. Aguarde por favor um momento, procurarei os seus livros e já lhes dou.

Schiebelhut se levantou, enquanto seu amigo sorria ao visitante que mantinha um rosto carrancudo.

Depois de ter procurado em todos os cantos, o estudante os descobriu finalmente em uma gaveta onde vizinhavam com peras já quase podres, o que teve o dom de exasperar ainda mais Jean Michelez. Mal tendo agradecido, ele retirou-se, não sem que Schiebelhut lhe desejasse, com uma voz falsamente adocicada, que “dormisse como um bebê e sonhasse com os anjos”.

Uma vez sozinho, Jean Michelez não se aguentou mais de raiva. “Não basta agir como um calhorda. É preciso que me faça de ridículo diante de um desconhecido.” Uma profunda amargura invadia o rapaz. O nervosismo o impedia de ficar imóvel. Atrás do muro, ele ouvia os alemães que continuavam cantando. “Isto ultrapassa tudo o que se pode crer. É preciso que eu vá bater lá.” Ele esperou, no entanto, uma hora. Por fim, como os estudantes acabavam de entoar uma espécie de cântico, ele saiu no corredor e gritou:

- Mas calem-se então. A noite é feita para dormir.

Ele mal terminara de fechar a porta e escutou baterem nela discretamente. Era Schiebelhut. Em termos medidos, com uma doçura que se tem mal a imaginar, ele vinha “pedir perdão”.

- Nós não vamos mais tocar, disse ele. Eu não pensei que se escutava até no seu quarto. Estou triste por ter incomodado o seu repouso. Eu lhe peço não fique bravo comigo. Agora boa noite e, mais uma vez, não fique bravo comigo.

Depois ele se retirou sem, contudo, fazer a menor alusão aos projetos que eles tinham tido, tampouco aos laços que lhes uniam. Era como frente a um estranho (*étranger*) que ele havia se desculpado.

Essa aventura afetou profundamente o jovem arquiteto. No mês que seguiu, ele deixou a Sra. Greuze para morar num hotel aguardando que os móveis chegassem do interior, pois ele tomara a decisão de alugar um apartamento e viver de maneira mais independente. (BOVE, 2006, p. 18)

Como pode ver-se, assim que Jean se sentira apenas mais um, dispensável, na vida de Schiebelhut, as diferenças entre eles, antes motivo de fascínio, tornaram-se intoleráveis ao jovem francês provinciano e solitário. O que previamente suscitara um intenso desejo de mimetismo<sup>114</sup> e aproximação virou em seguida causa da necessidade de distância. Das conversas e canções no cômodo ao lado não chegava mais nenhum som, apenas barulhos insuportáveis, mal-educados, rudes, insolentes. A maior soltura do alemão, seus hábitos sossegados, antes percebidos com simpatia e sabor de mistério, agora eram total inadequação, falta de respeito.

E não parece ser necessário dizer que a exasperação experimentada por Michelez estava ligada às suas próprias angústias e dificuldades – de ter de assimilar-se em Paris, construir uma carreira e uma clientela, fazer amigos, “obter sucesso”. Pois se o alemão era um estrangeiro, à sua maneira ele também era, como interiorano recém-chegado na capital, ademais tentando estabelecer-se numa profissão à qual suas heranças não favoreciam particularmente. Não era, porém, o forte de Michelez reconhecer suas fraquezas na vida. Na novela, isto fica à cargo do narrador, como se percebe na seguinte passagem:

“Não irei buscar os clientes; eles virão a mim. Não lhes prometeri mundos e fundos; e eles ficarão contentes. Vão recomendar-me aos amigos. Pouco a pouco o núcleo engordará. E então não dependerei de ninguém e serei o meu próprio chefe.” Essa espera estoica durou dez anos. A guerra veio. Imediatamente após sua reforma, ele abandonou a profissão diante das insistências de um camarada, Gaston Bonelli, por aquela, muito mais lucrativa, de empresário. Um pouco como no caso desses médicos que se tornam farmacêuticos, desses advogados que transformam o escritório em gabinete de negócios, esses delegados que se demitem para assumir a direção de uma agência de detetives, avistava-se em seu rosto esse algo de bonachão e de suscetível particular aos que desistiram por interesse. A covardia deles está escondida sob a necessidade de viver. Ela emerge, no entanto, nos gestos e na fisionomia. Ao observar o Sr. Michelez, sentia-se que os cachecóis da decadência o roçavam, que se ele não tinha nenhum inimigo, nem por isso deixava de ter antigos confrades para censurá-lo, que o dinheiro ganhado agora o era em detrimento de uma condição social mais elevada, pois os que perseveraram apesar das privações, da indiferença das pessoas ao redor, da dúvida em si, são raramente indulgentes àqueles, mais fracos, que desistem, mesmo que seja justamente dessas deserções que eles extraíam o seu orgulho de continuar.

---

<sup>114</sup> “Ele [Michelez] teria querido copiá-lo [Schiebelhut]. A impossibilidade de fazê-lo (o arquiteto não conseguia gostar de nada sem que uma necessidade imperiosa de imitação nascesse nele) não tardou a enchê-lo ainda mais de respeito.” (BOVE, 2006, p. 17)

Michelez sofrera desse desprezo e sofria ainda. Por amor-próprio, ele manejara uma espécie de compromisso entre sua vida passada e presente. Ele não queria ser qualquer empresário. Era um empresário único, da escola antiga à qual, contudo, não estava atrelado por nenhum laço, que ele sonhava em se tornar. A honestidade, a consciência profissional, a retidão quanto aos seus deveres e a indulgência quanto aos de outrem eram suas principais qualidades. Seus orçamentos, era para ele questão de honra não passar nunca do montante, a ponto de entrar com o próprio bolso.

Em poucas palavras, ele queria atenuar o que em certos momentos lhe aparecia como um deslocamento de classe<sup>115</sup> com uma perfeição que, pensava, jamais teria existido sem ele na corporação. (BOVE, 2006, p. 11-12)

Mesmo, portanto, depois de ter se estabelecido como empresário, de ter conquistado um dinheiro invejável, Michelez era ainda atravessado por temores, inquietações. Uma destas era ser visto como um arrivista, alguém que forçara o seu caminho ao sucesso de modo oportunista, premeditado, e que não o fizera de fato por gosto ou paixão, mas apenas por uma ânsia em chegar aonde chegara, por uma cobiça desenfreada, mera e pura ambição. Que depois de tantos esforços suas conquistas pudessem ter, aos olhos dos outros, um teor usurpado, isto o consumia sobremaneira. E assim ele dispensava uma energia não desprezível em realçar sua pertença ao ramo e à classe aos quais acedera, em que entrara, como se quisesse ignorar, e sobretudo obliterar, as marcas do percurso.

Vindo de fora dos circuitos do grosso capital metropolitano, e ainda mais estrangeiro às distinções e aos meios restritos de sua cultura, é como se ele estivesse sistematicamente inepto a capitalizar em prestígio seus êxitos, e andasse por aí, a bem da verdade, nada triunfante, já que sem troféu. Nesse sentido, sua casa equivale a um porto-seguro, a uma insígnia habitável, prova e território do próprio domínio. Ali ele quer ser visto, quer ser identificado, por ali espera ser percebido. Incapaz de despir-se da projeção mental dos olhares alheios, que lhe reitera uma sensação de deslocamento e de falso pertencimento, ele volta à casa como a um esteio, evidenciando que ela é a peça fundamental da apresentação de seu eu burguês, asseado e bem-sucedido.

Um eu, no fundo, muito inseguro. Isto é manifesto nas cenas, detalhes e situações que, em meio à concisão do relato, o narrador nos repassa em sugestiva eleição. Num desses momentos, no claro intuito do autor de ilustrar as relações entre os personagens, de entreluzir sua dinâmica em articulação com as especificidades dos caracteres e das trajetórias, nos é descrito um reflexo recorrente e sintomático do empresário quando

---

<sup>115</sup> “déclassement”, no original.

avista, nas redondezas de sua mansão, a vizinha Auriol. Antes disso, há um retrato, breve e eficaz, do Sr. Dausset, proprietário da simples casa em que mora Édith.

Feito os citadinos aos quais o medo de uma revolução faz comprar uma fazenda e que ajeitam um forno de pão num estábulo, o Sr. Dausset sonhava em viver sem o auxílio de ninguém. Mesmo que isto lhe saísse mais caro, ele mandava cultivar o jardim em torno da casinha (ao qual, aliás, os locatários não tinham o direito de ir), pagando um operário por dia, tanto ele ficava feliz em ir, de manhã, buscar os legumes de que precisava. Prescindir do mundo era para ele o objetivo ao qual todo homem deve tender. As dores dos outros lhe deixavam completamente indiferente. Graças a uma obscura crença, a de que o ideal é viver como ele e que, se o mundo se resolvesse a imitá-lo, estariam acabados as guerras e o sofrimento, ele desculpava o próprio egoísmo. [...]

Sua última locatária, a Sra. Auriol, era uma mulher ainda jovem, cuja distinção e reserva impunham a ele um vago respeito. Tal como, aliás, à Jean Michelez. Este último, quando a encontrava, a saudava e, por um orgulho infantil, acontecia-lhe com frequência de dar meia-volta e entrar em casa sem razão, simplesmente para mostrar a essa estranha (*étrangère*) que ele morava de fato ali e que, se seu traje parecia assaz grosseiro ao lado da jovem dama, sua morada, em contrapartida, comparada à miserável casinha, equiparava a balança.

Às vezes, o Sr. Dausset, de quem Michelez comprara o terreno na borda do bulevar, o que explicava que a casinha se achasse isolada [...] atrás da mansão *Mansidão*, vinha visitar o empresário. Os dois homens então jamais deixavam de falar da Sra. Auriol. Jean soubera que essa tal senhora pertencera à boa sociedade, que ela conhecia os castelos do Loire, Veneza e Montreux, e que ela sem dúvida perdera sua fortuna, mas era bastante digna, e nunca pedia nada, pagando o aluguel sempre na data fixa, e que ela provavelmente não chamava Sra. Auriol e sim Penton ou Pennington e que era inglesa. (BOVE, 2006, p. 54-56)

Como tantas vezes no livro, é notório, neste trecho, o anseio de Michelez em se mostrar próspero, venturoso, e de sobretudo assim parecer aos outros. E em tal aspecto, sua nova vizinha é um desafio intimidante. Isto por causa de seu passado, de sua origem burguesa. Diante dela, o empresário sente-se aquém, na necessidade de ostentar suas posses, de colar nelas a própria imagem. À maior delas, *La vie là*, ele regressa automaticamente, como no afã de recuperar a tranquilidade perdida apenas pela presença de Édith Auriol. Conhecedora de castelos, de maravilhas com as quais ele, ao longo da vida, só fez sonhar, ela mantém uma respeitabilidade proporcional ao enigma – e à distância – que traz consigo. E inclusive exerce uma atração sobre os dois homens, Michelez e Dausset, que não se contêm em falar a seu respeito.

Porém, é precisamente uma impressão de autossuficiência, algo que ambos desejam para si de maneira intensa, como um ideal, que eles reverenciam nela. Nesse sentido, não parece um acaso que o fascínio deles, quando reportado pelo narrador, passe pela pretérita pertença à “boa sociedade”, a frequência de castelos, e desemboque no fato de Édith nada demandar, dada sua dignidade. Pois o que presumem estar a fundo

inculcado nela – um grande respeito das normas, limites e hierarquias sociais – tem de fato bastante a ver com herança.

Contudo, o que os dois homens não conhecem são as especificidades da trajetória de Édith Auriol. Pois se com efeito ela fora rica, ela não viera de uma elite arraigada. Ao contrário, seu pai fora um estrangeiro, um inglês, que mudara à França “por amor ao país” (BOVE, 2006, p. 58). Grande armador<sup>116</sup>, ele se estabelecera, obviamente, numa região costeira, Boulogne-sur-Mer. Porém, lado menos evidente da escolha, tratava-se de uma faixa de terra assolada por um maremoto, e abandonada pelo descrédito dos investidores. Ali, John Pennington, “viúvo muito jovem, vivera com as duas filhas, Édith e Mary [...], numa propriedade isolada nas dunas, chamada *The Boat*. [...] Sua única paixão fora fazer o bem” (BOVE, 2006, p. 58). Nesta frase, como em diversos momentos da breve trama, é como se o narrador inventado por Bove, em seu estilo telegráfico, indicasse ao leitor que não é preciso saber muito mais. De fato, em pouco além de duas páginas dedicadas ao pai de Édith, a bondade dele parece ser o mais relevante. Ele até construíra, nas redondezas, um orfanato (BOVE, 2006, p. 59).

E de maneira nada fortuita, isto se insere na estrutura do relato como um notável contraste em relação à falta de compaixão que caracteriza os esposos Michelez e o Sr. Dausset, e que de certa forma aparenta ser, naquele universo, a postura mais esperada, habitual. O narrador mesmo se refere a Pennignton como “um homem assaz estranho” (BOVE, 2006, p. 59) logo no início de sua apresentação e, dado o que se sucede à morte do inglês – a sucumbência de seus negócios diante do “ódio dos armadores rivais”, das “complicações sem número de todas as suas organizações” e do custo de suas ações filantrópicas (BOVE, 2006, p. 60) –, essa estranheza ganha uma feição ingênua. De tanto zelar pelos outros, o anormal, o atípico Pennignton nada garantiu às filhas, deixadas sem posses em terra estrangeira. Sua benevolência, ao que tudo indica, não trouxe nada palpável em proveito próprio, nem sequer o respeito e a estima dos demais, para quem ele fora uma espécie de tonto lunático<sup>117</sup>.

Édith assim herdara, mais do que tudo, um altruísmo vivido como fator de estrangeiridade à lógica do local. “Toda a juventude, ela vira doentes, crianças

---

<sup>116</sup> Explorador de barcos mercantes.

<sup>117</sup> Como se percebe na seguinte passagem: “Em sua propriedade, na entrada, ele mandara construir um chalé onde se encontrava um serviço de contabilidade dos mais complicados. Havia lá dois datilógrafos que gargalhavam desde que ele se virava. Jamais ele se deu conta. Quando eles não se retinham de rir na sua frente, ele também ria, acreditando que se tratava de uma piada não compreendida” (BOVE, 2006, p. 60)

abandonadas, solicitadores baterem à porta do pai. Nesse espetáculo, ela adquirira algo de maternal, de compassivo” (BOVE, 2006, p. 63), diz a narração, que com o exemplo do esforço de Édith para curar o marido da irmã, aqui já citado, logra dar contornos a essa generosa inclinação de espírito. Ao que tudo indica, esta advém de uma identificação com a mazela alheia que a proximidade lhe trouxe.

E se persevera no tempo, é graças ao fato de que a Sra. Auriol não vive a lamentar o desmoronamento do patrimônio paterno, a maldizê-lo, e a imprecisar o mundo, responsabilizando-o. Ela não rejeita o passado do pai, desejando que mais houvesse sido retido, salvaguardado. Ao contrário, ela parece empatizar não só com os gestos bondosos do progenitor, como também com a fragilidade daqueles que pedem, e necessitam. Além disso, do fato de ela agora, só com sua filha, estar reduzida a uma situação de carência análoga não se eleva nenhum rancor.

Michelez, por sua vez, somente consegue identificar-se inteiramente com a vitória e a pujança. Dos idos de sua juventude, de sua penosa escalada, restam lembranças desagradáveis. Do desamparo experimentado, da solidão sentida, ele depreendera um mundo cruel e impiedoso. E a partir do momento em que se assentara, passara a considerar o outro como uma ameaça, fechando-se em si mesmo e recusando-se a despendar dinheiro ou esforços que não remetesse diretamente a ele ou aos próprios empreendimentos, que não lhe trouxessem nada de volta<sup>118</sup>. Assim, quando a vizinha surge em seu lar e lhe pede ajuda, é como diante de um ardil que ele se comporta, tentando desenredar o que está por trás de suas palavras. No fundo, ele pressente, ela quer dinheiro. “Mas quem não quer?” é a pergunta que parece ressoar imediatamente em sua cabeça; “quem não gostaria de, surgida uma dificuldade, ir à casa mais próxima e solicitar sua solução?”, é como se ele se indagasse, e concluísse: “porém as coisas não são assim, não é assim que funcionam”.

Édith, até então vizinha aprazente, com quem se tinha orgulho em associar-se, extrapolara uma fronteira, fazendo de si uma estranha, uma estrangeira, o que fica claro desde o momento em que se apresenta em *La vie là*, mas mais ainda quando ela sai, deixando o dono com seus pensamentos.

E eu, murmurou ele, se estivesse doente, se eu não tivesse nada, ela viria, ela, essa dama, me socorrer, ela se interessaria por mim? É verdade que, como diz Antoinette, sou um homem e não é tarefa de mulher me ajudar. Sim, mas se eu estivesse indefeso, sozinho,

---

<sup>118</sup> “[...] ele só tinha um objetivo: ganhar dinheiro e não gastar. Tinham caçoado dele à beça. Havia, assim mesmo, uma justiça na terra. Era a vez dele agora de ser duro. Sem grandeza aparente, fechado, sempre na defensiva, ele tendia a crer que seus interlocutores queriam enganá-lo.” (BOVE, 2006, p. 45-46)

sem meios para viver! Não, ela não viria. Ela não viria, tenho certeza. Se suplicasse, ela responderia que não me conhece. [...] E querem que eu seja generoso, desinteressado! Não... Não. Comigo não o foram, não sou eu que vou sê-lo com os outros. Eu não peço nada a ninguém. Ninguém tem direito de vir me demandar nada. Que me deixem em paz. Eu não perturbo a tranquilidade dos outros.”

Essas reflexões não traziam, contudo, nem um pouco a calma que Jean Michelez buscava. A Sra. Auriol, até este dia, lhe fora simpática. Ele com frequência se perguntara qual tinha sido sua vida. De vê-la sempre sozinha, ele deduzira que ela devia ter tido incômodos, dissabores. E esta suposição o aproximava dela. Sua distinção, seu amor-próprio, sua reserva a destacavam da sem-cerimônia dos outros vizinhos. Em sua mente pequeno-burguesa, existia em algum lugar uma tribo onde os costumes eram refinados, onde reinava a delicadeza e da qual ele pensava ser um membro extraviado. Seguramente, a jovem mulher fazia parte dessa tribo misteriosa. Agora, porém, apesar de toda a sinceridade de sua tristeza, de todo o pudor da Sra. Auriol, parecia a ele que ela não mais pertencia. De uma só vez, ela caíra na mesma categoria de todas mulheres. O fato de lhe ter pedido um socorro a enfeava muito. Da noite para o dia, ele perdera toda a consideração por ela. E sentia que, a presente, não experimentaria nenhum incômodo em recusar. (BOVE, 2006, p. 91-92)

“Da noite para o dia”, porém, na verdade, apenas num átimo. Pois é o pedido, é o clamor que evidentemente encerra a estima e inaugura uma posição de resguardo extremada. Jean Michelez, antes satisfeito com a possibilidade de comparar-se à distinta dama, de sentir-se próximo, e mesmo superior, em alguns aspectos, vê-se agora surpreendido dentro de casa, de seus domínios, alarmantemente ameaçado em seu poder de tudo gerir, de tudo prever – e de dar somente quando julgar acertado, ou seja, justo (segundo a própria, e supracitada, “filosofia da reciprocidade”). A aproximação de Auriol é vivida por ele como uma invasão, um atrevimento cuja impertinência ele destaca incontinenti: “a que nos vale o prazer de lhe receber uma hora dessas?”.

Na oposição entre “prazer” e “uma hora dessas”, que, como nota o narrador, é motivo de orgulho ao autor da frase, há uma pesada referência à norma, às condutas socialmente aceitas. Na posição de dono, de anfitrião, Michelez recorda a vigência delas feito quem informa: “aqui não se pode tudo”. Desacolhedora acolhida, que se prende a apontar os transvios do outro que chega, que se crê obrigada a afirmar, como diria Jacques Derrida, o império da “lei da casa”<sup>119</sup>.

---

<sup>119</sup> Em *De l'hospitalité*, Derrida teoriza sobre a hospitalidade, que ele distingue em dois tipos. Um deles seria a hospitalidade incondicional, em que o anfitrião se abre ao outro que chega sem cobrar dele nenhuma espécie de adaptação (de língua, costumes, etc.). Trata-se de um conceito criado pelo filósofo como uma espécie de utopia, que permite pensar de maneira diferente e desconstrutora a hospitalidade de fato, ou de direito, aquela da qual nossas sociedades oferecem reiterados exemplos, em que o estrangeiro é obrigado a demandar a acolhida nos termos – ou na lei – da cultura em que chega. A impossibilidade daquele que pede a hospitalidade de fazê-lo a contento gera uma “pervertibilidade irreductível” (DERRIDA, 2005, p. 29) dessa hospitalidade de direito, pois o anfitrião tende a reagir ao comportamento do estrangeiro que, inadequado à lei do local, ele percebe como uma afronta: “Por toda parte onde um “lar” é violado, por toda parte onde uma violação em todo caso é sentida como tal, pode-se esperar uma reação privatizante, quer dizer familiarista, quer dizer [...] etnocêntrica e nacionalista, e, portanto, virtualmente xenófoba: não dirigida

Tal reação tem especial efeito desordenante sobre Édith, uma vez que ela traz na memória, incorporado, o código burguês, e que é este o código eleito por Jean como ideal, como modelo, como o arquétipo de *La vie là*. “Acabava de parecer a ela que o pedido que se propunha a fazer ultrapassava as coisas permitidas, que o que ousava era tão grave quanto um roubo”. Ora, aquilo que refreia Édith, que quase a impede de se expressar na hora decisiva, é uma ideia de autossuficiência, da abastança como pressuposto. Segundo esta perspectiva, pedir ao outro, chamar ajuda, ainda mais se tratando de alguém não familiar, de alguém externo ao círculo estreito de relações, se assemelha a um crime hediondo. Uma imagem, contudo, vem deslocá-la: “Como um acusado, ela olhava em direção ao chão, não ousando erguer os olhos; mas, sobre o solo, havia a imagem de sua filha”.

Sobrexcedendo a lógica burguesa, a dura realidade em que Édith se encontra irrompe em sua mente como presença incontornável e a propulsiona a pleitear auxílio a quem pode dá-lo. Fingindo desentendimento e simulando, ao mesmo tempo, compreensão, Michelez oferece uma escuta impassível. “Há momentos na vida em que precisamos nos sentir rodeados. [...] Falar é um reconforto, isso lhe alivia”, comenta ele, meio altaneiro, quando na verdade o alívio é todo seu. Pois mesmo que ainda inexpresso, o conteúdo monetário do rogo de sua vizinha fora captado no primeiro instante. Diante dessa premência, ele parece experimentar uma necessidade de esquiva, de recuo, de se pôr à distância dela para manter-se firme.

No entanto, a Sra. Auriol se encontra a fundo numa situação que não oferece subterfúgios, que não a permite priorizar a polidez, eufemizando os próprios desejos tão logo estes se mostrem incômodos a outrem. Demasiado palpável, o pior dos porvires se apresenta em sua frente, desafiando-a à decisão, à tomada trêmula e solitária de responsabilidade.

“Minha filha vai morrer por causa de mim, da mãe dela, porque eu não tive a coragem, porque eu não ousou pedir ajuda.”

---

contra o estrangeiro enquanto tal, mas, paradoxalmente, contra a potência técnica anônima [...] que ameaça [...] as condições tradicionais da hospitalidade. A perversão, a pervertibilidade desta lei, [...] é que é possível tornar-se virtualmente xenófobo para proteger ou fingir proteger sua própria hospitalidade, o próprio lar que torna possível sua própria hospitalidade. [...] Quero ser mestre em meu lar [...] para poder receber quem eu quero. E começo a tomar por um estrangeiro indesejável, e virtualmente por um inimigo, quem quer que avance [...] sobre minha soberania de anfitrião. Este outro se torna um sujeito hostil de quem corro o risco de tornar-me refém” (DERRIDA, 2005, p.51).

Ela virou-se. Jean Michelez já acendera a lâmpada do terraço. Antoinette se levantara e, no meio da sala, tinha aquela cara das pessoas que, esperando que se virem para cumprimentá-las, temem ficar sem o cumprimento.

– Ouça, senhor, disse Édith, os traços tendidos pela vontade de não fraquejar, será que você poderia me dar uma ajuda imediata? Eu sou louca de pedir isso, mas é preciso. O ar puro, a montanha apenas, salvarão minha filha. O doutor disse e eu o sei. Esse dinheiro, senhor, você pode ter minha palavra que eu vou devolvê-lo. Eu vou trabalhar. E se for para passar a vida lhe reembolsando, eu passarei. Tenha pena de mim, senhor.

– Mas, senhora..., disse Antoinette.

– A senhora também tem crianças, continuou Édith, que, de repente, conjecturara que só Antoinette se oporia a socorrê-la, imagine por um segundo que elas estivessem doentes e a senhora sem meios para cuidá-las. A senhora faria o mesmo que eu estou fazendo. A senhora...

– Não fale nada, Antoinette, eu lhe rogo, disse o empresário. Deixe a senhora encerrar.

Essa interrupção paralisou Édith. Ela quis prosseguir, porém não encontrou as palavras. Como se só eles pudessem defendê-la, ela teve a impressão de que estava à mercê do casal, de que lhe perguntariam de que direito ela se permitia vir assim à casa de estranhos, de que iam separá-la de sua filha. Ela soltou um grito, viu Jean Michelez fazer um sinal à mulher, e desmaiou.

Quando voltou a si, estava alongada pela metade em cima de um sofá da sala. Antoinette não estava mais lá. Jean Michelez tinha uma toalha à mão e a olhava.

– Vamos, vamos... senhora, falou ele, não esquite com isso. Tudo não está perdido ainda assim. A senhora tem experiência suficiente para saber que as piores coisas se ajustam. Ela está tão doente assim, a sua filha? Há poucas semanas, ela ainda brincava no jardim. Como toda mãe, você é muito sensível. Aguardemos um pouquinho. Nós veremos. Se de fato o estado dela exigir, ora, será preciso tomar uma decisão. Mas primeiro é preciso esperar. Nós falaremos com o doutor, vamos ver o que diz, examinaremos o que será necessário. A senhora vai ver, tudo vai dar certo.

Édith se levantara. Neste momento, a Sra. Michelez entrou.

– Como vai, melhor? perguntou ela.

– Estou dizendo para deixar a senhora, disse de novo o empresário.

– Por que? Sou livre para falar com ela tanto quanto você!

Virando-se para Édith, ela interrogou calmamente:

– E você perguntou direitinho a todas suas relações? A senhora não está sozinha no mundo. Ninguém está só no mundo.

– Eu não sei... eu não sei..., balbuciou Édith.

– Estou dizendo para deixá-la, continuou Jean Michelez.

A Sra. Auriol dirigira-se sutilmente à porta.

– Vocês não podem mesmo? implorou ela, já no terraço.

Jean Michelez olhou para a esposa. Esta baixou o olhar para não ter nada com a resposta que ele daria.

– Eu lhe disse, senhora, que vamos ver. Espere. Não seja assim tão impaciente! (BOVE, 2006, p. 86-89)

Premida, portanto, pelo infortúnio, pela imagem da filha convalescente, a Sra. Auriol comete a ousadia de ser direta em seus termos, de ser explícita na demanda. E não

só explícita como insistente, assim como insiste em reproduzir-se em seu cérebro a figura da morte, daquela morte prenunciada no título. Atormentada, ela compartilha a existência dessa antevisão pavorosa que lhe serve de motor, e que, se aparentemente lhe turva o entendimento, na verdade mostra-lhe o caminho e lhe propulsiona a agir como necessário.

Buscando desesperadamente *ajuda*, ela recorre a uma fórmula tradutória, a um exercício de deslocamento, a um potencialmente poderoso *ponha-se no meu lugar*. “A senhora também tem crianças, [...] imagine por um segundo que elas estivessem doentes e a senhora sem meios para cuida-las. A senhora faria o mesmo”. Porém, é precisamente este movimento de identificação, este colocar-se na pele do outro, que é impossível ao mesquinho casal. Da beirada de sua mansão, que ela quase não deixa ao longo da novela, e que possui certa aura castelo, inacessível ao povo do entorno, repleta de barricadas simbólicas<sup>120</sup>, Antoinette questiona se a vizinha recorreu a todas as relações, asseverando que “ninguém está só no mundo”.

“Eu não sei... eu não sei...”. O balbúcio de Édith é eloquente. Pois, cada vez mais imersa numa situação desalentadora, lhe é visível, como nunca antes, a interdependência e a decorrente fragilidade que marca a relação entre as vidas. A começar pela dela e da filha, em que a doença e a falta de meios assomam como um castigo imerecido, como mais um fator a aumentar sua condição vulnerável. Ainda assim, é o fio de esperança que ela possui na capacidade da empatia que a propõe a insistir. Sobretudo com Jean Michelez, que ela pressente mais alcançável.

Este, no entanto, apesar de querer a esposa calada, de não endossar sua conduta tão fria, não se abre de fato à urgência da aflição alheia e a trata feito uma oferta de novos negócios, a ser estudada, pensada e repensada, e somente aceita caso convenha. “Eu lhe disse, senhora, que vamos ver. Espere”, diz ele a ela. Porém, no fundo, ele também espera. Espera que tudo volte à antiga dinâmica, a uma suposta normalidade na qual a Sra. Auriol sentirá toda a culpa da própria ousadia e recuará, retratando-se.

No dia seguinte pela manhã, Jean Michelez não pôde resistir à curiosidade de ir à casa da Sra. Auriol. Mesmo que não houvesse tomado nenhuma decisão concernindo o pedido e estivesse longe de chegar a uma, parecia a ele que, do simples fato de que tinham vindo lhe solicitar, ele não precisava mais incomodar-se.

---

<sup>120</sup> Por exemplo, para adentrar a mansão Mansidão é preciso primeiro reportar-se à empregada, que os patrões utilizam como intermediária, mas cujo intermédio funciona como uma barreira, uma distância imposta a quem chega. Falsamente solícita, Antoinette diz a Édith: “Aliás, se você precisar de algo, à noite, basta nos chamar, nós enviaremos nossa empregada” (BOVE, 2006, p. 86).

– Você não vai ir à casa dela, falou Antoinette. Ela tomará sua visita por um aceite. Você está se envolvendo um pouco demais. Depois, não vai ter como recuar.

– De forma nenhuma. Eu vou para ver. Tenho o direito, quando me pedem dinheiro, de saber exatamente do que se trata.

[...] Ele dirigiu-se à pequena casa. De manhã, à luz do dia, tudo assumia um significado mais claro. E era um pouco porque pressentia que a Sra. Auriol estaria, agora, envergonhada da própria audácia, que ela se renderia conta de que não respeitara as conveniências, que ele o fazia; sem suspeitar, ele estava indo buscar desculpas. Certamente ela as pediria: “oh! não se zangue comigo, Sr. Michelez. Eu estava tão nervosa ontem à noite que tomei a liberdade de ir à sua casa. Me desculpe. Aliás, tudo vai se ajustar, vou escrever aos amigos, aos parentes.” Ele esperava isso. Uma mulher tão distinta quanto a Sra. Auriol não podia utilizar-se de outra linguagem. (p. 93-94)

Efetivamente, como esperado, o empresário obteve as desculpas que fora buscar sem saber. “Eu estava prestes a lhe escrever [...] para pedir desculpas, [...] me portei muito mal ontem à noite” (BOVE, 2006, p. 95), diz a vizinha. Ao continuar sua fala, todavia, ela desagua na inescapável, e justa, motivação de seu ato: “foi por Dinah, completou ela designando-a e esquecendo ali mesmo as palavras para olhar com ternura a filha” (BOVE, 2006, p. 95). Jean Michelez é então como que obrigado a compartilhar de sua visão e ao menos um pouco de seu olhar, de sua perspectiva. Ele vê ali, estendida sobre um simples leito, na quase penumbra do lar mal iluminado, uma menina extremamente frágil e vulnerável, protegida apenas, e debilmente, pela ternura da mãe. Desconfortável, ele tenta fazer gracejos à pequenina, cativar um pouco seu afeto. Passado um tempinho, no entanto, ele se sente um tanto indigno, “uma vez que sabia muito bem que não lhes viria em ajuda nunca” (BOVE, 2006, p. 97).

É então com alívio que ele escuta a esposa assim chamá-lo: “Jean... Jean... O Sr. Dausset está aqui, ele quer lhe falar” (BOVE, 2006, p. 98). Posto à par da questão pela Sra. Michelez, o proprietário da casinha de Édith, atemorizado pela possibilidade de a história tornar-se problema seu, oferece imediatamente uma solução.

– É bem simples. Eu vou fazer que eles se retirem. Eles partirão no final do mês.

Ao passo que, para ele, um despejo era assunto de Estado, que ele levaria o proprietário à justiça muito antes de deixar um apartamento contra a vontade, ele achava totalmente natural, no que concernia à “gente de hoje”, não tomar nenhuma precaução.

– Isso você não pode fazer, Sr. Dausset, falou Antoinette.

– Posso fazer sempre o que me apraz, mas quero dizer, continuou o proprietário, que os expulsarei se eles não pagarem o aluguel, o que me parece que será o caso. Não preciso entrar em considerações de doença, de morte, de casamento, de divórcio. Nada disso tem a ver comigo. E há outra coisa. *Que eles façam o que bem entenderem na casa deles*, eu não verei inconvenientes, se, é claro, eles não se entregarem a nenhuma degradação. Porém, que eles achem que podem ir atrás dos outros vizinhos, isso não. Como é que eu fico, eu? Parece até que eu os encorajo, que eu fecho os olhos, que sou cúmplice, que até partilho com eles se a coisa funciona.

– Estamos de acordo neste ponto, Dausset. Mas assim mesmo é preciso não perder de vista que a pequenina está gravemente doente.

Jean Michelez, sem se aperceber, defendia agora a mãe e a criança, de maneira a fazer algo por elas que não lhe custasse nada.

– Aliás, o que é que lhes prova que ela está de fato doente? Tudo isso talvez seja um teatrinho para amolecê-los.

Dausset realçara bastante o “lhes” e o “los” de maneira a deixar entender que ninguém lhe pedira nada e que esse assunto não lhe dizia respeito.

– Saberemos logo mesmo, disse Antoinette. Aí está justamente o Doutor Python que vai à casinha. É só os senhores irem ali daqui a pouco.

– E mesmo que ela esteja doente, continuou o Sr. Dausset, vocês nada podem com isso. Eu lhes asseguro que, se vocês começarem a dar ajuda *a essa gente*, vão bater todo dia à sua porta. E não creia que serão farsantes. Todos eles serão sinceros. E terão mil razões válidas para enchê-los de ternura. Tentem, tentem. Vocês vão ver. Peço apenas isso. Depois, virão procurar-me e dirão: “ah, se houvéssemos lhe escutado!”. Vocês vão dizer, eu lhes asseguro.

Jean Michelez estava profundamente enojado pelas palavras de Dausset. Tamanho egoísmo lhe desconcertava. Naturalmente, não lhe vinha à mente ajudar a Sra. Auriol, mas ele achava que era por razões muito diferentes. Esse eterno raciocínio: “se fosse eu que estivesse doente, que precisasse assim de alguém, quem tomaria conta de mim? Ninguém. Por que então iria eu socorrer essas mesmas pessoas que, os papéis invertidos, sequer olhariam para o meu lado?” ditava sua atitude. Esta lhe parecia, portanto, justa, ao passo que a de Dausset, que baixeza, que obscuros sentimentos de ciúme, de vingança, a comandavam!

Porém havia, no caso da Sra. Auriol, um ponto que incomodava, fizesse ele o que fosse para não vê-lo, a consciência de Jean Michelez. É que ele tinha vagamente a intuição de encontrar-se diante da mulher que, os papéis justamente invertidos, não o teria abandonado, a mulher que, no lugar de todas pessoas que o haviam feito sofrer, o teria feito feliz. Ele tinha essa intuição, mas também tinha medo de se enganar. (BOVE, 2006, p. 99-102)

Como se percebe, o sinistro espetáculo da avareza de Dausset é algo que está em excesso para a consciência do empresário, com o qual este não consegue associar-se, do qual necessita de distância, ao menos no que concerne a construção de sua autoimagem. É aí que entra a figura do nojo, da repulsão. E é também onde entra a dúvida em relação à própria moral, à grande narrativa que o personagem construiu para si, pois a firmeza de sua recusa depende toda da validade de uma leitura do mundo que o apreende como o bondoso isolado, incompreendido, exposto à licenciosa, irrefreada, sovina e abjeta maldade dos outros. Ora, reproduzir tal comportamento automaticamente, sem refletir, é muito mais fácil do que vê-lo saltar diante dos olhos e admiti-lo, se coligando.

Nesse sentido, é expressiva a descrença do narrador quanto à factual diferença das duas posturas. “Naturalmente, não lhe vinha à mente ajudar a Sra. Auriol, mas *ele achava* que era por razões muito diferentes”, descreve aquele, como quem discorda, para em seguida salientar o *eterno raciocínio* que serve de guia às atitudes de Michelez. Basicamente, um reiterado pressuposto da vanidade, e mesmo da tolice, de vir em ajuda

a outrem, uma vez que o interesse próprio, queira-se ou não, é o que rege a vida entre os humanos.

No entanto, é a própria historicidade desse raciocínio, dessa conclusão, que eclode em sua mente e afeta um pouco sua convicção. Pois se o caminho que o levou a jurar a si mesmo jamais dedicar-se de novo a estranhos foi marcado pela falta de atenção, confiança e reciprocidade alheias<sup>121</sup>, nem por isto o rancor que ele daí extrai deixa de fazê-lo assemelhar-se ao que condena, e o fato dele agora ocupar o papel inverso exige rápido e fundo recalque. Ao pressentir em Édith uma compaixão similar à dele posta em desuso, ele não pode impedir-se de se ver na mesma posição dos que lhe tornaram a vida sofrida, que fizeram dela uma espécie de luta solitária pela placidez.

Apertado, portanto, entre o desejo de desincumbir-se de qualquer participação na tentativa de desenlace do infortúnio alheio – porém contíguo – e a necessidade de representar-se sob o signo da decência e da generosidade, Michelez permanece confuso até que Édith o liberta temporariamente da agitação ao anunciar-lhe uma mudança assaz tranquilizadora. Ajudadas financeiramente por Mary e Germain, a irmã e o cunhado sobrevivente, Édith e a filha se encontram agora abrigadas da necessidade, ao menos segundo a leitura apressada e apaziguadora do proprietário de *La vie là*.

O empresário ia e vinha em seu escritório. Tudo o que havia nele de generoso começava a despertar, mas ao mesmo tempo o medo de ser tonto, de ser enganado uma vez mais, o retinha. Uma necessidade imperiosa de defender, proteger aquela mulher, dedicar-se por ela, nascia nele ao passo que, de outra parte, um sentimento de prudência lhe comandava não fazer nada. Ah! Se não fosse questão de dinheiro, se a Sra. Auriol fosse rica e tivesse pedido, com o mesmo ardor desesperado, não uma ajuda material, mas um apoio moral, como ele teria se descoberto! Havia nele fogo o bastante para levá-lo a arriscar a vida. Ele teria feito de tudo. Teria sido mais do que um marido, mais do que um pai para ela.

Passou-se um mês, ao longo do qual Jean Michelez evitou cuidadosamente encontrar a Sra. Auriol. De tempos em tempos, ele mandava a mulher ir atrás de notícias de Dinah. Ela ia um pouco melhor. Isto o deixava profundamente feliz. Tudo então se arrumava. Ele buscava ganhar tempo, fazer-se esquecer, mas sem que por isto se conduzisse como um homem duro. Certa tarde, quando ele se encontrava no escritório, uma de suas datilógrafas veio anunciar-lhe a Sra. Auriol. O primeiro pensamento dele foi fazê-la dizer que ele não estava. O pressentimento de um infortúnio aflorou-se nele. Ela ia ainda pedir-lhe algo. No entanto, ele não ousou deixar de receber Édith.

À vista da jovem dama, ele tranquilizou-se de súbito. Ela estava mais serena do que da última vez que ele a vira.

– Desculpe incomodá-lo, disse ela, foi a Sra. Michelez que me disse que eu podia passar ao seu escritório sem receio. Vim lhe ver porque não queria que o senhor pensasse que lhe guardo rancor de algo. Eu teria até vindo mais cedo se minha filha não estivesse doente. Agora ela vai melhor e estou tão feliz que me seria penoso pensar que eu tenha podido lhe ofender ou que o senhor possa achar que estou zangada. Minha irmã me ajudou um pouco. É claro que

---

<sup>121</sup> Michelez carrega grandes ressentimentos na vida, de pessoas a quem entregou sua devoção e que, de uma forma ou de outra, o decepcionaram. Além de Hans Schiebelhut, um colega alemão de que tratarei mais adiante, o pai, o irmão e a personagem Simone se enquadram nesse esquema.

não a ponto de permitir-nos deixar Paris, mas agora tenho esperanças. Fui eu, aliás, que fui louca. O senhor me perdoe. Já não posso crer que tenha feito aquilo que fiz.

– Fico feliz por vocês. Feliz de verdade, disse Jean Michelez, a quem esta mudança de condição enchia de alegria. Então vocês estão ao abrigo da necessidade?

– Sim, minha irmã me deu um pouco de dinheiro. Eu paguei o Sr. Dausset, que é um horror, o senhor sabe. Ah, certa hora eu já não podia mais suportá-lo. Ele vinha quase todo dia. Só depois que minha irmã me ajudou que ele não vem mais. Eu tenho ainda um pouco de dinheiro para pagar o médico, enfim, para a vida de cada dia. E, no primeiro de janeiro, meu cunhado prometeu levar Dinah a Leysin. Ele vai se ocupar de tudo. Ele vai se informar. Enfim, vai arrumar tudo.

Pouco após a saída da Sra Auriol, o empresário saiu de seus escritórios. Ele estava num tal estado de exaltação que não conseguira permanecer fechado nem mais um pouco. Passando em frente a uma mercearia, ele comprou uma garrafa de champanhe. À noite, antes do jantar, ele foi à casa de Édith. Eram seis horas. A noite quase caíra. Dinah acabara de cochilar. Ela estava febril. Placas rosas coravam suas maçãzinhas. Seus cabelos pareciam mais abundantes do que nunca e de uma vida extraordinária.

– Eu lhe trago, senhora, um pouco de champanhe para a pequenina. É um bom estimulante. Talvez traga a ela um pouco de prazer.

– O senhor é demasiado gentil, Sr. Michelez. Não precisava mesmo se preocupar.

A partir deste dia, *o empresário se transformou por completo*. Enquanto que apenas na véspera da visita de Édith ele saía de casa sem nem espichar o olho na direção da casinha de medo de avistar a Sra. Auriol e ser obrigado a cumprimentá-la, sua única preocupação, a presente, era tornar a doença de Dinah menos dolorosa. De manhã, com frequência, ele não ia mais ao escritório; ele a passava brincando com a menina ou então a contar-lhe histórias. [...] À noite, ele largava as ocupações mais sedo, de forma a passar uma hora ou duas na casa da Sra. Auriol, trazendo de Paris ora um brinquedo, ora flores, frutas ou guloseimas. Após o jantar, ia de novo à pequena casa. Se a criança dormia, ele conversava com a mãe em voz baixa, a encorajando, dando conselhos, e lhe dizendo para ter esperanças. (p. 107-111)

Nota-se, neste trecho, como ao alívio do ex-arquiteto se sucede uma nova fase de agitação. Porém, não se trata mais, desta vez, de um desassossego desconfortável, mas de um agito aprazivelmente narcísico, de uma euforia deliciosa em ajudar porque se é bom, porque se é correto e atencioso. Antes alarmado como se a vizinha fosse lançar-se sobre seus bens, ele se transforma, descontraído, e começa a agir como o protetor que de certa forma ele já vinha querendo ser: alguém poderoso, mas indulgente àqueles que, menos vigorosos, conservam em si o respeito às convenções e a elas se adequam.

“Mais do que um marido, mais do que um pai”. E à cada bala e fruta comprada, um sabor de vitória como o do champanhe, um vero prazer em sentir-se díspar ao inescrupuloso Sr. Dausset. Pois este, feito um abutre, mostra-se capaz não apenas de ignorar os contratempos da mãe e da filha, mas ainda por cima de aproveitar-se da condição vulnerável delas.

Um domingo à tarde (de ordinário o empresário passava o domingo no campo com amigos, mas com o estado de saúde de Dinah tendo se agravado subitamente, ele permanecera em Paris), Jean Michelez encontrou o Sr. Dausset na casa da Sra. Auriol. Este estava sentado, chapéu sobre os joelhos, e aparentava aguardar, o que pareceu esquisito ao empresário, que sabia que o proprietário era um tagarela. Édith estava igualmente sentada, mas ao pé da cama, os braços serrados em volta do corpo, curvada para a frente, a cabeça abaixada. À vista de Jean Michelez, ela se ergueu de repente e sorriu, mas de uma maneira forçada que parecia indicar que ela desejava que tudo voltasse ao normal, ao passo que o Sr. Dausset, este não mudava de atitude, mal cumprimentando

o recém-chegado. O empresário teve o pressentimento de que o Sr. Dausset tentara agarrá-la e que ela, aflita, se refugiara junto à filha.

Sob o pretexto de ver se o tempo ficaria bom, Jean Michelez saiu ao jardim. Em seguida, pela janela, fez sinal a Édith para achegá-lo. Quando ela se aproximou, ele a olhou com doçura e, como se questiona uma criança sobre um assunto delicado, perguntou-lhe em voz baixa:

– Ele agiu mal com você, não foi? Ele tentou se aproximar, não é?

Ela não respondeu de imediato. Depois que o estado de sua filha se agravara, ela perdera de novo o senso da realidade. Ela pensava ser a causa de tudo que lhe acontecia. E tinha a impressão de que se tivesse sido calma e contente, as pessoas teriam tido outro rosto. Na tristeza, o único ser sobre o qual ela se apoiava, em quem tinha confiança, era Jean Michelez. Ela o olhou por um instante com expressão aflita, depois disse:

– Sim, ele quer casar comigo. Se eu aceitar, ele vai levar Dinah à Suíça. Ele me suplicou. E depois ficou bravo. Então, sem saber o que fazia, eu o insultei... eu o insultei... Ele deve estar com raiva de mim.

Jean Michelez, antes de pronunciar qualquer coisa, remexeu os lábios como se quisesse mordê-los. Ele a pegou pelas mãos. E enfim perguntou:

– É verdade? Que ele lhe disse tudo isso?

– Oh, eu já nem mais sei, balbuciou ela, a quem tal história acabara de parecer sem interesse ao lado da vida da filha.

– Pois bem, a gente vai ver. Ele vai lhe pedir desculpas ou então vai ter de se ver comigo.

Jean Michelez sentia uma raiva surda invadi-lo. O que ele temia então acontecera. Aquele homem se aproveitara do infortúnio de uma mulher para ser grosseiro.

Sem dizer palavra, em aparência muito calmo, o empresário adentrou a casinha.

– Meu caro Dausset, o senhor vai pedir desculpas diante de mim à senhora. Está entendendo?

O Sr. Dausset o olhou simulando espanto, depois disse:

– Desculpas? O senhor está louco! O que ocorre?

– Não quer então pedir desculpas, gritou Jean Michelez que, pouco a pouco, perdia o controle.

– Não tenho desculpas para pedir à senhora nem à ninguém.

– Venha aqui fora, Dausset, venha... O senhor é um covarde, está entendendo? O senhor é o último dos covardes.

Nesse momento, os estampidos das vozes acordaram Dinah. Como se ela estivesse cega, seus olhos se engrandeceram sem que, contudo, ela visse a cena. Estava aterrorizada. Sua mãe se aproximara e, apertando-a nos braços, adjurava Jean Michelez a parar de gritar.

– Covarde... covarde..., prosseguia este. O senhor não tem vergonha! Da sua parte, eu acreditaria mesmo de tudo, menos isso.

A menina explodia em soluços. Tremia de medo.

– Veja só então o que o senhor faz, o senhor! – gritou à sua vez o Sr. Dausset. Quando a gente quer bancar o protetor, a gente abre a carteira, está entendendo, senhor Michelez? A gente não fica com medo de abri-la. Eu, ao menos, sou franco. O que proponho é honesto. As pessoas são livres para aceitá-lo ou recusá-lo. Não forço ninguém. Mas se aceitam, comigo podem contar.

Diante dessas palavras, pela primeira vez na vida, o empresário entrou numa raiva tal que se sentiu capaz de matar o interlocutor. Ele não escutava mais os soluços da criança, nem as palavras que continuava a soltar Dausset.

A cena tomara tanta amplitude que Antoinette acorreu.

- O que é que há?

Os dois homens estavam agora no jardim. Dausset recuava para a grade, ao passo que Jean o injuriava. A Sra. Auriol se calara. Estava pálida. Todo seu pudor, toda sua dignidade, tinham ido ao espaço. Cada grito a dilacerava. Ela sentia, nos braços, Dinah que tremia dos pés à cabeça.

Finalmente, Antoinette logrou separar os dois homens e arrastar o marido à mansão.

Meia hora após, Jean Michelez retornava à Sra. Auriol. Ela nem se mexera. Dinah gemia, os olhos nem serrados nem abertos. Era possível vê-los, imóveis, por entre os cílios.

Essa última cena transformara o empresário. Ele, de ordinário prudente, parecia disposto a tudo para salvar a criança.

– É preciso mandá-la à Suíça, disse ele imediatamente.

A Sra. Auriol sequer o escutou. Ele aproximou-se da pequenina.

– Vamos, Dinah, dê aquele sorriso... aquele sorrisinho bonito. Sou eu que estou aqui.

A Sra. Auriol se levantara com um cuidado infinito para não tirar a criança do torpor em que caíra. Jean Michelez sentou-se ao lado de Dinah. Ele não a largava mais com os olhos. E escutava, atrás de si, Édith que chorava tentando conter-se. Ele não virou-se. Ele não podia largar os olhos do rosto da menina. De tempos em tempos, balbuciava algumas palavras ternas que ela não ouvia. De repente, ela abriu olhos que não viam nada, mas que assim mesmo se pousaram em cima de Jean. Ele reteve o fôlego. Os olhos ficaram abertos. Pareceu-lhe agora que insensivelmente, e mesmo que não mexessem nada, eles se fixavam com acrescida intensidade sobre ele. Os lábios estavam ainda vivos. Um pouco de vento balançava os cabelos no canto. Eles se moviam com uma leveza extraordinária e, de repente, ele viu os olhos fixos, o rosto pálido, algo de infinitamente sereno percorrer este rosto infantil, das sombras aos confins das bochechas, em torno dos lábios, e nada mais que uma coisa inerte.

Ele compreendeu que Dinah estava morta. (BOVE, 2006, p. 112-118)

Tarde demais. Tarde demais para compreender a tempo de agir. Tarde demais para a compaixão salvar uma vida. Tarde demais para dar ao outro o que foi pedido desde há muito. A morte de uma “pequenina” foi acelerada pela inflamação belicosa de dois homens irrequietos e gananciosos, que lidam mal com a rejeição aos próprios desejos, que fazem questão de ditar os termos das relações em que se envolvem. E é mesmo como se Jean Michelez houvesse usurpado o próprio posto de protagonista que ele por fim ocupa dentro da novela. É como se, chamado a coadjuvar de maneira digna e generosa, ele tivesse necessitado se sobrepor à ordem dos papéis para aparecer ainda mais um pouco, ou muito mais.

“Ele vai lhe pedir desculpas ou então vai ter de se ver comigo”, afirma ele, engrandecido, à Sra. Auriol. E mais uma vez é a partir de uma auto concepção ultra seletiva, baseada no vigor e na bonomia, que ele enxerga a si mesmo e crê agir. Contudo,

é somente após a contraofensiva do Sr. Dausset que o suposto altruísmo do empresário atinge o ponto de considerar o fundamental no rogo de Édith. “É preciso mandá-la à Suíça”, ele adentra dizendo após acalmar-se em *La vie là*.

Porém, a frase não soa como a salvação pretendida. Ninguém o abraça e o enche de beijos e tapas nas costas. Não há festejo nem condecoração. Não há herói, muito menos ele. Nenhuma honraria, nenhuma mercê. Apenas uma morte que poderia ter sido evitada pela empatia.

### 3.2 O que se herda (e o que acontece depois)?

*“Que ideia você teve de comer pão amanhecido!” (Emmanuel Bove, Le pressentiment.)*

Fora apenas em 1927 que as ações e gestos de Charles tinham começado a surpreender a família Benesteau, sobretudo o pai. Charles se tornara sombrio, suscetível, raivoso. Pensara-se de início numa consequência tardia da guerra, depois numa doença. Em 1928, se decidiu que ele partiria com a mulher ao Sul. Mas em seu retorno nada mudara. Ao invés de melhorar, o estado dele piorara. Ele continuava, não obstante, a realizar as ocupações, a receber pessoas, a interessar-se em tudo que dizia respeito ao seu meio, mas ele o fazia feito um homem que tem um segredo, com um ar distraído, distante, triste [...]. Quando lhe faziam uma pergunta, ele não respondia, ou então levantava os ombros. Depois das férias da páscoa, ele não mais retornou ao Palácio. Não se tardou a notá-lo. Isto foi pretexto para um conselho familiar. Interrogaram-lhe, fizeram-se persuasivos de tal maneira que ele consentiu finalmente a falar. Ele achava o mundo maldoso. Ninguém era capaz de um movimento de generosidade. Ele só via em torno de si pessoas agindo como se fossem viver pela eternidade, injustas, avaras, lisonjeando os que podiam servi-las, ignorando aos outros. Ele se perguntava se realmente, nessas condições, a vida valia a pena e se a felicidade não era antes a solidão do que os miseráveis esforços que ele fazia para enganar os que o rodeavam. Essa linguagem causou o pior efeito em sua família. Todos se entreolharam surpresos e inquietos. Tais opiniões na boca de Charles pareciam tão deslocadas quanto na boca de uma criança. Observaram que ele não tinha o direito de falar assim, que era preciso deixar isso aos infelizes. Quando se tinha a sorte de ter um pai como o seu, uma mulher como a sua, irmãos como os seus, a gente tinha que se considerar feliz e fazer de tudo para permanecer digno deles. Que os que não tinham nem família nem fortuna proferissem ideias semelhantes era desculpável, mas que um homem que jamais sofrera, que, por causa de sua miopia, fora apenas auxiliar durante a guerra, o fizesse, isto não se permitia. Poucos meses após, uma angina do peito levou o Sr. Benesteau pai em oito dias. Tal infortúnio não pareceu atingir Charles sobremaneira. Desde a manhã, ele deixava o domicílio para caminhar não se sabia onde e, com frequência, sequer voltava para jantar. À noite, se encerrava no escritório, e quando sua esposa batia na porta, respondia a ela sem deixá-la entrar. Em janeiro de 1930, dificuldades surgiram acerca da herança. De mais em mais inquietos, os irmãos e a irmã haviam se reunido diversas vezes. De comum acordo, tinham estimado que seria imprudente remeter a Charles, enquanto não houvesse recobrado a saúde, a parte que lhe cabia. E o avisaram com todo resguardo possível. Ele se zangou. Fingiram ceder, mas, no dia seguinte, foram consultar um notário sobre os meios de impedir Charles de dilapidar sua parte do patrimônio. Ele ficou sabendo, e a partir desse dia obscureceu-se ainda mais. Sua própria mulher não podia mais chegar perto. A manobra dos seus ampliara a amargura dele. O que pensar de um mundo onde sua própria família, seus próprios irmãos, tentam passá-lo para trás? Ele escreveu uma carta de oito páginas ao irmão – ele possuía uma certa mania de escrever – para informá-lo que renunciava à sucessão, que não havia nada que lhe causasse maior horror do que as discussões de dinheiro. Sua mulher lhe observou que ele não era sozinho, que era preciso pensar nas crianças e nela mesma. Ele respondeu que os Rivoire eram suficientemente ricos para que ela jamais precisasse temer o futuro.

E pediu que ela não voltasse, nunca, a tocar no assunto daquela herança. Ela se irou. [...] Em maio do mesmo ano, ele se mudava para uma pequena pensão na rua de Fleurus. Seis semanas mais tarde, após todas intimações, sua mulher demandava o divórcio. (BOVE, 2009, p. 19-21)

O que o leitor acaba de ler faz parte das páginas iniciais de *Le pressentiment*, ou “O pressentimento”, romance escrito por Bove em 1935 e publicado em outubro do mesmo ano pela editora Gallimard. Trata-se, mais precisamente, na versão que possuo em mãos, do trecho que principia na segunda página do relato e se desenrola até a quinta. Pouco foi dito, portanto, até então. Pouco se sabe a respeito do homem cuja família encontra-se tão alarmada. E ao próprio narrador as informações parecem faltar. “No dia 13 de agosto de 1931, pelo fim da tarde, um homem que podia ter uns cinquenta anos subia a avenida do Maine. [...] Ninguém o notava, tanto sua aparência era qualquer” (BOVE, 2009, p. 17). Este é o *incipit*. Mais adiante, a primeira menção ao nome do protagonista traz já um rápido relato da brusca mudança que o excerto acima detalha, em seguida, em maior grau.

Havia pouco mais de um ano que Charles Benesteau se separara da mulher, dos filhos, não aparecera mais no Palácio, que ele rompera com a própria família, com a da mulher, com os amigos, que ele deixara o apartamento do bulevar de Clichy. O que se passara? Quando um homem vive rodeado pelo afeto dos seus, pela estima dos confrades, uma mudança de vida assim tão completa é, à primeira vista, incompreensível. Assim, o leitor vai nos perdoar que tardemos um pouco sobre o passado e o caráter de Charles. (BOVE, 2009, p. 18)

Engana-se, no entanto, quem acredita que o narrador trará ao longo da história satisfatórias explicações. Da decisão do advogado Charles Benesteau em deixar sua vida de sempre e isolar-se dos seus num bairro popular não se terá maiores esclarecimentos do que ele mesmo oferece à família: “ele achava o mundo maldoso”. A frase, apesar de sua generalidade, certamente é voltada, nesse início narrativo no qual se insere, ao mundo restrito em que se deram até então as vivências de Charles, ou seja, um pequeno núcleo de sociabilidade burguesa parisiense.

Contudo, o movimento de recuo de Benesteau, o seu gesto centrífugo, não obtém como recompensa o descobrimento de um mundo melhor. Como bem escreveu Marie Darrieussecq (2009, p. V), “não há nenhum angelismo social em Emmanuel Bove”. Se o protagonista crê, por algum momento, que vai encontrar forma de vida mais solidária, o prosseguir da história vem como prova de sua ilusão, pois a mesquinhez que ele tão bem nota dentro da classe a que pertence se manifesta igualmente palpável no local elegido de exílio. Tendo abandonado a casa, o emprego, a família – quer dizer, sua rede constituída de relações – para construir sua vida alhures, Charles Benesteau vê-se, no entanto,

impossibilitado de recriá-la como gostaria. No meio dos pobres, como entre os ricos, preponderam a ganância, o interesse, o bisbilhote, o mexerico. Ninguém consegue subtrair-se. Nem mesmo com as melhores intenções.

Pois fato é que o advogado, ao romper com as próprias origens e trocar o luxuoso bulevar de Clichy por um apartamento atrás da estação de Montparnasse<sup>122</sup>, está buscando de alguma forma relações mais justas, éticas, diferentes. É certo, porém, também, que ele o faz sem um plano claro, movido acima de tudo pela aversão que lhe causa o comportamento dos seus. Assim, num primeiro momento, que ocorre antes da ação do livro e desemboca nela nas primeiras páginas, o protagonista sente mitigadas suas aflições, tendo se instalado em meio aos pobres, mas vivendo quase como um eremita. No entanto, a tranquilidade dele é perturbada por duas visitas que ocorrem numa espécie de cadeia.

A primeira delas é dos irmãos, Marc, Edmond e Simone. “Separadamente, eles já tinham vindo duas ou três vezes [...] suplicar a Charles que retomasse uma *vida normal*” (BOVE, 2009, p. 25, grifo meu). Ora, agora juntos, o tom não é muito diferente. Ele é apenas, talvez, mais enérgico e explícito como as palavras de Edmond:

Olhe esta rua. É preciso estar doente para vir habitar aqui quando se pode fazê-lo em outro lugar. [...] De repente, você quis se isolar. Você ficou farto da mulher, dos amigos, dos irmãos. Você achou que existia gente melhor noutra parte. E quis romper com o passado, começar a vida de novo. Tudo isso é, eu não diria normal, mas compreensível. Infelizmente, há outra coisa. Você nos provoca. Pois vamos falar a verdade, se você quisesse só se isolar, se separar de nós, poderia fazê-lo de um jeito bem outro. Nada lhe impedia de alugar uma casa pequena, um apartamentozinho, até mesmo um quarto, em Passy, em Neully, em Auteil, não importa onde, mas num lugar em que fosse normal que você morasse. (BOVE, 2009, p. 28-29)

Enunciando o incômodo familiar, Edmond faz-se porta-voz de seu ponto de vista e procura mostrar ao irmão que a decisão dele é dali percebida como um transvio, inaceitável e provocativo. Da perspectiva burguesa bem assentada, o fastio e o desejo de novos prazeres até consegue ser compreendido, na chave de uma simples crise de meia-idade culminando na existência naturalizada de uma amante ou numa mudança ao subúrbio rico para respirar novos ares nem tão novos<sup>123</sup>, mas a transição a um bairro tão

<sup>122</sup> No *14<sup>o</sup> arrondissement*, hoje abastado, mas descrito à época, e no próprio livro por um dos irmãos de Charles, como “um dos mais sinistros bairros de Paris” (BOVE, 2009, p. 29).

<sup>123</sup> Passy e Auteil são dois bairros de Paris situados no *16<sup>o</sup> arrondissement* e muito próximos à também referida Neully-sur-Seine, de administração separada da capital. Tratam-se de locais suburbanos tradicionalmente habitados pela alta burguesia e que circundam o célebre parque Bois-de-Boulogne. Na narrativa, eles parecem servir para simbolizar um afastamento aparente, mas irreal, de tão típico. A amante de Charles, Danielle Charnes-Aicart, de quem ele se distancia também no início do romance, mora

díspar na escala social não pode senão ser tomada por transgressão descabida. A vindicação por normalidade e a acusação de doença mostram, assim, que a preocupação com o estado do irmão vem junto à defesa de um estado de coisas, que não há razão para querer mudado.

Quando se pode eleger a carne que se vai comer, por que ingerir carne de cavalo<sup>124</sup>? Por que cruzar certos limites, certas fronteiras, que estão aí em favor do grupo? Mais adiante, o apelo familiar continua tomando, no entanto, o cuidado de esconder tal sentido grupal, que nitidamente mais afasta Charles do que o congrega. “Não é em nós que estamos pensando, mas em você. Então você acha que não sentimos nenhuma dor em lhe ver assim, desse jeito miserável, vivendo sem nenhum afeto, como um bicho?” (BOVE, 2009, p. 30), questiona Edmond. Porém, a pergunta deixa transparecer de onde se pensa: do ponto de vista em que a nova vida do irmão é considerada uma vida de bicho, em que a simplicidade e a ausência de luxo são confundidas com a miséria, formando uma só e inquietante pobreza, tanto mais ameaçadora quanto mais próxima da família.

Liberando-se pouco a pouco desse atavismo, e minimamente consciente dos privilégios de que ainda dispõe, o ex-advogado, cujo apartamento é o mais amplo das redondezas, e cujas roupas secam soberanas no varal vizinho<sup>125</sup>, responde de pronto ao irmão preconceituoso: “você se engana se acha que vivo feito bicho. Eu vivo igualzinho a antes. Digo materialmente, porque moralmente minha vida é cem vezes mais bela” (BOVE, 2009, p. 30). Contudo, uma certa altivez que há nessa frase se retrai depressa com a réplica subsequente, na qual Edmond rebate a ironia que ela também traz. “Tanto melhor. A única coisa que me surpreende [...] é que com ideias como as suas, tão bonitas, você tenha mantido sua fortuna. Eu, no seu lugar, a teria dado a alguma obra, a alguém” (BOVE, 2009, p. 30).

---

significativamente em Auteil. Tanto o desvio no casamento quanto o geográfico parecem, neste caso, muito menos graves do que a mudança ao *14<sup>o</sup> arrondissement*.

<sup>124</sup> “Eu não vi senão carne de cavalo nos açougues desta rua” (BOVE, 2009, p. 29), diz Edmond a Charles na sequência do sermão. Claramente há uma conotação de classe na frase, ressaltando o fato de a carne de cavalo ter lugar social pouco nobre e reprovando, por extensão, a escolha da rua como local de morada.

<sup>125</sup> Em meados do romance, Benesteau, ao passar apressado pela “lavanderia do térreo”, nota “com espanto que as próprias roupas estavam ali estendidas” (BOVE, 2009, p. 55). Tal detalhe parece indicar um cair em si quanto à posição social que ele ainda mantém. Apesar de sua deserção, ele ainda é percebido naquelas bandas como um homem burguês, uma espécie de senhor. Três páginas depois, há mais uma passagem que reforça isto. Voltando à casa, Charles é abordado por um vizinho que o enche de questões e depois se escusa, gerando o seguinte diálogo: “ – O senhor me desculpe se lhe faço estas perguntas. [...] É que o senhor não é um locatário habitual. – Você se engana. Sou um locatário como todo mundo. – Oh! não é não, senhor.” (BOVE, 2009, p. 58-59)

Virando o espelho a Charles, mesmo que levemente – uma vez que o egoísta Edmond não está nada interessado na troca de posições que ele sugere –, o irmão logra desconcertar o ex-advogado. “Estou errado. Eu sei. Sei perfeitamente”, diz ele, assumindo a culpa, mas emendando: “o dia, no entanto, está próximo, acredite-me, em que conseguirei separar-me desse dinheiro que tanto lhes interessa” (BOVE, 2009, p. 30).

A partir daí o mal-estar dele apenas cresce. De aparência fortuita à primeira vista, uma breve imersão nos escritos de Benesteau, logo interrompida pelo narrador, ganha significado. “Já falei longamente de minha mãe [...]. Porém não disse que ela tinha o hábito de responder com a maior benevolência a todos os pedidos de socorro” (BOVE, 2009, p. 22), escrevia ele na última ação reportada antes da chegada da coalizão familiar. Pouco após tal menção, o narrador afirma que Charles, ao escrever as próprias memórias, não estava imbuído de grande necessidade nem de fortes sentimentos, “ele não via em sua vida nada que fosse particular. Não havia nenhum rancor nem amor violentos” (BOVE, 2009, p. 22-23).

Diante desta e de outras indicações, é possível dizer que o movimento de afastamento do protagonista se deve muito mais a uma sensação desgostosa em relação à reprodução das atitudes dos que o circundam do que a uma crítica veemente e elaborada destas, muito mais a um *pressentimento* de algo equivocado e injusto do que a uma resoluta prestação de queixas. Executado, porém, o movimento, as coisas começam a mostrar-se sob outro aspecto aos olhos deslocados, desterritorializados, de Benesteau. Numa parte mais avançada da narrativa, ele reflete em seus escritos:

Há algo que me surpreende, [...] é que eu tenha podido chegar aos cinquenta anos de idade sem me dar conta de todos os favores de que me beneficiei. Quando vejo o número de pessoas que sofrem, as infelicidades que se abatem sobre elas, as embocadas que é preciso vencer, superar, para envelhecer, e penso na minha vida, fico confuso. Dir-se-ia que uma mão invisível se aprazou em me esconder tudo o que teria podido me entristecer. Não quero dizer com isto que vivi como num sonho. Eu senti também grandes dores. Mas eram, por assim dizer, dores previstas, às quais eu fui preparado desde a mocidade. A morte de meu pai, por exemplo. Ela me causou grande sofrimento. Nós nos reunimos gravemente, meus irmãos e eu. Amigos vieram. Tudo isso se passava como ao teatro. Havia alguém, houve sempre alguém que velava nos bastidores para que as tristezas inevitáveis fossem expedidas imediatamente ao passado. (BOVE, 2009, p. 99)

Avizinhado a uma realidade em que as mazelas não passam rapidamente, não se superam, o protagonista atina para o acúmulo sucessivo de apanágios em cima dos quais sua vida se erigiu. E de alguma maneira, o próprio ordenamento sobre o papel das experiências vividas, de que ele se vale ainda então, vai aos poucos desvelando sua

natureza privilegiada à medida que rarefaz junto ao turbilhão de conflitos em que imerge o protagonista.

Estes principiam pouco depois da saída dos irmãos, com outra visita inesperada que se deve, indiretamente, ao comentário desconcertante de Edmond. Pois após ele, Charles Benesteau, atingido num “ponto fraco” (BOVE, 2009, p. 34), como informa o narrador, fica remoendo uma saída à situação hipócrita na qual, constrangido, ele se reconhece<sup>126</sup>. Em meio à escassez de recursos que grita no novo entorno, lhe é desconfortável sentir-se extremamente favorecido. No entanto, a transferência da própria fortuna a outrem, se traz a vantagem de apaziguar-lhe a consciência, ameaça botá-lo numa estreiteza diária que tampouco lhe interessa.

Assim, surge uma ideia que aparenta unir o útil ao agradável: “Como viverei? Basta trabalhar. Basta eu dar um jeito de ganhar uns mil francos por mês. Sou advogado. Espalhando no bairro, indo aqui e ali, devo encontrar clientes, pessoas necessitando de conselhos, de assistência” (BOVE, 2009, p. 40). Um ganha pão honesto e benevolente. Numa só tacada, Charles almeja resolver a questão da sobrevivência e da má consciência, buscando aliar o auxílio aos vizinhos carentes a uma modesta remuneração para si. Ele distribui, então, pelo bairro uma espécie de anúncio dos próprios serviços: “Advogado oferece consultas. Preços módicos. 102, rua de Vanves. Benesteau”.

Claramente o desejo do protagonista é inscrever-se na linhagem bondosa da mãe e afastar-se do que ele enxerga como uma tradição mesquinha, atualizada e levada adiante pelos irmãos. Contudo, a visita que ele recebe em seguida ao anúncio e os desdobramentos dela evidenciam rapidamente a dificuldade de orientar-se por tais referências. Pois desamparado, o visitante, um vizinho, Vincent Sarrasini, vem pedir-lhe ajuda para um divórcio. Todavia, as histórias contadas por ele exigem de Benesteau um enorme desejo de crença.

Primeiramente, o grande entrevero com a mulher, que precipitou a consulta, é contado por Vincent de maneira a pairar a dúvida sobre a sinceridade dele ou dela, mutuamente excludentes. Segundo o marido, ele a teria surpreendido enlaçada com um

---

<sup>126</sup> “Charles Benesteau pensava ainda na acusação que seus irmãos lhe haviam feito. O que adviria dele caso desse tudo o que possuía? Deveria ele fazê-lo? Ele partira porque o seu entorno tornara-se a ele insuportável. Ele acreditara mostrar assim que era um homem diferente. Mas era mesmo? Não era ele um simples egoísta? Não era ele na verdade semelhante aos que desprezava, uma vez que o dinheiro lhe importava tanto quanto para eles?” (BOVE, 2009, p. 35)

funcionário do metrô e voltado à casa calado, onde se trancara, amargurado, junto com a filha Juliette. Mais tarde, a esposa Héléne retornara e dera de cara com a porta fechada. Ela batera por alguns instantes sem obter resposta, até que a filha, “apesar do pai que lhe torcia os punhos”, gritara “estamos aqui” (BOVE, 2009, p. 43). Indignada, ela fora à delegacia e trouxera junto um policial; veementemente, contra-atacara com a própria versão.

Ah! Agora ela entendia tudo, compreendia por que o marido imaginara a história do encontro, por que não lhe havia aberto, por que Juliette enfim gritara que estava lá, atrás daquela porta fechada à chave. Tudo estava claro. “Juliette, gritou ela frente ao sargento de polícia, diga a verdade. O que o seu pai lhe queria? Por que ele tinha trancado a porta!? Por que ele lhe impedia de me chamar? (BOVE, 2009, p. 43)

Aqui, Bove deixa o suspense em aberto e até o acresce adicionando a seguinte fala de Vincent Sarrasini: “enquanto ela negar, ela sabe muito bem que eu não farei nada, porque vou para sempre me perguntar, mesmo que tenha certeza do que vi, se não estou enganado” (BOVE, 2009, p. 44-45). Seria aquele um caso de estupro ou de adultério? Ou então seriam as duas coisas ao mesmo tempo? Ao final do livro, quando provavelmente já tem mais dúvidas a respeito da versão do marido, o leitor saberá que Héléne possui de fato um amante, mas jamais poderá estar certo de que a violação de Juliette não ocorreu. O próprio Benesteau, abordado por Vincent, não tem como sabê-lo. E nem parece tão interessado.

Assim que ficou sozinho, Charles Benesteau pensou longamente na visita que acabara de receber. O lado vulgar daquela rixa, tudo o que ela deixava entrever de gritos, golpes e promiscuidade, não reteve a atenção dele por um segundo. [...] “Esse pobre homem, matutou ele, se eu não lhe tomo conta, irá a um advogado cujo nome ele pegará num jornal. Vão tirar-lhe tudo que ele possui, o caso durará três anos e ele perderá” (BOVE, 2009, p. 46)

Como se percebe, há um imenso sentimento de dívida social que impede Charles de pensar de fato no caso que a ele se apresenta. E como sua culpa refere-se sobretudo aos privilégios de classe de que ele dispôs e ainda dispõe, e não a uma injustiça de gênero, ele logo releva as possíveis verdades de Héléne e da filha e se concentra numa resposta ao pedido do pai, que se encontra ali diante dele<sup>127</sup>. Indiferença impossível, esta de um trauma que lhe toca.

Páginas depois, quando os problemas entre os cônjuges se complicam e chegam a terríveis consequências (Héléne é espancada e levada ao hospital, onde fica internada; Vincent é preso; Juliette, exposta a todo o horror, fica sem adulto para cuidá-la),

<sup>127</sup> “Ele não podia abandonar aquele infeliz contramestre à própria sorte” (BOVE, 2009, p. 46).

Benesteau, chamado à cena como “o advogado de Sarrasini” (BOVE, 2009, p. 55), primeiro se distancia e se desincumbe: “não sou o advogado dele” (p. 56). Em seguida, no entanto, ele parece querer atenuar uma futura punição, dizendo ao delegado: “ele agiu num momento de loucura. Eu vi ele ontem. Ele estava muito calmo” (p. 56); “é uma gente pobre. Eles vivem no fundo de um pátio sórdido, sem ar, sem luz e sem água. Isto não deveria ser permitido” (BOVE, 2009, p. 57).

Mais uma vez, é como se Benesteau, abismado pela realidade pungente de que escolheu se aproximar, perdesse um pouco a capacidade de julgamento ou mesmo o controle das próprias ações. É como se aquela culpa tudo dominasse. Dias antes, ela lhe impedira de negar mil e duzentos francos a Vincent, apesar de estar claro que este se aproveitava dele desde o início (primeiro ocultando que fora vê-lo graças aos anúncios e solicitando um auxílio gratuito, depois fazendo pouco da indicação de um colega de Charles para pedir-lhe o referido dinheiro, supostamente para pagar o advogado “do patrão”), agora ela parece turvar-lhe a visão de um nítido agressor por exacerbar a percepção de sua condição vítima.

Porém, a bem da verdade, o ex-advogado não compactua com o contramestre. Ele apenas se espanta com o ambiente e com as reações de todos. “Aquele crime permitira outros cem” (BOVE, 2009, p. 57), pensa ele, chocado pelo rebuliço que se sucedera, pelo prazer que ele notara em olhares contentes em contemplar a desgraça alheia. “Não fazia parte do caráter de Charles ficar com pena de um indivíduo como Vincent Sarrasini. Porém, [...] no furor de todos contra aquele homem, havia mais do que indignação” (BOVE, 2009, p. 61). Assim comenta o narrador, entreluzindo com as palavras uma dinâmica que se dilata ao longo da história.

Esta consiste no alargamento do assombro de Charles frente às atitudes dos novos vizinhos, tantas vezes guiados por interesse, raiva e rancor. A este assombro, cresce contígua a empatia com as vítimas dessas vítimas, com os mais desfavorecidos entre os desvalidos. Assim, muito embora se inicie com mais uma intervenção alheia – desta vez, da zeladora, que lhe convoca a tomar parte da situação –, o acolhimento que ele oferece à abandonada Juliette Sarrasini se insere em tal desenvolvimento.

“Não penso nada ou penso mais que é muito triste”, responde ele quando no retorno de sua caminhada matinal, no dia seguinte à briga, é questionado pela zeladora sobre o que pensa “das consequências do drama” (BOVE, 2009, p. 62). Como observou

Darrieussecq no prefácio, trata-se de um momento entre vários outros em que as fantasias dos habitantes do entorno se projetam sobre o protagonista e sua condição senhoril, esperando dele sempre algo a mais<sup>128</sup>.

– O que há de mais triste nessa história é o destino da criança. O que ela vai virar, a pobre pequena? [...] a noite toda eu a ouvi gemer, a coitada. Isto partia-me o coração. Mas o meu marido é um homem. Ele se vestiu e zarpou. Eu pensei, senhor, que o senhor, o senhor teria mais coração, que o senhor iria dar uma olhada no que se passa aqui do lado. Estou segura de que se uma personalidade como o senhor desejasse, poderia fazer algo. O senhor foi tão bondoso com o pai dela. Quando penso que, sem conhecê-lo, o senhor emprestou-lhe dinheiro...

– Ele disse à senhora...

– Ele estava muito contente para não dizê-lo. Ele contou ao mundo inteiro.

[...]

– Eu permitiria-me, continuou ela, lhe advertir que o senhor foi generoso um tanto demais. Se o senhor tivesse me dito antes, eu teria avisado. Todo mundo sabe que Sarrasini jamais trabalhou. Se ele foi-lhe atrás, é porque sabia que o senhor não conhecia ninguém no bairro.

Charles Benesteau sorriu. Ele pensava numa peça que ele vira antes da guerra durante umas férias que ele passara na Alemanha, peça que o afetara muito. Era a história de um senhor de castelo que fizera o voto de dar tudo o que lhe pediam e que, ao invés de arruinar-se, assistia dobrar sua fortuna. Por que, ao invés de ficar com ciúme do que ele dera a Sarrasini, ela não lhe pedia algo também, essa bendita zeladora?

(BOVE, 2009, p. 63-64)

De maneira expressiva, a lembrança da peça vista na Alemanha surge no momento em que, muito afetado pelo desamparo dos outros, Benesteau se abre à possibilidade de dar sem receber nada objetivo de volta. Ela vem, porém, como uma imagem do que seria a recompensa perfeita ao homem benevolente: o retorno em dobro do que se doa. Um altruísmo sempre mais vigoroso e que jamais deixa um sabor amargo, que irradia honradez, dignidade. Contudo, às dádivas de Charles sucedem-se ciúmeiras, calúnias, competições, e ele não encontra no entorno o acolho previsto. Muito pelo contrário.

Assim, quando, a partir da sugestão de vizinhos, ele se dispõe a abrigar Juliette por alguns dias e se mostra assaz preocupado com o bem-estar dela, oferecendo cuidados não imaginados pelos outros, ele e a menina tornam-se o foco de maledicências indigestas. Na verdade, estas se iniciam uma semana depois, mais precisamente quando a Sra. Chevasse – uma moradora do bairro indicada pelos vizinhos para ajudar Benesteau com os serviços domésticos e a supervisão da menina –, frustrada com a pouca atenção

---

<sup>128</sup> “As fantasias projetadas nesse *senhor (Monsieur)* tão estranhamente sozinho vão rapidamente perturbar sua rotina celibatária” (DARRIEUSSECQ, 2009, p. VI)

dada a ela por ele, que é todo olhos a Juliette, decide deixá-los<sup>129</sup>. Antes de partir, ela lança uma série de insinuações:

– [...] O senhor é bondoso demais. O senhor não sabe. Eu era também assim, aliás. Quando se viveu sempre num meio que se respeita, é impossível pensar que existe gente que é diferente. A gente acha que todo mundo é bem-educado. Infelizmente, não é o caso. Os Sarracini [...] pertencem à mais baixa das categorias. Basta observar a menina. É o puro arдил. Isso nos matava se pudesse. Esse troço lhe odeia. Ela não se escondeu para dizê-lo. Eu sempre fui uma pessoa honrosa, senhor. Não vai ser por esses italianos que eu mudarei hoje.

– A senhora não faz, no entanto, nada de mal em morar aqui para fazer companhia a uma criança. Pois assim mesmo ela é uma criança, isto a senhora não pode negar.

– Eu vejo que o senhor não conhece mesmo esses meios. É o que faz sua honra, e a minha também, uma vez que eu não os conheço mais do que o senhor. Essa gente dorme toda na mesma cama. Como o senhor quer que as crianças mantenham a inocência delas? (BOVE, 2009, p. 92)

Confrontado a um discurso tão odioso, Charles tenta ao menos abrandá-lo remetendo ao fato de Juliette ser uma criança. Isto, contudo, não surte efeito, a Sra. Chevasse estando mais preocupada em desvelar a ele a perversidade inerente à família e ao meio em que a garota cresceu<sup>130</sup>. O orgulho ferido por não ter tido, ao mudar-se ao apartamento de três cômodos que ali faz figura de palácio, tratamento de rainha<sup>131</sup>, ela se aplica em pintar o horror da plebe com a qual não se identifica.

Benesteau, por sua vez, não consegue deixar de se projetar naquela situação. “Ah! se o infortúnio que atingira aquela criança o atingisse, a ele, ele não teria ficado louco?” (BOVE, 2009, p. 89). Imaginando o pior, ele é incapaz de abandoná-la<sup>132</sup> e prefere ignorar os alarmes de Chevasse. Com outra vizinha, ele consegue a indicação de uma ajudante substituta, Eugénie, e assim mantém Juliette em casa, sob seu abrigo.

É nesse momento da trama que ele escreve as supracitadas palavras em que se afirma espantado com a própria, e pretérita, inconsciência em relação aos “favores” de

<sup>129</sup> Reiterando a todo tempo o próprio sacrifício – de mudar-se de sua casa para morar com Benesteau e Juliette; de dar atenção a esta em detrimento do filho Victor – e o fato de ter sofrido na vida e sido ajudada – o que lhe garantiria uma melhor compreensão da situação e uma maior sabedoria de como agir –, a Sra. Chevasse dá repetidas mostras de querer reger tudo no apartamento do ex-advogado e colocar-se no centro da história que tantos olhares desperta. Porém, o insucesso dela em obter isso a frustra sobremaneira.

<sup>130</sup> É possível detectar na fala de Chevasse fortes ecos das teorias da degenerescência formuladas no século anterior, então ainda muito em voga. Misturado a eles, há também um forte teor xenófobo, como evidencia a seguinte fala, proferida em meio às acusações de que tratarei na próxima página: “– Eu vou levar imediatamente essa menina à delegacia. Ela vai se juntar ao pai. *Está no sangue da família*. A mãe, prostituída, o pai, assassino” (BOVE, 2009, p. 105).

<sup>131</sup> O narrador ironiza assim as expectativas dela: “bastara uma semana para ela se crer a própria Sra. Benesteau” (BOVE, 2009, p. 93)

<sup>132</sup> “Não se pode deixar uma criança sozinha num momento tão trágico. Ela é capaz de morrer de fome, de se matar...” (BOVE, 2009, p. 93)

que dispôs ao longo da vida. “Quando vejo o número de pessoas que sofrem, as infelicidades que se abatem sobre elas, as embocadas que é preciso vencer, superar, para envelhecer, e penso na minha vida, fico confuso”. Na confusão e no desgosto das cenas que presencia, ele chega até a revisitar mentalmente com certa distância sua decisão de isolamento<sup>133</sup>. No entanto, o rancor e a crueldade dos outros parecem alimentar seu afeto, dar-lhe combustível à atenção, à preocupação com o mais fraco<sup>134</sup>.

Assim, quando ele retorna de sua habitual caminhada noturna e se depara com a Sra. Chevasse completamente indignada, “fora de si” (BOVE, 2009, p. 104), acusando Juliette Sarrasini de haver corrompido sexualmente seu filho Victor, além de acusar a ele, Benesteau, de fazer parte de tudo aquilo – daquela suposta corrente de depravação<sup>135</sup> –, farto, ele rebate: “Escute-me, Sra. Chevasse. O que você tem contra essa criança? A senhora não tem o direito de tratá-la assim. Se alguém, nessa história, pode perder algo, esse alguém é ela” (BOVE, 2009, p. 105). Tal formulação surge logo após uma breve introspecção autocrítica, feita no momento em que, atônito, ele escutava as palavras daquela mulher.

Sua mente estava alhures. Ele pensava na situação ridícula em que se encontrava, na amargura que o teria invadido caso ele levasse essas histórias a sério. Ele estava sendo punido. Ele desejara o bem de Juliette. E fizera tudo para salvá-la. Mas fracassara. Porque simplesmente não merecera ter êxito, porque não era digno de salvar nenhum semelhante. Para lograr o bem é preciso dar-se o trabalho. *Não existe nada mais enganoso do que a boa intenção, já que esta traz a ilusão de que se é o bem ele próprio.* Naquele cubículo, sob o olhar vítreo do velho zelador, frente à indignada Sra. Chevasse, ele acabara de assimilar tal verdade (BOVE, 2009, p. 105, Grifo meu).

---

<sup>133</sup> “Ele pensava nos últimos anos passados no bulevar de Clichy. Como ele pudera abandonar a família, os amigos, tudo, até os poemas de juventude?” (BOVE, 2009, p. 101)

<sup>134</sup> Não creio que seja um acaso que, nas duas histórias que analisei por enquanto neste capítulo, esse “mais fraco” assuma a figura de meninas desamparadas num mundo repleto de violência (e no qual esta se exacerba quando praticada por homens, como Germain e Vincent). Se já se apontou que “toda a obra de Emmanuel Bove exala um perfume de misoginia” (VARGAS, 2008, p. 79), bem como uma “tendência à misoginia” (PIROUX, 2009, p. 7) entre os personagens do autor, acredito que isso advém muito mais de um desejo de apontar a misoginia existente, e mesmo predominante, naquele tempo e local, do que de uma vontade de reproduzi-la, reificando a opressão às mulheres. Mais uma vez, acredito que o escritor se utiliza da natureza interseccional das relações para construir seus enredos, potencializando-os.

<sup>135</sup> “É sua culpa. É uma menina desavergonhada. Todos saberão por que eu não pude ficar. É uma vergonha. Um homem como o senhor, que se diz bem-educado, se portar assim... [...] A Sra. Chevasse estava fora de si [...]. Tinham lhe contado que o filho dela fora visto comendo crepes com Juliette na rua de la Gaieté. Ela deveria ter desconfiado, levantado a guarda, pois como ele poderia ter pensado por si mesmo que essa Juliette, velada com tantos cuidados, era uma vulgar? Esse Charles Benesteau não ia também querer que as pessoas acreditassem que era por caridade que ele abrigara a pequena. Aliás, ela, a Sra. Chevasse, reparara em certas coisas. Não tinham eles por vezes tentado afastá-la? Não tinha Charles desconversado quando ela o aconselhara a livrar-se de Juliette? Ele estava amoroso, era evidente. E essa menina, sob ares sofridos, se aproveitava. Mas ela tinha o diabo no corpo. Um garoto bonito como Victor a divertia muito mais.” (BOVE, 2009, p. 103-104)

Dolorosamente, o que ele assimila é, creio eu, a inocuidade de uma ajuda que tem como meta oculta a elevação de si próprio, e que, portanto, não se contenta com nada menos do que a salvação. Esta, no limite, seria mesmo um auto resgate das paragens insuportáveis da culpa para a glória, a redenção. Notando, aos solavancos, a impossibilidade de um desfecho assim grandioso, dado os paradoxos e truculências preponderantes, é como se ele renunciasse de vez ao proveito narcísico e à presunção de sucesso na dádiva, seu retorno simbólico. Se até então ele confundira a si mesmo com a bondade e a outros com a maldade, segundo visão assaz essencialista, os fatos mostraram-se a ele mais intrincados<sup>136</sup>.

A partir de então, ele se demonstra menos preocupado com os comentários e expectativas dos moradores do bairro e, não obstante, mais inclinado a seguir as próprias inclinações dadivosas. A despeito da falta de garantias – de ser “o bem” em encontro providencial com outra pessoa plena de bondade –, ele realiza, ao fim do livro, gestos exemplares de um acolhimento sem inquirição, de um amparo quase às cegas, baseado apenas na intuição e na aceitação da falta de controle.

Nesse sentido, a relação de Charles com Eugénie, a nova ajudante, é especialmente interessante. Juliette tendo sumido após fugir das acusações e agressões de Chévasse, ela perde a função. Todavia, o ex-advogado percebe a calada alegria dela em morar com ele no apartamento e opta por mantê-la, sem mesmo tocar no assunto de sua serventia<sup>137</sup>. Ao notar igualmente o desconforto dela em mover-se ali, ele tenta deixá-la mais livre, inclusive para sair, ressaltando que na volta ela encontrará de novo a porta aberta<sup>138</sup>. Não por acaso, esses gestos se dão no momento em que, desassossegado pelo sumiço da menina, ele atina para a severidade do desabrigo e para a terrível previsibilidade do padecimento de certas vidas.

Onde estava Juliette? Em que cama imunda iria ela acordar amanhã? Como ela acabaria? Ela passaria de mãos em mãos até o dia em que notariam que ela era menor. A mandariam então a uma casa de correção. Ao sair, ela recomeçaria. E ficaria doente. Não se cuidaria e morreria aos trinta anos. Existem então pessoas cujo destino é assim tão fácil de prever? Não fora isso que ele acreditara até então. (BOVE, 2009, p. 107)

<sup>136</sup> Mais adiante, já próximo ao fim do livro, ele se indaga hesitante: “Tinha ele o direito de se revoltar contra a maldade humana? Ele não estava seguro de ser melhor do que os outros...” (BOVE, 2009, p. 128).

<sup>137</sup> “Ao abrir, ele se lembrou bruscamente que Eugénie morava ainda com ele. Ela estava tão contente que ele não ousou despedi-la. [...] As três peças do apartamento pareciam a ela um palácio. Podia-se de fato compará-lo com o mocambo que ela dividia com outra mulher num beco vizinho?” (BOVE, 2009, p. 115).

<sup>138</sup> “Você não é obrigada, Eugénie, a ficar na cozinha a manhã toda. Você pode ir às duas peças do fundo. [...] Além disso, é preciso sair. Não tenha medo. Na volta, você vai poder entrar de novo” (BOVE, 2009, p. 116).

A discrepância do que é percebido agora por Benesteau com a realidade antes conhecida por ele é radical. Da “mão invisível” que se aprazava em esconder a ele as tristezas possíveis, à espécie de filme que passa em sua mente representando a vida futura de Juliette não poderia haver fosso maior. Não poderia haver maior contraste do que entre o relativo domínio sobre o infortúnio de que ele se recorda, e que marca a continuidade de sua família burguesa, e o império quase total da desgraça sob o qual vivem os mais pobres dentre os pobres, as minorias das minorias.

Quando ele viera morar na rua de Vanves, parecera a ele que não se aborreceria um instante, que se interessaria por tudo, que interrogaria os vizinhos, que seria uma formiga no formigueiro, e simpático a todos. Mas naquele dia, [...] ele tivera a sensação de que tudo era cinza em torno de si, de que nenhuma alegria reinava em nenhuma parte e, o que era mais grave, de que ele sequer mudara. A coragem que acreditara ter provado ao romper com o passado lhe parecia nesse minuto ter sido inútil. [...]

– Eugénie, gritou ele.

A velha mulher apareceu com uma panela na mão, dentro da qual despejara o chá.

– Sente-se, Eugénie. Fique um instante perto de mim.

Ela obedeceu sem compreender. *Charles a olhou como se olha um benfeitor*. Ele tinha ânsia de chorar. Pela primeira vez desde que deixara o bulevar de Clichy, se sentia triste, muito triste, como se lembrava de ter se sentido no tempo em que Théo Benesteau ainda vivia. Ele olhava o céu encoberto cujas nuvens tinham reflexos prateados, e todas aquelas moscas, aqueles pássaros, que iam e vinham diante de seus olhos sem cessar. Ele virou de novo a cabeça a Eugénie. Nenhum destino podia ser mais humilde do que o daquela mulher.

– Eu queria, disse ele, que você ficasse contente aqui.

– Eu estou muito, respondeu ela.

Como era possível que aquela mulher de sessenta anos, cujo nariz era quebrado de nascença, cujas bochechas magras se afundavam na cavidade da boca, [...] tivesse uma postura e ares de mocinha? Quando ela respondera com um inconsciente pequeno sorriso [...], Charles entrevira por um instante a tenra criança que fora aquela ruína. (BOVE, 2009, p. 116-117, Grifo meu)

Seja imaginando o triste futuro de Juliette ou entrevendo o passado fresco de Eugénie, Benesteau se encontra muito distante das expectativas que trouxera ao chegar ali. Longe da ilusão de uma igualdade inalcançável, do exotismo encantado com que fantasiara continuamente se entreter e da imagem de bravura com que se enxergara, angustiado, em crise, lastimando a si mesmo por não ter mudado, ele muda. Não se trata, no entanto, de uma alteração estrondosa, mas de algo mais sutil, que ocorre sem estrépito nem alarde. Algo que flui de maneira quase imperceptível entre o desejo dele de chorar e de ver Eugénie contente, entre o reconhecimento da precariedade de ambas as vidas e da mútua necessidade de amparo.

Apesar de sentir-se frágil e infeliz, Charles não a repele para sentir-se mais forte e protegido. Ao invés disso, ele a olha “como se olha um benfeitor”. Utilizada no masculino (*bienfaiteur*), e não no feminino (*bienfaitrice*), a palavra assume ainda maior grau de deslocamento do que o já sugerido pelo contexto. Uma benfeitora totalmente atípica, inesperada. Mas o que teria ela dado a ele? Aparentemente, uma oportunidade de ir além em seu movimento de diferir e desvincular-se das disposições herdadas. É como se “aquela ruína”, vista de perto, tivesse a capacidade de abalar o modelo que a deslustra ao testemunhar o próprio processo de desgaste.

Após a interação entre os dois, Charles se retira para dar um passeio. Quando ele retorna, encontra pessoas aos montes em frente à casa vizinha e já associa o alvoroço a um possível retorno de Juliette, acertadamente. Antes de trocar com ela mais de três palavras, ele é interrompido pela Sra. Bichat<sup>139</sup>.

– Veja só, veja só, disse ela, não havia por que se preocupar. Eu sabia bem que ela voltaria. O senhor acha que ela tinha alguma vergonha, quando os pais estavam aí, de sumir assim vários dias? Não. Essa menina é do Sul, você quer o quê? Essa gente não tem o mesmo sangue que o nosso.

À noite, foi o próprio Charles Benesteau que arrumou a cama da menina. (BOVE, 2009, p. 119).

Nitidamente, a tal altura, o protagonista não poderia estar menos sequioso de fazer parte da comunidade de sangue à qual sua vizinha alude, o incluindo. Se ele desejara ser formiga no formigueiro por algum tempo, o lado perverso da coletividade disjunta da qual se acercara – que parece juntar-se apenas para opressões –, ao longo do tempo, o repelira. Inicialmente polido e distante, ele fora posto no centro dos acontecimentos. Porém também ali se colocara, de certa maneira, pelos próprios desejos. Ao encaminhar-se ao fim, a narrativa mostra que estes se dirigem finalmente às margens.

Seu filho Victor tendo partido, a Sra. Chevasse teve o lazer de ocupar-se de Charles, da pequena Juliette e de Eugénie. [...] Esse senhor que todo mundo achara tão conveniente, do qual se esperara o cumprimento, sobre quem perguntara-se informações, de quem se tivera orgulho em aproximar-se, esse mesmo senhor que causara tanta impressão recolhera na casa dele a filha de um assassino, dos esposos beberrões e briguentos, que o quarteirão todo odiava. Fora, no entanto, sob a recomendação da Sra. Bichat que Charles pedira a Eugénie que viesse morar com ele. Hoje, a zeladora espalhava o rumor de que ele abrigava aquela bêbada por ela ser um tanto simples de espírito e ele assim poder, mantendo as aparências, fazer a menina de amante.

Contudo, como era difícil importunar realmente Charles Benesteau, foi Eugénie que se azucrinou. (BOVE, 2009, p. 121)

[...]

---

<sup>139</sup> Zeladora do imóvel de Benesteau.

Uma mulher passava no corredor. Era Eugénie.

– Vá buscá-la. Faça ela vir, disse a Sra. Bichat a Léa.

Pouco depois, Eugénie adentrava o cubículo. Ela conhecia cada uma das mulheres que ali se encontravam. Ao vê-las, foi pega pelo temor.

- Feche a porta atrás de você, disse a Sra. Bichat.

Eugénie obedeceu. Ela carregava uma cesta, pois ia buscar provisões. Sua mão esquerda estava fechada. Adivinhava-se que ela segurava preciosamente na palma o dinheiro que o patrão lhe dera.

– Sente-se, Eugénie, não faça tantas maneiras. Não é porque você trabalha para o Sr. Benesteau que precisa fazer a rogada. Então quer dizer que se não tivéssemos lhe chamado você nem entraria?

– Eu vi que a senhora não estava sozinha, Sra. Bichat. E não quis incomodá-la.

– Então, você está contente com o seu lugar?

– Oh! Sim.

– Ninguém se aborrece muito ali em cima.

– Um pouco, às vezes, mas estamos tão bem. Reprovações jamais. O Sr. Benesteau está sempre contente. Ele nunca se queixa.

As mulheres se entreolharam como se os dizeres de Eugénie confirmassem o que haviam dito.

– Escute, Eugénie, disse a Sra. Chevasse, você não vai ter a pretensão de ensinar a mim, que acabo de passar oito dias com o Sr. Benesteau, qual é o seu trabalho.

– Faço a limpeza, um pouco de cozinha. É tudo.

– Se fosse tudo, você acha que eu teria ido embora? Pois se você tem esse lugar, não se esqueça de que foi porque eu o deixei.

– Eu não fiz nada para tê-lo.

– Fique quieta. Você nunca trabalhou de maneira honesta. Basta ir ver onde você mora para não ter dúvidas. Você se arrastou na miséria a vida toda, por causa de sua preguiça. E hoje que está velha, você aceita esse papel infame.

Eugénie se pôs a tremer. Todos aqueles olhares apontados a ela, toda a raiva que emanava daquelas mulheres, haviam feito sumir o seu sangue frio. Ela teria querido fugir, mas não ousava. E Léa já se aproximava. Aquela moça enorme e cheia de saúde a assustava tanto quanto um homem encontrado na rua, na noite deserta.

– Escute-nos, Eugénie. É preciso que você escolha. Em todo caso, já lhe adiantamos que a denunciaremos à polícia caso continue esse trabalho sujo.

– O patrão é tão bom, conseguiu dizer Eugénie.

– Ele é como qualquer homem, o prazer dele primeiro.

– O que o patrão vai pensar de mim, se eu não voltar? E o dinheiro que eu tenho lá? Eu preciso devolver?

– Basta guardá-lo, Eugénie. Será para o seu consolo.

A pobre mulher não pôde ficar erguida mais por muito tempo. Ela sentou-se sobre um baú. Ninguém lhe falava mais. [...]. Finalmente, ela levantou. Ela se dava muito bem conta de que se não obedecesse àquele grupo de mulheres seria obrigada a deixar o bairro. A raiva que sua frágil pessoa suscitaria seria tamanha que ela não encontraria mais um padeiro para vender-lhe pão. (BOVE, 2009, p. 124-126)

Assim, Eugénie se vai. Sem compreender o seu não retorno, Charles indaga a vizinhança. Cynicamente, a Sra. Bichat finge-se espantada: “ela que é a própria exatidão! Que estranho. Vou dar uma olhada na casa dela” (BOVE, 2009, p. 127). Porém, quando Charles pede-lhe o endereço, ela despista:

Oh! ela não tem. Ela morava ultimamente em um beco que o senhor não conhece, mas ela partiu faz muito. Ela dorme dentro dos barracões, dos vagões de mercadorias, nos abatedouros. Espero que não esteja faltando nada na sua casa, porque o senhor sabe, com ela, nunca se está certo de reencontrar as pequenas coisas de que gostamos. Não é que ela seja desonesta, sem o que eu não a teria recomendado, mas quando ela sente que se solta a corda, é mais forte do que ela, ela aproveita. (BOVE, 2009, p. 127)

Nos trechos que acabo de citar, a opressão sofrida por Eugénie é gritante, bem como o caráter grupal, quase pactuado, do processo público que a avilta. É notória a premeditação de Bichat, de Chevasse e das outras mulheres que a perseguem e sufocam, provocando sua capitulação e fuga. Do pressentimento dela ao entrar no cubículo, de seu temor, depreende-se uma consciência do minoritário que é o bastante para descreditar ao leitor sua suposta simplicidade de espírito. Um saber oriundo das dores da exclusão e do rebaixamento a deixa alerta para o perigo. Contudo, de sua posição frágil, ela não tem meios para resistir, e sabe também da raiva que provoca, a seu despeito.

Velha e pobretona, senão miserável, desprovida de relações realmente confiáveis no meio em que vive, basta Eugénie subir um degrau na escala da dignidade e o do desenfado para caírem-lhe em cima. Quanto a Benesteau – homem, branco, de meia-idade, advogado, burguês, francês e de origem cristã –, ele é o triunfo e o troféu, o sucesso em forma de pessoa, exercendo assim vasto magnetismo. Só o que o condena aos olhos dos outros é sua insistência em relacionar-se com os excluídos, subvertendo o parâmetro ou usando outro que lhes escapa.

Nascido para ser referência, ele busca outra, desorientado. Porém, como sugeri, nessa altura da narrativa ele já nem se encontra tão sem direção. Apenas abatido. Em suas ações, é como se algo o conduzisse, guiando suas forças restantes precisamente aonde só chega, habitualmente, a ojeriza. Assim, quando Hélène Sarrasini retorna do hospital, o pouco que ainda ocorre na narrativa, no encadeamento apresentado entre as atitudes dos personagens, em seus contrastes e conexões, é extremamente significativo.

Ela pegou a chave que lhe estendia o velho zelador, atravessou o pequeno pátio, largou sua trouxa e depois, sem nem ter lançado um olhar para dentro de casa, foi juntar-se ao amante.

Foi apenas à noite que ela dirigiu-se à casa da Sra. Bichat. Esta já sabia que Hélène Sarrasini voltara. Ela prevenira no ato a Sra. Chevasse, que descera de pronto.

– Sra. Bichat, disse Hélène, é preciso que eu lhe pergunte o nome do senhor que hospeda minha filha.

– Primeiro entre, primeiro entre, disse a Sra. Chevasse, que se levantara de um salto.

A Sra. Sarrasini tinha um profundo desprezo por todas aquelas mulheres. Ela mediu a zeladora e a Sra. Chevasse com desdém.

– Entre, vamos lhe contar, retomou a Sra. Chevasse de maneira muito mais doce.

Hélène Sarrasini obedeceu, mas com lentidão, como uma criança cedendo a despeito de si a uma ordem. Uma vez no meio do cubículo, ela olhou de novo as duas mulheres, menos duramente, com curiosidade desta vez.

– Estou contente em lhe ver, senhora, disse Chevasse com uma amabilidade exagerada, pois tenho muito a lhe contar. Sou mãe como a senhora.

Sarrasini teve um sorriso zombeteiro que ninguém notou.

– Sou mãe como a senhora. Eu sei, portanto, o que é criar filhos. [...] Quero lhe falar desse senhor cujo nome você acaba de me perguntar. *Estivesse eu no seu lugar*, eu pedia à polícia para me acompanhar. Ele quis me fazer de cúmplice. E eu recusei com indignação. Esse homem, *se eu estivesse no seu lugar*, eu o estapearia. Debaixo da máscara da bondade, da caridade, ele finge se interessar por você e no momento em que menos espera, lhe faz propostas. Sua filha, que é uma menina de fibra, teve de sumir vários dias para escapar dele. Já era mesmo tempo que a senhora voltasse, sem o que eu me pergunto em que estado a teria reencontrado, a sua filha.

Alguns instantes após, Hélène Sarrasini soava a campainha de Charles Benesteau. Ele vira aquela mulher apenas uma vez, no dia em que, estendida sobre um leito paupérrimo, ele pensou que ela ia morrer. Mas a reconheceu imediatamente, apesar do curativo dela. O rosto dele se animou. A cada dia, Juliette pedia a mãe. Todo dia ela chorava. Quão grande seria sua felicidade ao revê-la!

– Entre, senhora, entre. Quando sua filha souber que a senhora está aí, ela vai ficar louca de alegria.

Hélène Sarrasini olhou Charles primeiro com desconfiança, depois com simpatia. Essa mulher, cuja vida inteira se desenrolara na mais sombria miséria, julgava as pessoas, não importa o meio a que pertencessem, com uma segurança extraordinária e sem atrelar a menor importância a sua categoria. [...]

– Aguarde aqui, senhora, vou buscar Juliette.

Charles comprara naquela mesma manhã uma História da França ilustrada. Juliette contemplava as imagens. Seu rosto estava repousado. Charles aproximou-se dela, fechou o livro, e olhou-a nos olhos.

– Sua mãe está aí.

O rosto sorridente de Juliette tornou-se grave.

– Mamãe está aí, repetiu ela sem parecer compreender o que ele dizia.

Um instante depois, ela estava nos braços da mãe, ou antes espremida por ela, pois esta, acariciando-a distraidamente, falava a Charles Benesteau.

– Foi o senhor, eu acho, que Vincent foi ver. Ele me falou de um advogado que morava ao lado. É o senhor, não é?

– Sim, sou eu.

– O senhor deu conselhos a ele?

– Do momento em que ele veio me consultar, era para pedir conselhos. Eu os dei a ele como os teria dado à senhora, se me houvesse peido.

– Ah! claro. Eu entendo. Nessas condições, era totalmente natural.

Ela se ergueu, deu alguns passos sem que a filha, grudada em sua cintura, a soltasse.

– Eu lhe agradeço infinitamente, disse ela, por tudo o que o senhor fez por Juliette e, por extensão, por mim.

Ela voltou-se à criança.

– Você não agradece?

– Sim, eu agradeço.

– Então faça isso olhando o senhor.

– Eu lhe agradeço, senhor.

Charles sorria para não se emocionar. Aliás, ele não tinha nenhuma razão para fazê-lo. Do momento em que Juliette estava feliz, sua tarefa acabara.

– Vocês vão voltar ao pequeno pátio?

– Agora é necessário. Mas não vamos permanecer. Eu irei com meu amigo, sem dúvida. Ele mora numa casa que tem janelas que dão para a rua.

– A senhora levará Juliette, naturalmente.

– Ela vai fazer o que ela quiser.

– Eu vou com você, mamãe.

Havia já um longo momento que Charles buscava uma oportunidade de ofertar dinheiro a Hèlène Sarrasini. Ela tendo se aproximado da porta, ele lhe disse:

– Se a senhora precisar de dinheiro, me diga.

A falta de jeito que ela demonstrara quando agradecera Benesteau por suas bondades não era nada ao lado daquela que pintou-se sobre seu rosto. Ela corou e empalideceu sucessivamente. Tudo que fora feito por sua filha não contava mais. Charles Benesteau compreendeu então porque aquela mulher lhe agradecera tão friamente. Ele compreendeu que ela não tinha nenhum reconhecimento por ele ter abrigado Juliette, pois ela não concebia que se deixasse uma criança entregue a si mesma. O que o Sr. Benesteau fizera era natural. O que não era, era que ele lhe oferecesse dinheiro.

– O senhor é bondoso demais.

– Está bem. Não tenho dinheiro aqui comigo. Mas amanhã, se a senhora me permitir, passarei em sua casa. A que horas a senhora estará?

Hèlène Sarrasini estava com o sangue à cabeça. Ela queria dizer a Charles sua gratidão toda. Ela via bem que ele não estava caçoando dela. Ela compreendia vagamente em cima do que ele se apoiava para tratá-la com tanto obséquio. Ela enxergava que ninguém possui o direito de considerar-se acima de um semelhante. E ao invés de ter a desconfiança de, por exemplo, uma menina que um estudante se proporia a emendar, ela se entregava à doçura de se sentir protegida. (BOVE, 2009, p. 129-133, Grifos meus)

Hèlène não é santa. Tampouco o é Benesteau, Juliette ou quem seja. O importante não está aí, ao menos não nessa história. Ou talvez haja alguma importância, apenas no sentido de que o jogo dissimulado de Bichat e Chevasse, que tanto se preocupam em fazer-se de probas e imaculadas – e em apontar no outro a depravação –, saiam no

instantâneo<sup>140</sup> como duas cínicas. O papel de mediação e comentário que elas exercem, amiúde em detrimento dos desprotegidos – vide o sufoco provocado na então contente Eugénie – aparece assim em toda sua perversidade e incongruência. Pois ao atuarem como fiscais de conduta, elas se prestam a reiterar lugares-comuns, a reproduzir violências das quais nem sequer se beneficiam.

“Foi a pequena que o aliciou. [...] Ela tem o diabo no corpo. Não estou dizendo que ele é santo, mas enfim, ele tem desculpa. Ele é um homem” (BOVE, 2009, p. 124). Diversas vezes em “O pressentimento”, como em outras ficções de Bove, o homem é referido pelos personagens como um ser superpotente, que necessita dos outros somente para satisfazer os próprios desejos, cuja imposição é naturalizada<sup>141</sup>. E assim como não é preciso ser homem para fazê-lo, não é necessário ser rico para veicular da pobreza uma visão estigmatizante. É isto que fazem com Eugénie as mulheres reunidas no cubículo da zeladora, é isto que faz a Sra. Bichat ao insinuar a desonestidade dela enquanto carrega na descrição de sua penúria a Benesteau. “Quando ela sente que se solta a corda [...], ela aproveita”. O comentário é sempre feito de um lugar que não se ocupa, de uma perspectiva superior fantasiada e tirânica, refratária a tudo que não corresponde à sua fantasia. “*Se eu estivesse no seu lugar*”, nesse caso, não é nenhuma empatia benéfica, mas intrusão.

Por sua vez, o protagonista lança-se para fora da perspectiva em que os vizinhos o veem e os familiares querem reenviá-lo, do lugar de poderoso inclemente, empedernido, que seria esperado que ele ocupasse<sup>142</sup>. Assim, ao ver Hélène de volta, a felicidade que

---

<sup>140</sup> Evidentemente, trata-se de um romance, não de uma foto. Mas faço aqui uma aproximação que me parece pertinente. Nos livros de Bove, nos quais tanto se apontou que pouco acontece, tem-se a impressão muitas vezes de se estar lendo histórias de uma realidade congelada. A obsessão do autor pela situação e pelas próprias derivações da palavra “instante”, que aparecem recorrentemente em “O pressentimento”, motivam também aqui o uso do termo do universo fotográfico – este que, à época, irrompia em cidades como Paris.

<sup>141</sup> Por exemplo, em “A morte de Dinah” (“É verdade que, como diz Antoinette, sou um homem e não é tarefa de mulher me ajudar”), analisado na primeira metade deste capítulo. Não tive tempo de compilar uma lista extensa, por não ser exatamente o foco de minha pesquisa, mas certamente seria possível fazê-la.

<sup>142</sup> Nesse sentido, uma outra cena, que ocorre durante o sumiço de Juliette, é interessante. Nela, Benesteau faz uma visita à empresa familiar, antes gerida pelo pai e agora pelo irmão Marc, que o convocou. Charles então presencia as reações deste a um problema de conduta de um funcionário. Reproduzo a seguir a cena: “– Entre, disse Marc.

Um empregado surgiu.

– O que você quer, Paul?

– Me desculpe, senhor. Achei que estivesse sozinho.

– Não se incomode. Você pode falar na frente de meu irmão.

– É a respeito de Crépin.

– Ah! não, essa história já acabou. Não venha recomeçá-la. Eu não voltarei em cima do que decidi há pouco.

ele antecipa em Juliette é a sua própria, tamanha identificação ele experimenta. Assim ele decide ajudar uma mãe imperfeita.

No dia seguinte, Charles Benesteau foi ao banco, sacou dez mil francos. Ele estava tão impaciente para dá-los que não conseguiu aguardar o encontro. Pelas quatro horas, ele os levou a Hélène Sarrasini. Ele estacou diante da porta. Esta não tinha fechadura. À noite, era fechada com um cadeado. Ele bateu. Hélène não estava só. Seu amante, o encanador, e Juliette também se encontravam. Os três enfiavam palha num saco de dormir. A janela única estava aberta. Todos os odores do pátio fluuavam no cômodo.

– Entre, entre.

Charles avançou. Hélène se levantara, mas Juliette e o encanador tinham permanecido de cócoras.

– Trago-lhe a quantia de que falei ontem.

---

– Crépin me encarregou de lhe pedir perdão. Ele é pai de quatro crianças. A mulher dele está doente. Ele é obrigado, quando volta à noite, a limpar a casa e fazer cozinha.

– Não vale a pena ficar tentando me amolecer. Já disse que não mudarei minha decisão.

– Crépin não vai mais recomeçar, senhor. Eu mesmo garanto. Se o senhor soubesse o estado em que ele se encontra, o senhor ficaria com pena dele.

– Eu nada posso. E acho até ele bem ousado. Não é porque eu não presto queixa que ele deve achar que está podendo tudo.

– O que aconteceu? perguntou Charles Benesteau.

– Aconteceu que um dos empregados, um tal Crépin, pegou trezentos francos que o caixa esquecera sobre a mesa. Ele foi surpreendido na hora em que botava tudo no bolso. E confessou já ter feito isso diversas vezes, mas que sempre devolvera o que pegara, tudo porque ele aposta nas corridas. Como é possível manter um funcionário desses? Ele recomeçará e chegará um dia em que não dará mais para reembolsar. Para arrumar um buraco, ele vai fazer um outro maior. Manter um empregado desses seria fazer a ele um mal serviço. Aliás, agora, já nem é possível. Todos estão a par dessa história. Se ele ficasse, seria todo o pessoal que iria atrás. É preciso ser totalmente louco para não entender.

Ao falar, Marc se esquentara.

– Mandê ele vir, esse Crépin, disse ele ao funcionário, eu vou perguntar se ele não quer que mandemos ele para Sainte-Anne.

Pouco depois, o empregado voltava com o dito Crépin. Era um homem de quarenta e cinco anos, todo miúdo, mas muito largo do peito, a cintura apertada por uma jaqueta curta e gasta, a tez vermelha, usando sapatos de sola alta. Ele afetava um arrependimento que não lhe condizia mais do que a um garoto travesso. Era difícil imaginar aquele homem transbordando vida, rodeado de quatro crianças, uma mulher doente e fazendo a limpeza e a cozinha. Toda aquela história cheirava a teatro. [...]

– Ah! aí está você. Eu fiz que viesse para que o vissem. Será que sua cabeça está no lugar? É o que me pergunto. Você não parece ter ideia nenhuma da gravidade dos seus atos. Eu lhe demito e você parece descontente. Você devia é me agradecer. Eu poderia ter mandado lhe prenderem ali na hora. Suma da minha frente.

– Há cinco anos que estou aqui, senhor. Nunca faltou sequer um centavo. Eu sempre devolvi aquilo que peguei assim que encostava no meu salário.

– Neste caso, não era para ser pego. Você nem deveria insistir. Como seria sua atitude diante dos colegas? Suma da minha frente. Não quero mais discutir. É ridículo.

Enfim ele se retirou numa gíngua arrastada, seguido do outro empregado. Pouco após, Charles despedia-se do irmão. Contudo, antes de sair, ele se inclinou à orelha do porteiro.

– Qual é o endereço de Crépin?” (BOVE, 2009, p. 112-114). Como se percebe, há um grande contraste entre o procedimento de Marc, que permanece incólume à intervenção de Paul por Crépin – malgrado a descrição feita da situação deste –, e a disposição de Benesteau de colocar-se na posição do outro, estranhando a tradição fria de sua família. Isso é reforçado pelo seguinte trecho, que vem pouco antes: “No tempo em que vivera dentro da família, Charles fora apenas raramente à rua do Helder [local da empresa]. Aquela porta que disparava uma campainha, aqueles guichés gradeados, aqueles funcionários presos diante dos quais transitava-se livremente, tudo isso sempre lhe causara uma impressão desagradável” (BOVE, 2009, p. 109-110)

[...]

– *O senhor não me esqueceu*, disse ela estendendo a cabeça adiante e mostrando os dentes brilhantes.

– Tome, disse Charles Benesteau dando a ela um envelope.

[...]

– *O senhor é um homem extraordinário*, disse ela arregalando os olhos o mais que podia e beliscando Charles três vezes.

– Sobretudo não me diga isso.

– *Mas é, o senhor é um homem extraordinário*. Juliette me contou muitas coisas. *Eu o compreendo. Eu compreendo tudo*.

Ela falava feito uma mulher ébria

– Não há nada para compreender.

– Sim, sim, *há muitas coisas para compreender*. Não sou instruída o bastante para dizer, mas *eu sei, eu vejo, eu sinto*.

Charles Benesteau não pôde impedir-se de sentir certo mal-estar. Na exaltação daquela mulher havia como que uma vontade de agradecer de maneira única, de ser digna de tanta generosidade. Era muito visível. Aquilo se tornava incômodo.

– Não falemos mais de mim. Eu queria lhe perguntar algo. Vocês são do Sul, não?

A questão deve ter aliviado a Sra. Sarrasini, pois esta respondeu no ato, contente que estava em deixar o terreno dos agradecimentos no qual se sentia canhestra.

– Meu marido é italiano e eu da Provença.

– E por que não retornar à sua terra? Vocês comprariam uma casinha. Sua filha cresceria ao ar livre, se fortificaria. O moço que está aí a acompanharia. Ele exerceria o ofício dele por lá, ao invés de exercê-lo na rua de Vanves.

– Sim, eu pensei nisso, respondeu Hélène, que temia decerto decepcionar o seu benfeitor.

– Faça-o, você me daria um grande prazer. Eu lhe darei o que for preciso. Mas não permaneça aqui.

Com essas palavras, Charles foi à porta. Antes de sair, ele se virou:

– Faça sobretudo o que quiser.

Ele fora pego por um ligeiro remorso. No momento de se retirar, ele percebera que a insistência com a qual aconselhara aquela partida tivera como causa não o interesse de Hélène e da filha, mas o dele próprio. Já por várias vezes ele pensara que lhe seria desagradável reencontrar aquela mulher. Ela contaria por todo lado o que ele fizera. Ele passaria por alguém único. Era o que mais temia.

Cinco minutos mais tarde, ele retornara à casa. No fim das contas, Hélène Sarrasini podia fazer o que bem desejasse. Ele estava feliz por ter dito isso antes de partir. Não devia ele aceitar passar por alguém único, caso necessário? (BOVE, 2009, p. 136-138, Grifos meus)

Nessa indagação, há muito a ser lido. É curioso que Charles, dadas suas atitudes, não queira singularizar-se. À família dele, decerto, ele era um excêntrico. Ali na rua de Vanves, certamente não destoava menos. Em sua trajetória, ele se baliza muito mais por

referências negativas a evitar do que por modelos edificantes. A única exceção é a menção vaga e fugaz à benevolência materna, supracitada.

Ora, ao fazer seu gesto, numa postura radicalmente distinta à de outros padrões boveanos<sup>143</sup>, ao dar sem querer dominar o outro, sem querer capitalizar tudo em proveito próprio, sem querer enfim figurar como herói, ele se mostra de fato diferente, um “senhor” muito atípico. E tanto mais quanto, ao dar o dinheiro, ele não tem a ilusão de promover a salvação de nada nem ninguém. Em “O pressentimento”, não há espaço, não há sequência para tamanho sonho. Não há redenção possível. A extraordinariedade de Charles não diz respeito a nada que possa ser formulado pelas convenções do que é grandioso. Ele não participa de nenhuma glória. Ele não a proporciona a ninguém. Ele não vence nem faz vencer. Ele nada controla. Ele não controla o futuro de Héléne e Juliette Sarrasini. Ele não sabe o que será feito do dinheiro que deu. Assim mesmo, ele escolhe dar.

Se não há heroísmo, reside aí, não obstante, o seu valor: na sua capacidade de abandonar-se, de dizer adeus às disposições herdadas, não só da família, mas, mais amplamente, da cultura. E de colocar-se na incerteza por um imperativo ético, por intuições, visões e vivências não recalcadas, e que, se não inteiramente formuladas ou assentadas na consciência, introduzem nela uma confusão salutar.

“Quando vejo o número de pessoas que sofrem [...] e penso na minha vida, fico confuso”. Cito aqui a frase pela terceira vez. É que ela parece ter grande importância para a estrutura do romance, já que no início, quando Charles tenta comunicar sua crise à família, esta lhe observa que ele não tem “o direito de falar assim”, que é “preciso deixar isso aos infelizes” (BOVE, 2009, p. 19). Ora, no momento em que faz o donativo a Héléne, Benesteau não está mais em crise, está decidido. E o que lhe dá decisão, ao que tudo indica, é uma espécie de vínculo com os traumas alheios, os que ele sabe e os que intui, os que ele viu e os que pressentiu.

Sua resolução vem, portanto, de percepções oriundas de um deslocamento continuado, de um processo de desterritorialização radical, que se inicia com a partida do lar, uma casa – a do bulevar de Clichy –, mas que também faz figura de pátria, enquanto metáfora de costumes arraigados, de um ponto de vista restrito e preocupado, acima de tudo, com a própria manutenção. E na nova rua, no novo país metafórico em que habita,

---

<sup>143</sup> Para ficar apenas com os já citados neste trabalho: Lacaze, Rousseau, Michelez, Dausset, Marc (e provavelmente Théo, o pai) Benesteau.

o ex-advogado também se depara com comportamentos padronizados dos quais quer distância, que não lhe interessa o mínimo co-assinar.

Em “Habitar a casa na apatricidade”, o filósofo Vilém Flusser (2007) descreve e analisa as próprias experiências de migração desde sua partida, forçada pelos nazistas, da Praga natal, até sua fincada de domicílio em Robion, no campo francês, após estadias mais ou menos longas em Londres e São Paulo. Nesses deslocamentos, trata-se, segundo ele, do rompimento de “nós-górdios” que se estabelecem. Aparentemente impossíveis de se desatar, estes atrelam as pessoas ao local e aos costumes do local, ao ponto de vista do local, e misteriosamente lhes obliteram a possibilidade, e a possível validade, de perspectivas outras “num enredamento obscurantista” (FLUSSER, 2007, p. 224).

“[tendo, então, se deslocado] aquele que se autoanalisa reconhece [...] em que medida o seu enraizamento secreto na pátria ofuscou a ele o seu olhar desperto para a cena. Ele reconhece não apenas que cada pátria, à sua maneira, cega aquele que nela está intrincado (e, nesse sentido, todas as pátrias são parecidas), mas sobretudo que, somente após a superação desse enredamento tornam-se-lhe acessíveis julgamentos, decisões e ações livres. (FLUSSER, 2007, p. 224)

É de tal liberdade que Benesteau parece dar prova. Esta não suprime magicamente os cerceamentos culturais, mas permite a quem a experimenta uma maior flexibilidade e reflexão no que é decisivo. À própria vida e à dos outros, uma vez que a vida é relação, não isolamento. Tendo estado instável, desconfortável, dessituado, ele se encontra em condições muito mais favoráveis para perceber o desamparo de Eugénie e das Sarrasini, para notar a triste dinâmica que cria no seio do minoritário uma minoria ainda mais extrema.

Depois de feita, a sugestão de Charles a Hélène de um retorno à terra é enquadrada pelo narrador inteirado de seus pensamentos como um desejo autocentrado de alívio. Analisada, entretanto, num escopo mais amplo, ela ganha um significado muito maior. Repetidamente na obra de Bove, o lugar onde se está é aquele em que não se respira. A menção ao “ar livre” e fortificante de alhures – o mesmo que Dinah precisava – não é fortuita. Onde se está se define. E tanto mais quanto se é minoria<sup>144</sup>.

---

<sup>144</sup> “PS: Se você visse Paris nesse momento, é aterrador e estou enojado.” (COUSSE; BITTON, 1994, p. 185). Emmanuel Bove assim termina uma carta enviada ao irmão Léon em 5 de abril de 1935. Tal adendo não poderia ser mais contrastante com as palavras que o precedem, nas quais o escritor desenha ao caçula um sonho utópico de vida interiorana: “É um sonho comprar uma propriedade no Lot ou no Tarn. Assim que eu tiver dinheiro, é o que farei imediatamente. Eu queria que você se informasse já agora. O que seria preciso, é uma propriedade com parque, alguns hectares, pequeno bosque, o total não ultrapassando cem mil francos. Irei para lá no mês de março e só retornarei a Paris em novembro, pois é necessário assim mesmo que eu passe alguns meses em Paris. Mas no resto do tempo, viverei lá como “gentleman farmer”.

*O pressentimento*: “Não vai ser por esses italianos que eu mudarei hoje” (BOVE, 2009, p. 92), “Essa gente dorme toda na mesma cama. Como o senhor quer que as crianças mantenham a inocência delas?” (BOVE, 2009, p. 92) “Essa menina é do Sul, você quer o quê? Essa gente não tem o mesmo sangue que o nosso” (BOVE, 2009, p. 119), “ela tem o diabo no corpo” (BOVE, 2009, p. 124), “ela é o vício personificado” (BOVE, 2009, p. 122), “Eu vou levar imediatamente essa menina à delegacia. Ela vai se juntar ao pai. Está no sangue da família. A mãe, prostituída, o pai, assassino” (BOVE, 2009, p. 105).

*A morte de Dinah*: “Eu lhes asseguro que, se vocês começarem a dar ajuda a essa gente, vão bater todo dia à sua porta” (BOVE, 2006, p. 100-101), “Que eles façam o que bem entenderem na casa deles, eu não verei inconvenientes, se, é claro, eles não se entregarem a nenhuma degradação” (BOVE, 2006, p. 99-100).

Se a arte é captura de forças, como bem definiu Anne Sauvagnargues (2005, p. 135) parafraseando Deleuze, a escrita de Bove parece fazê-lo de maneira particularmente eficaz com certas visões e expressões recorrentes na cultura circunstante que colocam a diferença sob constante constrangimento. Repetidas sem cessar, tais imagens e frases exercem grave papel nas relações que valoram aferradamente. Sua reprodução quase automática, sua difusão vultosa, tendem a arvorá-las como julgamentos peremptórios, normativos. Ao trazê-los pela boca de personagens tão pouco magnificentes quanto o Sr. Dausset, a Sra. Bichat e a Sra. Chevasse, o escritor logra demonstrar a impostura envolvida em tal processo.

“A maioria não é senão um arquétipo abstrato, [...] um padrão de medida, uma variável erigida em posição de constante” (SAUVAGNARGUES, 2005, p. 164); “a

---

Diga-me o que acha. Naturalmente, você teria, você e mamãe, uma casa nas paragens e a gente se veria quando quisesse. Com uma organização tal, não teríamos necessidade de nada ou de quase nada, uma vez que teríamos leite, ovos, frangos, madeira, legumes e frutas. Penso nisso já há muito tempo, mas agora que tudo está difícil, creio que é preciso fazê-lo (COUSSE; BITTON, 1994, p. 185). E em outra carta, vinte dias depois: “enquanto aguardamos esse belo sonho, falemos do presente que é menos reluzente” (COUSSE; BITTON, 1994, p. 185). O desejo de Bove de afastar-se de Paris e levar junto o irmão e a mãe, a quem prometera abrigar dos “moquifos e preocupações” (COUSSE; BITTON, 1994, p. 185), se associa significativamente à necessidade de sair que acomete a muitos de seus personagens – Benesteau, Dinah e Bridet dentre eles – e que várias vezes se manifesta nos termos de uma busca por um ar melhor para respirar. O presente pouco reluzente e a realidade aterradora de Paris às quais ele alude nas cartas, que muito provavelmente se referem aos efeitos da crise econômica e social – que fazia na capital mais de um milhão de desempregados em 1935 (ano de escrita de “O pressentimento”, bem como das cartas) – são como um despertar desagradável de alguém que teve pouca chance para sonhos otimistas. A recorrência da doença respiratória na obra de Bove, quando lida à luz de sua morte por avaria pulmonar indefinida, ganha um significado ainda maior.

maioria nunca é ninguém”, diz Deleuze. Ora, ainda assim ela tem seus efeitos perversos. Na obra de Bove, estes aparecem enquanto tal. Ele os canaliza e os apresenta sob luz não-neutra. Ele os retira de sua roupagem normal, sob a qual circulam como inofensivos. E ao desvelar sua energia sectária, ele os expõe em desequilíbrio, em descontrole, em compasso com a natureza infirme de sua referência.

A noção de “agenciamento coletivo de enunciação”, criada pelo filósofo francês, define bem esse transporte à literatura de uma linguagem que paira na sociedade. Uma vez feito o movimento, é como se os termos se alterassem, revolucionando sua percepção. É como se aquilo dito por todos fosse de repente escutado com outro som, agora ruidoso, agora sufocando outras formas possíveis de dizer, outros dizeres, outras palavras, outras ideias. Há um tormento identitário no coletivo que marca a linguagem, que a mobiliza em seus conflitos, que a molda. Ao capturar essa agência, suas forças, e trazê-la a outro território, a literatura mostra esse tormento enquanto tal, enquanto asfixia de diferenças e negação delas em favor de variáveis tratadas como lei.

Nessa sua vertente que Deleuze chama de menor, “a arte recebe a missão de botar o social para correr” (SAUVAGNARGUES, 2005, p. 146), ela executa “um exercício de minoria, de minoração [...] que desequilibra as normas maiores de uma sociedade” (SAUVAGNARGUES, 2005, p. 139). Tudo ali então é político e crítico, nada é individual.

Em “O pressentimento” e em “A morte de Dinah”, isso é manifesto em uma miríade de pontos. Essas histórias de estruturas simples têm caráter exemplar, são dotadas de imenso poder de extrapolação. Elas trazem à baila temas prementes sob ângulos corriqueiramente encobertos, extraordinários, inabituais. A relação com o estranho, o estrangeiro, o pobre, o vizinho, o necessitado, o outro, o grupo, o outro grupo, a diferença, a identidade, a propriedade e a soberania é dada a ler a partir de perspectivas estranhas ao centro. O que tende a gerar então empatias outras. Nesse sentido, o final do romance lançado em 1935 é veemente em sua singeleza.

[...] Charles tinha certamente uma ou várias lesões nos pulmões. Era preciso levá-lo à montanha. Somente um ar muito seco poderia salvá-lo.

Quando Charles quis se retirar, a Sra. Charmes-Aicart o impediu.

– Não vou lhe deixar sozinho.

– Vai sim. Vou voltar para casa.

– Você precisa de cuidados. Vou tomar conta de você. Vou levá-lo de volta.

- Não, não é o caso.
- Você avisou sua família?
- Eu não a avisarei.
- Veja, Charles, quando a gente tem algo, é preciso cuidar-se. Você conhece minha amizade. Por ela, faça-o.
- Deixe-me voltar.

[...] Um mês mais tarde, em uma manhã radiante de outono, Charles lançava o último suspiro.

Ao deixar a Sra. Charmes-Aicart, ele tomara um taxi e o fizera conduzir-lhe à rua de Vanves. Ao passar em frente ao cubículo, ele perguntara à Sra. Bichat se ela não revira Eugénie. Ele estava com medo de ficar sozinho. Parecia a ele que a presença da pobre mulher o reconfortaria. Mas a Sra. Bichat lhe respondera que não frequentava pessoas como Eugénie. Ele então rogara à zeladora que subisse à noite pois ele não se sentia bem. Ela aceitou. Não sem recusar-se a precisar a hora pois ela não era dessa que “ficam com as mãos na cintura o dia todo”.

[...] Ela só subira na manhã seguinte. Charles passara uma noite horrível. Ele adormecera apenas na alvorada.

- Eu gostaria, Sra. Bichat, que você ligasse à Sra. Charmes-Aicart. Você encontrará o número dentro do anuário. E pedirá que ela venha ver-me. Eu gostaria igualmente que a senhora tratasse de encontrar Eugénie.
- Como você quer que eu encontre uma mulher que não tem domicílio, que dorme debaixo de pontes? Seria preciso dirigir-se à polícia.
- Se a senhora não a achar, será que faria a gentileza de pedir a uma de suas amigas que more aqui enquanto eu estiver doente?

A Sra. Charmes-Aicart chegara ao meio-dia. Quando ela soubera que Charles não consultara um médico, ela exclamara: “isso é uma loucura!”. Às quatro horas, o professor Genèvevri soara a campainha na rua de Vanves. Depois de examinar longamente o doente, ele chamara a Sra. Charmes-Aicart de lado. “É necessário que o Sr. Benesteau parta imediatamente para a montanha. Depois, lançando um olhar circular, ele acrescentara: “o que isto quer dizer?” – “Explicarei mais tarde”, respondera ela.

Porém Charles não quisera deixar o apartamento.

Quinze dias assim decorreram. O estado do Sr. Benesteau se agravara. Um médico do bairro que o doente fizera questão de consultar afirmou que não era necessário sair de Paris caso Charles deixasse fazerem-lhe pneumotóracos. Ele recusou. Foi nesse momento que, pega pelo medo, a Sra. Charmes-Aicart avisou a família Benesteau. No próprio dia os dois irmãos correram à rua de Vanves com um médico dos amigos deles, o doutor Chimay. Como os precedentes, este foi muito pessimista. Era absolutamente necessário que o doente consentisse em ir à Suíça. Enviaram Alberte para persuadi-lo da viagem, mas foi em vão.

A partir desse dia, foram só idas e vindas. A Sra. Bichat jamais estivera em tamanha festa. Os esposos Serrurier não saíam mais da porta deles. Havia um curioso numa janela, espiando os carros que, sem trégua, estacionavam na rua de Vanves. A própria Sra. Chevasse tentara movimentos de aproximação. Pela Sra. Bichat, ela fizera chegar à enfermeira que ela podia substituí-la caso não desse certo. Já não se falava mais em levar Charles à Suíça. O seu estado não o permitiria. Ele não parava de dormir. O pequeno apartamento onde se retirara com tanta alegria, onde a solidão lhe fora tão doce, se tornara uma espécie de lugar público. A porta nunca mais fechava e os vizinhos, diversas vezes por dia, vinham ver o que se passava. A Sra. Chevasse encontrara um meio de se fazer engajar pela enfermeira para os serviços periféricos. Quanto a Eugénie, ela se apresentara diversas vezes no lar do antigo patrão, mas a cada vez houvera alguém para enxotá-la.

Charles estava agora morto. Ele repousava em seu caixão. As frestas estavam fechadas. Velas queimavam. Havia flores por toda parte. A Sra. Chevasse, sentada numa cadeira, o velava. Eram onze horas da manhã. A porta de entrada do prédio desaparecia debaixo de um pano acima do qual duas iniciais brancas, C.B, se destacavam. Dois guardas policiais caminhavam lentamente na rua de Vanves, prontos, ao sinal que lhes desse o brigadeiro, para interromper a circulação. Muito longe, até a rua do Château, automóveis estavam alinhados ao longo das calçadas. Uma carruagem-fúnebre estava parada diante da porta. No corredor estreito do prédio, tão estreito que duas pessoas mal podiam passar de frente, estavam já os cavaletes em cima dos quais o caixão seria depositado. Os esposos Serrurier, vestidos de preto, esperavam na rua. À eles logo se juntaram todas as mexeriqueiras do imóvel.

Uma meia-hora mais tarde, a carruagem-fúnebre se movia. Duas carretas cobertas de flores a seguiam, depois uma multidão incontável, depois os automóveis. O tempo estava cinzento, porém não particularmente triste. Jamais um enterro assim subira a rua de Vanves. Havia um mundo nas janelas. Avistava-se, ao longe, tetos de ônibus parados. Todos os comerciantes estavam à porta de suas lojas.

Imediatamente após as flores vinham os irmãos do defunto, em hábito, os confrades, os amigos. Um deles dizia: “agora compreendo muitas coisas. Charles devia pressentir sua morte.”. Depois, na fila do cortejo, aquela gente simples no meio da qual Charles Benesteau vivera por mais de um ano. Eles estavam ali, salvo os Sarrasini. Havia até a Sra. Chevasse, a Sra. Bichat, a jovem Léa, a Sra. Babillot, e até Eugénie com quem ninguém falava. (BOVE, 2009, P. 145-150)

Ponto final. O livro acaba aí, mencionando “Eugénie com quem ninguém falava”. É algo significativo, extremamente. Um gesto político simples e poderoso, que discrepa da tradição sem pretensão de revirá-la ou reverter-lhe o curso, mas de introduzir-lhe um discreto desvio, uma alteração, um escoamento onde suas águas normalmente estagnam. Ao longo do romance, Bove questiona a gestão desse rio, seus problemas de fluência. Ele contesta os seus critérios, suas noções, ao mostrar que a impureza é geral, e não uma exclusividade da extrema margem. Trata-se, o tempo todo, de narrativas, de memória, de como as histórias são construídas, apresentadas e arrematadas.

Ao arrastar o foco para Eugénie, o autor subverte o desenvolvimento do fim do livro, em que a família Benesteau recuperava para si a memória de Charles reinscrevendo com pompas seu pertencimento ao mundo burguês. É como se ele se identificasse com o movimento do próprio protagonista, buscando Eugénie até o final e compadecendo-se de sua exclusão, estranhando o lugar que lhe é constantemente assinalado pela sociedade.

Resta ao leitor segui-lo, ou então não. Há um potencial transformador nesse desfecho um tanto surpreendente, assim como o há na morte escanteada de Dinah pela violência dos homens e no despejo de Bâton pelo rancor dos vizinhos. Por meio deles, o escritor reforça sua dissidência quanto a processos de execução pública cuja repetição ele acusa. Ao dedicar-lhes as últimas palavras, ao dar-lhes espaço privilegiado em suas montagens, Bove intensifica a empatia com esses personagens, ele privilegia seu ponto de vista inerentemente descentrador.

“Quando vejo o número de pessoas que sofrem, as infelicidades que se abatem sobre elas, as embocadas que é preciso vencer, superar, para envelhecer, e penso na minha vida, fico confuso”. A obra de Bove não é um ataque direto ao majoritário, mas um deslocamento potencialmente fecundo de seu lugar ignorante e conservador.

Como ação política, ela se mostra muito distinta do modo exaltado com que se davam as manifestações da época, em que a sociedade francesa se dividia na avaliação de suas crises, em que a aversão ao estrangeiro e o estigma da pobreza se confundiam em discursos sectários, em que o fascismo fazia parentes e encontrava adeptos, em que a esquerda apresentava suas alternativas em uma experiência massiva logo fracassada<sup>145</sup>, em que os escritos ficcionais passavam ao segundo plano em favor de textos mais objetivos e inflamados<sup>146</sup>. No tempo e no local em que o termo *engajamento* tornou-se parte fundamental do palavreado político, Bove se empenhou de maneira bastante particular mediante seus escritos, promovendo iluminações resistentes de zonas socialmente sombreadas, politicamente sintomáticas e expressivas.

Lidas hoje, em retrospecto, suas narrativas parecem conter um caráter de advertência, de alerta e objeção a uma sociedade que, afligida por visões do próprio declínio, atormentada pelas transformações que lhe sucediam, se aferrava a construções identitárias rígidas. A morte de Dinah num canto, precipitada pela inflamação de homens preocupados acima de tudo com suas propriedades e autoimagem, o afugentamento tenaz de Eugénie e as demais opressões de “O pressentimento”, as diversas cenas de ojeriza à

---

<sup>145</sup> Refiro-me ao *Front populaire*, coalizão de esquerda que governou a França entre maio de 1936 e abril de 1938. Primeiro governo da Terceira República dirigido pelos socialistas, ele logrou reformas importantes, mas não pôde frear a crise econômica e desde 1937 precisou interrompê-las. Durante sua extensão, o Fronte Populaire sofreu duros ataques da direita e da extrema-direita, muitos deles, caluniosos e antisemitas, voltados ao Presidente do Conselho, o judeu socialista Léon Blum. A partir da renúncia deste, em 21 de junho de 1937, sucederam-se mudanças na direção e na composição do governo, conquistas sociais foram abandonadas. A queda do *Front populaire* deixou uma herança de decepção à esquerda, e de dispersão entre seus grupos e na luta antifascista (BURRIN, 1995, p. 43).

<sup>146</sup> Em seu livro sobre o comportamento dos escritores na Segunda Guerra, Sapiro recapitula: “A invectiva, como gênero literário, conheceu um ganho em vitalidade sob a Terceira República, de Léon Bloy a Céline, passando pelos surrealistas. Esse gênero, aparentado ao panfleto, deve sua credibilidade à *mise en scène* de um personagem solitário não mandatado que dá mostras de coragem intelectual elevando a voz para gritar sua indignação contra um escândalo, a ‘verdade’ contra uma ‘mentira’ instituída” (SAPIRO, 1999, p. 180). De maneira certamente exagerada e panorâmica, mas não totalmente infundada, Lottman escreve: “Observando-se a fermentação da década de 1930, não podemos deixar de nos impressionar com o fato de que se trata de um esforço coletivo, resultante de reuniões [...]. O mais extraordinário produto dos gregários atores desta história era a retórica política, e somos constantemente lembrados de que a França não produziu nenhuma grande obra literária durante esses anos políticos” (LOTTMAN, 2009, p. 63). Em 1935, Gide anota: “desde que comecei a ter preocupações políticas, parei de escrever” (LOTTMAN, 2009, p. 55)

diferença que pululam, tudo isso se assemelha a um aviso de que tal afã identitário produz sofrimento agudo.

## DESCONEXÃO E VÍNCULO

### Perspectivas alteradas, perspectivas diferentes

[...] A pobreza, é um assombro e uma ameaça para as pessoas da minha raça. Nós não éramos pobres, nós outros. Meu pai ganhava bem, como se dizia. Mas era uma sorte precária. Não se podia confiar. A pobreza não estava longe. O infortúnio nunca está longe, e nós precisávamos nos fazer miúdos e silenciosos para que nos esquecesse. Desde esse tempo, a pobreza não cessou de me parecer uma realidade bem próxima, mas desconhecida e incompreensível. Eles têm os segredos deles, os pobres. E um jeito deles de lhe olhar, você que não sabe. Um desprezo deles. A gente os vê de fora. Como os doentes. E a gente gostaria de compreender como é para eles, que estão dentro. Como eles se ajeitam lá dentro, no interior da pobreza deles. Compreender o que é a pobreza quando a gente a vê e vive de dentro.

Mas agora está aí, estou dentro. Eu sou um pobre. Tudo o que possuo é um pouco de trapos, uma colher, uma faca. E esse caneco de alumínio em que um primeiro possuidor gravou duas flores e um nome de mulher. Cabe tudo dentro de um bernal de soldado. Eu uso os farrapos dos pobres. Eu faço os gestos dos pobres. Apanho os pedaços de cordão e as velhas botas, porque tudo pode sempre servir. A cada dia, assumo meu lugar numa fila de homens que aguardam sua porção. Um por vez. Na minha, estendo a tigela. Despejam nela um pouco de rábanos, cevada ou repolho. É a vez de um outro. Vou sentar na cama. Humildemente, como pobre, eu como minha sopa de pobre. E minha cama, são três tábuas e uma palha magra, uma coberta suja. À noite, é cheia de pulgas. (HYVERAUD, 2014, p. 45-46)

Nesse excerto de *La peau et les os*, seu autor, Georges Hyvernaud, relata a alteração violenta de perspectiva vivida por ele a partir da experiência de reclusão forçada em um campo de prisioneiros na Segunda Guerra Mundial. A pobreza, que fora a ele e aos seus algo sempre próximo, enquanto perigo, porém distante enquanto vivência, define agora, no momento da escrita, sua situação. À “uma curiosidade inquieta vinda da infância e de mais longe do que a infância” (HYVERAUD, 2014, p. 45), substitui-se uma sensação de compreensão. À uma vista de fora, uma de dentro. É nesses termos que ele define a mudança, como uma modificação de ponto de vista que revoluciona o que se vê. “À luz da miséria tudo muda de aspecto. A gente vê as coisas de outro jeito” (HYVERAUD, 2014, p. 51). A miséria vista não como uma sombra, mas como luz que ilumina algo que não se via.

Acompanhada por essas visões, uma dificuldade imensa de comunicá-las. Uma espécie de quebra, um rompimento com os olhares dos demais, com o que se pode dizer que viu.

Minhas verdadeiras lembranças, sem chance de tirá-las para fora. Primeiro, lhes falta nobreza. Elas são sobretudo repugnantes. Elas cheiram a urina e a merda. Isso lhes parceria de mal tom, à Família. Não são coisas que se mostram. A gente as guarda no fundo de si, bem fechadas, bem trancadas, imagens para si sozinho, como fotos obscenas escondidas na carteira sob as faturas e a identidade. E depois as pessoas se tornaram difíceis com o sofrimento dos outros. Para que o compreendam, e olhe lá, é preciso que sangre e grite a lhes torcer as tripas. E nós só temos a oferecer, nós outros, um sofrimento putrefeito e mole. Nem um pouco dramático, nem um pouco heroico. Um sofrimento do

qual não se pode ter orgulho. Algumas botinadas na bunda, algumas coronhadas, no fim das contas não é grande coisa. A experiência da humilhação não é grande coisa. Salvo para quem está dentro, bem entendido: esse aí não se livra mais. Quando uma certa confiança que se tinha em si e no homem foi arruinada, não há remédio. (HYVERAUD, 2014, p. 25-26)

Tendo estado cinco anos cativo do exército alemão, primeiro num campo no norte da França, depois em *Offizier Lagers*<sup>147</sup> na pomerânia, Hyvernaud relata, findada a guerra, as agruras vividas num contexto humilhante horrorosamente repetitivo. Poucados do trabalho forçado pela interdição da Convenção de Genebra, os oficiais detidos não estavam, contudo, livres de passar por experiências aviltantes a ponto de cindir-lhes a vida e a consciência. Um enorme tédio entremeado pela espera em filas de refeições pútridas que geravam filas para expeli-las confere ao relato um enfoque asqueroso, um acento frequente de náusea que desafia sua recepção. Portando em si uma série de lembranças desnorteantes, ele lastima que elas suscitem sempre repugnância, mas sem que por isto ele negue a repulsividade de seu conteúdo. Reconhecê-la, entretanto, não significa poder escapar da presença insistente dessas memórias. Ele bem as sabe instauradas fundo dentro de si. E sabe bem que não verá mais nada da mesma maneira.

“Vocês sentiram uma desconexão, [...] busquem [...] as conexões”, Shoshana Felman (2000, p. 65) conta ter dito aos alunos de um curso ministrado por ela em Yale<sup>148</sup> no qual, confrontados com vídeos de entrevistas testemunhais de sobreviventes da Shoah, os estudantes mostraram-se muito afetados, com dificuldade perceptível de seguir vivendo. No texto em que trata dessa experiência, a pesquisadora relaciona a sensação de desligamento vivida pelos alunos a uma suspensão – e uma suspeição – da linguagem vivenciada pelos próprios sobreviventes. À um horror inimaginável, para o qual não houve nem há preparo, sucede-se uma inevitável falta de respostas. E junto dela, um vertiginoso questionamento sobre si. Sobre quem se era e quem se é – outro.

A passagem de Hyvernaud pela guerra parece ter-lhe infligido ruptura análoga. E o descompasso sentido por ele em relação à “Família” – que, escrita com “F”, aparenta referir-se, além da própria, a uma família francesa mediana – vem dessa quebra. Enunciá-lo já é um passo na busca de que fala Felman. Entre o entendimento da impossibilidade de uma comunicação satisfatória e sua tentativa, *apesar de tudo*, entre a constatação do

---

<sup>147</sup> Abreviação de *Offizier lagers*.

<sup>148</sup> Intitulado “Literatura, psicanálise e história” (FELMAN, 2000, p. 19)

rompimento de conexões e a criação de outras, uma assinatura vai se formando, performaticamente (FELMAN, 2000, p. 64)

“O que essa experiência, no final, os ensinou? *O que ela mudou na sua percepção* daqueles outros textos? *Que diferença ela fez em sua percepção* geral da classe?” (FELMAN, 2000, p. 64, Grifos meus). São essas perguntas que Felman relata ter feito aos alunos como instrução ao texto testemunhal cuja feitura lhes requisitava.

[...] Muitos de vocês falaram de forma bastante literal que sentiam, após a primeira sessão, não serem importantes, que se tivessem estado nos campos, estavam certos de que teriam morrido. Estou agora os convidando a testemunhar sobre essa experiência, para aceitar a obrigação - e o direito - de retomar posse de si mesmos, de arriscar a assinar, de arriscar a ter importância.

[...] O que estou sugerindo é, em outras palavras, que encarem esse texto como seu testemunho sobre esse curso. Admito que será um testemunho precoce: sei que não se sentem preparados. Mas talvez o testemunho tenha de ser precoce, talvez não haja nenhum outro jeito. Gostaria de lembrar o fato de que os escritores que lemos também, frequentemente, dão expressão ao sentimento de que seus testemunhos são precoces. Mallarmé, vocês se lembram, diz: "*Il convient d'en parler déjà*": "É adequado falar disso agora." (FELMAN, 2000, p. 65)

Acredito que muitos dos livros de Bove podem ser lidos como frutos de intenções similares, de desejos de dar testemunho, de apresentar perspectivas diferentes, de falar de coisas *presentes* das quais (se) precisava falar. Creio que Emmanuel Bove, enquanto assinatura, enquanto autoria, é um risco assumido de ter importância, uma intensa tentativa de assumir posse, de gerar afeto e efeito sobre as opressões que alguém batizado Emmanuel Bobovnikov presenciava de suas posições oscilantes, amiúde marginais. Suas ficções veiculam estranhamentos que pontos de vista medianos não estranhariam. Elas os estranham e desconcertam, desafiando suas limitações e sentidos.

[...] uma outra vida é percebida por intermédio de todos os sentidos, se é de fato percebida. O esquema interpretativo tácito que distingue as vidas dignas das não dignas de consideração funciona fundamentalmente através dos sentidos, diferenciando os gritos que podemos ouvir dos que não podemos [...]. A guerra sustenta suas práticas atuando sobre os sentidos, fazendo-os apreender o mundo de modo seletivo, atenuando a comoção diante de determinadas imagens e determinados sons, e intensificando as reações afetivas aos outros. [...] *Para reconhecer a precariedade de uma outra vida, os sentidos precisam estar operantes*, o que significa que deve ser travada uma luta contra as forças que procuram regular a comoção de formas diferenciadas. (BUTLER, 2015, p. 83, Grifo meu)

Ao mexer com a comoção, ao provocá-la a ir aonde usualmente ela não chega, ao conchamar os sentidos de seus coetâneos ao deslocamento, à operação em outras paragens, Bove age politicamente. Atuando sobre as percepções, sua obra traz um interessante potencial de desarme, de desconstrução de práticas reiteradas e nocivas a muitas vidas desprotegidas – e mesmo ameaçadas, comprometidas, assassinadas – pelas convenções.

Há aí, nessa ação política, um caráter de aviso ao qual aludi no fim do capítulo anterior. Produzidos num período exacerbadamente inquieto, tenso e violento da história, e no qual, na França, uma sensação muito difundida de declínio vinha atrelada à designação de culpados internos e externos – os supostos corrompedores de uma suposta civilização – seus escritos apresentam perspectivas diferentes. Neles, as ideias que os personagens fazem de si mesmos, dos outros, da sociedade, dos seus problemas, quase nunca batem com os fatos. Inconsistentes, inconscientes, contraditórios, paradoxais, eles tendem a apontar no outro as origens de suas insatisfações e temores. Se algo não vai como o imaginado, como o que se entende que seria devido, os dedos se voltam para algum entorno, numa espécie de ânsia culpabilizatória que, mostrando-se sempre infundada, mais fortificadora de injustiças do que reparadora de distúrbios, pode ser lida como advertência a uma sociedade à beira de sandices e horrores de alta proporção.

### **País melhor organizado do que o nosso**

*“Na conduta monstruosa de uma coletividade há como que a necessidade de criar antes uma atmosfera” (Emmanuel Bove, A armadilha)*

– Pois bem, Sr. Frédéric, o senhor sabe o que seria necessário para salvar a França da decrepitude e da desordem? O senhor não sabe? Não? Pois bem, eu vou lhe dizer. Seria preciso um protetorado alemão sobre a França, aí está o que seria preciso. (QUENEAU, 1966, p. 132-33)

Ambientado na Primeira Guerra, *Un rude hiver*, de Raymond Queneau, foi publicado na iminência do estouro da Segunda, em 1939. “Sentido profético do que escrevemos”, anota o autor no diário no dia 27 de agosto daquele ano (QUENEAU, 1986, p. 35). A iminência do conflito tornava o romance muito atual. Seu protagonista, Bernard Lehameau, que profere a fala supracitada, é o único a defender a ideia de que a guerra em curso terá duração longuíssima. Circulando pelo Havre<sup>149</sup>, onde a história acontece, ele dissemina discursos raivosos e lamuriantes nos quais transparecem filiações e interpretações decisivas.

Lehameau era um personagem respeitável, funcionário bastante graduado no civil, e no militar ferido de guerra e talvez até herói. Era de seu temperamento ser pessimista, dizia-se, aí está tudo. Assim mesmo achava-se por vezes que ele forçava um pouco quando pretendia que isso podia durar mais uns seis meses, essa tal de guerra. E ainda ele era modesto ao dizer isso, pois no privado ele declarava que ela seria de uma duração ilimitada, que se atirariam canhonadas até não se poder mais e que se chegaria, no fim das contas, ao massacre mútuo das populações ocidentais para a grande alegria dos

---

<sup>149</sup> Cidade portuária situada no noroeste da França.

semitas e dos amarelos. E ainda ele era modesto ao dizer isso, pois dentro de si ele não se continha tão cedo. (QUENEAU, 1966, p. 13-14)

Lehameau se empanturrava de desprezo e horror e sua alma trepidava exaltada. Ele entretinha com deleite sua repulsão absoluta pela plebe do porto e das fábricas, pela ralé de capacete, pelos proletários carrascos dos filhos, insolentes com a gente honesta, beberrões, brutais, sediciosos e sujos. Certos quarteirões da cidade com seus casebres enfeitados com roupas e sacolejados por fedelhos, com seus bordéis e botequins, representavam para ele na Terra a imagem mais próxima do inferno, a supor que tal lugar existisse. Ele desenvolvia assim em seu coração a raiva e o nojo que lhe provocava o espetáculo dessa raça maldita, arraia infecta que as desordens da guerra ameaçavam subir à superfície. (QUENEAU, 1966, p. 73-74)

Fazendo uso de altas doses de ironia, Queneau capta em seu livro, sobretudo através desse personagem caricaturesco, pendores de discursos espraiados na França havia tempos e que ressoavam em abundância na proximidade da Segunda Guerra. O pessimismo de Lehameau, comentado pelos conhecidos, se ancora fundo numa avaliação da sociedade francesa que, assumindo a pujança como vocação nacional, mede o presente a partir daí e o deplora. Num mundo de disputas, a França nascera para imperar e ser superior, mas a realidade teimava em mostrar a incongruência dessa narrativa. Lehameau desejava imensamente esconjurá-la, eliminar de seu país qualquer parentesco com o inferno e refundar o paraíso perdido. Seu ódio à ralé claramente inscreve-se nesse impulso purificador e nostálgico.

A caracterização do operariado como sedicioso carrega ecos do anticomunismo quase generalizado que corria desde o advento do Fronte Popular, mas também de uma tradição mais antiga de rejeição às reivindicações subalternas, típica de uma sociedade pouco propensa à mobilidade social; sua associação à sujeira, à brutalidade e ao vício do álcool, são traços de uma vigorosa estigmatização da pobreza, de longa data. O prognóstico lamentoso do “massacre mútuo das populações ocidentais”, acrescido de comentário racista, antissemita e xenofóbico deixa escancarada a identificação de Lehameau com a história dos vencedores<sup>150</sup>. A identificação é tanta que ele até sonha com um “protetorado alemão sobre a França” para salvá-la “da decrepitude e da desordem”, preferindo esquecer a inimizade com o país vizinho em favor da esperança de que seu jugo possa reordenar o lar.

---

<sup>150</sup> Refiro-me ao conceito elaborado por Walter Benjamin em “Sobre o conceito da história”. Criticando o historicismo, ele pergunta com quem este estabelece uma relação de empatia e afirma: “a resposta é inequívoca: com o vencedor. Ora, os que num dado momento dominam são os herdeiros de todos os que venceram antes. A empatia com o vencedor beneficia sempre, portanto, esses dominadores” (BENJAMIN, 1993, p. 225)

Há aí ecos, por exemplo, do patrão do boteco em que o protagonista de *Meus amigos* toma seu café. Victor Bâton testemunha os desejos dele de erradicar “problemas sociais”.

O bravo homem não para de se queixar. O comércio não anda bem. Mesmo que enxugue os copos na frente dos clientes; mesmo que diga: “obrigado, senhor; até logo, senhor; deixe que encosto a porta”, ninguém aparece. Ele queria que a guerra fosse esquecida. Tem saudades de 1910.

Parece que nessa época as pessoas eram honestas, sociáveis. O exército tinha grande aspecto. Se podia vender fiado. As pessoas se interessavam pelos problemas sociais.

Quando ele fala de tudo isso, os dois olhos dele – o verdadeiro e o falso – ficam molhados e seus cílios juntos formam mechinhas.

O pré-guerra foi tão rápido naufrágio que não pode crer que não seja mais do que uma lembrança.

Nós também, eu e ele, abordamos os problemas sociais. Mas é ele quem faz questão. É a prova, para si mesmo, de que a guerra não o mudou. Ele me certifica, a cada dia, que na Alemanha, país melhor organizado que o nosso, os mendigos não existem. Os ministros franceses tinham mais é que proibir a mendicância.

- Mas é proibida!

- Ora, vamos, e toda essa malta que anda por aí vendendo cadarços! São mais ricos que eu e você.

Como não gosto de discutir, evito dar-lhe resposta. Engulo meu café, que uma gota de leite deixou marrom, pago e saio. (BOVE, 2006, p. 24)

Já no início da década de 1920 circulavam junto as insatisfações com os rumos do país, o medo da mudança, a ojeriza à pobreza e a ideia de que a Alemanha, antes vista como bárbara e inferior, se tornara, de alguma maneira, uma sociedade mais ordeira e disciplinada, na qual havia maior respeito hierárquico e as coisas funcionavam como era devido. Bove pudera mostrar suas distâncias ao apresentar tais tendências por meio de atos e discursos sem argumentos, apenas raivosos, de personagens reacionários e inconsistentes. De forma interessante, ele também associara ao anseio desesperado por ordem uma vontade de que o Estado desse fim às situações indesejadas da noite para o dia, como em passes de mágica, e uma correlata naturalização de sua violência. “Os ministros franceses tinham mais é que proibir a mendicância”. “Mas é proibida!” Como proibir a mendicância sem violentar as pessoas que se encontram em tal condição<sup>151</sup>?

---

<sup>151</sup> Bove bem sabia dessa impossibilidade, tendo ficado um mês preso por dita vagabundagem em 1917 na *Prison de la Santé*. É o mesmo lugar ao qual a polícia francesa conduz Joseph Bridet, protagonista de *A armadilha*, após detê-lo em seu apartamento em Paris. Significativamente, nessa prisão onde foram executados dezoito comunistas e resistentes durante a Segunda Guerra Mundial, Bridet sofre uma armação da polícia. (BOVE, 2005, p. 972-974)

Philippe Burrin (1995), mostra como o “sentimento de enfraquecimento” (BURRIN, p. 45), as queixas sociais, os clamores reacionários e a xenofobia que ebuliam no abeirar da Segunda Guerra e encontrariam vazão durante ela – sob a ocupação alemã e a autointitulada “Revolução nacional” –, e que já estavam presentes na época em que Bove escrevera seu primeiro livro, tinham se acalorado sobremaneira ao longo da década de 1930.

Em todos os aspectos, a travessia dos anos trinta pusera a baixo a coesão da sociedade francesa, despertando antigas clivagens [...]. A crise era inédita e profunda, pois atingia simultaneamente os equilíbrios sociopolíticos do país e suas posições internacionais.

Desde o Século XIX, a França se caracterizava pelo caminhar despreocupado de sua modernização, que favorecera a manutenção de uma sociedade relativamente estável, repousando sobre um importante campesinato e classes médias endinheiradas. Ora, as sequelas da Primeira Guerra sacudiram essa estabilidade. O êxodo rural, que se amplificava, espichava as periferias e alargava um proletariado habitado por um forte sentimento de exclusão. A depreciação do franco, depois a Grande Depressão desasseguravam e empobreciam a burguesia [...]. A unificação do mercado e a circulação de ideias desagregavam os modos de vida herdados e afrouxavam o império das autoridades tradicionais [...]. Por fim, a chegada de numerosos estrangeiros, cujo número quase dobra entre 1921 e 1931, introduzia um elemento de inquietude sobre a identidade nacional.

Concebe-se que tais tendências tenham ferido as mentalidades passadistas e vivificado as aspirações restauradoras desses moles de resistência à modernização que formavam a aristocracia, os notáveis rurais, a Igreja católica, uma parte do patronato. Mas elas inquietaram igualmente as “camadas novas”: pequenos independentes e membros de profissões liberais, partidários de uma França equilibrada e de uma ascensão social moderada, que punham-se a ver no pré-guerra uma idade de ouro e reclamavam medidas de proteção e fechamento profissional.” (BURRIN, 1995, p. 40-41)

Essa falta de coesão, esse sentimento de declínio, essa inquietude quanto à identidade nacional, acompanhava-se de uma atração e uma permeabilidade acrescidas em relação a emoções e modelos políticos de outros países<sup>152</sup>. Mas por outro lado, havia

---

<sup>152</sup> Uma boa parte dos intelectuais franceses dirigiram, no entre-guerras, aos novos regimes da Europa um olhar fascinado, quando não iam em peregrinação a Roma, Moscou ou Berlim. A França estava decrépita, sua mensagem vetusta ou inadaptada, o novo se encontrava alhures. Ilustra-o à sua maneira a recepção do gestual político que marcou a paisagem política desse tempo: o braço estendido emprestado da Itália ou da Alemanha, o punho erguido recebido do partido comunista alemão que o inventara para responder à saudação nazista (BURRIN, 1995, p. 45). Em *A armadilha* há cenas interessantes a esse respeito. Uma delas ocorre em meio à armação policial à qual aludi na nota anterior. Cito aqui o trecho: “Neste meio tempo, o chefe da guarda, nesse uniforme escuro do pessoal das prisões cujos galões, ao invés de serem dourados, são de um azul triste, entrou na peça. Ele tinha um bigode enrolado na ponta e os cabelos desgrenhados. Para fazer um gracejo, ele bateu os calcanhares e estendeu o braço imitando Hitler. Mesmo que fosse um gracejo, sentia-se nele um vago lamento de que aquela não fosse a saudação francesa. Ela era tão mais efetiva, essa batida de calcanhares com o braço estendido, do que uma mão espalmada na viseira de um quépi (BOVE, 2005, p. 973-974). Outras dessas cenas ocorre mais para o início do livro, quando Bridet e a mulher ainda estão em Lyon: “Eles passaram a tarde em um cinema lotado onde mal se conseguia respirar. Aplausos entrecortados por assovios estalararam no momento em que, na rua em frente, desfilaram legionários que marchavam em desordem, mas de cabeça erguida e de braço estendido. “Que nobreza nesses olhares!” gritou uma mulher. “É assustador”, murmurou Bridet. “Fique quieto!” disse Yolande. “Minha palavra, eles estão fazendo a saudação nazista”, disse Bridet sem mais conseguir se conter. “Eles estão fazendo a saudação militar”, observou secamente um velho senhor” (BOVE, 2005, p. 898)

uma “aspiração ao recentramento sobre uma França entendida de maneira estreita, quase etnicamente. A xenofobia e o antissemitismo, tendências antigas, haviam retomado vigor, não poupando quase nenhum setor” (BURRIN, 1995 p. 45).

Essa contração indentitária, esse retesamento protetivo, aparece diversas vezes na espécie de *Comédie humaine* composta por Bove<sup>153</sup>. Para ficar apenas com exemplos aqui já citados: na entrevista de Nicolas Aftalion com o Sr. Rousseau; na falta de empatia do Sr. Dausset com Édith e Dinah Auriol<sup>154</sup>, da qual o casal Michelez não difere substancialmente, fazendo de *A morte de Dinah* uma interessante metáfora do desamparo do estrangeiro; no despejo de Bâton pelos vizinhos que condenam seu modo de vida<sup>155</sup>.

“A intensidade da nossa luta exterior dependerá sempre, em alguma medida, da profundidade da paz que teremos feito reinar entre nós” (BURRIN, 1995, p. 40), disse Charles Maurras em 1914. A frase parece bastante acurada quando relacionada ao inflamado contexto político da década de 1930 e seus desdobramentos na Segunda Guerra. Se havia ódio entre os franceses, no plano internacional sua disposição ao conflito era, na maioria dos casos, pequena ou nula. Apesar dos numerosos indícios dados desde a ascensão de Hitler do poder da reemergente potência vizinha em praticar horrores, as previsões catastróficas e o medo do futuro se dirigiam com frequência muito maior ao lado interno do que ao externo, e o vigor dos acontecimentos no país germânico mais alimentava o sentimento de fragilidade da sociedade francesa do que o seu ímpeto para o combate (BURRIN, 1995, p. 47-48)<sup>156</sup>.

### O desabamento e a salvação

*“Assim o infortúnio da França é para certo grupo de franceses a ocasião de uma vitória que ele não ousava mais esperar.” (Jean*

<sup>153</sup> “O desejo (realizado) de Bove é compor ao longo de sua obra um autêntico teatro humano [*Comédie humanine*] onde se cruzam todos os extremos sociais”, escreve Jean-Luc Bitton no prefácio de *Meus amigos*.

<sup>154</sup> Ao passo que, para ele, um despejo era assunto de Estado, que ele levaria o proprietário à justiça muito antes de deixar um apartamento contra a vontade, ele achava totalmente natural, no que concernia à “gente de hoje”, não tomar nenhuma precaução. (BOVE, 2006, p. 101)

<sup>155</sup> “Vai ser preciso que eu deixe o meu quarto. Então minha vida é anormal a ponto de escandalizar o mundo? Não posso crê-lo”. (BOVE, 2006, p. 123-124)

<sup>156</sup> “A raiva [dos alemães] era discreta, até ausente. A subida dos perigos não reanimara a detestação do *Boche*” (BURRIN, 1995, p. 48). Na literatura e no cinema, “o tratamento [do alemão] era sobretudo favorável” (BURRIN, 1995, p. 49).

*Guéhenno, Journal des années  
noires)*

Ele tinha molhado os cabelos e deixado o desbotado chapéu de feltro no hotel. Assim, estava mais em sintonia, já que, depois do armistício, uma aparência desleixada deixava uma impressão muito negativa. Aparentava-se não haver reagido ao infortúnio. E se supunha que, então, não se estava tão entusiasmado com o Estado francês.

Como eram somente dez horas, Bridet foi caminhar pelas ruas de Vichy. Passou um automóvel. Era o terceiro em seguida cujo elegante condutor segurava o volante apenas com uma mão e deixava a outra pendendo negligentemente para fora. O poder já estava solidamente instalado. Sua primeira preocupação fora lutar contra o desalinho. “Este não é o momento, pensou Bridet, de andar por aí de cara cheia.”

Um regime putrefato desabara. Em seu lugar surgiam enfim a limpeza e a ordem. Os soldados que montavam guarda em frente aos ministérios ou seus ridículos anexos usavam luvas brancas que subiam até o cotovelo e o capacete sem viseira das unidades de tanques. “Estão fazendo o gênero tropa de elite”, murmurou Bridet ao passar diante deles engolindo metade das palavras por não saber se queria ou não ser escutado. (BOVE, 2005, p. 880)

Nesse excerto de *A armadilha*, Bove logra transmitir algo do clima tenso de vigilância e suspeita das condutas que pairava na França há tempos e que se exacerbava exponencialmente desde que, em 10 de julho de 1940, a Assembleia concedera plenos poderes constituintes ao Marechal Philippe Pétain. Ato contínuo, este suprimira a Terceira República e nomeara a si mesmo “chefe do Estado francês”, transferindo o Governo à cidade de Vichy<sup>157</sup>. É nesta cidade que se dá a cena supracitada, na qual Joseph Bridet, o protagonista da história, procura mostrar-se “em sintonia” com o momento e adaptar a própria conduta às normas não escritas, mas imperantes.

Ao leitor, é impossível ter certeza se os motoristas despreocupados que o narrador cita são ligados ao poder ou não, mas é precisamente a ausência de temor transparecida por eles que sugere a existência da conexão. O transitar apreensivo de Bridet mostra o contraste de um dissidente tentando não chamar a atenção para si de maneira indevida. O encadeamento da narração – que parece acompanhar a visão de Bridet voltando-se aos condutores, depois passa às afirmações sobre a solidez da instalação do poder e de sua

---

<sup>157</sup> Philippe Burrin assim resume esse momento inicial do governo do Marechal: “Feliz o governo cuja ação responde aos votos dos governados! O armistício é popular, a mudança de regime não é impopular, Pétain aparece como um salvador. E nas partes do país onde se instalam os alemães, as mentes se pacificam com uma rapidez surpreendente: o inimigo de botas e capacete mostra uma civilidade inesperada. A carreira do que se chamará dentro em pouco de governo de Vichy principia pelo apogeu, a ocupação por uma feliz surpresa. Os franceses se regozijam em sair do túnel da guerra [...]. A mudança de regime interessa bem menos os franceses do que o fim dos combates. [...] O regime [republicano] desaparece num descrédito massivo, pois se confunde com um passado de lutas sociais e divisões políticas, que aparentam ter pavimentado a via para o desastre [a derrota militar para a Alemanha]. [...] Pétain é a estrela fixa em cima do horizonte conturbado, que restabelece os pontos cardeais: a derrota é sem retorno, é preciso aceitar o inevitável, reconstruir de novo (BURRIN, 1995, p. 24-26)

luta primeira “contra o desalinho”, para na sequência veicular, caracterizado entre aspas, o pensamento do protagonista – produz uma confusão que é frequente nesse romance. A quem pertence cada enunciado? De quem são as visões que cada um transmite? O encadeamento em questão sugere uma contiguidade, uma interseção entre o que diz o narrador e o que pensa e vê o personagem principal. No entanto, a transição seguinte compromete essa lógica, pois, feita a quebra de parágrafo, as frases que se leem nitidamente não coadunam com as opiniões de Bridet.

“Um regime putrefato desabara. Em seu lugar surgiam enfim a limpeza e a ordem”. Estas orações, com seu notório ranço higienista e antidemocrático, com sua comemoração do momento presente, são mais do que improváveis vindas de um gaullista enojado com o armistício e seus desdobramentos, que precisa engolir as palavras ao passar por agentes da coerção estatal. Mas quem, então, seria seu responsável?

Durante todo o dia, Bridet escutara dizer que os alemerdas eram muito mais severos com aqueles que passavam da zona não ocupada para a zona ocupada do que com os outros. A zona não ocupada era um depósito de pessoas indesejáveis. Todos o sabiam. Era natural que eles não deixassem ninguém sair de lá. *Era, portanto, sempre por causa desses judeus e dos comunistas que as pessoas honestas padeciam* (BOVE, 2005, p. 957, Grifo meu).

Quem é o autor da frase em grifo? É Bridet que as pensa? O narrador? Quem são as pessoas honestas? Qual é a relação delas com esse antisemitismo e esse anticomunismo difuso de fisionomia difusa? Como argumenta Geneviève Morel, há um alto grau de contaminação da linguagem de *A armadilha* pelo linguajar e o ideário pétainista<sup>158</sup> (MOREL, 2012). Estes penetram repetidas vezes os enunciados, tanto os de Bridet quando este tenta apropriar-se dela em seu jogo-duplo, quanto esses de referência nebulosa – que a variação dos modos de enunciação das rumações do personagem apenas complica<sup>159</sup>.

Assim, se em momentos como a adjetivação dos anexos ministeriais como “ridículos” o narrador parece próximo do protagonista, que observa com temor e desencanto a pressa com que o Estado e seus servidores executam as mudanças<sup>160</sup>, em outros, a narração se encontra mais próxima de um tom e de ideias propagandistas.

<sup>158</sup> Morel utiliza os termos “a voz da doxa pétainista” (MOREL, 2012, p. 26), mas o termo *doxa* me parece excessivo na coesão social que pressupõe.

<sup>159</sup> Bove se utiliza, ao longo do livro, segundo os termos de Cohn (1981), do “monólogo citado”, do “monólogo narrativizado” e do “psico-relato”.

<sup>160</sup> Por exemplo, na seguinte cena: “Dois dias depois, Bridet voltava à Vichy. Seus documentos já deviam estar prontos. Apesar de ter chegado de manhã, foi só no final da tarde que ele se decidiu a ir até o Ministério do Interior. Em poucos dias, os marceneiros e pintores tinham dado ao hotel de estação termal um aspecto mais compatível com a seriedade dos serviços que ele abrigava. A porta giratória tinha sido desmontada.

[...] Levando em conta a situação, o telefone até que funcionou bem. As pessoas que se encontravam no comando da administração tinham realizado prodígios. Sentia-se que para eles era uma questão de amor próprio. Não era porque tínhamos sido derrotados pelos alemães que não seríamos capazes de dirigir nossos negócios. O mesmo valia para as ferrovias e para a arrecadação de impostos. Enfim, tudo punha-se a funcionar “apesar das condições excessivamente difíceis criadas pela nova situação que resultava da divisão da França em duas zonas e da presença, em uma parte de seu território, de um exército estrangeiro de ocupação”, como diziam os jornais. Os poderes públicos, no decorrer dos últimos meses, tinham conseguido verdadeiras façanhas. De maneira muitas vezes improvisada, tinham efetuado o repatriamento de milhões de refugiados, concretizado a desmobilização e o reemprego de milhões de homens. Tinham reconstruído pontes, colocado de pé toda uma organização de revitalização que causava inveja aos próprios alemães. Isto provava que não éramos esse país decadente pelo qual queriam nos fazer passar.

Infelizmente, o Hôtel Carnot, que não dependia dos poderes públicos, não dispunha de nenhum quarto livre. (BOVE, 2005, p. 888-889)

Quem realiza a ligação é Bridet. Aturdido em sua primeira ida a Vichy, ele busca arranjar um quarto no hotel em Lyon no qual estivera até esse dia. Mais uma vez, com a quebra de parágrafo, há um salto de tom. A administração do hotel Carnot não sendo do Estado, ela não teria sido capaz de um milagre análogo aos “prodígios” postos em prática pelo governo nos últimos meses. De novo próxima do desgosto do protagonista, caçoando ironicamente do ar oficial das formulações forçadas que ela mesma trouxera no parágrafo anterior, a narração vai mostrando seu aspecto ambíguo.

Se a “ironia é distância”, como disse Thomas Mann (ROSENFELD, p. 17), em *A armadilha*, os instantes irônicos, sejam os de Bridet ou os da narração extremamente porosa, não duram muito, precisamente porque o presente trevoso não possibilita nenhum afastamento. Assim, preponderam coadunadas as cenas de repressão e a linguagem do regime. Intentando manipular a polícia para ir ao Marrocos e evadir-se à Inglaterra, o protagonista altera suas falas de propósito, querendo controlar o próprio destino<sup>161</sup>. Isto,

---

As idas e vindas eram tão numerosas que ela acabara virando um incômodo. E talvez as preocupações com a segurança não tenham sido estrangeiras a esta remoção. Os poucos segundos que ela levava para girar podiam favorecer um golpe de azar, um atentado, por exemplo. A recepção tinha sido transformada em uma sala de triagem. Biombos tinham sido instalados mais ou menos por todo lado. E já estavam cobertos de cartazes de propaganda. Um guarda com capacete e fuzil de cano curto não saía de frente da porta do elevador.

Bridet sentiu seu coração apertar. Tinha a impressão de que algo havia acontecido em sua ausência. Por todo canto, policiais uniformizados. Por medo de ser interpelado caso passasse sem dizer nada, perguntou a um deles se sabia onde era o escritório do Sr. Basson” (BOVE, 2005, p. 899).

<sup>161</sup> Isto é já se evidencia bem no início do romance, a partir da seguinte passagem: “Ele tinha apenas de entregar-se inteiramente ao Marechal. Era um homem maravilhoso. E salvara a França. Graças a ele, os alemães nos tinham respeito. *Eles superavam a própria vitória. Nós superávamos nossa derrota, o que permitia que os dois povos se falassem quase de igual para igual. É isto que era preciso dizer.* Em presença de alguém mais empolgado, era possível ir ainda mais longe. Se cada francês indagasse ao fundo de si mesmo, se estivesse de boa-fé, deveria reconhecer que experimentara um imenso alívio com a assinatura do armistício.

‘Vocês estavam nas estradas e agora estão em suas casas’, dissera o Marechal. *Bridet tinha apenas de dizer a mesma coisa.* E não devia ter nenhum escrúpulo em enganar pessoas como aquelas. Podia lhes dizer

porém só o leva a criar suspeitas sob si, como por exemplo em seu encontro com Laveyssère, seu segundo conhecido pertencente à estrutura vichysta a quem ele recorre na tentativa de adentrá-la para depois fugir. Ao apresentá-lo, a narração é outra vez irônica:

A confiança que se depositara sobre este último, ao se lhe permitir fazer parte do círculo imediato do Marechal, vinha de razões mais sérias e honrosas do que aquelas que estavam em jogo antes da guerra. Nenhum poder oculto havia favorecido o jovem médico de Bordeaux. Naturalmente, ele não era nem judeu, nem franco-maçom, nem comunista. Era simplesmente o sobrinho do irmão do general Feutrier, que era um antigo camarada de promoção do Marechal, a de 1875” (BOVE, 2005, p. 881).

A ironia, neste caso, se dá mediante a reprodução, e o deslocamento, do discurso paranoico que imputava as mazelas francesas à influência política de grupos regidos por “interesses ocultos”, notadamente os judeus, os comunistas e os franco-maçons, por vezes referidos sob a expressão “Anti-França”<sup>162</sup>. Ao dizer que “naturalmente” Laveyssère não pertencia a nenhum desses grupos, que a confiança depositada sobre ele vinha de razões “mais sérias e honrosas”, para depois descrever sua ascensão como um caso de nepotismo, a narração zomba sem alarde das narrativas direitistas e da pretensão de pureza idônea do governo de Pétain e de seus seguidores.

Entretanto, no encontro que ocorre em seguida, fica mais do que claro que essas narrativas não são da boca para fora, que elas possuem poder efetivo, e que os que nelas acreditam o fazem de fato. Para estes, a decrepitude acusada chegara a termo, numa catástrofe prevista que o rápido triunfo militar alemão só acelerara. A França vitoriosa, a verdadeira, a civilizada, apesar de todo o sofrimento pelo qual passara e ainda passava, fruto dos pecados de seus traidores, estava salva.

Depois de contar o que acontecera com ele após a retirada, aventura que ele chamava de “minha odisseia”, Laveyssère falou da Paris de depois do armistício, aonde voltara para

---

qualquer coisa. Mais tarde, quando se juntasse a de Gaulle, ele se recomporia (BOVE, 2005, p. 865). Nesse trecho, encontra-se nitidamente parafraseado o discurso proferido por Pétain em 11 de outubro de 1940. Cito aqui um excerto deste: “Sem dúvida, a Alemanha pode [...] escolher entre uma paz tradicional de opressão e uma nova paz de colaboração. Á miséria, aos alvoroços, às repressões e sem dúvida aos conflitos que suscitaria uma nova faz feita “à maneira do passado”, a Alemanha pode preferir uma paz viva para todos, uma paz geradora de bem-estar para todos. A escolha pertence de início ao vencedor; ela depende também do vencido. Se todas as vias nos estiverem fechadas, saberemos aguardar e sofrer. Se, ao contrário, uma esperança se erguer sobre o mundo, *saberemos dominar nossa humilhação*, nossos lutos, nossas ruínas; *em presença de um vencedor que terá sabido dominar sua vitória, saberemos dominar a nossa derrota*” (BARUCH, 1997, p. 637). Nota-se que a recuperação de Bridet ainda exagera a positividade do discurso, substituindo “dominação” por “superação” e sugerindo uma igualdade entre os povos que, dada a circunstância, soa risível (MOREL, 2012, p. 27).

<sup>162</sup> Neologismo político que data do fim do Século XIX e utilizado pela direita e a extrema-direita francesa desde então. Durante a França de Vichy, foi abundantemente usado como chave de leitura da história nacional e justificativa para as repressões estatais. Ver, por exemplo: AZÉMA, J-P; WIEVIORKA, O. *Vichy 1940-1944*. Paris: Perrin, p. 191-193, 2004.

buscar seus ternos. O que ele recordava de sua viagem era, sobretudo, que os alemães se tinham instalado nos mais belos hotéis: o Ritz, o Crillon e o Claridge. Ele contou o doloroso efeito que lhe provocou ver os oficiais alemães se considerarem em casa nestes hotéis tão elegantes. Era revoltante. Em seguida, falou de desfiles de tropas alemãs que duraram seis horas. “E o que eles não tinham de equipamento!”

Bridet perguntou se eles tinham um ar arrogante. Laveyssère refletiu um pouco, como um homem que não quer dizer nada sem ter certeza. Com toda sinceridade, não podia afirmar que os Alemães fossem arrogantes. Antes disso, eles tinham era um ar de tristeza bastante inesperado em se tratando de vencedores. Dir-se-ia que estavam cientes de que não fora a verdadeira França, a nossa, que eles haviam vencido, e que se sentiam incomodados frente à população que, ela sim, era essa verdadeira França. “A verdade, devo dizer, prosseguiu Laveyssère, é que essas pessoas não entendem por que lhes declaramos guerra.” Eles ainda possuíam um profundo respeito pela nossa civilização. E se davam muito bem conta de que sua vitória tão rápida não nos destituía daquilo que nos fazia superiores a eles.

Contou, em seguida, um monte de pequenas anedotas das quais se depreendia que os alemães estavam preocupados, sobretudo, em nos deixar uma boa impressão, de nos mostrar que eles também sabiam viver. A Sra. James Laveyssère tinha sido agarrada em plena luz do dia por um soldado embriagado na Avenue des Champs-Élysées. Um oficial interveio e “peço-lhe que acredite, continuou Laveyssère, que este desvio de conduta deve ter custado caro ao soldado.” Os alemães eram certamente severos, porém eles tinham o direito, já que o eram igualmente com si mesmos.

– No fundo, disse Bridet, eles não são aquilo que nos haviam dito.

– Oh! Mas não mesmo...

– Eu suspeitava.

– Tinha gente demais querendo nos apresentá-los como bárbaros que comem cabeças de criancinhas.

– Os judeus e os comunistas, disse Bridet.

Ele se sentia mais a vontade do que com Basson. Laveyssère jamais brilhara pela inteligência. A atmosfera do restaurante, bem parisiense e pré-guerra, o fato de que Laveyssère parecia tão certo do que dizia, davam segurança a Bridet. Ele pensou que deveria aproveitar a situação para se posicionar mais claramente do que com Basson. Desta vez, acreditariam nele.

– Felizmente, disse, agora temos no comando homens que compreendem. Ah! Se os tivéssemos antes.

– Você tem razão, Bridet.

– É preciso que nos entendamos com os alemães, digo isto desde 1934. Pessoalmente, sempre tive simpatia por eles. Seja como for, são pessoas que têm qualidades extraordinárias. Podemos muito bem não amá-los, é preciso reconhecer que têm grandes qualidades. Aliás, creio que hoje ninguém mais duvida disso.

Laveyssère não respondeu. Bridet, temendo por um momento ter ido um pouco longe, completou sorrindo:

– Eu preferiria, no entanto, que eles voltassem para casa.

Laveyssère sorriu de volta.

– Eles também, falou com o ar de um homem que tem suas informações particulares, eles também prefeririam estar em casa.

– Neste caso, nos entenderemos rapidamente.

Uma vez que o tom da conversa tinha se adoçado, Bridet achou que o momento era propício para falar de si mesmo.

– Enquanto aguardamos, trabalhemos. Quanto mais fortes nós formos, quanto mais soubermos botar ordem na nossa casa, mais os alemães nos respeitarão. Nosso Império é um ativo de primeira ordem. Pessoalmente, eu não lhe esconderia que, se eu pudesse servir nossa verdadeira França, seria o mais feliz dos homens.

Como Laveyssère não parecia entender aonde Bridet queria chegar, este teve a sensação de que deveria falar um pouco mais da Revolução Nacional. Estava tímido demais. Faltava-lhe entonação. Estava cometendo o mesmo erro que com Basson. Falar dos alemães era muito bom, mas era preciso falar também do Marechal. “O que é, então, que sempre me retém?”, perguntou-se. Olhou Laveyssère, que comia sem apetite. Sentia-se que os problemas que lhe eram colocados o atarantavam e que ele buscava honestamente compreendê-los. Bridet tinha bebido um pouco mais do que de costume. E deu um leve toque sobre a mesa para chamar a atenção do outro.

– Estamos falando demais, disse bruscamente. Deveríamos abrir a boca somente para gritar: “Viva a nova França que acabou de nascer!”

Laveyssère acendeu um cigarro. Parecia refletir. Depois, fixando seu olhar no de Bridet, falou com certo amargor:

– Infelizmente, o mundo todo não pensa como nós. As forças do mal não estão desarmadas.

Bridet sentiu que tudo estava indo muito bem.

– Se elas ainda existem, nós só temos de eliminá-las. O interesse da França antes de tudo! Um dia desses irei falar com você e então direi o que pretendo fazer, em minha pequena esfera, para contribuir com a nossa salvação.

– Mas certamente. Venha me ver quando quiser. Trataremos de colocar alguma coisa em prática.

Neste momento, Basson entrou no restaurante. Estava acompanhado por um homem de barba cinza que correspondia muito bem à ideia que se tem de um republicano. Ele segurava um grande chapéu de feltro de bordas retas. Tinha um aspecto um tanto desleixado que destoava neste restaurante. Basson aproximou-se da mesa, enquanto seu companheiro esperava a alguns passos de distância.

– E então, ainda a favor de de Gaulle? Basson disse rindo.

Bridet corou. Laveyssère, que se apressava em perguntar a Basson se ele tinha respondido a uma circular, voltou-se espantado para Bridet.

– Um verdadeiro gaullista, um puro sangue do gaullismo, do degaullismo, continuou Basson dando tapinhas amigáveis nos ombros de seu camarada.

– Eu? exclamou Bridet.

– Estou surpreso, falou Laveyssère.

– Oh! Mas como ele esconde bem o próprio jogo, prosseguiu Basson ainda rindo.

Como Bridet estava visivelmente transtornado, ele completou:

– Vamos, vamos, se a gente não pode nem caçar...

Em seguida, virando-se para o homem que aguardava a alguns passos...

– Chegue mais perto, Rouannet, que lhe apresento um de meus velhos amigos.

– Estou lisonjeado, disse o homem que aparentava um velho republicano, inclinando-se com respeito.

– Meu amigo Bridet é dos nossos. Ele hesitou um pouco, procurando saber de onde vinha o vento, mas enfim encontrou seu caminho. Não é, Bridet?

– Eu lhe rogo...

Dirigindo-se a Rouannet, Basson continuou:

– Você ainda o verá, Rouannet. Ele precisará de você.

Depois, voltando-se para Bridet:

– É com ele que você vai tratar. Rouannet é um precioso colaborador.

– Ficarei contente se eu puder ajudá-lo, disse este, sempre com muito respeito.

Depois, afastou-se por discrição.

Alguns instantes após, quando Bridet ficou de novo a sós com Laveyssère, falou:

– Que sujeito, esse Basson! Não é o tipo de brincadeira que se faz em um momento como esse.

– Realmente, foi mesmo de mau gosto! Constatou Laveyssère.

– Se ele acha que ser gaullista é vir até Vichy para colocar-se às ordens do Marechal... Se um homem como eu é gaullista, então não entendo mais nada, um homem que perdeu tudo por causa desse bando de comunistas, judeus e francos-maçons... Pois são eles os responsáveis, foram eles que nos botaram aqui onde estamos... Mas eu realmente espero que eles paguem... E caro. Não será nunca caro de mais... Um homem que era feliz... Que vivia tranquilamente sem fazer nada a ninguém...

Bridet se animava, tinha enfim encontrado a entonação.

– Eu? Gaullista?! Essa é boa! Depois de tudo que essa corja fez ao meu país... É incrível que não tenhamos encontrado antes verdadeiros franceses que os trouxessem à razão. Mas agora tudo está mudado. Acabou a política, o pistolão, o combinado.

Como Laveyssère se contentava em acenar com a cabeça, Bridet, fingindo ter tamanho desgosto por todos esses traidores que não podia nem falar a respeito, mudou bruscamente de oitava.

– Não quero me encolerizar, disse.

– Eu não estou entendendo, observou então Laveyssère, por que você levou tão a sério a brincadeira de Basson.

Durante um instante, Bridet não soube o que responder. E, se recompondo:

– No entanto, se alguém dissesse que você é gaullista, isto não lhe agradaria nem um pouco.

– Eu não me importaria.

– Talvez porque você não tenha perdido tudo, como eu.

– O que está querendo dizer? O que é então que você perdeu?

Bridet sentiu um suor frio escorrer-lhe as costas. Estava se complicando.

– Eu perdi meu país, exclamou abrindo os braços.

Laveyssère o olhou como um desconhecido que tivesse vindo se sentar à sua mesa.

– Bem, agora é que não estou lhe entendendo.

– Como assim?! bradou Bridet, tentando esconder seu desarranjo sob a indignação.

– Não, não estou mais entendendo.

– Não consegue entender que um homem possa estar indignado por ter sido vendido, traído por essa corja do Fronte Popular, por todo esse bando de calhordas e de comunistas?!

Laveyssère estava cada vez mais distante.

- Isto, em rigor, eu compreendo, disse secamente.
- Bem, veja só, você está de acordo comigo! disse Bridet, aproveitando da ocasião para adoçar-se de maneira natural.
- Não, não estamos de acordo, prosseguiu Laveyssère que se dirigia a Bridet como se tivesse acabado de conhecê-lo.
- Sou eu quem, neste momento, não está lhe entendendo.
- É que decididamente nós não temos a mesma forma de ver as coisas.
- Você acha?
- Mas absolutamente! Nós, revolucionários nacionais, não fomos surpreendidos pelo que aconteceu. Nós o previmos. Nós o dissemos e repetimos. Nós não estimamos que perdemos grandes coisas. Não temos, portanto, por que nos enraivecer. O tempo das vãs gritarias está terminado. Não queremos mais ouvir as pessoas berrando sem parar como você acabou de fazer, franceses contra franceses. Uma nova França está nascendo. Ninguém poderá impedi-lo.
- E os judeus, e os comunistas, e os francos-maçons?!... exclamou Bridet ao acaso, sem saber mais muito bem o que devia dizer.
- Eles não existem mais. E se estão tão cegos a ponto de não percebê-lo, a ponto de se oporem ao nascimento dessa nova França aureolada pelo sofrimento, a ponto de querer tocar, da ponta de seus dedos ensanguentados, essa criança pura e gloriosa, desafortunados sejam eles! Serão implacavelmente castigados. Essa nova França, cujo lema será: “Trabalho! Pátria! Família!” tem os olhos voltados para nós e se ela nos pede socorro, nós, os homens do Marechal, saberemos defendê-la, peço que me acredite. (BOVE, 2005, p. 881-886)

“Eu perdi meu país”, exclama Bridet de braços abertos, perdido em sua atuação. Tentando reproduzir um discurso de ódio sem estar subjetivamente investido nele, suas palavras soam artificialmente (MOREL, 2012, p. 27). Pisando em ovos, ele se aplica em adequar-se às linhas de um enredo que ele pôde captar nos ares do tempo. Contudo, diante das surpresas do diálogo e da situação – como a aparição repentina de Basson, seu antigo amigo integrado à polícia vichysta a quem recorrera antes de Laveyssère –, fica evidente que essas linhas não são tão bem definidas, que elas variam em tópicos importantes.

Por exemplo, na imagem e no papel atribuídos aos alemães. Laveyssère os emoldura numa chave pragmática, que se ajusta bem à retórica oficial, ressaltando sua disciplina e suavizando seu jugo ao retratá-lo como uma espécie de parceria, destacando o respeito deles pela cultura francesa. Bridet, por sua vez, acreditando ter compreendido o necessário sobre essa aliança, distinguindo mal sua complexidade, enxergando o momento de maneira excessivamente binária, tenta mostrar de que lado está. Mas o silêncio de seu interlocutor o inquieta, deixando-o com a sensação de ter ido longe demais em seus elogios ao ocupante.

Ele se aplica então em encontrar terreno mais firme, menos complicado do que as relações nevoentas com os nazistas, e assim brada um par de slogans: “viva a nova França

que acabou de nascer!"; "o interesse da França antes de tudo!". A conversação, todavia, é alterada pela interferência de Basson que, jocosamente ou talvez nem tanto<sup>163</sup>, chama Bridet de gaullista. A partir daí, este perde toda a compostura e converte em ira fingida o próprio desarranjo. Carregando na vilanização dos bodes expiatórios do momento, ele aposta aí suas fichas para sair ileso daquele encontro que cheira a desastre.

Porém, é precisamente este odor que revela seu esparramo na última frase de Laveyssère. Alocada por Bove no fim da cena, ela ressoa, horripilante, através dos tempos. Como uma lição ao tonto Bridet, ela mostra que os adversários que ele tenta ingenuamente ludibriar acreditam de fato no que dizem, que para eles eliminar quer dizer eliminar, castigar quer dizer castigar, e não outra coisa<sup>164</sup>.

### **Um casal de medíocres sob a ocupação**

Apesar de querer-se herói, Bridet é um dissidente medíocre. Ao longo do livro, ele não realiza sequer um ato de resistência efetiva. Certamente, ele é uma vítima e sua morte – por fuzilamento – é uma morte típica de resistente. Ela é absurda e injusta, não restam dúvidas. Todavia, a perseguição que ele sofre só se origina pela ida dele à polícia. Caso contrário, ao que tudo indica, sua vida poderia ter seguido junto à corrente. Ou talvez não, talvez o desgosto experimentado por ele diante do rebaixamento de seu país ao invasor estrangeiro<sup>165</sup> fosse mesmo um empecilho à continuidade de uma rotina “normal”. Mas fato é que ao bancar o astuto ele se complica e acaba adiando à eternidade seu heroísmo.

---

<sup>163</sup> Já que ao fim do livro, numa espécie de apêndice intitulado “nota do autor” – e que parece ter como função primordial a ressignificação de importantes pontos do romance –, será informado que Paul Basson, gaullista ele próprio, escapou para a Inglaterra (BOVE, 2005, p. 1003). Nesse sentido, as insinuações deste personagem podem ser lidas como tentativas de comunicar sua real posição política ao protagonista sem comprometer a si mesmo dizendo-a explicitamente. Ele mesmo talvez estivesse inseguro quanto a Bridet que, por sua vez, uma vez iniciada sua estratégia de fingimento, segue com ela até o fim, jamais permitindo ao amigo de juventude uma conversa aberta. Talvez, até Rouannet, “que aparentava um velho republicano” e a quem Basson diz que “Bridet é dos nossos”, também fosse gaullista.

<sup>164</sup> A tranquilidade de Laveyssère ao afirmar que os inimigos da “nova França” “não existem mais”, sua abertura ao falar em sangue, denotam a certeza de estar do lado dos vencedores. “O fascismo”, diz Shoshana Felman, “é, na completa literalidade, uma filosofia da história como vitória. [E] [...] está fundado numa reivindicação cínica e consciente dessa filosofia” (FELMAN, 2014, p. 58).

<sup>165</sup> Este rebaixamento parece ser o aspecto da ocupação que mais lhe incomoda, ou pelo menos é aquele contra o qual ele se revolta mais explicitamente, erguendo a própria voz. Prestes a ser mandado ao campo de internamento de Venoux, ele vocifera: “Vocês se dizem franceses e fazem para os alemérgas um trabalho desses... Vocês não tem vergonha na cara. Eu preferiria varrer as ruas se eu precisasse ganhar a vida” (BOVE, 2005, p. 983). E completa: “os franceses que servem aos alemérgas, como vocês estão fazendo neste momento, são uns vendidos e haverá um dia em que todos eles serão fuzilados” (BOVE, 2005, 983-984). É curioso que, depois de ter presenciado uma infinidade de violências e condutas antiéticas por parte de franceses, ele ainda acredite, de maneira essencialista, que ser francês diga algo a este respeito, condenando acima de tudo a sujeição ao ocupante.

Do início ao fim, ele se preocupa, acima de tudo, consigo e com a França, que não vai bem. Rapidamente o medo lhe toma de assalto, e toda sua atenção se concentra em se safar. Acreditando-se importante, ele delira conexões resistentes que jamais construiu. Isto ocorre, por exemplo, quando ao passear com sua mulher em Lyon, após se aprazer com as zombarias de guardas franceses aos soldados alemães – que parecem alimentar seu orgulho patriótico ferido – ele estaca frente a uma janela de onde vazam ruídos de rádio.

[...] Era Londres ou Vichy? Era Londres.

– Você vem? disse Yolande

– É Londres.

– Londres está acabada.

– Não. São os recados pessoais.

Escutava-se nitidamente:

“A tandem de Roger foi consertada”

“As quimeras estão loucas”

“Albertine nunca foi vacinada. Repetimos: Albertine nunca foi vacinada.”

“Os gatos do Luxemburgo ainda estão miando”

Yolande se aproximou.

– Venha, isto não tem interesse.

Entretanto, Bridet não se mexeu. Ele experimentava um prazer em escutar essas mensagens. Elas eram um indício, o único indício no meio de toda essa desgraça, de que alguma coisa acontecia, de que ainda existiam, em algum lugar do mundo, homens que enganavam os alemães, que montavam maquinções contra eles. E esperava confusamente que, por uma combinação de circunstâncias que não sabia muito bem qual seria, uma dessas mensagens lhe fosse destinada, que ele ouviria subitamente, por exemplo: “o marido de Yolande é aguardado em Londres. Repetimos: o marido de Yolande é aguardado em Londres”. (BOVE, 2005, p. 899)

Como se vê, Bridet se identifica com os homens que maquinam contra os alemães. Sua esposa Yolande, por sua vez, é uma resignada. No casal, é ela quem deseja continuar a vida como antes, voltar a Paris e reabrir sua loja de chapéus<sup>166</sup>. “Ela dissera frequentemente antes da guerra: ‘O que precisamos por aqui é de um Hitler’” (BOVE, 2005, p. 944). Portanto, presentemente, ela não tem muito do que se queixar. Ela se esforça para dissuadir o marido dos planos e incômodos dele. “Londres está acabada”, afirma ela, desacreditando no aliado britânico com o qual nitidamente não empatiza.

<sup>166</sup> “Yolande dizia que o fato de vender chapéus aos alemães para que eles os enviassem a suas mulheres não lhe tornava uma má francesa. Ela ganharia muito dinheiro [...]” (BOVE, 2005, p. 867).

Quando Bridet, farto de seus insucessos em Vichy e Lyon – onde não consegue obter o salvo-conduto que deseja e tampouco encontra pessoas com as quais se sinta bem para comunicar suas angústias e planejar uma fuga –, decide passar à zona não ocupada prevendo encontrar em Paris maior camaradagem, ela lhe responde que, para fazê-lo, é necessário ter um *ausweiss*<sup>167</sup>. Apesar de ele ter conseguido um meio clandestino de executar a travessia, e de estar muito orgulhoso disso<sup>168</sup>, ela prefere a via oficial.

[...] Ela não queria correr o risco de passar três semanas na prisão, ser reprimida e ficar mal marcada

Ela já tinha, ela, o *ausweiss*. E a *Kommandantur* não impusera nenhuma dificuldade. Era só ele fazer como ela. Ela contou até mesmo uma história do elevador do Carlton. Ela estivera ali com um alemão de alta patente que, imediatamente, descobrira a cabeça e, mesmo indo ao segundo e ela ao terceiro, subira com ela até o terceiro e depois descera a pé para o andar de baixo. “Você pode falar o que quiser, mas não é um oficial francês que agiria assim com uma mulher que ele não conhece.”

- Felizmente! Os franceses não são nem ridículos nem obsequiosos. Quanto a mim, minha querida Yolande, eu prefiro arriscar ser preso na linha de demarcação do que pegar o elevador do Carlton. É uma questão de caráter (BOVE, 2005, p. 955)

“O que fazer então? Voltar a Paris? Seguir Yolande? Mostrar docilmente os documentos aos alemerdas ao passar a linha de demarcação? Ver a suástica flutuando por todo lado em uma Paris deserta?” (BOVE, 2005, p. 867). Bridet, já no início do romance, se contorce com a perspectiva de ver sua cidade, a capital magnificente de seu país, coberta por símbolos do ocupante nazista. E mal consegue pensar em submeter-se ao controle de suas autoridades. Já Yolande não vê nisso nenhum problema, e até comemora as interações entretidas com estas, nas quais enxerga qualidades de que sente falta em seus compatriotas.

Chegado o momento de passar a linha, eles decidem seguir cada um o caminho que prefere. Bridet passaria com o atravessador clandestino com quem combinara encontro na manhã seguinte e Yolande iria de trem poucos dias depois. Ela pede a ele que passe na loja, acrescentando: “É nisto que nós mais acertamos em voltar, porque você sabe, querido, os alemerdas marcam como suspeitas as propriedades daqueles que não voltam” (BOVE, 2005, p. 955-56). Bridet a escuta falar de seus pertences e objetos de

<sup>167</sup> Espécie de visto criado pelos nazistas, necessário para atravessar a linha de demarcação de forma oficial. Evidentemente, tratava-se de mais uma maneira de restringir as liberdades da população francesa, em especial das minorias perseguidas, que, sem poder demandá-lo, tinham aí uma dificuldade suplementar para transitar.

<sup>168</sup> Fiz um bom trabalho esta tarde. Amanhã de manhã, às sete horas, pegamos a camionete do leiteiro até a linha de demarcação. Quando a tivermos cruzado e estivermos com os alemerdas, ah, é triste dizer, mas poderemos respirar (BOVE, 2005, p. 954). Como de costume na obra de Bove, anseia-se respirar. Como de costume, não será possível.

valor sem prestar realmente atenção, mas se aborrece quando ela lhe estende o molho de chaves do apartamento.

– Ah, Isso não! [...] Se você acha que eu vou morar no apartamento, você está enganada. Isto seria, aliás, loucura da minha parte... [...] Eu não faço nenhuma questão de que possam me encontrar.”

– Mas você não tem absolutamente nada a temer. Ninguém quer o seu mal.

[...]

– [...] Você é grotesco, absolutamente grotesco. Você é como toda essa gente que acha que porque os alemães estão aqui elas vão ser detidas. Elas não fizeram nada e, mesmo assim, ficam entrando na toca. Querem se tornar interessantes. Ninguém ouviu falar delas, ninguém se importa com elas, mas elas se escondem, fazem todo tipo de afetação. Um homem inteligente como você cair nesse embuste é mesmo uma infelicidade. E o mais hilário é que elas acabam sendo presas de verdade. (BOVE, 2005, p. 956)

Em capítulo brilhantemente intitulado *O não pensamento em nome da normatividade*, Butler chama a atenção para a existência e os efeitos perversos de um “horizonte ontológico no qual a coerção estatal parece necessária e justificada” (BUTLER, 2015, p. 213); de “modos de inteligibilidade que favorecem o funcionamento do Estado” (BUTLER, 2015, p. 213) e de sua atividade repressiva. Apesar de Yolande não estar defendendo explicitamente a repressão estatal, sua postura legitimadora em relação a esta é notável, aproximando-a do fenômeno que descreve a filósofa. Escorada em seu aspecto mediano, e num não-pensar que no contexto de *A armadilha* tende a assumir aparência de escândalo, ela escarnece daqueles que entram “na toca” para se salvar da polícia. “Ninguém ouviu falar delas, ninguém se importa com elas, mas elas se escondem”.

Ora, quem não se importa com elas é aquela que o diz, pois se ela mesma sabe “que elas acabam sendo presas de verdade”, e o acha “hilário”, é porque já escolheu em quem acreditar. E ela diz o que diz a partir de sua posição de conforto, de quem não levanta e nem quer levantar suspeitas, que jamais correria o risco “de ser reprimida e ficar mal marcada”. Simpatizante de Hitler desde antes da guerra, ela certamente não é afeita a pôr-se no lugar das minorias, o que também transparece nos comentários feitos ao marido. Ao dizer que Bridet “não tem absolutamente nada a temer” pois ninguém quer o mal dele, e partir daí para o escárnio de “toda essa gente que acha que porque os alemães estão aqui elas vão ser detidas”, ela demonstra julgar o presente de maneira extremamente limitada, baseada num horizonte assaz restrito, que não vai muito além do próprio umbigo.

[...] Na França, as reações teriam sido certamente muito mais vivas se os alemães tivessem feito reféns entre os notáveis, como no passado era de uso. *Ao executarem judeus ou comunistas, eles buscam suscitar, não sem um certo sucesso, uma resignação cúmplice.* Acrescentemos que [...] sua política deixa espaços de liberdade [...] no domínio da cultura e do divertimento, os quais encorajam ilusões de normalidade. O que teria sido se eles tivessem, como na Polônia, fechado os colégios, as universidades, os cinemas, os teatros, as editoras? Tudo isso retém uma grande parte dos franceses em sua concha até o fim. (BURRIN, 1995, p. 195, Grifos meus)

“Nós temos agora um bom período de paz diante de nós. A Alemanha será tão forte!” (BURRIN, 1995, p. 28), festeja o escritor Paul Léautaud<sup>169</sup> em meados de junho de 1940. Imigrante polonês, Andrzej Bobkowski testemunha em seu diário a frase retrucada por uma companheira de trabalho fabril ao ouvi-lo evocar a vontade de escapar para a Inglaterra: “é preciso ganhar nossa vidinha e pronto, é tudo” (BOBKOWSKI, 1991, p. 178)<sup>170</sup>. Os enunciados conformistas, apaziguadores, ingênuos e egoístas de Yolande se assemelham a muitos escutados na França de então. Ao apresentá-los em sua montagem, Bove retira o terreno firme e pacífico que eles procuram e os mostra partícipes de uma atmosfera em que perseguições e violências atrozes eram vistas sem ser enxergadas enquanto tal.

Preso na *Santé*, o protagonista sofre uma armação de agentes policiais franceses, que ao revistá-lo lhe enfiam no bolso panfletos comunistas. Ao contar isto a Yolande, ela lhe diz achar “inusitado”. “Por que você acha que colocariam panfletos no seu bolso? Quando se sabe que alguém é um bandido e não se tem as provas, eu entendo. Mas não é o seu caso. Os policiais estavam com os papéis regularizados.” (BOVE, 2005, p. 976). “Você chama isso de regularizado?” (BOVE, 2005, p. 976), rebate Bridet, num questionamento que poderia estender-se ao contexto todo de *A armadilha*. Sua esposa acredita tanto nas boas intenções da polícia, cujos crimes toma como procedimentos necessários à contenção de seres mal-intencionados, que custa muito a acreditar nele<sup>171</sup>.

A naturalização absurda da tirania das autoridades por parte dela chega a seu ápice quando Bridet, levado pelos nazistas ao campo de internamento de Venoix mesmo após ter sido absolvido por um tribunal francês, tenta alertá-la do perigo que corre.

[...] Tinham lhe contado que, a cada três ou quatro dias, um oficial alemão vinha confabular com as autoridades do campo e que, quase sempre, na sequência destas visitas, um dos internos era chamado ao escritório. No dia seguinte, ele ia embora e ninguém mais

<sup>169</sup> O mesmo que escrevera sobre *La coalition* “Que loucura escrever um livro desses. [...] A gente vê a si mesmo numa decadência desse tipo. São livros que é melhor não ler”! (COUSSE; BITTON, 1994, p. 123-124)

<sup>170</sup> Inscrição de 16 de dezembro de 1940.

<sup>171</sup> “Essa história lhe parecia inacreditável, mas ela não podia duvidar de seu marido” (BOVE, 2005, p. 976).

ouvía falar a seu respeito. Bridet não estava nem um pouco seguro de que esta aventura não lhe sucederia um dia. Tratavam-se, aparentemente, de indivíduos que os alemães obrigavam a comparecer frente aos seus tribunais. Com os franceses, era possível ao menos ter esperanças de se salvar, mas com os alemães...

Yolande respondeu com segurança que ele não devia se inquietar. Aqueles que os alemães assim requisitavam certamente não eram anjinhos. Provavelmente, devem ter ficado sabendo que eles pertenciam a grupos de resistência ativa. Talvez tivessem até participado em atentados. Mas ele, uma vez que não tinha feito nada, podia deitar a cabeça no travesseiro sem grandes preocupações. Os alemães não batiam ao acaso, eles sabiam perfeitamente o que estavam fazendo (BOVE, 2005, p. 987).

A crença de Yolande na proibidade das autoridades nazistas é execrável. Para além disso, é interessante notar como Bove respeita a cronologia histórica, inserindo apenas pela segunda vez, agora já ao fim do livro, a palavra “resistência”<sup>172</sup>. E esta é mencionada, nas duas vezes, como algo que o casal fantasia, cada um à sua maneira. Assim, antes de passar para a zona ocupada, Joseph Bridet se alegra com o sucesso do acerto com o leiteiro atravessador. No entanto, há algo que lhe frustra.

Os dois homens apertaram-se as mãos. Bridet estava contente. Tudo se arranjava, e ele não precisava mais fazer nada. Assim mesmo, estava, no fundo, um tanto quanto decepcionado. Não porque tivesse pago oitocentos francos por ele e por Yolande, nem porque teria de dar uma soma similar no dia seguinte aos atravessadores. A verdadeira causa de sua decepção era que este acordo clandestino tivera, acima de tudo, um ar de negócio comercial. Teria sido tão mais reconfortante, tão mais nobre, que esse leiteiro fosse o patriota que se dizia, que ele só aceitasse dinheiro na medida em que precisasse, que sua ação fosse uma manifestação espontânea e desinteressada de resistência e que não se sentisse que ele tirava um proveito pessoal da situação infeliz de seus compatriotas. (BOVE, 2005, p. 952-953)

Até o encerramento do romance, ou seja, até a morte de Bridet, ele alimenta ilusórias esperanças de que o nascimento em solo francês assegure algo em termos de ética, solidariedade, dignidade, compaixão, resistência. “Com os franceses, era possível ao menos ter esperanças de se salvar, mas com os alemães...” (BOVE, 2005, p. 987); “em Paris, eu encontrarei franceses, franceses diferentes, franceses inteligentes. E os alemães estão por lá. Haverá ao menos solidariedade entre os franceses” (BOVE, 2005, p. 948). Ele crê que diante do ocupante as reações se unificarão, que a indignação se

---

<sup>172</sup> A primeira data mencionada no romance é 4 de setembro de 1940, quando a ação do livro se inicia (BOVE, 2005, p. 864). Bridet estava em Lyon há três meses. A última data citada é 15 de março de 1941, já perto do fim do livro. Após isso, a narração indica a passagem de dias, semanas, uma quinzena e, por fim, mais uma semana, levando-me a estimar o encerramento da ação em meados de maio de 1941. Nesse período, a resistência era ainda muito incipiente e seus pequenos grupos desconectados entre si, o que ajuda a explicar o isolamento de Bridet. Porém, aos poucos, a atividade resistente foi ganhando maior vulto, tornando-se fator importante na França ocupada. A grande guinada se deu a partir do fim de 1942, início de 1943, com a unificação das redes resistentes interna e externa, atribuída sobretudo a Jean Moulin. O enredo de *A armadilha* desenrola-se, portanto, antes dessa guinada. Para mais, ver: WIEVIORKA, Olivier. *Histoire de la Résistance 1940-1945*. Paris: Perrin, 2013.

voltará numa só direção, que o sofrimento pessoal e a desgraça nacional significarão coesão na luta<sup>173</sup>.

Por mais estranho que possa parecer, quando Bridet adentrou a zona ocupada, ele experimentou um profundo alívio. Na cafeteria da pequena estação em que ele aguardava o trem para Paris, contudo tão semelhante àquela onde passara horas do outro lado da linha de demarcação, ele se sentiu invadir pela ternura do exilado que enfim reencontra seus compatriotas. Estava orgulhoso de trocar palavras insignificantes com a moça do caixa, com os funcionários da estação e os viajantes. Estava falando com franceses que compartilhavam de seu destino. Ele até mesmo lhes escondia de forma pueril que estava vindo da zona livre, tão vergonhoso lhe parecia ter sido poupado dos sofrimentos comuns. (BOVE, 2005, p. 938)

Mas a decepção nunca tarda a aparecer. Seja a ideia de uma comunidade oriunda do sofrimento, aliás curiosamente próxima da retórica de Pétain, seja a de um suporte inequívoco e desinteressado aos compatriotas, as presunções do protagonista mostram-se enganadas.

“E, como um idiota, pensou, eu imaginei que, ao vir para cá, encontraria pessoas que apenas fingiam ser favoráveis aos aleméras, mas que, por baixo dos panos, me ajudariam... Que estaríamos entre franceses, que apoiáramos uns aos outros.” (BOVE, 2006, p. 887-888)

[...]

Bridet passou o dia seguinte a rever seus amigos. A recepção que lhe foi destinada o decepcionou. Ele constatou que os laços de amizade devem ser muito fortes para resistir a uma desgraça nacional. *Ele acreditara que tamanho infortúnio teria feito com que todos pensassem e sentissem de maneira semelhante*. Oras, a cada visita que fizera, ele tivera a surpresa de encontrar-se em presença de um homem que parecia ser vítima de uma desgraça particular e, quando tentara atenuar a dor de seu interlocutor ao dizer que sofria tanto quanto ele, este homem o escutara distraidamente, sem tirar desta comunidade de sofrimento o menor alívio. (BOVE, 2005, p. 939-940)

Enquanto entidade de apego e categoria de pensamento, enquanto pátria, enquanto prisma, a França não faz senão complicar a situação de Bridet, dando-lhe ilusões e levando-o a seguir caminhos nos quais jamais obterá sucesso. Querendo evadir-se, ele vai ao centro, à ex-capital, tudo para encontrar “franceses inteligentes”. Trata-se, no entanto, de uma época em que a inteligência, como convencionalmente entendida e situada, traz tão pouca serventia quanto o patriotismo em matéria de resistência.

---

<sup>173</sup> E é assim que ele lê qualquer sinal que se encaixa em sua expectativa. Chegando em Paris, ele observa: “Devido à falta de meios de locomoção, uma enorme multidão apressava-se em certas bocas de metrô. Certas ruas estavam atulhadas de pedestres, enquanto que outras, no entanto tão próximas, encontravam-se desertas. *Essa obrigação em que todos se encontravam de fazer a mesma coisa dava já uma primeira ideia da ocupação*. Mas o que impressionou Bridet ainda mais foi a vista, em quase todos os muros, de inumeráveis inscrições, grafites de todos os tipos através dos quais se revelava o *espírito contestatório dos parisienses*. Uma grande tristeza se desprendia desses inofensivos ‘morte aos aleméras’. Sentia-se que era a única liberdade que não pudera ser arrancada dos parisienses e que eles se utilizavam dela para ao menos fazer alguma coisa” (BOVE, 2005, p. 938-39). Este excerto é ilustrativo. Bridet acredita que a restrição das liberdades, como a dos meios de locomoção, canaliza as atitudes, assim como o faria uma espécie de essência contestatória parisiense.

“Agindo na qualidade de capital, Paris, centro pensante, símbolo e obra-prima da França, se oferece e se confia àquele que ofereceu a si mesmo para manter, no meio de uma desordem, de um desastre sem exemplo, a unidade, quer dizer, a existência da pátria” (HEBEY, 1992, p. 44). Assim escreve Paul Valéry em um texto-homenagem preparado para ser lido durante a visita do Marechal Pétain a Paris em 1942<sup>174</sup>. Não cito aqui o poeta para diabolizá-lo. Aliás, ele se prestaria mal ao papel, tendo, a partir do fim de 1942, derivado para o campo da oposição a Vichy<sup>175</sup>. Creio, no entanto, ser interessante mostrar o quanto o apego à pátria e, sobretudo, à ideia de uma pátria una, dificultava a percepção das situações vividas durante a ocupação. O encantamento advindo da posição de herói então ocupada por Pétain na história nacional certamente turvava ainda mais o discernimento de Valéry. Deste encantamento, Bridet não compartilha, mas é notória sua expectativa de que o patriotismo signifique uma coesão das condutas que jamais se prova na prática.

### **Reprimido, sofreado, morto**

*“A verdade é que os franceses [...] estão reduzidos a uma total impotência. Duas tiranias cúmplices nos vigiam [...]. Estranho regime onde cada um precisa esconder seus melhores pensamentos.” (Jean Guéhenno – Journal des années noires)*

Joseph Bridet ou Joseph *Bridé*? Como observa Morel (2012, p. 31), há uma forte relação entre o nome do protagonista e sua situação. *Bride*, em francês, significa freio de cavalo. Assim, o verbo *Brider*, conjugado no passado composto, *Bridé*, quer dizer figuradamente “refreado”, “reprimido”, “sofreado” (AZEVEDO, 1980, p. 203). Sua sonoridade é idêntica à do sobrenome de Joseph; seu sentido coaduna com a condição deste, do início ao fim do romance. Querendo agir, resistir, Bridet tenta comunicar-se, estabelecer ligações resistentes, mas o tempo todo ele esbarra em limitações.

<sup>174</sup> A visita só ocorreria em 1944, mas a leitura do texto foi mantida (HEBEY, 1992, p. 44).

<sup>175</sup> Valéry foi membro do *Comité National des Écrivains*, importante órgão de resistência intelectual (SAPIRO, 1999, p. 523). Além disso, atuou como dissidente na *Académie Française*, instituição alinhada com o governo de Pétain (que era um de seus membros).

Como argumentei na sessão anterior, algumas destas tem a ver com seu baseamento em pressupostos que se mostram falhos e que confundem suas avaliações. Contudo, é fato que antes de estes entrarem em cena, o poder contra o qual ele anseia lutar já se instalara e principiara sua repressão. Igualmente, estabelecera-se a incerteza quanto às posições de todos, potencialmente favoráveis ao poder repressivo. Assim, já no *incipit* aparece, junto à vontade de evasão, a dificuldade de comunicar-se, a desconfiança em relação àqueles que se cruza e uma sensação de grande impotência<sup>176</sup>.

À medida que o enredo avança e que o plano de Bridet, logo iniciado, já começa a malograr, o medo vai lhe consumindo. Os prédios que ele adentra, as pessoas dentro do poder que contata e que lhe contatam sem que ele entenda por que, vão formando do governo e de sua administração uma imagem labiríntica, ou de uma espécie de teia que uma vez tocada não permite desprender-se. As sucessivas aparições da polícia, sua relação nitidamente permeável, mas ainda assim nebulosa, com o aparato repressivo nazista, só fazem aumentar a inquietação.

Contribui também para crescê-la o temor de uma delação. Mesmo acreditando estar diante de alguém que compartilha de sua dissidência, Bridet estremece pensando em tal possibilidade. Assim, encontros ocorrem nos quais tem a sensação de haver cruzado um parceiro potencial. Entretanto, a comunicação, se chega a ocorrer, se dá num aperto, num apuro tamanho que não se presta de fato a criar verdadeiro laço. Cada um segue seu caminho e fica apenas na imaginação o que poderia ter sido e que não pôde ser. Por

---

<sup>176</sup> “Desde sua chegada em Lyon, Bridet procurava um meio de passar para a Inglaterra. O que não estava fácil. Ele empregava seus dias correndo por todo lado onde pudesse haver uma chance de encontrar amigos que ainda não tivesse revisto. Frequentava a cervejaria próxima ao grande teatro, onde se reuniam os jornalistas ditos vira-casacas, caminhava pela Rue de la République, tratando de descobrir nos terraços dos cafés figuras conhecidas, retornava ao hotel mais de uma vez por dia com a esperança de encontrar uma carta, um pedido de encontro, um sinal enfim do exterior.

Mas naquela horda que invadira a cidade, em meio às dificuldades vivenciadas por cada um, entre todas as pessoas que, se em Paris se conheciam, não se frequentavam, não existia espaço para o menor sentimento de solidariedade. As mãos se apertavam no esforço de manter um ar tão contente no décimo encontro quanto no primeiro, simpatizávamos na imensa catástrofe fingindo crer que o infortúnio une mais do que divide, mas a partir do momento em que, cessando de falar da miséria geral, tentávamos interessar alguém em nosso pequeno caso particular, nos encontrávamos em frente a um muro.

Bridet voltava à noite extenuado. Para conservar seu quarto, tinha de simular a cada semana uma partida, os hotéis estando reservados aos viajantes de passagem. “É um tanto quanto ridículo, pensava, não ter encontrado ainda, após três meses, uma maneira de escapar. Isto está até mesmo se tornando perigoso.” Todo mundo já desconfiava de que queria ir embora. Nada revela mais nossas intenções do que uma longa impotência. Ao pedir sempre muito nunca sem obtê-lo, acabamos passando de nós mesmos a ideia de que jamais teremos sucesso, de que pertencemos àquela categoria um tanto ridícula de homens cujos desejos são demasiado grandes para suas possibilidades” (BOVE, 2005, p. 863-864).

exemplo, quando, depois de detido por não ter dado o nome à ficha que o hotel, obrigatoriamente, disponibilizava à polícia nas batidas desta, Joseph se depara com um delegado de comportamento atípico.

– Vejo que você é jornalista. Com quais jornais você colaborava?

– Com os jornais *Le Journal* e *Figaro*.

– O *Le Journal* está agora em Lyon, não é mesmo?

– Sim, Senhor.

– Você ainda faz parte?

– Não, Senhor.

– Por quê?

– Pois não estou interessado em trabalhar nas condições atuais.

– No entanto, o *Figaro*...

O delegado ficou em silêncio. Levantou os olhos. Neste momento, o olhar dos dois homens se encontrou. Bridet teve então a impressão de que o delegado o aprovava.

– Você sabe por que você está aqui, continuou.

– Não, disse Bridet.

– Seu nome não estava presente no registro de polícia do hotel.

O delegado deu um sorriso que dava a entender que ele mesmo achava este motivo pouco convincente.

– O que é que você quer? Os inspetores são obrigados a fazer o que mandam, prosseguiu o delegado. Eu também, aliás. Tome aqui seus documentos. Vou dar ordem para que o liberem.

– Eu lhe agradeço.

Mais uma vez o olhar dos dois homens se encontrou. E agora Bridet não teve mais nenhuma dúvida. Estava tratando com um francês<sup>177</sup>. Sentiu entre o delegado e ele uma espécie de secreta cumplicidade.

– Eu lhe agradeço, repetiu.

– Oh! Não me agradeça. É completamente natural. Nós nos compreendemos, não é mesmo? Você terá apenas de voltar à sala. Eles irão notificá-lo.

O delegado se levantou, estendeu a mão um pouco negligentemente, sem dúvida para não se comprometer em demasia, pois, *afinal de contas, ele podia se enganar a respeito de Bridet* e, ao reconduzi-lo, disse aos dois guardas que tinham assistido a entrevista: “O Sr. Bridet será solto em breve.”

---

<sup>177</sup> Aí está mais um exemplo da essencialização que Bridet opera em sua mente a cada vez que lhe surge a oportunidade e que não ajuda em nada na compreensão dos eventos. Ao retornar ao hotel após ser liberado pelo delegado “francês”, em outra cena envolta pelo temor, o protagonista faz uma leitura similar do proprietário, cuja conduta lhe surpreende positivamente: “Ele avistou o proprietário. E temeu que este lhe fizesse algum comentário, que quisesse responsabilizá-lo pelos incômodos que o hotel poderia vir a ter com a polícia. Mas nada disto ocorreu. O proprietário fez-lhe um simples sinal amigável no qual se percebia a satisfação em ver seu cliente livre. Tal atitude fez bastante bem a Bridet. Era reconfortante ver franceses deixarem seu interesse particular atrás da solidariedade que se devem homens nascidos no mesmo solo.” (BOVE, 2005, p. 897)

Havia menos gente no salão. Bridet sentou-se em um banco. Fazia vinte minutos que ele aguardava quando o secretário com quem ele falara há pouco tempo sobre a pobre moça estacou-se diante da porta. Fingindo não ter visto Bridet, ele chamou: “Sr. Bridet, por favor!”

Bridet ergueu-se.

– O Sr. Delegado me encarregou de dizer, continuou o secretário, que ele acaba de receber neste instante a ordem da Direção Nacional da Polícia Nacional para liberá-lo imediatamente e apresentar-lhe desculpas. Eu o faço, da parte do delegado, e anuncio que o Sr. está livre...

Uma onda de calor lhe subiu o corpo até a cabeça. Por um instante, Bridet ficou imóvel. Recompondo-se enfim, disse: “Eu lhe agradeço, eu lhe agradeço... mas será que eu não poderia falar com o Sr. Delegado?”

– Eu lamento, disse secamente o secretário, mas o Sr. Delegado não tem tempo para recebê-lo. (BOVE, 2005, p. 894-895, Grifo meu.)

Como se nota, nem o delegado, e muito menos o protagonista, estão munidos de coragem suficiente para serem explícitos em sua comunicação. Porém, ao que tudo indica, e como o próprio Bridet mostra interpretar ao fim do diálogo – o que não basta para fazê-lo agir, tamanho é seu temor de dar um passo em falso e comprometer-se –, o delegado procura indicar a ele, dando algumas pistas, ser um dissidente. “No entanto, o *Figaro*...”. O *Figaro* “faz figura de refúgio da oposição em zona não-ocupada”, afirma a socióloga Gisèle Sapiro (1999, p. 31). Será que é isto que o delegado quer sinalizar sem ousar dizê-lo até o fim? Será que a compreensão mútua aludida por este significa realmente um consenso político?

Seja como for, a ocasião passa, pois o medo emperra a conversa. E essa não é a única. Muito mais importante para o enredo é o fracasso da comunicação entre Bridet e Basson<sup>178</sup>. É outro insucesso que se dá pelo triunfo da suspeita e do temor. Se o protagonista sequer desconfia de que o antigo amigo agregado à polícia vichysta é gaullista, este, por sua vez, aparentemente percebe de pronto a falsidade do marechalismo do outro. E mostra, então, sua descrença, provavelmente na intenção de estabelecer uma conversa aberta, de gaullista para gaullista. Ora, a reação desesperada de Bridet é aumentar a ênfase de sua atuação. Diante da incompreensão do amigo, Basson desiste de comunicar-se, provavelmente prognosticando que, tão desajeitado, Joseph acabaria prejudicando ambos (BOVE, 2005, p. 869-873).

Essa incerteza em relação ao outro, e a incomunicabilidade que a acompanha, é uma marca no romance. A linguagem, os símbolos, as ideias, os agentes policiais pétainistas são quase onipresentes, mas como saber ao certo os quinhões em que não

---

<sup>178</sup> Ver nota 18.

imperam? Seu espalhamento parece ilimitado, mas certamente não é total. No entanto, como estar seguro de discernir onde a dissidência se aloca? Para existir, ela se esconde, se disfarça, aceita constrangimentos, convive com o próprio silêncio, e, a julgar por Bridet, fala inclusive o que não pensa.

Como flanava por uma passagem, Bridet adentrou uma espécie de bazarzinho elegante onde se vendiam suvenires de Vichy, cartões postais, cálices em estojos de vime escurecido. Bridet pediu de maneira bem teatral para ver as machadinhas<sup>179</sup>. Era para presentear uma moça. Queria uma de vidro colorido, se possível.

– Nunca tivemos este artigo.

– Como é possível? exclamou Bridet com um ar indignado. Eu as vi em Clermont-Ferrand, Lyon, Saint Etienne e não veria aqui, em Vichy?

– Não, senhor. Mas nós temos vários outros artigos. Este broche não lhe agrada?

– Oh! Que ideia maravilhosa! É a primeira vez que vejo um desses, disse Bridet, examinando por todos os lados um brochezinho que representava o quépi e o bastão do Marechal com as sete estrelas. Deste aqui eu quero dois. E será que você não teria também uma fotografiazinha diferente de Pétain que eu pudesse carregar comigo?

– Não, senhor. Temos apenas os retratos que o senhor viu na vitrine, ou então os cartões postais que todo o mundo conhece.

– É aborrecedor, disse Bridet.

Neste momento, ele notou que a vendedora se segurava para não dar risada. De repente, ela sumiu e outra vendedora veio substituí-la.

Bridet fez como se não tivesse percebido nada, mas, quando saiu da loja, disse em voz alta e de maneira a ser escutado pelos passantes: “Decididamente, os franceses ainda não entenderam nada e o futuro lhes reserva um bocado de desilusões.” (BOVE, 2005, p. 880-881)

As referências então podem estar baralhadas. Nesta cena, Bridet interpreta o vichysta convicto, certo de que a pequena loja de suvenires da nova capital é um bom lugar para intensificar seu teatro. Evidentemente, ele só o faz por acreditar-se vigiado, por estar com medo a todo momento. Assim, a atmosfera de suspeita e perseguição que paira no país adentra com ele no bazarzinho. Mas a vendedora, que decerto não fora atrás da polícia para tentar convencê-la de nada, que provavelmente não tivera grandes dissabores com a atividade repressiva do Estado, que não sente nenhum medo de Bridet, não consegue segurar a risada. Imaginando-se rodeado apenas por marechalistas na cidade de Vichy, Bridet anula de antemão qualquer possibilidade de interação sincera com alguém que compartilhe de suas distâncias em relação ao Governo. Mas além do riso, que resultado terá ele gerado naqueles com quem interage? Será que seu teatro não terá infligido medo em algum resistente ou opositor? E um judeu, um franco-maçom ou um

<sup>179</sup> No original, *francisques*, tipo de machado utilizado como insígnia do Marechal Pétain e do Estado francês.

comunista, o que terá sentido se o houver escutado bradar pela sua extinção? Terá captado a falsidade de suas palavras?

Pertencem, provavelmente – e com certeza no caso do judeu David Grunbaum –, a estes grupos<sup>180</sup> os que estão ao lado de Bridet no pelotão de fuzilamento. Apesar de francês mediano, ele morre como minoria, barbaramente assassinado por agentes de dois Estados em conluio. Sem nenhuma prova que o incrimine. Significativamente, no meio das vítimas da injustiça e da matança estatal, ele figura, diz a narração, “como um estranho (*étranger*)”. E ao passo que seus carrascos compatriotas parecem proscrever-se de julgar as próprias atitudes em favor do “interesse superior da França”, ele a saúda com um “viva” entre as últimas palavras que seleciona.

Os franceses que acompanhavam os oficiais olhavam fixamente para frente. Escondiam seu embaraço mantendo-se imóveis. Pareciam estar cumprindo um dever que a alta consciência que eles tinham do interesse superior da França proscrevia julgar.

- Estejam prontos para se posicionarem à minha direita quando seus nomes forem chamados, disse o alemão, como se estivesse se dirigindo a homens cuja coragem, por mais vergonhoso que tivesse sido seu comportamento, não se podia colocar em dúvida.

Como ninguém se pusera em posição de sentido, ele completou: “coloquem-se em posição de sentido.” Ele queria que o assassinato que se preparava parecesse estar se desenrolando de acordo com as regras normais. Os prisioneiros obedeceram. Dois deles jamais tinham sido soldados e o fizeram de forma desengonçada.

- Bouc Maurice, iniciou o oficial alemão.

- Poupet Raoul.

- Grunbaum David.

Um incidente extraordinário se produziu neste instante. Após ter pronunciado o nome de Grunbaum, o alemão virou-se ligeiramente e cuspiu no chão, fazendo diversas vezes “pif, pif”, mas de tal maneira que pareceu aos olhos de todos que ele não pretendia manifestar publicamente seu desgosto pelos judeus, mas sim preservar-se supersticiosamente de uma mácula.

- De Courcieux Jean.

- Bridet Joseph.

Bridet ficou assombrado. Seu nome fora simplesmente pronunciado e, no entanto, tudo estava acabado.

\*\*\*

Os reféns foram conduzidos a um pavilhão especialmente arrumado para recebê-los. Outros já se encontravam ali. Estavam cantando. Ante a vinda dos recém-chegados, interromperam o canto e injuriaram as sentinelas. A iminência da morte os livrara de qualquer temor. Quando a porta fechou-se de novo, eles se repuseram a cantar, acompanhados agora pelos recém-chegados. Mesmo com a garganta apertada, Bridet cantou também. Em seguida, eles pararam. Confabulações foram feitas. Não era possível

---

<sup>180</sup> Ou a alguma outra das minorias perseguidas no período, como os ciganos e os homossexuais. Para mais, ver: PESCHANSKI, Denis. *Les Tsiganes en France 1939-1946*. Paris: CNRS Éditions, 1994; BERTRAND, Mickael. *La déportation pour motif d'homosexualité en France*. Paris: Mémoire active, 2006.

que os fuzilassem. O Capitão Lepelletier fizera alguma manobra. Ninguém o vira nos dois últimos dias. Esperanças nasciam. À agitação, porém, seguiu-se um profundo abatimento. Neste momento, ninguém mais falava. Todos escreviam. Bridet era o único que não. Suas forças tinham se esvaído e escrever seria ainda mais difícil do que cantar já fora. Porém, a despeito de si mesmo, era preciso que fizesse o que todos faziam.

“Minha querida Yolande, começou ele. Serei fuzilado em breve.” Mas parou, horrorizado com o que acabara de escrever. Alguns minutos mais tarde, como seus vizinhos continuavam escrevendo, retomou: “Um beijo no seu coração. Você sabe que eu lhe amava muito. Queria ter podido vê-la uma vez mais.” Ia traçando lentamente estas palavras pensando em Yolande, pensando no que sentia por ela. Porém, a cada instante ele via a morte e era obrigado a interromper-se. E então não mais compreendia a razão pela qual estava escrevendo. “Dê meus livros a meu irmão quando ele for libertado. E, naturalmente, guarde aqueles que você quiser. Vá ver minha mãe. Mas não lhe diga o que me aconteceu. Dou-lhe ainda mais um beijo, meu amor. Viva a França. E você, minha Yolande, seja feliz.”

E se pôs a chorar. O que dizia era tão pouca coisa perto do que poderia ter dito se não tivesse de morrer. Embora amasse Yolande mais do que tudo no mundo, não podia mais dizer-lhe isto. Escreveu ainda: “te amo, te amo.”, como uma criança no fim de uma carta.

Em seguida, se levantou e aproximou-se de um homem ruivo que tinha sardas em volta dos olhos. Sentira, quase que de imediato, uma simpatia por ele. Este rapaz estava sentado, as mãos pendendo entre as pernas, completamente indiferente ao que se passava. Bridet segurou-lhe uma das mãos. Este contato era como água fresca passada nas têmporas. Ser fuzilado assim, segurando esta mão, seria menos terrível. Mas iam pensar que eles estavam com medo. E lhes mandariam morrer como homens. Bridet a soltou.

Às três horas, o padre de Venoix adentrou o campo. Vinha acompanhado por oficiais alemães, por civis e por um capitão da polícia. Eles caminhavam lentamente, como que para retirar da execução um caráter de precipitação que teria algo de bárbaro. Mas era possível sentir que eles tinham pressa e que, no fundo deles mesmos, tinham apenas um pensamento: acabar com aquilo o mais rápido possível.

Às 4h:10, os reféns foram reunidos na frente dos escritórios. Um caminhão manobrava um pouco adiante para posicionar-se na boca da estrada, no que era atrapalhado por outro caminhão cujo motor não estavam conseguindo fazer funcionar. Os alemães se agitavam. Este pequeno transtorno aparentemente bastara para fazê-los esquecerem da razão pela qual estavam ali. Não foi preciso mais para fazer renascer um pouco de esperança. “Recuem”, disseram eles aos reféns. “Será que vocês querem uma mão?” gritou um destes, tentando assumir um tom zombeteiro, mas sua voz teve algo de tão trágico que ninguém pareceu escutá-lo.

Bridet estava entre os reféns, mas apagado, como um estranho, nem um pouco visível ao lado daqueles que, a todo instante, começavam a cantar sem jamais terminar a canção, ao lado daqueles que por vezes saíam gesticulando do grupo, fazendo apelos à justiça dos homens, buscando provocar não se sabe que incidente na sequência do qual seria agraciado. Ele estava para trás, mas não como no colégio ou no regimento. Mesmo estando atrás, não estava esquecido.

Procederam a um chamado. O acaso fez com que o nome de Bridet fosse o último a ser pronunciado e que, durante todo tempo que durou esta formalidade, ele mantivesse a esperança de não ser chamado, de que no último momento um incidente jurídico (o fato de que entrara na lista de execuções enquanto que legalmente ele não deveria mais fazer parte do campo) se produziria.

Para subir no caminhão, mesmo ajudado, era preciso fazer um esforço físico. Bridet fraquejou. Seus camaradas tiveram de içá-lo. Ao longo do caminho, os solavancos tiraram-no da prosternação. O tempo estava soberbo. Bridet mirava o sol sem que este lhe causasse o menor incômodo nos olhos. Seria a morte iminente? Mas este sol parecia-lhe viver intensamente no azul do céu, seus raios como flamas se esticando e retraindo-se sem cessar.

Bridet pensava que não teria mais força para descer do caminhão do que tivera para subir. Foi neste momento que uma ideia extraordinária lhe veio à mente, uma dessas ideias simples que, de acordo com a nossa própria disposição, parecem geniais ou insignificantes. Ela fez com que ele recobrasse bruscamente suas forças. Esta ideia era a de que, fizesse o que fizesse, ele não podia mais escapar da morte e, uma vez que era preciso morrer, melhor morrer corajosamente.

E foi o que ele fez.

\*\*\*

Na manhã do dia seguinte, mulheres de Venoix vieram pôr flores nos túmulos. Elas voltaram à noite e nos dias subsequentes, cada vez mais numerosas. Os túmulos logo desapareceram debaixo das flores. Os alemães não as impediam. Porém, como estas manifestações estavam ganhando um tom hostil, como elas não pareciam mais ditadas pela lembrança, mas por uma vontade de provocação, da chefatura chegou a ordem de proibi-las. Dois guardas armados foram posicionados na entrada do cemitério. As mulheres tentaram passar assim mesmo. Eles repeliram-nas suavemente, convidando-as a se acalmarem com um tom afável não muito delicado em tal circunstância. “Vamos, minhas senhoras, não fiquem irritadas, vamos, andem, não insistam, vocês têm mais o que fazer lá na casa de vocês.” Como elas permaneciam imóveis a alguns passos, um dos guardas virou-se em direção ao cemitério e olhou os túmulos com ar de impotência em relação ao destino. Em seguida, disse: “Vejam só, está terminado. Tudo o que vocês fizerem não mudará em nada a sorte deles. Vamos, boas senhoras, voltem para as suas casas.” E o outro guarda completou: “já fazem dez dias”, gesticulando que a vida continuava.

Nesse momento, uma mulher se destacou. Tinha um rosto magro, de belos olhos azuis. Era grande e um pouco curvada. Levava nos ombros um lenço negro de tricô. Aproximou-se dos dois guardas e, de repente, como que em meio a um ataque de nervos, pôs-se a brandir os punhos e a bater neles como contra um muro. E sapateava ao mesmo tempo. Eles tentaram controlá-la. Perdendo, então, todo controle de si mesma, ela agarrou-se em seus talabartes, na bandoleira de seus fuzis, na correia de seus capacetes, deu-lhes chutes e arranhões. E gritava, ao mesmo tempo: “assassinos, assassinos!” (BOVE, 2005, p. 998-1001)

Como se nota, até muito próximo de sua morte, Bridet tem ainda alguma fé na justiça. Tem esperança de que um “incidente jurídico” possa salvá-lo, de que a legalidade o proteja, separando-o do destino de seus vizinhos de pelotão. Mas não, isto não ocorre. Ele é assassinado como os outros, como muitos outros inocentes naqueles “anos sombrios”<sup>181</sup>.

“Assassinos, assassinos!” Gritam as corajosas mulheres que desafiam o silêncio que as autoridades tentam lhes impor. E é como se Bove gritasse com elas, se contrapondo a um ocultamento e a um oblvio que ele parece prever. “Vejam só, está terminado. Tudo o que vocês fizerem não mudará em nada a sorte deles”, diz o guarda. E é como se Bove respondesse que o que pode mudar são as narrativas em torno de tal sorte. É a aparência de legalidade, normalidade, ou correção, com a qual os algozes e seus cúmplices tentam revestir o fuzilamento, que o autor contesta com essas palavras. Inseridas ao fim de um

---

<sup>181</sup> *Années sombres*, ou “anos sombrios”, é uma das maneiras convencionadas para referir-se ao período de ocupação alemã na França.

romance – e de um conjunto de livros<sup>182</sup> – no qual descortina diversas vezes a circulação e a perversidade de discursos que imputam a alguns as razões das mazelas de uma sociedade, elas têm um efeito de redirecionamento da culpa.

Georges Hyvernaud e os estudantes de Shoshana Felman, mencionados no início deste capítulo, vivenciaram uma sensação de desconexão abrupta em relação ao mundo, algo que lhes era, talvez, inédito. “Busquem, ao contrário, *as conexões*” (FELMAN, 2000, p. 65, grifo da autora), relata Felman ter proposto aos alunos desejando trazê-los “de volta à significação” (FELMAN, 2000, p. 61). Ora, essa desconexão e essa busca, Bove parece tê-las vivido constantemente em sua vida. A pobreza extrema, a falta de teto fixo, a pertença cindida a um país e a uma cultura, a experiência da repressão estatal, a necessidade de evasão de um local querido onde se corre risco de morte, tudo isso ele viveu e a tudo isso encontrou nexos em sua obra.

Os que ele deslinda em *A armadilha* são, por certo, desconcertantes à sociedade francesa. As narrativas que esta fomentara durante anos revelam todo seu poder mortífero num momento crítico em que se mostram completamente fora de controle, servindo de alimento a uma política de Estado persecutória e assassina. A obsessão pela manutenção de um mito – a França eterna, vitoriosa – figura como o terror de todos aqueles que não são identificados como a ele pertencentes, os vencidos. E é com eles que se dá o vínculo.

---

<sup>182</sup> *A armadilha* não é o último livro escrito por Bove. *Départ dans la nuit* e *Non-lieu* foram escritos depois. Ainda assim, há aproximadamente uma trintena de livros anteriores e creio ser interessante pensá-los em relação.

## CONCLUSÃO

### MAX JACOB ESTÁ MORTO

Durante todo um inverno, há uma dezena de anos, vi Max Jacob a cada dia. Ele habitava um pequeno hotel na rua Nollet, em Montmartre. E eu morava na rua Hégésippe-Moreau. Nós éramos então vizinhos. É com frequência por razões assim simples que nasce uma amizade. Nós jantávamos juntos toda noite. Tínhamos pego este costume. Porém um dia, de repente, a vida nos separou. E jamais eu revi Max Jacob. Jamais sequer nós nos escrevemos. Tudo findara. No entanto, deve ter havido em nossa amizade algo a mais do que naquela que nasce de uma vizinhança. Eu nunca esqueci aquelas noitadas. E sempre esperei que as circunstâncias permitiriam que nos revíssemos como no passado. Mas Max Jacob está morto. Eu o soube pelos jornais como da morte desse outro grande escritor que era Jean Giraudoux. Tal esperança não se realizará.

Me haviam dito que Max Jacob se retirara em Charité-sur-Loire. Eu o enxergava pintando ou escrevendo longe dos alemães, tão discreto que ninguém mexia.

Mas não, ele estava em Paris. Este detalhe, no fundo sem importância, me abala muito, como me abalou, há meses, a pequena coluna anunciando que Jean Giraudoux fora transportado a uma clínica parisiense. A ocupação alemã confere ao fim destes dois escritores que tanto amamos e admiramos, e que não reencontrarão o país deles livre, algo de trágico. É como se eles tivessem nos deixado sem poder nos falar.

É de costume fazer reviver de modo familiar, contando anedotas, traços de caráter, aqueles que se vão. Mas não me sinto com a coragem. O que eu quis, escrevendo estas linhas, é dizer o quanto é triste quando nosso país está invadido, quando estamos longe de tudo que nos é caro, quando acariciamos apesar de tudo a esperança de reencontrar o que nós deixamos, e vemos a cada dia diminuir nosso bem, e assistimos impotentes a um longo despovoamento.

Max Jacob tinha 58 anos, dez anos atrás, e se acreditava já muito velho. Ele só gostava da juventude. Com seu amigo Guillaume Apollinaire, ele é o poeta que tem a maior influência na jovem literatura francesa, uma influência que se pode comparar àquela que seu outro amigo, Pablo Picasso, teve sobre a jovem pintura francesa. Ele é um dos criadores do movimento dada. Ele é o pai do surrealismo. Todo mundo lhe interessava. Ele descobria nas pessoas mais medíocres dons e qualidades extraordinárias. (COUSSE; BITTON, 1994, p. 221)

Publicado no jornal gaullista *La bataille* em março de 1944, esse obituário carrega vestígios do estado em que Bove se encontrava exilado em Argel, aguardando que sua presença no país no qual nascera, e que amava, deixasse de significar uma probabilidade eminente de morte. A julgar pelo horrível decesso de Max Jacob, que se convertera ao catolicismo quase trinta anos antes, e que pereceu na enfermaria do campo de Drancy antes de ser conduzido a Auschwitz, onde seus algozes pretendiam assassiná-lo, Emmanuel certamente não teria sido poupado por não se identificar como judeu. Por volta de um semestre antes da liberação de Paris, o escritor se mostra conectado com os que lá ficaram.

As palavras de Bove transmitem bem a tristeza que ele afirma querer externar. Ele, que fora diversas vezes ao longo da vida tratado como estrangeiro no próprio país, lamenta o exílio e as separações impostas pelas circunstâncias. Ele não voltará a ver o

amigo poeta e, assistindo a um “longo despovoamento” e ao encolhimento de um “bem” que considera ser também seu, aparenta entrever as ruínas em que reencontrará sua França natal.

“O exílio é uma solidão vivida fora do grupo: a privação sentida por não estar com os outros na habitação comunal” (SAID, 2001, p. 50). Tal característica do exílio permite pensar Bove como uma espécie de exilado interno, uma espécie de apátrida durante toda a sua vida. Como exemplifiquei no capítulo um desta dissertação, Emmanuel não apenas foi vítima de xenofobia e antissemitismo, como também foi recebido frequentemente como um estranho no campo literário francês.

Nesse sentido, sua relação com Max Jacob há de ter lhe tocado fundo. Em minha leitura, a natureza dos primeiros contatos entre eles é aludida de maneira extremamente discreta e modesta na última frase do obituário: “ele descobria nas pessoas mais medíocres dons e qualidades extraordinárias”. Ora, embora Bove não diga, o vínculo entre eles se iniciou antes da vizinhança em Montmartre, com cartas do poeta ao prosador.

Caro Senhor, passei meu domingo a ler seus dois livros. Estou mal posicionado para lhe falar deles pois fiquei muito violentamente emocionado para julgá-los. Dir-se-ia que você traçou a própria imagem da minha vida (sobretudo em *Meus amigos*). *A coalizão* é um grande livro, um livro acontecimento. Você concebeu uma empreitada da qual só você poderia sair: qualquer outro não teria evitado a monotonia, mas aqui a potência evocatória, a escolha dos detalhes tão significativos, prendem mais do que uma intriga balzaquiana ou um drama *à la* Dostoiévsky. Não paro de falar desses dois livros e ponho aí todo o fogo de uma aventura pessoal, tanto eu me reconheço nesse Nicolas que é minha juventude inteira. Até mesmo o suicídio sou eu, já que tentei duas vezes me entregar. Creia em minha completa admiração e permita-me acrescentar sentimentos de viva simpatia muito amigável.”<sup>183</sup> (COUSSE; BITTON, 1994, p. 132-33)

O que outros julgavam um pesadelo, um delírio pessimista, uma produção abjeta, aparecia para Max Jacob como algo próximo, vivenciado, sofrido. Assim, ao invés de repelir, ele comemora aquele conteúdo de tão difícil deglutição. Não há possibilidade nostálgica para tais memórias. O passado que emerge com a leitura de Bove, o poeta não o quer de volta. Sem embargo, ele valora imensamente, a partir da contiguidade que sente, os livros que leu<sup>184</sup>.

<sup>183</sup> Carta enviada em 17 de dezembro de 1928.

<sup>184</sup> E os compara, significativamente, ao cânone. Em mais de uma carta: “*Un père et sa fille* é um dos mais belos livros que conheço. Ele poderia ser de qualquer um dos maiores mestres: ele é seu. Creia em minha profunda admiração.” (COUSSE; BITTON, 1994, p. 135); “Creio que ninguém jamais levou tão longe a análise e não vejo qual rival você tem nesse sentido (falo dos anciãos, mas também dos confrades). Aqui a análise não é um luxo como em Proust [...]. Sua análise não larga o chão por bagatelas de luxo e de arte” (COUSSE; BITTON, 1994, p. 121). Cartas datadas, respectivamente, de 18 de junho de 1928 e 23 de junho de 1931 (esta última a respeito do romance *Journal écrit en hiver*).

Imagino, portanto, fundamentado nos rastros deste afeto, que as noites passadas na casa de um ou de outro tenham oferecido a Bove oportunidades ímpares de diálogo. Ele, cuja postura quieta e reservada é sublinhada repetidamente pelos que o conheceram (COUSSE; BITTON, 1994), devia encontrar no vizinho de Montmartre uma conexão mais fluida. Mas em Argel, ao ser informado de sua morte, ele atina para o aniquilamento desse canal que nos últimos anos não utilizara.

Ao se recusar a fazer Jacob “reviver” como “é de costume” em uma nota de falecimento, ao abster-se de anedotas, ele impele os leitores a concentrar-se na tristeza da situação e a refletir sobre o que a diferencia de uma qualquer. Ao referir-se, por meio de um “como se” tão característico de sua escrita, à incomunicabilidade que sente ter marcado os últimos dias do poeta e de Jean Giraudoux, ele transcende a função social do obituário – de homenagem e informação – para pensar naquilo que a morte levou consigo: “é como se eles tivessem nos deixado sem poder nos falar.” Ao sufocamento das vozes dos escritores mortos, Bove opõe um desejo de escuta, um desejo de ter escutado o que teria sido dito.

Esse desejo, como a esperança de rever o amigo, não pode se realizar. Mas o seu registro no jornal em palavras tão tocantes é um passo dado rumo à sensibilização de outras pessoas. É nesse sentido que grande parte dos escritos de Bove me parece correr. Eles conclamam o leitor ao afeto, direcionando-o amiúde a perspectivas em que o corriqueiro é estranhado em sua violência.

E para operar tal deslocamento, a ficção se presta muito melhor do que um texto de cunho tão limitado quanto um obituário de jornal. É nela, pelo menos, que Bove fazia suas apostas comunicativas. Isto se manifesta de maneira graciosa em outro texto de caráter circunscrito que o autor burla, por assim dizer. À mando do editor Lucien Kra, para a publicação de seu terceiro romance, *Un soir chez Blutel*, em 1927, Bove redigiu um pequeno escrito “autobiográfico”.

#### BIOGRAFIA

Confesso aqui que meu transtorno é um pouco o do ator que, esquecendo de repente seu papel, é obrigado a inventar réplicas ou a se desculpar mal ou bem com os espectadores. O que me pede Lucien Kra está acima de minhas forças, por mil razões das quais a primeira é um pudor que me impede de falar de mim. Tudo o que eu diria seria, aliás, falso. Haveria minha data de nascimento que estaria exata. Ainda assim, seria preciso que o humor do momento não me impelisse a me remoçar ou a me envelhecer. Quem saberia aliás resistir ao prazer de encher a própria biografia de acontecimentos, de pensamentos

baixos, de vontade de escrever apenas com oito anos, de juventude incompreendida, de estudos muito brilhantes ou muito medíocres, de tentativas de suicídio, de condenação à morte num campo de prisioneiros e a graça chegando na véspera da execução? O mais sábio, creio, é não começar. (BOVE, 2005, p. 251)

É, talvez, desse desconforto, dessa impossibilidade de falar de si, a partir de si, e desse ímpeto correspondente de invenção que surgem as ficções de Bove. Não quero dizer com isto que elas componham uma autobiografia dissimulada, mas certamente estão cheias de traços de vidas e mortes testemunhadas, percebidas pelo escritor durante seu trajeto num mundo de conflitos. Não creio que haja, nesse movimento, nem reprodução nem representação, mas apresentação de prismas múltiplos, diferentes, desconcertantes a quem se opõe ao outro, estranho estrangeiro, como um inimigo.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. O que é o contemporâneo? In: AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos. 2009. p. 55-73.
- ALBERT, P. Candide. In: CLAUDE BELLANGER (Ed.) ; *Histoire générale de la presse française, tome III, 1871-1940*. Paris : PUF, 1972.
- ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas*. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- AZÉMA, J-P ; RIOUX, J-P ; ROUSSO, H. 27) Les guerres franco-françaises [Editorial] *Vingtième Siècle: revue d'histoire*, v. 5, n. 1, p. 3, 1985.
- AZÉMA, J-P ; WIEVIORKA, O. *Vichy 1940-1944*. Paris: Perrin, 2004.
- BARUCH, M-O. *Le Régime de Vichy*, Paris: La Découverte, 1996.
- BENJAMIN, Walter. *Mágia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BERTRAND, Mickael. *La déportation pour motif d'homosexualité en France*. Paris: Mémoire active, 2006.
- BEZACE, Didier. Emmanuel et ses ombres. *Europe*, n. 895-896, novembro-dezembro p. 3-16. 2003.
- BITTON, Jean-Luc. Préface. In: EMMANUEL BOVE. *Romans*. Paris: Flammarion, 2006. p. 5-12.
- \_\_\_\_\_. Préface. In : BOVE, Emmanuel. *Mes amies*. Arles Cedex: Éditions de l'arbre vengeur, 2015.
- BLANCHOT, Maurice. *L'écriture du desastre*. Paris: Gallimard, 1980.
- BLOCH, Jean Cassou (1897-1986). *Encyclopædia Universalis*. Disponível em: <http://www.universalis.fr/encyclopedie/jean-cassou/>. Acesso em 15 de maio. 2017.
- BOBKOWSKI, Andrzej. *En guerre et en paix: Journal 1940-1944*. Tradução Laurence Dyèvre. Montrichier: Noir sur Blanc, 1991.
- BOVE, Emmanuel. *Adieu Fombonne*. Paris: Le Castor Astral, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Départ dans la nuit suivi de Non-lieu*. Paris: La Table Ronde, 1988.
- \_\_\_\_\_. *La mort de Dinah*. Paris: du Rocher, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Le pressentiment*. Paris: Points, 2009.
- \_\_\_\_\_. *L'amour de Pierre Neuhart*. Paris: Le Castor Astral, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Mémoires d'un homme singulier*. Paris: Calmann-Lévy, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Romans*. Paris: Flammarion, 2006.

BRAVARD, Olivier. Fatalisme et Héroïsme. *Europe*, n. 895-896, novembro-dezembro p. 17-31. 2003.

BURRIN, Philippe. *La France à l'heure allemande*. Paris: Seuil, 1995.

BUTLER, Judith. *Prekarious life: the powers of mourning and violence*. New York: Verso, 2004.

\_\_\_\_\_. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Tradução Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CARRÈRE, Jean. *Les mauvais maîtres*. Paris: Plon, 1922.

CASSOU, Jean. Posfácio. In: EMMANUEL BOVE. *Meus amigos*. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 169-173.

CERISIER, A. *Une histoire de la NRF*. Paris: Gallimard, 2009.

COMPAGNON. Paul Léautaud (1872-1956). *Encyclopædia Universalis*. Disponível em: <http://www.universalis.fr/encyclopedie/paul-leautaud/>. Acesso em 15 de maio. 2017.

COHN, Dorrit. *La transparence intérieure : modes de représentation psychique dans le roman*. Trad. Alain Bony. Paris: Seuil. 1981.

COSTE, Sophie. Dormir sa vie. *Europe*, n. 895-896, novembro-dezembro p. 44-58. 2003.

COUSSE, Raymond; BITTON, Jean-Luc. *Emmanuel Bove: La vie comme une ombre*. Paris : Le Castor Astral, 1994.

DARRIEUSSECQ, Marie. Pour quoi il faut lire Emmanuel Bove. In: BOVE, Emmanuel. *Le Pressentiment*. Paris: Point. 2009.

DAUPHINE. Le Mercure de France. *Encyclopædia Universalis*. Disponível em: <http://www.universalis.fr/encyclopedie/le-mercure-de-france/>. Acesso em 15 de maio. 2017.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles & GUATARRI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. (Trad.) Júlio Castanon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DERRIDA, Jacques. *De l'hospitalité*. Paris: Calmann-Levy, 2005.

DOUZOU, Catherine. "Je suis un spectateur au théâtre de la vie". *Europe*, n. 895-896, novembro-dezembro p. 32-43. 2003.

ÉNARD. Tristan Bernard (1866-1947). *Encyclopædia Universalis*. Disponível em: <http://www.universalis.fr/encyclopedie/bernard-paul-dit-tristan/>. Acesso em 15 de maio. 2017.

EYCHART, M-T. La lumière sombre d'Emmanuel Bove. *Europe*, n. 895-896, novembro-dezembro p. 3-16. 2003.

- FELMAN, S. Educação e crise. In: ARTHUR NESTROVSKI; MÁRCIO SELIGMANN-SILVA (Org.) *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000.
- FORESTIER. Colette (1873-1954). *Encyclopædia Universalis*. Disponível em: <http://www.universalis.fr/encyclopedie/colette/>. Acesso em 12 de maio. 2017.
- FLUSSER, Vilém. Habitar a casa na apatricidade. In: *Bodenlos - Uma Autobiografia Filosófica*. São Paulo: Annablume, 2007.
- GUICHARD. Jules Renard (1864-1910). *Encyclopædia Universalis*. Disponível em: <http://www.universalis.fr/encyclopedie/jules-renard/>. Acesso em 15 de maio. 2017.
- GUILLEMINAULT, G. *Les Années folles*. Paris: Denoël, 1956.
- HERVIER. Peter Handke (1942- ). *Encyclopædia Universalis*. Disponível em: <http://www.universalis.fr/encyclopedie/peter-handke/>. Acesso em 12 de maio. 2017.
- HOUAISS, A; VILLAR, M. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 1. Ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- HOURDIN. Stanislas Fumet (1896-1983). *Encyclopædia Universalis*. Disponível em: <http://www.universalis.fr/encyclopedie/stanislas-fumet/>. Acesso em 12 de maio. 2017.
- HYVERNAUD, Georges. *La peau et les os*. Les souffrances de la captivité. Paris: Pocket, 2014.
- JOUFFROY. Christian Dotremont (1922-1979). *Encyclopædia Universalis*. Disponível em: <http://www.universalis.fr/encyclopedie/christian-dotremont/> . Acesso em 12 de maio. 2017.
- KLIER, J; LAMBROZA, S. *Pogroms: anti-Jewish violence in modern Russian history*. New York : Cambridge University Press, 1995.
- LEVI, P. *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 2008.
- LOTTMAN, Herbert. *A rive gauche: escritores, artistas e políticos em Paris 1934-1953*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- LÖWY, M. A filosofia da história de Walter Benjamin. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 16, n. 45, p. 199-206. 2002.
- MAGRIS, C. O romance é concebível sem o mundo moderno? In: FRANCO MORETTI (Org.) *A cultura do romance*. São Paulo: Cosac Naify, 2009. p. 1113-1128.
- MOLLIER, J-Y. *La Mise au pas des écrivains: l'impossible mission de l'abbé Bethléem au XXe siècle*. Paris: Fayard, 2014.
- MOREL, Geneviève. Emmanuel Bove : l'homme piégé. *Savoirs et clinique*. Toulouse: v.1, n° 15, p. 22-31. 2012.
- MORETTI, F. O século sério. In: FRANCO MORETTI (Org.) *A cultura do romance*. São Paulo: Cosac Naify, 2009. p. 823-864.
- MOURLON. Edmond Jaloux (1878-1949). *Encyclopædia Universalis*. Disponível em: <http://www.universalis.fr/encyclopedie/edmond-jaloux/>. Acesso em 12 de maio. 2017.

- MURAT, M. Gide ou "le meilleur représentant du classicisme". *Revue d'histoire littéraire de la France*, Paris, v. 107, n.2, p. 313-330. 2007.
- NAHMIA, D. Bâton, l'errance parisienne. *Europe*, n. 895-896, novembro-dezembro p. 111-120. 2003.
- NANCY, Jean-Luc & LABARTHE, Philippe Lacoue-. *O mito nazista*. Trad. Márcio Seligmann. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- ORY, P. *Les collaborateurs: 1940-1945*. Paris: Seuil, 1975.
- OUELLET, F. Écrire Dostoïevski : Miomandre et Bove au tournant de 1930. *Tangence*, Rimouski, n. 86, p. 45-65. 2008.
- \_\_\_\_\_. *Emmanuel Bove: Contexte, références et écriture*. Montréal: Nota Bene, 2005.
- PESCHANSKI, Denis. *Les Tsiganes en France 1939-1946*. Paris: CNRS Éditions, 1994
- PEREC, Georges. *Espèces d'espaces*. Paris: Galilée, 2000.
- PILLU. Jules Vallès (1832-1885). *Encyclopædia Universalis*. Disponível em: <http://www.universalis.fr/encyclopedie/jules-valles/>. Acesso em 15 de maio. 2017.
- PIROUX, Cyril. L'amour dans l'oeuvre d'Emmanuel Bove. Université de Franche-Comté / Université du Québec à Chicoutimi. *Voix Plurielle* . St. Catharines. [Vol. 6, No 1 p. 1-11 , \(2009\)](#).
- QUENEAU, Raymond. *Un rude hiver*. Paris: Gallimard. 1939.
- \_\_\_\_\_. *Journal 1939-1940*. Paris : Gallimard, 1986.
- REY, P-L. Le roman au XXe siècle. In: PATRICK BERTHIER ; MICHEL JARRETY (Org.). *Histoire de la France littéraire: Modernités XIXe-XXe siècle*. Paris: PUF, 2006.
- ROUSSO, H. *Le syndrome de Vichy*. Paris: Seuil, 1990.
- ROUDAUT. Michel Butor (1926-2016). *Encyclopædia Universalis*. Disponível em: <http://www.universalis.fr/encyclopedie/michel-butor/>. Acesso em 12 de maio. 2017.
- ROYNETTE, O. *Les mots des tranchées: l'invention d'une langue de guerre 1914-1919*. Paris: Armand Colin, 2010.
- SAPIRO, G. *La guerre des écrivains 1940-1953*. Paris: Fayard, 1999.
- SARTRE, J-P. *Qu'est-ce que la littérature ?* Paris: Gallimard, 1948.
- SAUVAGNARGES, Anne. *Deleuze et l'art*. Paris: PUF, 2005.
- SCHWARCZ, L; STARLING, H. Lendo canções e arriscando um refrão. *Revista USP*, nº68, p. 210-233, 2006.
- SELIGMANN-SILVA, M. Ficção e imagem, verdade e história: sobre a poética dos rastros. *Dimensões*, Vitória, v. 30, p. 17-71. 2013.
- \_\_\_\_\_. Literatura e trauma. *Pro-posições*, Campinas, v.13, n.3, p. 135-153, set/dez. 2002.

\_\_\_\_\_. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 20, n.1, p. 65-82. 2008.

\_\_\_\_\_. *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Editora 34, 2005.

\_\_\_\_\_. Para uma filosofia do exílio: A. Rosenfeld e V. Flusser sobre as vantagens de não se ter uma pátria. *Revista Eletrônica do NIEJ/UFRJ*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 20-41. 2010.

SIMMEL, G. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). *Mana*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p.577-591. 2005.

SIMSOLO. Sacha Guitry (1885-1957). *Encyclopædia Universalis*. Disponível em: <http://www.universalis.fr/encyclopedie/sacha-guitry/>. Acesso em 12 de maio. 2017.

THUMEREL, F. *Le champ littéraire français au XXème siècle: éléments pour une sociologie de la littérature*. Paris: Armand Colin, 2002.

TRUC, G. *Histoire de la littérature catholique contemporaine*. Paris: Casterman, 1961.

VARGAS, Azucena Macho. La dernière nuit d'Emmanuel Bove: culpabilité sans regret. *Thélème. Revista Complutense de Estudios Franceses*. Madrid, v. 23, n 1, p. 75-85. 2008.

VILA-MATAS, E. *Doutor Pasavento*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.